LUIZ ALVES DE SOUZA

A MANIFESTAÇÃO DA MISERICÓRDIA NA MATERIALIDADE LINGUÍSTICA DO *EVANGELHO SEGUNDO LUCAS*

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Linguística da Universidade de Franca como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Linguística, na linha de pesquisa Processos e práticas textuais: caracterizações e abordagens teóricas.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Flávia Figueiredo.

FRANCA
2010

LUIZ ALVES DE SOUZA

A MANIFESTAÇÃO DA MISERICÓRDIA NA MATERIALIDADE LINGUÍSTICA DO *EVANGELHO SEGUNDO LUCAS*

COMISSÃO JULGADORA DO PROGRAMA DE MESTRADO EM LINGUÍSTICA

Presidente: Profa. Dra. Maria Flávia Figueiredo.
Universidade de Franca

Titular 1: Profa. Dr. Matheus Nogueira Schwartzmann.
Universidade de Franca

Titular 2: Profa. Dra. Marina Célia Mendonça.
UNESP – Araraquara

Franca, 19/11/2010

DEDICO à minha esposa, Eliete, e aos nossos filhos: Maria Teresa, Izidora Helena e André Luiz.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, LUcas e IZidora que, com sua união de vida e de nomes, servindo a Deus, comunicaram-me a vida e compuseram meu nome;

aos meus irmãos Joana, Cota, Flor, Geraldo, João, José, Cosme, Damião, Patrocínia e Joana D'arc, pelo carinho sempre demonstrado;

à minha orientadora, Profa. Dra. Maria Flávia Figueiredo, pela sugestão do tema da misericórdia, tão arraigada em mim, ainda que nem sempre exposta em gestos de amor operante;

ao compadre Lúcio Guimarães, pela presteza e generosidade expressas em tantos títulos bíblicos presentes neste trabalho;

à Irmã Therezinha de Jesus Corrêa, representante aqui de todas e todos da Fraternidade da Santíssima Trindade, à qual pertenço, pelas orações e incentivo;

à Dona Flozina, minha querida sogra, por suprir com toda boa vontade a minha ausência familiar em longas viagens de estudo e trabalho;

à Profa. Eneide Dantas, pelo seu apoio no meu processo seletivo deste mestrado e pelo exemplo de dedicação aos estudos linguísticos;

a todos os meus amigos que contribuíram para que eu conseguisse atingir esta meta tão sonhada e, também, tão necessária na vida profissional;

aos professores e seminaristas do Seminário Maior Imaculado Coração de Maria; aos meus alunos e colegas de trabalho da Universidade Estadual de Montes Claros/Unimontes, pelos vínculos acadêmicos e de afeto;

a todos a quem cometi a injustiça de não citar aqui, por tudo aquilo que vocês fizeram por mim.

Sede misericordiosos como vosso Pai é misericordioso.
Lucas 6,36

RESUMO

SOUZA, Luiz Alves de. **A manifestação da misericórdia na materialidade linguística do *Evangelho segundo Lucas*.** 2010. 236 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Franca, Franca.

A Bíblia é considerada um livro sagrado que rege o comportamento humano. Estudos mostram que as pesquisas sobre tradução de textos religiosos no Brasil são incipientes e que a literatura sagrada tem inspirado pesquisas que podem proporcionar uma abertura de horizontes. O tema do amor e da misericórdia é recorrente no Antigo e no Novo Testamento, em especial no *Evangelho segundo Lucas*, considerado como o evangelho da misericórdia. Essa pesquisa fez uma abordagem linguística dos evangelhos sob a ótica da Linguística Textual, particularmente sobre a questão do gênero e da intertextualidade. O objetivo geral foi examinar e descrever como a misericórdia se manifesta na materialidade linguística do *Evangelho segundo Lucas*, ou seja, quais elementos linguísticos lhe imprimem o caráter de misericordioso. Os objetivos específicos foram: examinar a intertextualidade temática entre o *Evangelho segundo Lucas* e a *Retórica* aristotélica; identificar na Bíblia o significado do termo misericórdia; verificar o significado/expressão da misericórdia no *Evangelho segundo Lucas*; e verificar qual o papel desempenhado pelo contexto de produção e pelo contexto de recepção na constituição textual desse evangelho. Trata-se de uma pesquisa descritiva, com uma abordagem qualitativa, realizada através de uma metodologia comparativa entre Lucas, Mateus e Marcos em seis edições bíblicas brasileiras. Como instrumento auxiliar de pesquisa foi utilizado o programa de concordância IntraText CT®. A partir do próprio *corpus*, foram inferidas as seguintes categorias de análise: inserção, omissão, eufemização – associadas ao estilo –, universalismo (amizade a todos, ausência de sectarismos) e aspectos de busca/salvação (alegria do encontro, dinamicidade e atualidade – o 'hoje') – associadas ao conteúdo temático. Essas categorias foram aplicadas a dois relatos centrais do evangelho. A partir dessas duas narrativas, estabeleceram-se diversas relações intratextuais e intertextuais entre Lucas e os demais evangelhos. As análises empreendidas a partir do tripé bakhtiniano de gêneros textuais (conteúdo temático, construção composicional e estilo) e das relações de intertextualidade possibilitam conferir a Lucas, pelo conteúdo temático e pelo estilo, a atribuição de evangelho da misericórdia.

Palavras-chave: evangelho; compaixão; misericórdia; gênero textual; intertextualidade.

ABSTRACT

SOUZA, Luiz Alves de. **A manifestação da misericórdia na materialidade linguística do *Evangelho segundo Lucas*.** 2010. 236 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Franca, Franca.

The Bible is considered a sacred text which governs human behavior. Studies have shown that researches on the translation of religious texts are incipient in Brazil, and that the sacred literature has inspired researches that could provide an opening of horizons. The theme of love and mercy is recurrent in the Old and New Testament, especially in the *Gospel According to Luk*e, regarded as the gospel of mercy. This present research has carried out a linguistic approach of the gospels from the perspective of Textual Linguistics, particularly on the matter of textual genre and intertextuality. The overall objective was to examine and describe how mercy is manifested in the linguistic materiality of the *Gospel According to Luke*, that is, which linguistic elements grant to it the character of merciful. The specific objectives were to examine the thematic intertextuality between the *Gospel According to Luke* and the Aristotle's *Rhetoric*; identify in the Bible the meaning of mercy; verify the meaning/expression of mercy in the *Gospel According to Luke*; and verify the role played by the context of production and the context of reception in the constitution of this gospel. This is a descriptive research with a qualitative approach, accomplished through a comparative methodology between Luke, Matthew and Mark by using six Brazilian Bible editions. A concordance program – IntraText CT ® – was used as a support in the analyses. From the *corpus* itself, the following categories of analysis were selected: insertion, omission, euphemization – related to the style –; universalism (friendship to everyone, absence of sectarianism) and aspects of search/salvation (the joy in finding, dynamicity and the present time – the 'today') – related to the thematic content. These categories were applied to two central parables of this gospel. From these two narratives, some intertextual and intratextual relations were accomplished between Luke and the other gospels. The analyses based on the Bakhtinian triad of textual genres (thematic content, compositional construction and style), and on the relations of intertextuality have enabled to grant to Luke the attribution of the gospel of mercy due to its thematic content and style.

Keywords: gospel, compassion, mercy, textual genre, intertextuality.

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1 – O esquema geral do Evangelho de Lucas 91
Figura 2 – Critérios gerais de textualidade 114
Figura 3 – O esquema geral do Evangelho de Marcos 135
Figura 4 – Conteúdo geral do Evangelho de Mateus 136
Figura 5 – Conteúdo geral do Evangelho de Lucas 136
Figura 6 – Conteúdo geral do Evangelho de João 137
Figura 7 – Conteúdo geral dos quatro evangelhos 138

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Paralelo temático entre Lucas, João e Mateus 57
Quadro 2 – Esquema narrativo dos sinóticos 71
Quadro 3 – Esquema narrativo dos sinóticos 137
Quadro 4 – "Conspiração contra Jesus" 139
Quadro 5 – Paralelo entre Marcos, Mateus e Lucas – Omissão de 'ditos amargos' 142
Quadro 6 – Omissão dos chamados 'ditos amargos' em Lucas em relação a Mateus 143
Quadro 7 – Intertextualidade estilística (ou intratextualidade) em Lucas 146
Quadro 8 – Intertextualidade temática entre Lucas e Mateus em gêneros distintos 150
Quadro 9 – Omissão e eufemização em Lucas 152
Quadro 10 – Eufemização/abrandamento na textualização de "A traição de Judas" 154
Quadro 11 – Intratextualidade estilística e temática em Lucas 156
Quadro 12 – A palavra 'hoje' 163
Quadro 13 – Paralelo entre Mateus e Lucas sobre Salvação 166
Quadro 14 – Salvação –"Os que dizem: Senhor! Senhor! " 167
Quadro 15 – Ocorrência da palavra 'salvador' 168
Quadro 16 – Ocorrência da palavra 'salvação' 168
Quadro 17 – O universalismo em Lucas em palavras que indicam coletividade – I 177
Quadro 18 – O universalismo em Lucas em palavras que indicam coletividade – II 178
Quadro 19 – O universalismo em Lucas em palavras que indicam coletividade – III 179
Quadro 20 – A expressão 'Raça de cobras venenosas' 183
Quadro 21 – A palavra 'hipócritas' nos quatro evangelhos 183
Quadro 22 – Universalismo e eufemização em "O sinal de Jonas" 184
Quadro 23 – Os verbos das parábolas 188
Quadro 24 – Comparação do desfecho das duas parábolas 189

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Ocorrência da palavra ‘todos’ nos quatro evangelhos 174
Tabela 2 – Ocorrência da palavra ‘todos’ nos evs sinóticos 174
Tabela 3 – Ocorrência da palavra ‘todos’ em Marcos, Mateus e Lucas/Atos 175
Tabela 4 – Ocorrência da palavra ‘povos(s)’ nos quatro evangelhos 180
Tabela 5 – Ocorrência da palavra ‘cidade(s)’ nos quatro evangelhos 180
Tabela 6 – Ocorrência da palavra ‘saduceus’ 181
Tabela 7 – Ocorrência da palavra ‘fariseu(s)’ 181
Tabela 8 – Ocorrência da palavra ‘fariseus(s)’nos evangelhos em relação aos versículos 182
Tabela 9 – Ocorrência da palavra ‘mulher(s)’ nos quatro evangelhos 190

LISTA DE CONCORDÂNCIAS

Concordância 1 – A palavra ‘hoje’ 200
Concordância 2 – A palavra ‘agora’ 200
Concordância 3 – A palavra ‘imediatamente’ 202
Concordância 4 – A expressão ‘no mesmo instante’ 202
Concordância 5 – A palavra ‘depressa' 202
Concordância 6 – A palavra ‘mulher’ 203
Concordância 7 – A palavra ‘mulheres’ 204
Concordância 8 – A palavra ‘alegria’ 205
Concordância 9 – A palavra ‘alegra’ 206
Concordância 10 – A palavra ‘alegrar’ 206
Concordância 11 – A palavra ‘alegrará’ 206
Concordância 12 – A palavra ‘alegraram’ 206
Concordância 13 – A palavra ‘alegre’ 206
Concordância 14 – A palavra ‘alegres’ 207
Concordância 15 – A palavra ‘alegrou’ 207
Concordância 16 – A palavra ‘alegrem’ 207
Concordância 17 – A palavra ‘salvação’ 207
Concordância 18 – A palavra ‘salvador’ 208
Concordância 19 – A palavra ‘salvar’ 208
Concordância 20 – A palavra ‘todos’ 208
Concordância 21 – A palavra ‘todas’ 213
Concordância 22 – A palavra ‘toda’ 214
Concordância 23 – A palavra ‘todo’ 216
Concordância 24 – A palavra ‘tudo’ 217
Concordância 25 – A palavra ‘multidão’ 220
Concordância 26 – A palavra ‘multidões’ 221
Concordância 27 – A palavra ‘muitos’ 222
Concordância 28 – A palavra ‘muitas’ 224
Concordância 29 – A palavra ‘compaixão’ 225

Concordância 31 – A palavra ‘povos’ 227
Concordância 32 – A palavra ‘gente’ 227
Concordância 33 – A palavra ‘fariseu’ 228
Concordância 34 – A palavra ‘fariseus’ 228
Concordância 35 – A palavra ‘saduceus’ 230
Concordância 36 – A palavra ‘cidade’ 230
Concordância 37 – A palavra ‘cidades’ 232
Concordância 38 – A palavra ‘logo’ 233
Concordância 39 – A expressão ‘raça de cobras venenosas’ 233
Concordância 40 – A palavra ‘piedade’ 234
Concordância 41 – A palavra ‘misericordioso’ 234
Concordância 42 – A palavra ‘misericordiosos’ 234
Concordância 43 – A palavra ‘hipócritas’ 234
Concordância 44 – A palavra ‘hipócrita’ 235
Concordância 45 – A palavra ‘misericórdia’ 235

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 15

CAPÍTULO 1 – QUESTÕES TRADUTÓRIAS E CONCEITUAIS 22

1.1 MISERICÓRDIA NO SENSO COMUM 22

1.2 COMPAIXÃO-MISERICÓRDIA: UMA PAIXÃO ARISTOTÉLICA 24

1.2.1 Os antecedentes 25

1.2.2 As Paixões na *Retórica* 32

1.2.3 A Compaixão-Misericórdia 33

1.2.3.1 Quem sente ou não a compaixão-misericórdia 35

1.2.3.2 Motivos para o surgimento da compaixão-misericórdia 37

1.2.3.3 A inspiração da compaixão-misericórdia 38

1.2.3.4 De quem se deve ter ou não compaixão-misericórdia 39

1.2.3.5 O que é digno de compaixão-misericórdia 40

1.3 MISERICÓRDIA NA BÍBLIA 42

1.3.1 Misericórdia no Antigo Testamento 44

1.3.2 Misericórdia no Novo Testamento – A visão de João Paulo II 53

CAPÍTULO 2 – O *EVANGELHO SEGUNDO LUCAS* EM RELAÇÃO AOS DEMAIS 64

2.1 OS EVANGELHOS: HISTÓRICO E CONTEXTO DE PRODUÇÃO 68

2.1.1 A questão das fontes e a origem dos quatro evangelhos 69

2.1.2 A identidade nos sinóticos 70

2.1.3 A diversidade entre os sinóticos 71

2.1.4 Contribuições da intertextualidade na cronologia dos sinóticos 72

2.1.5 Contribuições do conceito de gênero na descoberta da origem dos sinóticos 74

2.1.6 Conhecendo Lucas a partir do conjunto sinótico 77

2.2 O *EVANGELHO SEGUNDO LUCAS* 80

2.2.1 O autor propriamente: Lucas 81

2.2.1.1 As fontes do autor Lucas 83

2.2.2 Os destinatários do *Evangelho segundo Lucas* 89

2.2.3 O texto do *Evangelho segundo Lucas* 89

2.2.3.1 Forma literária e redação de Lucas 94

2.2.3.2 Singularidades do *Evangelho segundo Lucas* 97
2.2.3.2.1 A teologia do *Evangelho segundo Lucas* 98

CAPÍTULO – 3 A LINGUÍSTICA TEXTUAL: GÊNEROS E INTERTEXTUALIDADE.. 102
3.1 GÊNEROS 102
3.2 INTERTEXTUALIDADE 112
3.2.1 Leitura 115
3.2.2 O texto e os desdobramentos da intertextualidade 116
3.2.3 Intertextualidade *stricto sensu* 120
3.2.3.1 Intertextualidade temática 121
3.2.3.2 Intertextualidade estilística 122
3.2.3.3 Intertextualidade explícita 123
3.2.3.4 Intertextualidade implícita 124
3.2.3.5 Intertextualidade intergenérica ou intergenericidade 126
3.2.3.6 Intertextualidade tipológica 128

CAPÍTULO 4 – ANÁLISES 131
4.1 RETEXTUALIZAÇÃO NO ÂMBITO DOS EVANGELHOS 132
4.1.1 A intertextualidade temática entre Lucas e Marcos/Mateus/João 134
4.1.2 Intertextualidade estilística 145
4.1.2.1 Intertextualidade estilística em Lucas 145
4.1.2.2 Intertextualidade estilística e temática simultâneas em Lucas 148
4.1.2.2.1 Análise das parábolas da “Ovelha perdida” e da “Dracma perdida” 157
4.1.2.2.1.1 Busca 158
4.1.2.2.1.2 Salvação 161
4.1.2.2.1.3 Amigos e vizinhos 171
4.1.2.2.1.5 Alegria 185
4.1.2.2.1.6 A misericórdia divina expressa em verbos de ação 187
4.1.2.2.1.7 As mulheres em Lucas 190
CONCLUSÃO 192
REFERÊNCIAS 195
ANEXO 199

INTRODUÇÃO

Há diversas possibilidades de abordagem dos textos considerados sagrados. A Bíblia Sagrada, juntamente com o Alcorão, enquadra-se nos livros sagrados que a humanidade utiliza como orientação espiritual, ética e moral da vida humana.

Carlos Gohn (2001, p. 153), especialista brasileiro em tradução de textos sagrados, relata, por exemplo, que "as pesquisas sobre tradução de textos religiosos no Brasil são incipientes" e que a literatura sagrada "tem inspirado pesquisas que podem proporcionar uma abertura de horizontes, levando, numa perspectiva otimista, à possibilidade de 'fusão de horizontes'" (GOHN, 2001, p. 148). O termo 'horizonte'[1] usado por Hans-Georg Gadamer (1975, p. 273 apud GOHN, 2001) refere-se àquele limite de visão a que as pessoas são submetidas por meio da sua própria cultura.

A Bíblia é considerada um livro sagrado que rege o comportamento humano e desencadeia um valor sentimental por parte de quem o sacraliza, mesmo que a maioria dos seus leitores somente a acesse através da tradução. Segundo Karl Simms (1997 apud GOHN, 2000), a Bíblia caracteriza-se como um texto sensível[2], tendo em vista que a sua tradução pode provocar objeções por parte dos receptores que esperam a reprodução do considerado original. Deve-se ter em mente que, como escreveu Simms (1997, p. 4 apud GOHN, 2000, p. 149), "a sensibilidade de um texto não está nele, mas na forma como o texto é visto".

Nos trabalhos tradutórios que envolvem a Bíblia, é interessante perceber que o seu estudo sob a perspectiva de alguns aspectos, como o pudor, é algo escasso no Brasil – pelo menos em termos de disponibilidade bibliográfica sobre o tópico. Gohn (2001, p. 147) aponta que "as pesquisas sobre a tradução de textos sensíveis, em sua modalidade de textos sagrados, constituem uma área de renovado potencial".

---

[1] Neste trabalho, as aspas simples foram utilizadas em termos e expressões extraídos das fontes citadas; já as aspas duplas indicam o uso de palavras em seu sentido figurado, além do seu uso tradicional – em citações curtas e em títulos diversos.

[2] Segundo Karl Simms (1997, p. 75 apud GOHN, 2001, p. 149), nenhum texto é considerado sensível *per se*, mas pode tornar-se sensível para um leitor em particular quando esse lhe causa algum "tipo de objeção por motivos ligados 1. ao estado, 2. à religião, 3. ao pudor ou 4. a determinadas pessoas em particular (não estando excluída uma superposição desses motivos em um único caso)".

O tema do amor e da misericórdia é recorrente no Antigo e no Novo Testamento, em especial no *Evangelho segundo Lucas*, evangelho considerado no meio cristão como sendo o 'Evangelho da Misericórdia'. Pode-se ler na Encíclica *Dives in Misericordia:* "O Evangelista que trata de modo particular estes temas do ensino de Cristo é São Lucas, cujo Evangelho mereceu ser chamado 'o Evangelho da misericórdia'" (JOÃO PAULO II, 1980, p. 5).

Tendo em mente esses aspectos, esta pesquisa, intitulada "A manifestação da misericórdia na materialidade linguística do *Evangelho segundo Lucas*", intenciona examinar e descrever – dentro dos limites estabelecidos e a partir de seis edições bíblicas em língua portuguesa utilizadas no Brasil – como a misericórdia se manifesta na materialidade linguística do *Evangelho segundo Lucas*.

Neste trabalho, o termo misericórdia, que é detalhado no capítulo 1 e expandido no capítulo 4, é tomado como o amor gratuito que Deus tem por cada ser humano independentemente do seu merecimento, tal como proposto em diferentes textos e exegeses bíblicos.

Esta pesquisa se justifica pela popularidade da leitura bíblica em âmbito nacional. Em recorrentes edições da pesquisa "Retrato da Leitura no Brasil"[3], por exemplo, a Bíblia tem sempre ocupado lugar de destaque entre os leitores brasileiros, inclusive em sua última edição. Os resultados dessa pesquisa, divulgados em 20/02/09, pelo MEC, colocam-na como primeira colocada, sendo a obra mais lida por 45% dos leitores brasileiros entrevistados. Apesar desses dados, a Bíblia não tem recebido, salvo poucas exceções, tratamento linguístico consoante com a sua popularidade. Há um reconhecimento generalizado de que ela pertence ao cânon de obras literárias da civilização atual, mas, conforme já mencionado, a quantidade de pesquisas envolvendo esse compêndio é modesta quando comparada com outros.

Uma possibilidade de abordagem linguística da Bíblia é o seu estudo sob a ótica da Linguística Textual, particularmente sobre a questão de gênero. A esse respeito, por exemplo, Maria Flávia Figueiredo (2007, p. 135) afirma que uma multiplicidade de gêneros textuais se faz presente em toda a Bíblia. Essa autora comenta o fato de se pensar que a

[3] Essa pesquisa, "realizada pelo Instituto Pró-Livro, tem sido, desde seu lançamento, em 2001, o principal estudo sobre o comportamento leitor no país. Tem oferecido, desde então, uma extraordinária contribuição a governos, gestores, pesquisadores, empresários e a todos aqueles que se preocupam com a questão das políticas públicas do livro e leitura" (INSTITUTO PRÓ-LIVRO. Retratos da Leitura no Brasil. Disponível em <http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/48.pdf>. Acesso em: 30 out. 2010).

matéria textual da literatura sagrada presente nesse compêndio se constitua como gênero único dentro dos estudos linguísticos:

> O fato de a Bíblia compor um volume único (mesmo sendo uma coletânea de 72 livros para os católicos e 66 para os protestantes) e de ter seus livros uniformemente divididos em capítulos e versículos pode levar o leitor a uma predição errônea em relação ao gênero, fazendo-o crer que ela constitui um gênero único. Porém, [...] cada um de seus livros compõe um gênero distinto e dentro de um mesmo livro pode haver uma mescla de gêneros — é o caso, por exemplo, do Evangelho de Lucas que contém parábolas, cânticos, salmos, genealogias, etc. (FIGUEIREDO, 2007, p. 136).

Robert Bonfil (1998, p. 186), ao refletir sobre o livro e a leitura no espaço sagrado, em seu trabalho sobre leitura nas comunidades judaicas da Europa Ocidental medieval, nota que:

> Também entre os judeus, o livro é compreendido mais como um objeto mágico-religioso do que como instrumento de comunicação pela leitura; como relíquia destinada à devota adoração contemplativa mais em função de sua carga de sobrenatural, do que como reservatório de conteúdos a serem atingidos livremente.

Não obstante essa "intocabilidade" do texto sagrado sugerida pela cultura semítica, é possível fazer uma análise linguística de diversos aspectos contidos nos livros sagrados. Portanto, no desenvolvimento da presente pesquisa não se visa julgar o conteúdo moral ou espiritual da Bíblia, mas sim a materialidade linguística de um tema tão presente e recorrente, seja nos escritos sagrados cristãos ou na vida ocidental moderna.

Sendo assim, delimitou-se para esta pesquisa a materialidade linguística do *Evangelho segundo Lucas*, compêndio do Novo Testamento, na expressão da misericórdia divina pelo ser humano. Tomou-se como materialidade linguística o conjunto de operações de ordem linguística, textual e discursiva presentes na textualidade do *corpus*. Tal materialidade envolve, também, as dimensões constitutivas do gênero, o repertório lexical empregado na construção discursiva, o percurso narrativo bem como a estrutura estilística e gramatical da obra.

Por se tratar de uma pesquisa descritiva, há várias perguntas a serem respondidas para se fazer o exame proposto. Assim, essa descrição foi desenvolvida e delimitada em função das seguintes questões:

1 Como o conceito de misericórdia se manifesta na materialidade linguística do *Evangelho segundo Lucas*?

2 O que faz o *Evangelho segundo Lucas* ser considerado o evangelho da misericórdia: o seu conteúdo temático, sua construção composicional e/ou seu estilo?

3 Há superposição dessas dimensões constitutivas nesse evangelho? O que prevalece: conteúdo, forma ou estilo?

4 Quais são as características peculiares desse evangelho no que concerne a constituição genérica, as marcas de intertextualidade e as omissões em relação aos outros evangelhos?

Para responder a tais questões, o objetivo geral da pesquisa é examinar quais são os elementos linguísticos que imprimem nesse compêndio o caráter de misericordioso, se pela sua dimensão constitutiva do conteúdo temático, pela construção composicional e/ou pelo seu estilo. Já ao que tange os objetivos, específicos podemos elencar:

1 Examinar a intertextualidade temática entre o *Evangelho segundo Lucas* e a obra aristotélica *Retórica,* escrita originalmente em grego, no compêndio *Retórica das Paixões*, tradução brasileira com amplo prefácio por Michel Meyer;

2 Identificar na Bíblia o significado do termo misericórdia;

3 Verificar o significado/expressão da misericórdia no *Evangelho segundo Lucas* em comparação com outros textos bíblicos;

4 Verificar qual o papel desempenhado pelo contexto de produção e pelo contexto de recepção na constituição textual desse evangelho.

Para atingir os objetivos propostos, o presente trabalho apresenta a seguinte organização metodológica: este estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica em textos sagrados, elaborada a partir de edições bíblicas já publicadas e também daquelas em meios eletrônicos ou disponibilizadas na Internet. Esta pesquisa foi realizada através de uma metodologia comparativa. Esse procedimento constituiu-se da comparação do *Evangelho segundo Lucas* com o *Evangelho segundo Mateus* e o *Evangelho segundo Marcos*. Esses três formam o grupo dos Evangelhos Sinóticos, que contrastam naturalmente com o *Evangelho segundo João*. Posteriormente houve uma análise interpretativa com base nos resultados encontrados a partir do confronto dos evangelhos em seis edições da Bíblia (atualmente disponíveis em língua portuguesa e utilizadas no Brasil) com os textos de referência, que são em língua latina, grega e hebraica.

O texto original do *Evangelho segundo Lucas* é todo escrito em grego; a escolha das outras línguas se deu pela intertextualidade temática, estilística e tipológica com textos do Antigo Testamento que estão em hebraico.

A escolha da língua latina se deu por essa conter as traduções mais antigas que deram origem a diversas traduções modernas; a escolha do grego se deu por ser a língua original do Novo Testamento e partes do Antigo Testamento; e a escolha da terceira – a língua hebraica – se deu pelo fato de que essa é a original do Antigo Testamento ou Bíblia Hebraica:

> O cânon da Bíblia Hebraica, fixado pelos judeus da Palestina por volta da era cristã, é conservado pelos judeus modernos e, para o Antigo Testamento, pelos evangélicos. Eles aceitam só os livros hebraicos, excluindo os livros escritos em grego e os suplementos gregos de Ester e Daniel (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 10).

O uso das diversas versões em português e das edições em línguas consideradas de referência constituiu-se em elemento de apoio à validação dos resultados.

Como instrumento auxiliar de pesquisa, foram utilizados programas computacionais de concordância. Para Ball (2000 apud GOHN, 2000, p. 161): "uma concordância, em sua forma mais simples, é simplesmente uma listagem alfabética de palavras em um texto, trazendo o contexto no qual as palavras ocorrem".

Para localizar passagens que são o objeto de estudo foram utilizados índices analíticos e doutrinários que acompanham as edições bíblicas delimitadas. Outros recursos são livros catequéticos, guias bíblicos, versões multimídia na Internet com programa de concordância. A esse propósito, Alves et al. (2000, p. 55) salientam que: "o uso da Internet como grande banco de informação e a utilização de recursos computadorizados são algumas das ações que o tradutor pode efetuar quando se depara com um problema de tradução". São exemplos a *Bíblia Cortesia TioSam* (www.tiosam.net/Biblia/biblia.asp) e a Bíblia *Católica Online*. Essa é a etapa mencionada nesta seção para o uso de programa de concordância, pois o potencial oferecido pelo estudo de *corpora* (MAGALHÃES, 2001, p. 98) permite localizar de forma rápida um grande número de termos relacionados, no caso desta pesquisa, aqueles relacionados à misericórdia.

A pesquisa é de objetivo descritivo, pois visa descrever características de certos procedimentos linguísticos em um dado contexto, e tem uma abordagem qualitativa, pois considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, ou seja, um vínculo entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números (GIL, 1997). Contudo, na verificação da ocorrência de termos nos evangelhos

através do programa de concordância utilizado, algumas considerações quantitativas foram realizadas. As conclusões a que se chegou através dessas, porém, foram ancoradas também em análises semânticas contextuais e intertextuais das ocorrências, não somente nos números encontrados.

Em um primeiro momento, tomaram-se diversas edições do *Evangelho segundo Lucas* disponíveis em língua portuguesa e, na sequência, procedeu-se à comparação de relatos de episódios comuns entre Lucas e os intertextos temáticos de Mateus e Marcos para se verificar o que ocorre linguisticamente na expressão da misericórdia no primeiro. Quando houve relato intertextual também em João, o mesmo também foi considerado.

Os textos de referência mais antigos em latim são da *Bíblia Neo Vulgata Latina*. Para os principais termos conflitantes ou duvidosos entre as diversas edições modernas e as antigas fez-se um trabalho de comparação – apenas das palavras-chave – com os chamados textos originais. Isso não implica trabalhar com textos antigos em línguas clássicas. Gohn (2000, p. 147) enfatiza que:

> Pode haver uma preocupação, por parte dos que se dispõem a pesquisar sobre tradução de textos sagrados, quanto à necessidade de se ter um profundo conhecimento de línguas clássicas. Essa preocupação é, de certa forma, desnecessária, uma vez que entre os recursos disponíveis para os que trabalham com a tradução desses textos já há glossários e outros materiais de apoio que facilitam bastante o trabalho do pesquisador.

Para a língua portuguesa o autor acima citado mencionou, para pesquisa semelhante, o uso da *Bíblia de Jerusalém,* a *Bíblia na Linguagem de Hoje,* a *Bíblia sagrada Vozes,* a *Tradução Ecumênica,* a *Versão Pastoral,* a *Bíblia Viva,* a *Versão Revisada,* a *Versão Revisada e Atualizada,* a *Versão Revisada e Corrigida,* a *Versão Almeida Corrigida Fiel* e a *Versão Mundo Novo.* Por ser muito utilizada em trabalhos acadêmicos no Brasil e no exterior, este trabalho usou a Bíblia de Jerusalém (2002) em suas citações-chave de análise; por ser bastante conhecida e utilizada no Brasil pela população católica, a Bíblia Ave-Maria também foi usada, sobretudo para citações maiores, sendo usado aqui o texto da versão *online* disponível em http://www.bibliacatolica.com.br/. Para comparação, também foi utilizada a Bíblia Sagrada (1993), versão João Ferreira de Almeida, revista e atualizada; essa é amplamente usada pelos protestantes brasileiros.

Além disso, este trabalho explorou a intertextualidade temática entre o *Evangelho segundo Lucas* e a obra *Retórica das Paixões*, de Aristóteles, no que tange ao tema compaixão-misericórdia. Essa obra aristotélica, que faz um recorte das paixões, é, na verdade,

um excerto da sua obra maior, *Retórica*, e, no Brasil, recebeu uma edição bilíngue (em grego e português) com amplo prefácio do filósofo Michel Meyer. Em *Retórica das Paixões* (2000), a compaixão-misericórdia é uma das emoções humanas descritas.

Na sequência, procedeu-se à análise dos resultados obtidos no levantamento anterior com a organização de quadros comparativos para sistematização, apreciação interpretativa dos dados que serviram para comentários preparatórios para redigir a conclusão da pesquisa e apresentação final da dissertação.

Para a realização dos procedimentos acima propostos, esta pesquisa contou com variado arcabouço teórico. Para a descrição da compaixão-misericórdia no sentido secular da palavra, este trabalho fundamentou-se nos escritos de Aristóteles (2000), obra filosófica inserida na teoria linguística da argumentação. Essa faz amplo detalhamento sobre as paixões humanas, sendo a compaixão-misericórdia um desses sentimentos descritos que, como se verá, foi inicialmente publicada há quase dois mil anos, mas que continua sendo utilizada em trabalhos que envolvem a retórica.

Na conceituação e detalhamento da misericórdia na acepção que é usada na Bíblia, aqui normalmente denominada *misericórdia divina*, usou-se fundamentalmente os constantes na encíclica *Dives in Misericordia*, de João Paulo II (1980). Há, também, detalhamentos que foram baseados nos anexos e comentários das Bíblia de Jerusalém (2002), Bíblia do Peregrino (2006), Bíblia Sagrada (2006, Ed. Vozes) e Bíblia Sagrada (2001, tradução da CNBB; editoras diversas).

Para a descrição do *Evangelho segundo Lucas*, usou-se particularmente a obra de Oscar Battaglia (1984), e os comentários dos compêndios bíblicos citados no parágrafo acima. Contudo há amplas contribuições de John McKenzie (1983), Ivo Storniolo (1992), Johan Konings (2005) e Wilfrid John Harrington (1985).

Este estudo faz referências à questão de gêneros e tipologias textuais. Como há uma diversidade de abordagens vigentes que tratam desse assunto, na descrição de aspectos linguísticos do *corpus*, a teoria subjacente é aquela elaborada pelo filósofo russo Mikhail Bakhtin (1929–1992) e autores que seguem a linha bakhtiniana, como, por exemplo, Beth Brait (2008), Ana Cristina Carmelino (2007) e Ana Cristina Carmelino e Juscelino Pernambuco (2008). Em especial, há referências às diversas intertextualidades que o *corpus* comporta linguisticamente, tendo por base, nesses casos, os trabalhos de Ingedore Koch (2002, 2004a, 2004b, 2007), Ingedore Koch, Anna Christina Bentes e Mônica Magalhães Cavalcante (2008), Antônio Marcuschi (1998, 2009), Maria Flávia Figueiredo (2007, 2008) e outros autores fundamentais citados por eles.

CAPÍTULO 1 – QUESTÕES TRADUTÓRIAS E CONCEITUAIS

Este capítulo explora, sob diversos aspectos, o termo misericórdia e sua confluência com o termo compaixão, partindo-se do sentido que lhe é comumente atribuído para chegar-se ao sentido bíblico-teológico que esse imprime no meio judaico-cristão. Nesse segundo aspecto, não se pode dissociá-lo do seu contexto original que remonta à fidelidade de Deus com o povo eleito face à Aliança celebrada conforme narrações presentes no Antigo Testamento. Sua existência, segundo o cristianismo, se materializa em Jesus Cristo no Novo Testamento, e essa se prolonga na história até os dias atuais. Dessa forma, este capítulo detalha semanticamente o termo misericórdia, apresentando suas questões tradutórias, conceituais e passionais que servem de fundamentação teórica para as análises empreendidas no capítulo 4.

1.1 MISERICÓRDIA NO SENSO COMUM

A palavra misericórdia refere-se normalmente a um sentimento de compaixão ou piedade por aquele que sofre as adversidades da vida. O dicionário *Michaelis* (1998, p. 1.387) apresenta o vocábulo como sendo de origem latina (*misericordia*), definindo-o da seguinte maneira:

> 1. Pena causada pela miséria alheia; comiseração; 2. Perdão concedido por bondade pura. 3. Graça ou perdão. 4. Punhal com que antigamente os cavaleiros matavam o adversário depois de derrubado, se ele não pedia misericórdia. 5. Instituição de piedade e caridade. interjeição: Exclamação para pedir piedade, compaixão ou socorro. Misericórdia Divina: atributo de Deus que o leva a perdoar as faltas e os pecados dos homens.

Analisando a palavra etimologicamente, vê-se que se trata de um vocábulo formado pela composição de duas bases latinas: *miséri* e *cor*. *Miséri* (miserável) – *córdia* (ou *cárdia* = coração). *Miséri* deriva de *míser* (*míser, mísera, míserum*), um adjetivo para o qual o *Dicionário Latim-Português/Português-Latim* (2005, p. 300), da Porto Editora, traz para o português as palavras "miserável; infeliz; pobre". Para o substantivo *cor* (*cor, cordis*), o mesmo dicionário traz "coração; alma; inteligência; sentimento; pessoa; estômago" (2005, p.

115). Dessa composição, podem-se obter várias acepções, como, por exemplo, coração infeliz, coração contrito, sentimento de infelicidade. Altruisticamente pode-se ter, também, a ideia de uma pessoa por completo, de um ser total com todo o seu sentimento voltado para quem está na miséria, infelicidade ou pobreza.

Derivando do verbo *mísereo* (*miséres, misérere, miserérui, miserérium ou miserértum*), ter-se-ia a ideia de se ter compaixão, ter piedade; ou, então, compadecer-se como tradução do verbo correlato *mísereor* (*miséris, miséri, misériturs, miserérium* ou *miserértus*).

Além dessas projeções semânticas, o próprio dicionário já traz a tradução dessa composição que forma um substantivo feminino: *misericordia* (pl. *misericordiae*), cuja tradução – não surpreendentemente –, segundo o *Dicionário Latim-Português/Português-Latim* (2005, p. 300), é "compaixão, misericórdia". Percebe-se que, na língua latina e, consequentemente, na língua portuguesa, o termo misericórdia pode ser tomado por *compaixão, piedade*. Em relação à outra pessoa, seria um sentimento de compaixão pela sua miséria.

Tal como acontece no português, o dicionário *Zingarelli Minore*, de língua italiana, define a palavra como "1. Sentimento que induz à compreensão, à piedade e ao perdão em relação a quem sofre. 2. Piedade, perdão" (ZINGARELLI MINORE, 2001, p. 641, tradução nossa)[4].

Uma definição em revista eletrônica apresenta essa palavra em português e na língua alemã:

> Já a palavra misericórdia sobrevive ainda hoje: a primeira parte da composição é a palavra *miser*, "pobre, miserável, lamentável", ou seja, ter misericórdia é ter o coração contrito. O alemão, imitando essa palavra, criou a palavra *Barmherzigkeit*, composta de *erbarmen* "ter piedade", *Herz* "coração" e os sufixos formadores de abstratos femininos –ig + keit (VIARO, Mário Eduardo. Coração das palavras. Disponível em <http://revistalingua.uol.com.br/ textos.asp?codigo=11185>. Acesso em: 30 abr. 2010).

A partir dessa percepção do conceito de compaixão-misericórdia do senso comum, faz-se na sequência uma descrição filosófica, pelo viés das paixões humanas descritas por Aristóteles, que acabou por permear a configuração do conceito de compaixão-misericórdia no pensamento humano no decorrer da história. Posteriormente, esse conceito aristotélico de misericórdia será comparado com aquele constante na Bíblia.

---

[4] "1*Sentimento che induce alla comprensione , alla pietà e al perdono verso chi sofre*. 2 *Pietà, perdono*" (ZINGARELLI MINORE, 2001, p. 641).

1.2 COMPAIXÃO-MISERICÓRDIA: UMA PAIXÃO ARISTOTÉLICA

Aristóteles, em *Retórica das Paixões,* usou uma palavra grega traduzida por *compaixão* para se referir a uma paixão humana, já que "as paixões são todos aqueles sentimentos que, causando mudanças nas pessoas, fazem diferir seus julgamentos..." (ARISTÓTELES, 2000, p. 5). Originalmente, Aristóteles usou, no texto grego, o termo ἔλεος (éleos), cuja tradução mais próxima, em português, comparando-se com a Bíblia Septuaginta, é, o vocábulo *misericórdia*.

No grego, o termo *compaixão* equivaleria também ao termo semanticamente concorrente *συμπόνια* também utilizado na Septuaginta. Esse se difere da palavra *ἔλεος* (éleos) utilizada por Aristóteles na *Retórica.* Um exemplo do termo *συμπόνια* é dado em Mateus 14,14: em grego, "*kai exelqwn o ihsouV eiden polun oclon kai esplagcnisqh ep* ***autouV*** *kai eqerapeusen touV arrwstouV autwn*" (BÍBLIA SEPTUAGINTA, grifo nosso) e, em português, "Assim que desembarcou, viu uma grande multidão e, tomado de **compaixão**, curou seus doentes" (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1.730, grifo nosso). Assim, no grego, há dois termos distintos *ἔλεος* (éleos) e *συμπόνια* que retratam o conceito de misericórdia e compaixão, respectivamente. Nas línguas latinas, apesar de haver termos com origens etimológicas distintas, *compaixão* e *misericórdia* são usados como sinônimos.

Portanto, vê-se que, entre os termos misericórdia e compaixão, a tradutora brasileira fez opção por este último, sendo que ambos se referem ao mesmo sentimento expresso na *Retórica.*

A própria Bíblia em grego, a Septuaginta, traz palavras derivadas de *ἔλεος*(éleos) → ***eleh****moneV* (misericordiosos) e ***eleh****qhsontai* (*misericórdia*), como em Mateus 5,7: "*makarioi oi* ***eleh****moneV oti autoi* ***eleh****qhsontai"* (BÍBLIA SEPTUAGINTA, grifos nossos). Em português: "Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia" (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1.710).

Etimologicamente, de uma passagem do grego para o latim, a misericórdia torna-se, assim – do ponto de vista humano –, uma das catorze paixões mencionadas pelo filósofo. Diferiria cultural e teologicamente da noção de misericórdia presente no Antigo Testamento, em que essa se refere a um comportamento sempiterno ou à atitude de Deus em relação ao ser humano em função da sua própria essência e fidelidade em relação à criatura.

No desenvolvimento da retórica de Aristóteles, as paixões, incluindo a compaixão-misericórdia, não são entendidas como virtudes ou vícios permanentes, mas estão

relacionadas com situações transitórias provocadas pelo orador (FONSECA, 2000, p. XV apud ARISTÓTELES, 2000).

Sequencialmente, as 14 paixões mencionadas por Meyer (2000, p. XLI) na obra são: cólera, calma, temor, segurança (confiança, audácia), inveja, impudência, amor (λέγωμεν), ódio, vergonha, emulação, compaixão (έλεος – éleos), favor (obsequiosidade), indignação e desprezo.

1.2.1 Os antecedentes

Para se situar a respeito das paixões em Aristóteles, deve-se ter bem presente a área do conhecimento à qual esse tópico se vincula. A própria forma como a obra *Retórica das Paixões*[5] se organiza, com amplo prefácio que supera em quase o dobro o número de páginas destinadas ao texto do autor em si, sugere a importância dos antecedentes necessários para a compreensão dessa obra filosófica cuja publicação inicial se deu no século I a.C, sendo atribuída a autor nascido em 322 da mesma era.

No prefácio à *Retórica das Paixões,* o filósofo belga Michel Meyer inscreve a obra em seu contexto histórico-filosófico, referindo-se aos diálogos platônicos, suas origens que, talvez, remontem a Sócrates e aos sofistas (MEYER, 2000, p. XVII) bem como sua interseção, oposição e inserção junto a outras obras clássicas. Tais detalhamentos epistemológicos vão além da necessidade em estabelecer a intertextualidade do tema da compaixão-misericórdia entre o *Evangelho segundo Lucas* e a *Retórica das Paixões,* de Aristóteles. No entanto, com o objetivo de situar a obra para uma compreensão mais abrangente do tópico escolhido, fazem-se necessárias algumas considerações iniciais acerca da retórica aristotélica, sintetizadas na sequência e fundamentadas na introdução e prefácio do compêndio supracitado.

Inicialmente, encontramos, nas palavras de Aristóteles (2000), o que vem a ser a finalidade da retórica. Ele afirma que:

> Visto que a retórica tem como fim um julgamento (com efeito, julgam-se os conselhos, e o veredicto é um julgamento), é necessário não só atentar para o

[5] O texto de *Retórica das Paixões* publicado nesta edição da Editora Martins Fontes corresponde, conforme nota do prefácio, ao livro II, capítulos 1 a 11, da *Retórica*. Essa edição traz o texto grego e respectiva tradução em português em páginas alternadas. Essa foi a única edição utilizada como base teórica para este estudo linguístico.

> discurso, a fim de que ele seja demonstrativo e digno de fé, mas também pôr-se a si próprio e ao juiz em certas disposições (ARISTÓTELES, 2000, p. 3).

Segundo Meyer (2000, p. XXXI), o que torna possível a retórica é uma certa visão da contingência no interior do *logos* e, mais ainda, de sua modalização humana à qual Aristóteles remete a todo o tempo, já que subordina a retórica à política. Disso decorre conhecer "como se articulam o humano e o *logos*, ou, mais precisamente, como o *logos* pode desenvolver modalidades de categorização tais como a ação e a paixão, aplicáveis em seguida aos seres particulares (os objetos do *logos*) que são os humanos" (MEYER, 2000, p. XXXI).

A partir dessa exposição, o filósofo belga faz a articulação fundamental do *logos* proposicional e a gênese do *pathos.* Inicialmente afirma que:

> Aristóteles tende a separar o que é primeiro em si, a substância, e o que é primeiro para nós, a sensação que adquirimos por meio dos predicados sensíveis. É próprio dos homens ir do particular ao geral, o qual serve de suporte para as qualidades sensíveis e é, assim, anterior a elas do ponto de vista lógico e ontológico (MEYER, 2000, p. XXXI).

Na sequência, contra-argumenta que essas duas ordens, apesar de superpostas, devem ser destacadas, "como o problemático em relação ao não-problemático a fim de resolvê-lo. Nessas condições, não se percebe bem como será possível unir, exceto pelo desejo, o mais cognoscível para nós ao mais cognoscível em si, que se apresenta antes de tudo como um desconhecido" (MEYER, 2000, p. XXXI). Prossegue e diz que, nesse ponto:

> reaparece o velho problema do *Mênon*, sendo insustentável a separação que Aristóteles pretende praticar. Encontrar-se-ão o ***pathos*** e a **paixão** no desvio da junção, entretanto recusada, entre o primeiro em si e o primeiro para nós, humanos. A solução de Aristóteles consiste em sustentar que a substância contém implicitamente os atributos que se conhecem primeiro. Isso equivale a afirmar que a substância está em potência em suas qualidades, que é a atualização delas. Mas poder-se-ia dizer também que ela é o que não é, ou que ela não é o que é, afirmação contraditória se Aristóteles não distinguisse o ser em ato do ser em potência. O que é primeiro em ato é último em potência: o mesmo e não o mesmo, mas de um ponto de vista diferente. O Sócrates velho está em potência no Sócrates jovem e a atualização dessa potencialidade conforma-se com o ser de Sócrates, o qual, por assim dizer, sempre foi o que é (MEYER, 2000, p. XXXII, grifos nossos).

O mesmo autor diz que, evidentemente, a ruptura entre o que é primeiro *em si* e o que vale *apenas para nós* reduz-se a uma única dimensão, visto que os predicados, primeiros para nós, vão finalmente se concentrar no sujeito e enunciar o que o sujeito é. Meyer (2000, p. XXXI), em seguida, discorre a respeito do que – como se pode inferir – conduz à gênese do *pathos*:

> A proposição é o lugar de fusão dessa ruptura entre o em-si e o para-o homem. Como o ato e a potência são a diferença de uma identidade, a identidade do sujeito, a proposição definirá o ser do sujeito pelo predicado, que apesar de tudo é bem distinto dele. **A assimetria do sujeito e do predicado no interior da proposição é a memória da ruptura entre as duas ordens de pensamento, mas, ao mesmo tempo, anula sua separação**. As qualidades do sujeito exprimirão o que ele é; e como Sócrates é incapaz de não ser Sócrates, a contingência, muito paradoxalmente é verdade, estará "reduzida" (MEYER, 2000, p. XXXII, grifo nosso).

A partir dessas reflexões em seu prefácio, esse filósofo contemporâneo procede, então, à caracterização do *pathos*, o que se torna fundamental para se compreender e, por conseguinte, distinguir o termo *paixão* como usado na *Retórica* do seu sentido atual e comumente usado. Meyer (2000, p. XXXII) argumenta que inicialmente o *pathos* é, então, uma simples qualidade, o sinal da assimetria que prevalece na proposição e a define. Lugar de uma diferença a superar na identidade e pela identidade do sujeito, o *pathos* é tudo o que não é sujeito e, ao mesmo tempo, tudo o que ele é.

Na citação acima foi exposta uma característica do *pathos*. Nela, conforme pode-se, *à primeira vista* – comenta Michel Meyer – , *o pathos* é ambíguo: é o sinal de uma diferença que se pretende anular, *mas* ao mesmo tempo, é a marca que faz o sujeito não ser um predicado. Consequentemente:

> não se pode transformar o sujeito em propriedade nem, inversamente, fazer do predicado uma substância. A identidade do sujeito lógico apoia-se, pois, no *pathos*: este, com isso, remete ao nascimento da ordem proposicional, cujo caráter contraditório efetivamente revela, pela identidade que ele consagra, descaracterizando-a e anulando-a na diferença proposicional. O *pathos* introduz-se na proposição, ordem única da razão, caso esteja na natureza do sujeito ser aquilo mesmo que nós percebemos pelo predicado (MEYER, 2000, p. XXXIII).

Apresenta também aspectos sobre a "missão" e transitoriedade do *pathos*, argumentando que a "atualização faz parte da própria natureza do sujeito, enquanto o *pathos* tem o sentido provisório de levar o homem a tomar conhecimento dessa substância. O predicado pertence ao sujeito. A tomada de conhecimento deste último parece-lhe imanente" (MEYER, 2000, p. XXXIII). Expõe igualmente a respeito do porquê da antinomia *pathos* e *physis*:

> Não há ordem autônoma do conhecimento do ser que não acabe por fundir-se no próprio ser e manifestar-se a partir dele, fazendo da contingência um momento do que se revelará como necessário e natural. A natureza, segundo Aristóteles, é um devir autofinalizado, um princípio de atualização em virtude da essência do sujeito. *Physis* (natureza) e *pathos* opõem-se, pois a natureza é um princípio ativo de devir, um fim interno do ser que o fez vir a ser em ato o que ele já era em potência. O natural move-se por si, no sentido imanente exigido por sua essência (MEYER, 2000, p. XXXIII).

Com base no que elaborou, o autor chega a diversas conclusões bem inseridas no campo filosófico sobre o *pathos*. Assim, diz o autor, o *pathos* finalmente consagra a assimetria do sujeito e do predicado, fazendo desse predicado algo que pertence ao sujeito. Ao mesmo tempo, anula-se como *pathos*. Todavia, sem ele, não haveria esse resultado, a saber, que a proposição se anula sem a assimetria de seus dois componentes. O sujeito acolhe a predicação, mas nunca é ele mesmo predicado (MEYER, 2000, p. XXXIII). Eis uma conceituação que ele nos apresenta: o *pathos* é, em suma, o momento contingente e problemático que busca reencontrar a natureza das coisas, sua finalidade própria, determinada pela essência (MEYER, 2000, p. XXXIII). O filósofo apresenta que o *pathos*:

> preserva a identidade do sujeito graças à diferença daquilo que não é ele, mas que mesmo assim, é. O *pathos* constitui, portanto, esse lugar impossível da diferença proposicional sem a qual não haveria identidade de substância. Diferença ontológica verdadeira, o *pathos* representa a supressão da alternativa e do problemático como uma etapa momentânea que se supõe não ter surgido jamais, mas sem a qual o próprio resultado da resolução não teria sentido. Daí a ambiguidade das paixões: não há sujeito sem essa contingência que o afeta e o define e não há sujeito quando a ele se chega somente por seus atributos contingentes (MEYER, 2000, p. XXXIV).

Ou seja, fundamentando-se em Meyer (2000, p. XXXIV), tem-se que a identidade necessária de um sujeito é afetada e definida pelos seus atributos contingentes, isto é, os atributos contingentes conferem à essência do sujeito sua identidade, o que torna possível distinguir, por exemplo, Platão de Sócrates. Contudo, não se chega a uma identidade suficiente do sujeito apenas por tais contingências. E "o *pathos* é precisamente a voz da contingência, da qualidade que se vai atribuir ao sujeito, mas que ele não possui por natureza, por essência" (MEYER, 2000, p. XXXII).

Quanto aos atributos contingentes que conferem à essência do sujeito uma identidade, conforme exposto acima, Meyer (2000, p. XXXIV) acrescenta que não são todas as propriedades do sujeito que se fundem nele para assegurar a necessidade e a identidade que constituem sua natureza própria. Ele completa afirmando que:

> Dir-se-ia que, nessas condições, a contingência da marcha do conhecimento se manifesta, inassimilável para a ordem da substância, do em-si. À natureza, opõe-se, então, o campo do humano e de suas propriedades específicas, que se desdobram relação ao desenvolvimento natural (MEYER, 2000, p. XXXIV).

Vê-se, nessas circunstâncias, um movimento de oposição do campo humano e de suas propriedades em relação à natureza; o *pathos* torna-se o lugar do humano, da contingência, da alternativa. Segundo o autor, isso se daria porque, para os gregos, o que não

tem seu fim naturalmente em si, mas exteriormente a si (isto é, o artificial e o convencional), se oporia ao natural, de sorte que, nesse caso:

> a ação e a deliberação se apoiarão na escolha dos meios e dos fins, em seu ajustamento. A paixão, tornada incontornável, exige a ação. Daí a obrigatória relação ética com a paixão, pois a moral se estriba numa justa deliberação capaz de ensejar a ação. A paixão é o obstáculo que a ação enfrenta (MEYER, 2000, p. XXXIV).

Quanto ao supracitado obstáculo, o autor explica que uma planta – por exemplo –, enquanto seja um ser naturalmente levado a realizar sua finalidade essencial, não pode deixar de atualizar tal fim e, assim, avança inexoravelmente para o seu destino, realizando-o biologicamente. O homem, ao contrário da planta, tem escolha ética, seu fim não lhe é prescrito. "O *pathos* tornou-se assim paixão, expressão da natureza humana, na liberdade, comprometido com a ética, portanto com a ação, que transforma a paixão de preferência em virtude" (MEYER, 2000, p. XXXV). O filósofo acrescenta que:

> Na diferença pura que se cria pela emergência de um *pathos* irredutível ao sujeito, este se vê ameaçado em sua identidade em proveito da pura alternativa. Por esse *pathos*, pela paixão, sai-se da identidade do sujeito, e não somente do em-si, em benefício do humano. A paixão escapa ao *logos*, centrado no caráter apodítico proveniente da identidade redutora do sujeito; assim, se compreende o caráter ameaçador e *irracional* da paixão por um *logos* definido apenas pela apoditicidade. O dualismo, que ressurge do aspecto inassimilável do *pathos* à substancia, vai opor a ordem humana e a ordem natural, ou seja, se se preferir, dois sujeitos diferentes. A paixão será assim o próprio conceito do desdobramento, da diferença irredutível, do drama possível, do que escapa ao conceito (MEYER, 2000, p. XXXV).

Para Meyer (2000, p. XXXV), a paixão é a alternativa, sede da ordem do que é primeiro para nós, sendo essa ordem dissociada daquilo que é em si e irredutível a este.

Por causa disso, a paixão é o lugar do Outro, o espaço da possibilidade diferente do que somos afinal; ela é o individual por oposição ao universal indiferenciado. E o filósofo conclui:

> Portanto, paixão é relação com o outro e representação interiorizada da diferença entre nós e esse outro. Paixão é a própria alteridade, a alternativa que não se fará passar por tal, a relação humana que põe em dificuldade o homem e, evidentemente, o oporá a si mesmo (MEYER, 2000, p. XXXV).

Em decorrência de tais conceituações, diversas implicações surgem desse cenário patêmico. Em tais condições, compreende-se que a paixão conduz às soluções contrárias, aos conflitos, à diferença entre as pessoas.

A oponibilidade que une e desune os homens é precisamente o passional, a contingência que os libera ao mesmo tempo em que pode entregá-los ao que a destrói e ao que os subjuga (MEYER, 2000, p. XXXV).

Percebe-se, assim, que o terreno das paixões pode constituir-se em um espaço propício a antinomias e paradoxos: compaixão e cólera, prazer e dor, amor e ódio; pois sobre tal palco está, simultaneamente, um orador ilocucional diante de ouvintes que podem emitir julgamentos diversos e, até mesmo, antagônicos, segundo imaginações e reações neles suscitadas.

No prefácio de *Retórica das Paixões*, como já assinalado, tem-se que: "quanto à virtude, distingue-se do *pathos* por ser o lugar de identidade do sujeito, que dessa maneira atualiza, exercita e pratica suas disposições". Se pelas paixões há a oscilação, a alternância, a inversão e o risco de o sujeito se perder de alguma maneira, por outro lado, pela virtude, o homem imita a ordem natural na qual se realiza aquilo que, de potência, deve passar a ato. A distinção entre virtude e *pathos*, o elo entre a primeira e a razão, assim como o conceito de bem estão ilustrados de forma aplicável pelo exemplo constante na seguinte citação que também apresenta conceitos subjacentes a esse esquema. Consta-se, na obra em questão, que:

> A diferença reside em que, por natureza (portanto, por essência), a saúde é o que faz realizar-se o salutar, ao passo que o homem deve produzir o fim e, para tanto, escolher igualmente os meios apropriados. Essa busca do Bem, que é aquilo a que se dirige toda ação, é seu fim, a finalidade sobre a qual cumpre deliberar. Daí o papel da razão, que consiste exatamente em escolher os fins e proporcionar (literalmente) os meios. O que a natureza faz naturalmente, deve o homem fazer ativamente e, sobretudo, deliberadamente. Havendo deliberação, há escolha oposta e, portanto paixões (MEYER, 2000, p. XXXVI).

Percebe-se que os termos *paixão e virtude, razão e deliberação, meio e fim* tornam-se, nesse contexto, fortemente associados entre si. A virtude é o exercício da razão no indivíduo. Essa pode ser, segundo o autor, contemplativa ou prática; contemplativa "quando o espírito encontra seu fim em si mesmo"; prática quando "adota e persegue fins racionais mais exteriores, dominando as paixões que se opõem e são anteriores à deliberação determinante da escolha final, a qual anula toda oposição possível" (MEYER, 2000, p. XXXVI). Vê-se que a virtude contemplativa, em si mesma, não implica em não-paixão, mas em fins racionais na deliberação final, ainda que tal escolha seja uma paixão em oposição, conforme afirmativa anterior. A própria razão já é "uma paixão refletida, portando contida, subordinada a um fim pensado"*;* essa "fornece um resultado se a paixão o bloqueia mantendo a alternativa, ou o inverso, se percorre os oponíveis" (MEYER, 2000, p. XXXVI). O autor também diz que esse

"fim pensado" não é o natural e se encontra submetido à reversibilidade, ou seja, à paixão. Por ser a prática da razão na pessoa, a virtude torna-se necessária para se atingir um equilíbrio, o justo *meio-termo*, pois, como consta em Aristóteles (1992):

> A violência da paixão somente estimula as condições de caráter idêntico, de sorte que, aumentadas e fortalecidas, chegam a suplantar a razão. É preciso, entretanto, velar para que as paixões se mantenham num justo meio-termo e limitar seu número, cuidando para que em nada contrariem a razão (ARISTÓTELES, 1992 apud MEYER 2000, p. XXXVI).

A virtude é solicitada para que a paixão não progrida irrefletidamente; tendo-se tal ameaça, aquela exigirá a reflexão. Essa progressão irrefletida das paixões levaria aos excessos condenáveis por Aristóteles que, verdadeiramente, não aprecia as paixões, embora as admita e não as condene *a priori*. Consta em *Éthique à Nicomaque* que:

> A virtude é, pois uma disposição adquirida voluntária, que em relação a nós consiste na medida definida pela razão, conformemente à conduta de um homem ponderado. Ela se mantém no justo meio-termo entre dois extremos inadequados, um por excesso, o outro por falta (ARISTÓTELES, 1992 apud MEYER, 2000, p. XXXVI).

Nesse contexto, o meio é exatamente o que está em relação lógica com outra coisa. Meyer afirma que "o meio-termo é o termo médio que exclui os contrários e, consequentemente, o exclusivo. O exclusivo é o fim, o que comanda o resto e exclui a alternativa" (MEYER, 2000, p. XXXVII). Para Aristóteles, o meio-termo é o critério de inclusão de si e do outro no mesmo conjunto político. Dessa forma, a generosidade, por exemplo, seria o meio-termo entre a avareza e a prodigalidade. A cupidez, por sua vez, seria um *meio* para a "boa vida" mencionada por Aristóteles; aquele que fizesse desse meio – a exemplo de outros prazeres – um fim em si mesmo estaria enganado (MEYER, 2000, p. XXXIX). De acordo com Meyer (2000), dar livre curso às paixões significa permitir que os meios se apresentem como fins; e isso apresenta uma série de implicações éticas nesse mencionado conjunto político.

Para Aristóteles, a paixão é a expressão da contingência; se inicialmente o *pathos* é apenas uma marca lógica ou ontológica, ou seja, uma categoria do ser, esse logo se servirá de tal "para caracterizar a relação sensível com sua temporalidade inversa à ordem lógica". Daí decorre o fato de o jogo dos contrários se inscrever no campo passional, o que se torna preocupação privilegiada para a retórica, pois essa se ocupa das oposições (MEYER, 2000, p. XXXVII).

Na visão aristotélica, segundo o autor do prefácio, a paixão, por sua contingência, exprime a diferença no sujeito, na sua individualidade. Ao mesmo tempo, essa pode conduzir tanto ao exclusivo, à rejeição, quanto à negação sempre possível da humanidade do ser. Quanto a isso, explica Michel Meyer (2000, p. XXXVIII):

> Daí a teoria do meio-termo à qual, na história da ética, o nome de Aristóteles está estreitamente ligado. Entre A e não-A encontra-se a virtude, aliás por uma razão muito simples: os extremos se excluem, e aceitar o outro é aceitar a si mesmo porque o outro está em nós, age em nós e vive conosco, queiramos ou não. É a cidade em cada um.

Observam-se, dessa forma, as inter-relações entre individualidade e pluralidade do ser em comunidade. Em Aristóteles, o homem jamais está só, ainda que aparentemente esteja apenas "em companhia de outros homens livres cujas paixões mediriam as distâncias e, sobretudo as diferenças" (MEYER, 2000, p. XL); e, nessa perspectiva social, tem-se que:

> a paixão é decerto uma confusão, mas é antes de tudo um **estado de alma móvel**, reversível, sempre suscetível de ser contrariado, invertido; uma **representação sensível do outro**, uma **reação à imagem que ele cria de nós**, uma **espécie de consciência social inata**, que reflete nossa identidade tal como esta se exprime na relação incessante com outrem. [...] paixão é resposta, julgamento, reflexão sobre o que somos porque o Outro é, pelo exame do que o Outro é para nós (MEYER, 2000, p. XXXIX, grifos nossos).

Meyer (2000) encerra suas conceituações dizendo que as paixões estão sempre alteradas, pois elas são a própria alteridade que ameaça a identidade da pessoa, embora seja essa alteridade que também lhe confira consistência: "Portanto, as paixões são igualmente as respostas às inferioridades e às superioridades que se aventuram a pôr em risco o Fim comum, o qual tem de subjugar as diferenças e não provocá-las" (MEYER, 2000, p. XL).

1.2.2 As paixões na *Retórica*

Conforme visto, Michel Meyer (2000, p. XL) afirma que as paixões aristotélicas não são nem meios nem fins, mas respostas às representações que os outros concebem de nós. Posteriormente, segundo o mesmo autor, Aristóteles as chamou de "*formas da consciência de si*" (MEYER, 2000, p. XL).

Em Aristóteles, as paixões se diferem em número e conceitualmente quando comparadas com o que os modernos classificariam de paixões, certamente excluindo dentre elas a calma e a vergonha. Mesmo em Aristóteles existem listas diferentes. Meyer (2000) diz que na *Ética a Nicômano* há onze paixões, na *Retórica*, quatorze. A razão, segundo ele, seria a diferente ênfase que lhes é dada. Na primeira: "há a alegria, o desejo ou o pesar, que são estados de alma da pessoa considerada isoladamente, por assim dizer, ou em todo o caso, tomada em sua temporalidade individual" (MEYER, 2000, p. XLI). Na *Retórica*, que é a obra referencial deste estudo, ao contrário da primeira, tem-se que:

> As paixões passam por resposta a outra pessoa, e mais precisamente à representação que ela faz de nós em seu espírito. As paixões refletem, no fundo, as representações que fazemos dos outros, considerando-se o que eles são para nós, realmente ou no domínio de nossa imaginação (MEYER, 2000, p. XLI).

Em tal circunstância, haveria, segundo o autor do prefácio, um jogo de imagens até mesmo recíprocas em vez da fonte das reações morais, cujo objetivo seria o da *Ética* (MEYER, 2000, p. XLI). Para ele, a proposta explícita de Aristóteles na *Retórica* é mostrar que as paixões constituem um teclado no qual o bom orador toca para convencer.

1.2.3 A compaixão-misericórdia

Para o termo ἔλεος (éleos) – misericórdia/compaixão –, na tradução de *Retórica das Paixões*, em português, a tradutora[6] optou pela palavra compaixão. Aristóteles (2000, p. 53) discorre sobre tal sentimento definindo-o "como certo pesar por um mal que se mostra destrutivo ou penoso, e atinge quem não o merece, mal que poderia sofrer a própria pessoa ou um dos seus parentes, e isso quando esse mal parece iminente" (ARISTÓTELES, 2000, p. 53). Afirma também, que se trata de "um sentimento de pesar pelos infortúnios imerecidos. Deve-se sentir aflição e compaixão pelos que são infelizes sem o merecer" (ARISTÓTELES, 2000, p. 59). Segundo o filósofo, a compaixão se opõe, sobretudo, à indignação, pois se aquela é um sentimento de pesar pelos infortúnios imerecidos, esta é um sentimento que se tem "pelos que imerecidamente são felizes" (ARISTÓTELES, 2000, p. 53).

[6] Dra. Isis Borges B. da Fonseca, professora do Departamento de Letras Clássicas da USP.

E, a esse propósito, comenta: “De fato, é injusto o que acontece contrariamente ao mérito e, por isso mesmo, atribuímos aos deuses a indignação” (ARISTÓTELES, 2000, p. 59).

Quanto ao fato de se atribuir aos deuses a indignação, conforme citado acima, pode-se inferir que, do ponto de vista conjunto do autor/destinatários: (“**atribuímos** aos deuses a indignação” – grifo nosso), seria possível haver a ideia, entre os gregos da época, de “deuses” que tivessem o sentimento de indignação “pelos que imerecidamente são felizes”. Ora, se teriam indignação “pelos que imerecidamente são felizes” e, estando tal indignação diretamente em oposição à compaixão, poder-se-ia concluir que tais deuses tivessem também o sentimento oposto a esse – segundo Aristóteles – e, assim, talvez seja aceitável dizer que eles sentiriam o ἔλεος (éleos) – misericórdia/compaixão “pelos que são infelizes sem o merecer”. Alinhado com a noção sobre o Deus de Israel presente no Antigo Testamento, haveria, também entre os contemporâneos de Aristóteles, a ideia de deuses misericordioso-compassivos.

Aristóteles estabelece uma relação simultânea entre inveja, compaixão-misericórdia e indignação. Consta-se em sua obra que:

> Poderia parecer que a inveja se opõe da mesma maneira à compaixão, por estar bem próxima da indignação e identificar-se com ela, mas é diferente, porque a inveja é também um pesar perturbador ante um sucesso, entretanto não de pessoa indigna, mas igual e semelhante a nós (ARISTÓTELES, 2000, p. 59).

Escreve também sobre o que há em comum entre os que sentem dois dos sentimentos acima:

> Ora, todos os que sentem inveja e indignação devem ter isto em comum: experimentar tais sentimentos não porque vai acontecer-lhes algum mal, mas por interesse do próximo; pois não haverá inveja ou indignação, mas medo, se a causa da dor e da turbação for a possível consequência, para nós, da felicidade alheia (ARISTÓTELES, 2000, p. 59).

Em *Retórica das Paixões*, capítulo oitavo, Aristóteles faz um detalhamento de (1) quem sente ou não sente a compaixão; (2) sobre as “disposições” para se ter tal sentimento, ou seja, os motivos que o fazem surgir; (3) sobre qual seria a inspiração de tal paixão, isto é, os casos em que as pessoas sentem compaixão-misericórdia referindo-se às circunstâncias em que ela emerge; (4) de quem se deve ter ou não compaixão e (5), também, faz detalhamento de o que é digno de compaixão.

Na sequência, expõe-se em detalhes o pensamento do filósofo expresso nesse referido capítulo, cujo *caput* é “8 [Da compaixão]”, fazem-se inserções diretamente

relacionadas ao termo compaixão e, também, explicam-se os termos constantes quando esses são detalhados ou mencionados em outros capítulos do mesmo compêndio. Por razões já expostas quanto à tradução do ἔλεος (éleos) aristotélico, usa-se a expressão compaixão-misericórdia para as exposições deste capítulo, mas, forçosamente, preserva-se a ocorrência da palavra compaixão nas citações.

Vale lembrar que no detalhamento de cada uma das quatorze paixões, Aristóteles (2000, p. 5) propõe e distingue três pontos de vista, segundo ele, indispensáveis para a inspiração da paixão: "a respeito da cólera, por exemplo, em **que disposições estão as pessoas** em cólera, **contra quem** habitualmente se encolerizam, e **por quais motivos**" (grifos nossos). Essas chamadas "disposições" são denominadas pelo autor ora como "estado de ânimo", ora como "estado de espírito".

1.2.3.1 Quem sente ou não a compaixão-misericórdia

Acerca das pessoas que sentem ou não a compaixão-misericórdia, Aristóteles (2000, p. 53) afirma que:

> Com efeito, é evidentemente necessário que quem vai sentir compaixão esteja em tal situação que creia poder sofrer algum mal, ou ele próprio ou um de seus parentes, e um mal tal como dito na definição, ou semelhante ou quase igual; por isso não sentem compaixão os que estão completamente perdidos (pois acham que nada mais podem sofrer, visto que tudo já sofreram), nem os que se julgam extremamente felizes e são, ao contrário, insolentes, porque se creem ter todos os bens, evidentemente pensam que nenhum mal possa atingi-los; de fato, esse é um dos bens.

No trecho inicial da citação acima, veem-se parcialmente implicâncias quanto ao **estado psicológico** das pessoas compassivo-misericordiosas: elas se encontram em determinada circunstância, na qual acreditam que elas próprias ou seus familiares também possam sofrer algum mal, ou seja, é possível perceber a sensação de certa igualdade entre eles pela empatia mostrada. Assim, se poderia pensar: 'o que aconteceu com o outro pode também ocorrer a mim ou a alguém meu, dado o fato de que nem o outro nem eu merecemos sofrer tal penúria'. Isso revelaria, por um lado, certo grau de percepção do estado de igualdade e identidade entre o grupo e, por outro lado, certa superioridade em relação àqueles que suposta e merecidamente seriam infelizes.

Ainda segundo a citação acima, do próprio autor, também no grupo de pessoas compassivo-misericordiosas, não haveria explicitamente lugar para aqueles que "estão completamente perdidos", ou seja, os desesperados, dado o fato de que "acham que nada mais podem sofrer, visto que tudo já sofreram". Quase paradoxalmente ao que se poderia naturalmente pensar, "os que se julgam extremamente felizes e são, ao contrário, insolentes" também não se enquadram no grupo dos compassivo-misericordiosos, pois, se poderia pensar que os felizes teriam compaixão dos que estão na infelicidade. Mas tal paradoxo se desfaz dado que se diz que "os que se **julgam** extremamente felizes" (grifo nosso), isto é, tais pessoas apenas se julgam como tal; na verdade, pelas palavras do autor, essas seriam, de fato, *insolentes* ou, usando os sinônimos do dicionário *Michaelis* (p. 1161), seriam *insólitas, desaforadas, atrevidas, grosseiras, injuriosas, desumanas, bárbaras, cruéis*. Para o termo *insolência*, o mesmo dicionário traz, entre outros, "inconveniência, orgulho desmedido, desaforo, atrevimento". De fato, tais indivíduos estariam enganados ou iludidos quanto à própria sorte, pois apenas "pensam que nenhum mal possa atingi-los". Pode-se concluir, das palavras do autor grego ("porque se creem ter todos os bens, evidentemente pensam que nenhum mal possa atingi-los; de fato, esse é um dos bens"), que, para os insolentes, a ilusão em se ter todos os bens torna-se um bem que não possibilita ter sentimento de compaixão-misericórdia, ou seja, insolência e compaixão-misericórdia seriam sentimentos simultaneamente excludentes em um mesmo ser. De fato, o filósofo afirma: "aqueles que estão em disposição insolente, com efeito, não calculam que sofrerá algum mal" (ARISTÓTELES, 2000, p. 53).

Ao se analisar novamente a afirmativa de que "quem vai sentir compaixão esteja em tal situação que creia poder sofrer algum mal, ou ele próprio ou um de seus parentes", observa-se que seja fundamental a crença ou pensamento de também vir a padecer do mesmo mal para suscitar tal sentimento. Para tanto, Aristóteles (2000, p. 53) afirma que: "são capazes de pensar que podem sofrer aqueles que já sofreram e se livraram do mal, e os velhos por sua prudência e por sua experiência; os fracos e, sobretudo os tímidos; e os instruídos, pois são aptos para calcular", isto é, pessoas que trazem em si lembranças de sofrimentos passados, as prudentes, experientes, fracas, tímidas e as instruídas seriam pessoas potencialmente compassivo-misericordiosas. Igualmente o seriam os que: "têm pais, ou filhos, ou esposas, porque esses seres são desse gênero e susceptíveis de sofrer os males citados", e também aqueles que não estejam em um estado de paixão capaz de incutir bravura, como os que estão sob o domínio da cólera ou da audácia, pois, segundo Aristóteles, essas paixões não possibilitam o cálculo do futuro (ARISTÓTELES, 2000, p. 53).

Aristóteles (2000, p. 55) igualmente afirma que os que sentem grande temor também não têm compaixão-misericórdia: “pois não têm compaixão aqueles que estão assombrados, pois se ocupam do próprio sofrimento”. Esse define o temor como “certo desgosto ou preocupação resultantes da suposição de um mal iminente, ou danoso ou penoso” (ARISTÓTELES, 2000, p. 31).

Ao discorrer sobre o amor e o ódio, Aristóteles (2000, p. 29) também afirma que o colérico poderia sentir compaixão em muitas circunstâncias, mas aquele que odeia, não, pois, segundo ele, a “cólera provém daquilo que nos toca pessoalmente, enquanto o ódio surge mesmo sem nenhuma ligação pessoal”. De fato, a compaixão-misericórdia aristotélica pressupõe essa mencionada ligação pessoal em sua própria definição: sentimento de pesar por infortúnio não merecido, mal que – como afirmado – “poderia sofrer a própria pessoa ou um dos seus parentes”. Assim, compaixão-misericórdia e ódio, pelo exposto, seriam paixões simultaneamente excludentes numa mesma relação. Da mesma forma que os assombrados, os que odeiam também não podem ter compaixão-misericórdia, e isso de modo permanente já que o ódio, ao contrário da cólera que pode ser curada com o tempo, é incurável.

1.2.3.2 Motivos para o surgimento da compaixão-misericórdia

Aristóteles (2000, p. 55) faz um breve detalhamento sobre o que ele chama de “disposições” para se ter compaixão-misericórdia. Nesse, o estagirita apresenta os motivos para que se tenha tal sentimento em relação ao infortunado. Assim, ele o explicita:

> Sente-se compaixão se se pensa que há pessoas honestas, pois quem crê não existir ninguém assim achará que todos merecem seu infortúnio. E, em geral, quando estamos em tal disposição que nos lembramos de que esses males aconteceram a nós ou a algum dos nossos, ou esperamos acontecer a nós ou a algum dos nossos (ARISTÓTELES, 2000, p. 55).

Quando comparada à misericórdia bíblica, esse aspecto da honestidade do indivíduo apenado para suscitar tal realidade em alguém difere abertamente entre Aristóteles e o evangelista Lucas. Isso será retomado no capítulo das análises, item “Salvação” (**Ver** 4.1.2.2.1.2), quando da inserção do episódio de “Zaqueu”, relato exclusivo do terceiro evangelho, em relação intratextual com as parábolas centrais de Lucas.

1.2.3.3 A inspiração da compaixão-misericórdia

Outro detalhamento aristotélico diz respeito à inspiração do sentimento de compaixão-misericórdia, isto é: "os casos em que as pessoas sentem compaixão" (ARISTÓTELES, 2000, p. 55), referindo-se às circunstâncias que a fazem emergir. Para ele, tal inspiração se torna evidente pela própria definição de compaixão-misericórdia, e expõe:

> [...] entre as coisas penosas e dolorosas, todas as destrutivas são dignas de compaixão; e quantas são aniquiladoras; igualmente, todos os males graves causados pela má sorte. São males dolorosos e destrutivos as **mortes**, os **ultrajes corporais**, os **maus tratos**, a **velhice**, as **doenças**, a **falta de alimento** (ARISTÓTELES, 2000, p. 55, grifos nossos).

A respeito dos ultrajes citados, vale inserir neste ponto o que foi afirmado em capítulo precedente da mesma obra. Para ele: "ultraje consiste em fazer ou dizer coisas que causam vergonha à vítima, não para obter outra vantagem para si mesmo, afora a realização do ato, mas a fim de sentir prazer, pois quem paga na mesma moeda não comete ultraje, mas sim vingança" (ARISTÓTELES, 2000, p. 9). Diz também que: "é próprio do ultraje o desrespeito, e o desrespeitador despreza; aquilo que não tem nenhum valor como bem, nem como mal, não é respeitado por ninguém" (ARISTÓTELES, 2000, p. 9). Pode-se inferir, pelo exposto, que quando alguém que nos seja próximo sofre desrespeito, isso também serviria como inspiração da compaixão-misericórdia.

Percebe-se no excerto acima uma atenção voltada para a questão do sofrimento em relação a aspectos físicos. Mas sofrimentos de cunho psicológico e outros são mencionados na sequência imediata do excerto anterior. Tem-se:

> [...] entre os males causados pela má sorte estão a falta **ou o pequeno número de amigos** (por isso é digno de lástima ser arrancado aos amigos e aos familiares), a **fealdade**, a **debilidade**, a **mutilação** e a **ocorrência de um mal resultante do que necessariamente devia ser um bem**. E igualmente o acontecer, com frequência, algo semelhante. E ainda a vinda de um bem, depois de se ter sofrido o mal, como os presentes do Grande Rei enviados a Diopites, depois de morto. Igualmente, ou **nada de bom ter-nos acontecido**, ou **não fruirmos das coisas boas que nos ocorreram** (ARISTÓTELES, 2000, p. 55, grifos nossos).

Em outro trecho do mesmo capítulo, ele resume e reafirma que: "em geral devemos admitir também aqui que tudo quanto receamos que nos aconteça causa compaixão, quando ocorre a outros" (ARISTÓTELES, 2000, p. 57).

No capítulo que trata do temor e da confiança, Aristóteles (2000, p. 33) declara que: “são temíveis as coisas contra as quais os recursos não existem, ou são difíceis”. Completa o pensamento falando de modo geral que: “tudo o que, acontecendo ou estando prestes a acontecer a outros, provoca compaixão”.

1.2.3.4 De quem se deve ter ou não compaixão-misericórdia

No primeiro detalhamento que se fez – “Quem sente ou não a compaixão-misericórdia” –, discorreu-se sobre quem tem ou não compaixão-misericórdia. Neste penúltimo detalhamento, de modo oposto, discute-se sobre o destinatário de tal sentimento, ou de quem as pessoas devem ou não se compadecer. A esse respeito, o estagirita afirma que: “elas se compadecem dos **conhecidos, se não são parentes muito próximos**; para com estes, dispõem-se como para consigo mesmas, se devessem sofrer provações” (ARISTÓTELES, 2000, p. 57, grifos nossos). Dada talvez a aparente estranheza que pudesse causar aos interlocutores pela afirmativa de que não se tem compaixão-misericórdia de parente próximo, Aristóteles (2000, p. 57) exemplifica e esclarece a sua proposição:

> Por isso mesmo Amásis, ao que dizem, não chorou pelo filho que era conduzido para a execução, mas pelo amigo que mendigava, porque este caso era digno de compaixão, enquanto aquele era terrível; o terrível é diferente do digno de compaixão; não a admite e serve muitas vezes ao **sentimento contrário**, porque não mais se sente compaixão quando o perigo está iminente (grifos nossos).

Quanto ao “sentimento contrário”, supracitado, promovido por aquilo considerado *terrível,* pode-se dizer que seja a *cólera*, pois essa se refere ao “desejo acompanhado de tristeza, de vingar-se ostensivamente de um manifesto desprezo por algo que diz respeito a determinada pessoa ou a algum dos seus quando esse desprezo não é merecido” (ARISTÓTELES, 2000, p. 7). Reiterando o já dito, o sentimento paternal de Amásis, acima, não seria compaixão-misericórdia, mas cólera, pois, de acordo com o mesmo autor: “sentimos cólera contra os que desdenham aqueles seres que nos seria vergonhoso não socorrer, por exemplo, pais, filhos, esposas, subordinados” (ARISTÓTELES, 2000, p. 15).

Acrescenta na mesma sequência que: “**temos compaixão dos que nos são semelhantes na idade**, no **caráter**, nos **hábitos**, nas **dignidades**, na **origem**, porque em todos

esses casos é mais evidente a possibilidade de também nós sofrermos os mesmos reveses" (ARISTÓTELES, 2000, p. 57, grifos nossos).

Por dedução, baseando-se nas disposições para se ter compaixão-misericórdia, se poderia afirmar que os desonestos não a mereceriam, visto que a honestidade constitui o fundamento dessa emoção. Não a possuindo, por essa lógica aristotélica, o apenado mereceria o seu infortúnio e provocaria emoções contrárias, pois para Aristóteles (2000, p. 59): "quem sente pesar pelos que imerecidamente são infelizes se alegrará, ou pelo menos não experimentará pesar pelos que merecidamente são infelizes". E acrescenta que nenhuma pessoa de bem se aflige quando parricidas e assassinos são castigados; nesses casos, para ele, deve-se sentir regozijo da mesma forma que se sentiria perante aqueles que merecidamente são felizes. Vê-se que a base para julgamentos tão opostos se dá pelo fato de as pessoas serem ou não honestas. A questão da honestidade é retomada outra vez pelo autor no fechamento do capítulo sobre compaixão e, subsequentemente, no início do capítulo nove, sobre a indignação, o que, pelas recorrências, demonstra a importância desse atributo para o autor.

Com base no pensamento aristotélico, Meyer (2000, p. XLVI), ao falar da inveja, afirma que essa é dirigida para os iguais e quer tirar-lhes o que têm. O próprio Aristóteles (2000, p. 69) afirma: "se aqueles que pretendem inspirar compaixão ou obter um bem são como os citados anteriormente [isto é, invejosos em diferentes circunstâncias], é claro que não obterão a compaixão dos que têm autoridade para concedê-la".

1.2.3.5 O que é digno de compaixão-misericórdia

O último detalhamento feito por Aristóteles no capítulo oitavo da *Retórica* diz respeito ao que seja digno de se ter compaixão-misericórdia. Inicia afirmando, enfaticamente, que os infortúnios que nos parecem cronologicamente próximos são dignos de compaixão. Na sequência, esse estabelece uma gradação, a começar pelos mais distantes, quanto à temporalidade e capacidade desses infortúnios em suscitar compaixão-misericórdia. Aristóteles (2007, p. 103) escreve ademais que a compaixão que sentimos:

> É estimulada pelos sofrimentos dos outros, quando estes estão próximos de nós (não podemos relembrar quais desastres aconteceram há séculos, nem aguardamos ansiosamente aquilo que acontecerá séculos depois e, portanto, nos apiedamos de tais coisas, caso ocorram). Segue-se que aqueles que intensificam o efeito de suas palavras por meio de gestos adequados, entonações, aparência e ações dramáticas em geral, são bem-sucedidos no estímulo da compaixão.

O filósofo expõe que aqueles que agem por meio cênico colocam os desastres diante dos olhos alheios, e fazem com que esses se lhes pareçam próximos, tanto no passado quanto no futuro (ARISTÓTELES, 2007, p. 103).

O autor prossegue o discurso e, na sua gradação, defende que um infortúnio recente ou prestes a ocorrer é mais digno de compaixão. Explica que igualmente o são os sinais, como, por exemplo: "as vestes dos que sofreram e todas as coisas semelhantes, igualmente as ações, os discursos e tudo mais que se relaciona com os que estão sofrendo, por exemplo, os moribundos" (ARISTÓTELES, 2000, p. 57).

O autor finaliza sua exposição retomando a questão da honestidade já mencionada quando do seu detalhamento das disposições para se ter compaixão-misericórdia, sendo entendidas tais disposições como os motivos para que se tenha tal sentimento. Afirmou-se que se sente compaixão quando os apenados são considerados pessoas honestas, pois do contrário, se acharia que esses merecem seu infortúnio. Aristóteles (2000, p. 57) conclui que:

> É sobretudo digno de compaixão o fato de serem honestas as pessoas que estão em tais circunstâncias, pois todos esses fatos, por parecerem próximos, avivam nossa compaixão, uma vez que o infortúnio é imerecido e aparece diante de nossos olhos.

Ao falar da indignação, emoção que se opõe, sobretudo, à compaixão, Aristóteles (2000, p. 59) diz, ainda, que: "ambos os sentimentos decorrem de um caráter honesto".

Foram expostas anteriormente, conforme pretendido, as considerações sobre a compaixão-misericórdia dentro do conjunto das catorze paixões exploradas pela argumentação aristotélica. No fechamento do seu texto, ele diz: "as paixões são fonte de onde se tiram os argumentos retóricos" (ARISTÓTELES, 2000, p. 73) cujas finalidades, como se vê na própria definição de paixões, servem para fazer um julgamento de alguém.

Quer-se encerrar essas considerações sobre a compaixão-misericórdia com uma citação de Aristóteles que afirma, em relação aos julgamentos já citados, que esses variarão segundo o próprio *status* da pessoa que os emite, pois para Aristóteles (2000, p. 5):

> Para as pessoas que amam, as coisas não parecem ser as mesmas que para as pessoas que odeiam, nem, para os dominados pela cólera, as mesmas que para os tranquilos; mas elas são ou totalmente diferentes ou de importância diferente; aquele que ama tem por certo que a pessoa sob julgamento ou não pratica ato injusto ou comete delitos de pouca importância, e aquele que odeia tem por certo o contrário, e, para o que tem aspirações e esperança, se o que vai acontecer é agradável, parace-lhe que isso acontecerá e será bom, mas para o indiferente e para o descontente parece ser o contrário.

1.3 MISERICÓRDIA NA BÍBLIA

Nesta pesquisa, as principais noções e conceitos de misericórdia são tirados da própria Bíblia e são encontrados comumente em anexos dos compêndios bíblicos, vocabulários e dicionários bíblico-teológicos e chaves bíblicas que geralmente remetem às línguas dos textos-fonte em hebraico – para a maior parte do Antigo Testamento – ou em grego para todo o Novo Testamento e para alguns livros ou capítulos de livros do Antigo Testamento.

Os textos chamados "originais" são aqueles considerados os mais antigos, às vezes uma cópia fidedigna, uma tradução ou mesmo um manuscrito original atribuído ao próprio autor.

Portanto, faz-se primeira e inevitavelmente um encontro com uma questão de tradução dos termos que deram origem à palavra *misericórdia* do português. Tais traduções estão longe de ser um consenso entre tradutores e há, por exemplo, alternância entre misericórdia, amor, piedade, compaixão. Tais oscilações na tradução do termo advêm, dentre outros motivos, da variedade dos vocábulos empregados em diferentes obras escritas em diferentes espaços temporais, geográficos e outras circunstâncias histórico-teológicas do autor e dos seus destinatários.

Na Bíblia do Peregrino (2006), numa seção denominada "Vocabulário de Notas Temáticas", a palavra *compaixão* é remetida à *misericórdia*. Tem-se:

> A misericórdia divina é a qualidade quase predominante de Deus com relação ao homem; inclui os aspectos de **compaixão, ternura, clemência, piedade, paciência, tolerância** (grifos meus). A rigor, todo benefício de Deus ao homem tem caráter de misericórdia, pois não se baseia em direitos ou méritos humanos. Sua extensão é universal (Jonas); sua duração, eterna (Salmo 136). Motiva a prece e funda a confiança. Adia o castigo, mitiga-o e até mesmo o suspende, e triunfa libertando o necessitado. A misericórdia é o arco extremo que abrange todas as etapas históricas e estabelece a última: porque a misericórdia de Deus torna a conversão possível e a transformação do homem real (BÍBLIA DO PEREGRINO, 2006, p. 3.026).

Na Bíblia Sagrada (2006), da Editora Vozes, numa seção denominada "Índice Bíblico-Pastoral", referindo-se à misericórdia, tem-se:

> O termo hebraico "*hesed*" (misericórdia) designa todos os laços que ligam os membros de uma comunidade: favor, benevolência, afeto, bondade (Gen 20,13; 47,29; 1Sm 20,8-15; Sl 36, 6-11). No começo da aliança, fala-se exclusivamente da

> misericórdia de Deus, no sentido de amor gratuito [7]. Misericórdia de Deus é amor aos mais pobres, entre os quais sobressaem os pecadores [8]. Essa graça e misericórdia de Deus corporizam-se em Cristo [9]. A misericórdia humana, como resposta à misericórdia de Deus, é mais importante que os atos de culto [10] (BÍBLIA SAGRADA, 2006, p. 1.521).

Na Bíblia Sagrada da CNBB (2001), na seção denominada "Glossário", tem-se que misericórdia é "atitude de relacionamento generoso para com os semelhantes e os súditos, sobretudo o amor de Deus para com seu povo em nome da Aliança (Ex 34,5s)" (BÍBLIA SAGRADA/CNBB, 2001, p. 1.636).

Na Bíblia de Jerusalém (2002, p. 2.201), na seção denominada "Lista Alfabética de Notas mais Importantes", tem-se um comentário mais contextualizado do termo. Nessa lista, a palavra *misericórdia* remete às palavras *Amor*[11] e *Hesed*. Em trechos do Antigo Testamento onde em outras edições bíblicas geralmente consta a palavra *misericórdia*, a Bíblia de Jerusalém traz a palavra *amor,* como no Salmo 136,1, em que se tem: "Celebrai a Iahweh, porque ele é bom, porque seu **amor** é para sempre!" (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1.006, grifo nosso). Mas a palavra misericórdia também aparece nessa versão em alguns trechos, como em Gn 43,14, onde se lê: "Que El Shaddai vos faça encontrar misericórdia junto desse homem e que ele vos deixe trazer vosso outro irmão e Benjamim" (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 91) e em II Samuel 24,14: "Davi respondeu a Gad: 'Estou em grande angústia... Ah! Caiamos nas mãos de Iahweh, porque é grande a sua **misericórdia**, mas não venha eu cair nas mãos dos homens!'"(BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 467); ou pela palavra *compaixão*, como em Êxodo 33,10c: "Terei piedade de quem eu quiser ter piedade e terei **compaixão** de quem eu quiser ter **compaixão**" (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 151, grifo nosso); e também pelo termo *fidelidade*, como em 2Samuel 2,5: "Então Davi enviou mensageiros aos habitantes de Jabes dizendo: 'Bendito sejais de Iahweh, por terdes realizado este ato de **fidelidade** para com Saul vosso senhor, e lhe terdes dado sepultura'" (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 434, grifo nosso). Contudo, no Novo Testamento há uma coincidência com outras versões bíblicas quanto a esse termo, como em

---

[7] (Dt, 7,7-13; 9,4-6; 2Sm 7,12-15; Is 54,10; Ez 16,3-14; Dn 9,4).
[8] (Ex 34,6s; Is 14,1s; 27,11; 30,18; 49,13-15; Lc 7,36-50; 10, 29-37; 15, 1-32; Jo 10, 1-21)
[9] (2Cor 5,18-21; 8,9; Gl 12,21; Ef 2,4-7; Cl 2,13s; Tt 2,11; 3,4; Hb 2, 5-13)
[10] (Mt 5,7; 9,10-13; 12, 1-7; 23,23, Lc 6, 36-38; 10, 29-37; 13, 6-9; 15, 1-32; Os, 66)
[11] "Quando se trata da pregação, levanta-se um problema de capital importância, no que diz respeito ao significado dos termos e ao conteúdo do conceito de 'misericórdia' (em relação com o conceito de 'amor'). A reta compreensão desse conteúdo é a chave para se entender a própria realidade da misericórdia. E isto é o que para nós mais importa" (João Paulo II, 1980, p. 5).

Mateus 5,7: “Felizes os misericordiosos, porque alcançarão **misericórdia**” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1.710, grifo nosso).

Nessa Bíblia, a palavra *hesed* remete às notas de Jeremias 2,2 e àquelas de Oseías 2,21, onde se tem respectivamente:

> (1) A palavra *hesed* (cf. Os, 2, 21) designa aqui, com coloração afetiva, a lealdade de relações, dentro da aliança, entre a nação israelita e Deus, seu esposo (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1.363).
> (2) A palavra [*hesed*] exprime primeiramente a ideia de vínculo, de empenhamento. Na esfera profana designa a amizade, a solidariedade, a lealdade, sobretudo quando essas virtudes procedem de pacto. Em Deus, esse termo exprime a **fidelidade** à sua aliança e a **bondade** que dela decorre em favor do povo escolhido (“a graça” em Ex 34,6); em outras palavras (e este termo convém a partir de Oseias, pela referência à comparação da união conjugal), exprime o amor de Deus por seu povo (Sl 136, 1-26; Jr 31,3 etc.) e os benefícios que dele decorrem (Ex 20,6; Dt 5,10; 2Sm 22, 51; Jr 32,18; Sl 18,51. Mas este *hesed* de Deus requer no homem, também, o *hesed*, isto é, o dom da alma, a amizade confiante, o abandono, a ternura, a “piedade”, em uma palavra, o amor que se traduz por uma submissão alegre à vontade de Deus e pelo amor ao próximo (Os 4,2; 6,6). Este ideal será o *hasidim* ou “*assideus*” (1Mc 2,42+) (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1.587, grifos nossos).

O exposto na citação, acima, sobre o gesto de retribuir ao próximo a misericórdia recebida será retomado no item “Intertextualidade estilística e temática simultâneas em Lucas” (4.1.2.2), particularmente no **Quadro** 9 – Omissão, eufemização e inserção em Lucas. Será mostrado no capítulo 4 que, em Lucas, o evangelho torna-se uma “regra de vida”.

1.3.1 Misericórdia no Antigo Testamento

Para os cristãos, a Bíblia Hebraica e o Novo Testamento formam um conjunto de livros que contém toda a história da criação e redenção da humanidade. O Antigo Testamento constitui a base dessa história da salvação continuada e levada a termo com a vida, morte e ressurreição de Jesus, como narram os escritos neotestamentários. O sacrifício de Jesus se dá em decorrência do amor e fidelidade de Deus expressos na palavra divina dirigida ao povo eleito, na figura de Abraão, como mostra o Pentateuco, conjunto dos cinco primeiros livros do Antigo Testamento. Assim, a consumação do sacrifício misericordioso de Jesus Cristo tem seus fundamentos na noção de misericórdia divina presente desde o primeiro livro da Bíblia.

Modernamente, um retrato detalhado desse atributo divino foi reunido e apresentado ao mundo cristão através da Carta Encíclica do Papa João Paulo II, intitulada *Dives in Misericordia*, sobre a Misericórdia Divina. Essa carta, publicada em 30/11/1980, entre outros pontos, mostra os diversos momentos da ação da misericórdia divina, a começar pelo Antigo Testamento. Faz-se, neste ponto, uma recapitulação dos aspectos mais relevantes do capítulo três dessa encíclica – "A misericórdia no Antigo Testamento" – que estão relacionados a este trabalho. Assim se expressa o Papa João Paulo II (1980) sobre o conceito de misericórdia presente no Antigo Testamento:

> O conceito de "misericórdia" no Antigo Testamento tem longa e rica história. Devemos remontar a essa história para fazer resplandecer mais plenamente a misericórdia que Cristo revelou. Revelando-a, quer pelas suas obras quer pelo seu ensino, Cristo dirigia-se a homens que não só conheciam o conceito de misericórdia, mas também, como povo de Deus da Antiga Aliança, que tinham colhido da própria história plurissecular uma peculiar experiência da misericórdia de Deus. Esta íntima experiência foi tanto social e comunitária, como particular e individual (JOÃO PAULO II, 1980, p. 5).

Analisando essa citação, pode-se perceber que, para esse autor, o conceito de misericórdia não surge ou existe *de per si*, mas vincula-se à história de um povo, por assim dizer, a um contexto sociocultural que lhe imprimiu um valor semântico característico. Inicialmente ele não a define, mas, pode-se dizer, estabelece o contexto dentro do qual o termo tomou o sentido que lhe será mantido ou reafirmado pelos sucessivos episódios narrados pela Bíblia.

Esses episódios, registrados na Bíblia numa coleção denominada "Livros Históricos", ocorreram no Oriente Médio antigo. As datações, segundo cronologia constante em comentários da Bíblia de Jerusalém (2002, p. 308), variam entre 1250 e 1200 a.C. De acordo com João Paulo II (1980, p. 5), Deus se manifestou a esse povo e com esse celebrou um pacto: "Israel foi o povo da aliança com Deus, aliança que muitas vezes violou. Quando tomava consciência da própria infidelidade apelava para a misericórdia. E ao longo da história de Israel não faltaram Profetas e outros homens que despertavam tal consciência".

João Paulo II (1980, p. 5) expõe também que, a esse propósito, o Antigo Testamento apresenta numerosos testemunhos, e cita, entre os fatos e os textos mais salientes, o início da história dos Juízes (Juízes 3,7-9)[12], a oração de Salomão ao ser inaugurado o Templo (1Samuel 8,22-53), uma parte das intervenções proféticas de Miqueias (Miqueias

[12] As referências bíblicas que originalmente na Encíclica encontram-se numeradas e dadas no final da mesma foram, aqui neste trabalho, inseridas em parênteses no próprio corpo do texto.

7,18-20), as consoladoras garantias oferecidas por Isaías (Isaías 1,18; 51,4-16), a súplica dos hebreus exilados (Baruc 2,11-3,8) e a renovação da Aliança depois do regresso do exílio (Neemias 9).

Ao longo dessa história, os profetas bíblicos tinham a missão de anunciar e confirmar a vontade de Deus, e, ao mesmo tempo, denunciar as injustiças e infidelidades entre o povo eleito. Em suas argumentações em favor do retorno do povo à proposta divina, esses destacam os atributos divinos. A esse propósito, na Encíclica em questão, tem-se que:

> É significativo o fato de os Profetas na sua pregação apresentarem a misericórdia, a qual muitas vezes se referem por causa dos pecados do povo, em ligação com a incisiva imagem do amor da parte de Deus. O Senhor ama Israel com amor de singular eleição, semelhante ao amor de um esposo (Cf. Jer 31,20, Ex 39,25-29.); e por isso perdoa as suas culpas e até as infidelidades e traições. Ao encontrar-se perante a penitência, a conversão autêntica do povo, restabelece-o novamente na graça (JOÃO PAULO II, 1980, p. 6).

Vê-se aí, por parte dos profetas, não uma atitude de condenação do povo por suas atitudes repreensíveis, mas uma exaltação da bondade divina que seja capaz de conduzir o homem à percepção e ao arrependimento das suas próprias faltas. Ou seja, pode-se dizer que a opção foi combater ou prevenir o mal pela exaltação do bem que, nesse contexto, é representado pelo *hesed* divino: "Na pregação dos Profetas, **a misericórdia significa a especial força do amor, que prevalece sobre o pecado e sobre a infidelidade do povo eleito**" (JOÃO PAULO II, 1980, p. 6, grifo nosso).

O apelo divino e as pregações proféticas são dirigidos a todo o povo, mas a resposta e adesão são dadas individualmente pelo destinatário, segundo um juízo de si mesmo mediante uma vivência pessoal, mesmo estando em comunidade, pois cada qual padece ou reage a uma penúria, em diferentes níveis, de modo diferente. Aos desventurados e aos que se julgam culpados e se arrependem, cabe o beneplácito do conforto divino.

Referindo-se a esses recorrentes episódios de pesares e falhas por parte do povo ao longo do desenvolvimento da história veterotestamentária, João Paulo II (1980, p. 6) expõe que:

> Neste amplo contexto "social", a misericórdia aparece como o elemento correlativo da experiência interior de cada uma das pessoas que se encontram em estado de culpa, ou que suportam sofrimentos e desgraças de toda a espécie. Tanto o mal físico como o mal moral, ou pecado, fazem com que os filhos e as filhas de Israel se voltem para o Senhor, apelando para a sua misericórdia.

Prossegue e exemplifica tais circunstâncias citando a culpa de Davi, a desventura de Jó e a aflição de Ester; todos esses se volvem a Deus face a seus diferentes infortúnios. Segundo João Paulo II (1980, p. 6), assim o fez Davi consciente da gravidade da sua culpa (Cf. 2 Samuel 11; 12; 24,10.); igualmente Jó após suas rebeliões e ao encontrar-se em tremenda desventura (Jó, passim.); e também Ester, consciente da ameaça mortal, iminente, contra o seu povo (Ester 4,17k ss.). Além desses, segundo o autor, há ainda outros exemplos nos Livros do Antigo Testamento, como, por exemplo, Neemias 9,30-32; Tobias 3,2-3, 11-12; 8,16s.; 1Macabeus 4,24.

Os dois primeiros exemplos anteriores ilustram um aspecto da **dimensão da misericórdia divina** que é voltado **para o indivíduo em si**; são os casos de Davi e Jó. O terceiro caso citado, o de Ester, ilustra a dimensão da misericórdia que é voltada **para a um grupo**, **para uma comunidade**. Nessa perspectiva, João Paulo II (1980, p. 6) expõe que "na origem desta multiforme convicção comunitária e pessoal" – como ele afirma ser comprovado por todo o Antigo Testamento no decurso dos séculos –, deve-se destacar a "experiência do povo eleito, vivido nos dias do êxodo: o Senhor observou a aflição do seu povo, reduzido à escravidão, ouviu os seus clamores, deu-se conta dos seus sofrimentos e decidiu libertá-lo" (JOÃO PAULO II, 1980, p. 6), como mostra o livro do Êxodo 3,7 e sequência. O autor acrescenta que nesse ato de salvação realizado pelo Senhor, o Profeta Isaías (63,9) quis ver o seu amor e a sua compaixão.

Em meio à aflição, escravidão, clamores e sofrimentos acima mencionados, João Paulo II (1980, p. 6) expõe que: "a segurança de todo o povo e de cada um dos seus membros radica na misericórdia divina que pode ser invocada em todas as circunstâncias dramáticas". Percebe-se que, para o autor, tais *circunstâncias dramáticas* envolvem penúrias que vão além dos padecimentos psicofísicos. Ele acrescenta que:

> A isto vem juntar-se o fato de que **a miséria do homem é também o seu pecado**. O povo da Antiga Aliança conheceu esta miséria desde os tempos do êxodo, quando ergueu o bezerro de ouro. Mas o próprio Senhor triunfou sobre este gesto de ruptura da Aliança, quando se definiu solenemente a Moisés como "**Deus compassivo e misericordioso, lento para a ira e cheio de bondade e de fidelidade**" (Êxodo 34,6) (JOÃO PAULO II, 1980, p. 6, grifos nossos).

Essa citação encontra-se no primeiro compêndio que compreende os cinco primeiros livros da Bíblia Hebraica, denominado Pentateuco. As datações para eventos narrados no livro do Êxodo variam entre 1290 e 1224 a.C. Percebe-se, assim, – como se supõe que seja um dos propósitos do autor polonês ao compor sua obra –, que a percepção da

misericórdia divina arraiga-se nos escritos bíblicos mais antigos, o que certamente fundamentará outros livros bíblicos quanto ao tema. Dada a anterioridade dessa auto-definição divina no livro de Êxodo – "Deus compassivo e misericordioso, lento para a ira e cheio de bondade e de fidelidade" –, pode-se concluir que esse seria, em princípio, o enunciado-base das recorrentes intertextualidades desse tema presentes nos Livros Históricos, Proféticos e também em escritos neotestamentários.

O conteúdo de Êxodo 34,6 – citado anteriormente – é considerado pelo papa como a revelação principal de que: "o povo eleito e cada um dos seus componentes irão encontrar, depois de terem prevaricado, a força e a razão para de novo se voltarem para o Senhor, para Lhe recordarem exatamente aquilo que Ele tinha revelado acerca de si próprio e para Lhe implorarem perdão" (JOÃO PAULO II, 1980, p. 6). Como fundamentação para sua afirmativa, ele apresenta o constante em Números 14,18; 2 Crônicas 30,9; Neemias 9,17; Salmo 86(85), 15; Sabedoria 15,1; Sirac 2,11; e em Joel 2,13. Daí, percebe-se que a força e intelecção que levam o povo a confiar na auto-declarada misericórdia divina advêm – como se percebe no enunciado – não de uma descoberta meramente humana quanto a essa, mas de uma disposição própria e voluntária do Deus de Israel em se mostrar como tal: compassivo e misericordioso. Ou seja, a compaixão-misericórdia não seria um atributo que se Lhe foi dado pelo homem, mas, como explicitado acima, uma auto-revelação acerca da Sua própria essência compassivo-misericordiosa que incita a busca do perdão.

De acordo com João Paulo II (1980, p. 6): "O Senhor revelou a sua misericórdia tanto nas obras como nas palavras, desde os primórdios do povo que escolheu para si". E tal revelação – pode-se concluir – se deu eficazmente, pois, como se vê nas palavras do autor: "No decurso da sua história, este povo, quer em momentos de desgraça, quer ao tomar consciência do próprio pecado, entregou-se continuamente com confiança ao Deus das misericórdias" (JOÃO PAULO II, 1980, p. 6).

E as expressões dessas misericórdias divinas nesse relacionamento Criador-criatura se davam, lexicalmente, de maneira bem próxima às manifestações do amor e proximidade humanos no seio do ambiente familiar semítico.

Nesse relacionamento instalaram-se, como se pode perceber ao longo dos escritos bíblicos, as figuras de pai, filho, esposo, da amada.

Assim escreve João Paulo II (1980) sobre essa expressão da misericórdia no âmbito do Antigo Testamento:

> Na misericórdia do Senhor para com os seus manifestam-se todos os matizes do amor: Ele é para eles **Pai** (Isaías 63,16), dado que Israel é seu filho primogênito (Êxodo 4.22.) Ele é também o **esposo** daquela a quem o Profeta anuncia um nome novo: "**bem-amada**" (*ruhama*), porque usará de misericórdia para com ela (Oseias 2,3) (JOÃO PAULO II, 1980, p. 6, grifo nosso).

A exemplo do que pode ocorrer no ambiente familiar humano, nesse relacionamento Criador-criatura pode haver tensões e despropósitos, unilateralmente por parte da criatura humana, que levem ao desequilíbrio ou rompimento do bem naturalmente desejado pelo Criador. De fato, isso se deu e recorreu por parte humana, mas a contrapartida também foi dada pelo Deus de Israel que também reagiu às provocações instadas pelas infidelidades do povo eleito. Esse raciocínio baseia-se na afirmativa do documento eclesial onde se lê que: "Mesmo quando o Senhor, exasperado pela infidelidade do seu povo, decide acabar com ele, são ainda a compaixão e o amor generoso para com os seus que O levam a suster a sua **indignação**" [Oséias 11,7-9; Jeremias 31,20; Isaías 54,7s] (JOÃO PAULO II, 1980, p. 6, grifo nosso). Para o autor da encíclica, a partir dessa ternura demonstrada por Deus: "torna-se fácil compreender a razão pela qual os Salmistas, ao quererem cantar ao Senhor os mais sublimes louvores, entoarão hinos ao Deus do amor, da **compaixão**, da **misericórdia** e da fidelidade [Salmo 103(102) e 145(144] (JOÃO PAULO II, 1980, p. 6, grifo nosso).

Vale observar na citação do parágrafo anterior que, em apenas duas linhas desse texto, ocorrem três palavras-chave que são comuns às traduções das obras para a língua portuguesa: *Dives in Misericordia*, em questão, e *Retórica das Paixões*, de Aristóteles (2000). Tais palavras descrevem sentimentos humanos denominados *paixões* na *Retórica*. *Compaixão*, *amor* e *indignação* constam no detalhamento constante no item 1.2.3 e em seus desobramentos. Chamam a atenção não tanto pela ocorrência vocabular em si, mas pela intertextualidade temática que suscitam entre essas duas obras citadas e o *Evangelho segundo Lucas*, objeto da análise linguística deste trabalho, propriamente quanto à compaixão-misericórdia.

Somente depois de dada a contextualização e feitas as constantes considerações a respeito do tempo, espaço e ambiente cultural, incluindo aí a crença e experiência de uma nação que nos legou a ideia desse sentimento traduzido mormente por *misericórdia* na língua portuguesa, o então Papa adentra, em seu escrito pastoral, à conceituação do termo propriamente dito. Quanto a essa empreitada, e tendo em vista as exposições anteriores, ele reforça inicialmente a constatação do que é a realidade da misericórdia para, então, conceituá-la. Em suas palavras tem-se:

> De tudo isto se deduz que **a misericórdia faz parte não somente da noção de Deus**, **mas caracteriza também a vida de todo o povo de Israel** e de cada um dos seus filhos e filhas: é a essência da intimidade com o seu Senhor, a essência do seu diálogo com Ele. Precisamente sob este aspecto, a misericórdia é apresentada em cada um dos Livros do Antigo Testamento com grande riqueza de expressões (JOÃO PAULO II, 1980, p. 7, grifo nosso).

Por ser uma realidade que permeia toda uma tradição de um povo e que está presente em uma verdadeira coleção de livros escritos ao longo de quase um milênio de história, João Paulo II (1980, p. 7) pondera que: "seria difícil, talvez, procurar nestes livros resposta meramente teórica à pergunta: o que é a misericórdia em si mesma. Contudo, a própria terminologia que neles é usada pode dizer-nos muitíssimo a tal respeito". João Paulo II (1980, p. 7) prossegue e afirma que:

> O Antigo Testamento proclama a misericórdia do Senhor mediante numerosos termos com significados afins. Estes termos são diferenciados no seu conteúdo particular, mas tendem a convergir, se assim se pode dizer, de vários pontos de vista para um único conteúdo fundamental, a fim de exprimir a riqueza transcendental da misericórdia e, ao mesmo tempo, para aproximá-la do homem sob aspectos diversos.

Observando essa "riqueza transcendental" apontada acima, talvez se possa imaginar até mesmo o certo grau de dificuldade que se tem em compreender essa realidade divina da misericórdia, sobretudo quando essa se coloca ao lado da *graça* e da *justiça* divinas.

A carta diz que os escritos veterotestamentários encorajam "os homens desventurados, sobretudo os que estão oprimidos pelo pecado – como também todo o povo de Israel que tinha aderido à Aliança com Deus" (JOÃO PAULO II, 1980, p. 7) – a fazerem apelo à misericórdia e permitem-lhes contar com ela. Esses escritos recordam-na nos tempos de queda e de desalento; passados os infortúnios, dão "graças e glória a Deus pela misericórdia, todas as vezes que ela se tenha manifestado e realizado, tanto na vida do povo como na das pessoas individualmente" (JOÃO PAULO II, 1980, p. 7). Aqui, o autor retoma a questão da dupla dimensão da experiência da misericórdia de Deus por ele já afirmada quanto à Antiga Aliança com o povo de Israel: "Esta íntima experiência foi tanto social e comunitária, como particular e individual" (JOÃO PAULO II, 1980, p. 5).

Acima, expôs-se que homens desventurados, *sobretudo* os que estão oprimidos pelo pecado, aqueles que passaram por momentos de queda e de desalento são estimulados pelos escritos bíblicos a confiar na divina misericórdia; tendo superado tais infortúnios, esses são igualmente incentivados a render graças pelos beneplácitos divinos. Percebe-se nesse excerto não somente uma igualdade de direito à misericórdia divina por parte de todos os que tinham ou não aderido ao pacto com Deus, mas, pelo uso do termo

sobretudo usado na sentença transcrita acima, pode-se perceber certa predileção pelos desventurados que estão oprimidos pelo pecado, sendo que esse pecado indicaria uma situação de infidelidade ao pacto celebrado conforme exposto. Quanto ao que se poderia questionar sobre uma imaginada desigualdade na distribuição dos bens divinos, João Paulo II (1980) contra-argumenta e insere uma perspectiva que, pelo que ele expõe, supera disparidades aparentes. Ele escreve que:

> **Deste modo, a misericórdia é contraposta, em certo sentido, à justiça divina; e revela-se, em muitos casos, não só mais poderosa, mas também mais profunda que ela.** Já no Antigo Testamento se ensina que, embora a justiça no homem seja autêntica virtude e em Deus signifique perfeição transcendente, contudo o amor é "maior" do que a justiça. E é maior no sentido de que, relativamente a ela, é primário e fundamental. **O amor condiciona, por assim dizer, a justiça; e, em última análise, a justiça serve a caridade** (JOÃO PAULO II, 1980, p. 7, grifo nosso).

Conforme a citação acima, a justiça está a serviço do amor e, fundamentando-se nisso, pode-se dizer que essa não poderia impedir que se realize um bem que ela mesma deve promover. Em sua contra-argumentação, como se vê, o autor admite certa contraposição entre misericórdia e justiça, mas, como se pode perceber, a misericórdia vai além da justiça e, ao mesmo tempo, lhe é subjacente, pois **a misericórdia é a manifestação do amor divino que lhe antecede e a fundamenta**. Isso fica evidente em suas palavras quando afirma que: "O primado e a superioridade do amor em relação à justiça – ponto característico de toda a Revelação – manifestam-se precisamente através da misericórdia" (JOÃO PAULO II, 1980, p. 7). O autor acrescenta que: "Isto pareceu tão claro aos Salmistas e aos Profetas que o próprio termo justiça acabou por significar a salvação realizada pelo Senhor por meio da sua misericórdia [Salmo 40(39), 11; 98 (97),2s.; Isaías 45,21; 51,5.8; 56,1]" (JOÃO PAULO II, 1980, p. 7).

O autor conclui elucidando que, como foi exposto, não há contraposição entre misericórdia e justiça divina se se admite a presença de Deus: "**A misericórdia difere da justiça, mas não se lhe opõe**, se admitirmos na história do homem – como faz o Antigo Testamento precisamente – a presença de Deus, o qual já como Criador se ligou com particular amor às suas criaturas" (JOÃO PAULO II, 1980, p. 7, grifos nossos).

Quando Aristóteles (2000, p. 5) fala de julgamento, esse diz que o mesmo se difere entre os que julgam segundo os sentimentos que lhes dominam. Aquele que ama e aquele que odeia ou o que é dominado pela cólera proferem julgamentos distintos. Pela sua lógica, um sentimento que normalmente suscitaria a compaixão-misericórdia seria o amor; e

nisso se pode perceber certo alinhamento de raciocínio entre o autor da *Retórica* e João Paulo II, pois para este a fundamentação da misericórdia é explicitamente o amor.

De fato, João Paulo II (1980) estabelece um vínculo não somente entre amor e misericórdia, mas insere também aí a justiça; aliás, ele expressamente mostra, na citação a seguir, que justiça e misericórdia advêm do amor que é, segundo a fonte que ele apresenta, o próprio Deus. Eis suas palavras quanto a isso:

> O amor, por natureza, exclui o ódio e o desejo do mal em relação àquele a quem alguma vez se deu a si mesmo como dom: *Nihil odisti eorum quae fecisti*, "não aborreceis nada do que fizestes" (Sabedoria 11,24). Tais palavras indicam o fundamento profundo da conexão entre a justiça e a misericórdia em Deus, nas suas relações com o homem e com o mundo. Dizem-nos também que devemos procurar as raízes vivificantes e as razões íntimas desse nexo, remontando ao "princípio", no próprio mistério da criação. No contexto da Antiga Aliança, essas palavras preanunciam a plena revelação de Deus, que "é amor" [1 João 4,8.16] (JOÃO PAULO II, 1980, p. 7).

E a propósito do que já se disse sobre justiça e equidade, o Papa encerra o terceiro capítulo da sua encíclica retomando indiretamente tais aspectos ao mesmo tempo em que expande pontos da citação anterior. Neste parágrafo do seu trabalho, João Paulo II (1980, p. 7) encerra a apresentação da misericórdia no Antigo Testamento, inserindo-a no âmbito do Novo Testamento pela alusão à Nova Aliança em que esse compêndio se inscreve.

Segundo o que se pode inferir das palavras do clérigo, a pré-eleição de Israel representa, como se verá, igual pré-eleição de cada um dos homens e de toda humanidade como objetos da misericórdia divina; isso reforça o caráter particular e universal desse sempiterno atributo divino que o autor parece querer destacar. Desde a criação aos episódios escatológicos, o Deus de Israel é o mesmo. O trecho-base dos comentários acima é este:

> O mistério da criação está em conexão com o mistério da eleição, que de modo especial plasmou a história do povo cujo pai espiritual é Abraão, como mérito da sua fé. Por meio deste povo que caminha através da história, tanto da Antiga como da Nova Aliança, **aquele mistério de eleição refere-se a todos e a cada um dos homens e a toda a grande família humana.** "Amo-te com amor eterno, por isso ainda te conservo os meus favores" (Jeremias 31,3). "Ainda que os montes sejam abalados... o meu amor jamais se apartará de ti, e a minha aliança de paz não será alterada" (Isaías 54,10). Esta verdade, anunciada outrora a Israel, encerra em si a perspectiva de toda a história do homem, perspectiva que é simultaneamente temporal e escatológica [Jonas 4,2.11, Salmo 145(144),9; Sirac 18,8-14; Sabedoria 11,23-12,1] (JOÃO PAULO II, 1980, p. 7, grifos nossos).

Segundo o autor, a expressão da misericórdia em Cristo segue a mesma linha dos escritos veterotestamentários, tanto por parte de Jesus Cristo que a demonstrou, como por parte daqueles que a perceberam segundo a tradição bíblica. João Paulo II (1980) escreve que:

“Cristo revela o Pai na mesma perspectiva, na perspectiva e no estado dos espíritos já preparados, como o demonstram numerosas páginas do Antigo Testamento” (JOÃO PAULO II, 1980, p. 7). Disso decorre a identidade do conceito de misericórdia no Antigo e no Novo Testamento, mesmo quando essa – como se verá – se refere à misericórdia de Jesus Cristo que, de modo semelhante ao que ocorre no Antigo Testamento, também se dá a conhecer. João Paulo II (1980, p. 7) assim expõe: “Como remate desta revelação, na véspera da sua morte, diz ao Apóstolo Filipe aquelas memoráveis palavras: ‘Há tanto tempo que estou convosco e não me conheces?... Quem me vê, vê o Pai’ (João 14,9)”.

Dessa identidade acima descrita decorre, na verdade, a exposição deste trabalho sobre a misericórdia no contexto da Bíblia Hebraica, pois o propósito é, a partir da tradição desse atributo nela contida, chegar à percepção que se pode ter dele a partir da materialidade linguística especificamente no *Evangelho segundo Lucas*.

1.3.2 Misericórdia no Novo Testamento – A visão de João Paulo II

A já mencionada tradição da crença em um “Deus compassivo e misericordioso, lento para a ira e cheio de bondade e de fidelidade” – conforme mostra Êxodo 34,6 – perpetuou na vida do povo eleito e é testemunhada nos escritos da Bíblia Hebraica. Os profetas anunciavam a vinda de um messias que viria para restaurar Israel.

Para o mundo cristão, Jesus Cristo é esse messias profetizado; não apenas o enviado de Deus, mas o próprio Deus encarnado. João Paulo II (1980, p. 2-3) escreve que: “Deste modo, em Cristo e por Cristo, Deus com a sua misericórdia torna-se também particularmente visível; isto é, põe-se em evidência o atributo da divindade, que já o Antigo Testamento, servindo-se de diversos conceitos e termos, tinha chamado ‘misericórdia’”.

Segundo o Papa, Cristo confere sentido definitivo a toda a tradição do Antigo Testamento quanto à misericórdia divina: “Não somente fala dela e a explica com o uso de comparações e parábolas, mas, sobretudo Ele próprio encarna-a e personifica-a. Ele próprio é, em certo sentido, a misericórdia” (JOÃO PAULO II, 1980, p. 3). Essa personificação da misericórdia será retomada no item “Intertextualidade estilística em Lucas” (**Ver** 4.1.2.1), nos comentários do **Quadro** 7 – Intertextualidade estilística (ou intratextualidade) em Lucas.

No início da sua vida pública, conforme narração de Lucas 4,14ss, Jesus entrou na sinagoga de *Nazaré*, cidade onde se criara, e leu as palavras do profeta Isaías: “O

Espírito do Senhor está sobre mim, porque Ele me ungiu e me enviou a anunciar a Boa-Nova aos pobres, a proclamar a libertação aos cativos e o dom da vista aos cegos, a pôr em liberdade os oprimidos e a promulgar um ano de acolhimento por parte do Senhor". Essa narração é comum a Marcos e de Mateus, e após essa primeira declaração messiânica, seguem-se os fatos e as palavras apresentados no NT. João Paulo II (1980, p. 4) argumenta que: "mediante tais fatos e palavras, Cristo torna o Pai presente no meio dos homens".

A partir da personalidade e atitudes em relação aos outros, essa presença paterna em Jesus conduz ao conceito de misericórdia. É mediante tais ações que se tem, em João Paulo II (1980), o seu conceito de misericórdia:

> Jesus revelou, sobretudo com o seu estilo de vida e com as suas ações, como está presente o amor no mundo em que vivemos, amor operante, amor que se dirige ao homem e abraça tudo quanto constitui a sua humanidade. Tal amor transparece especialmente no contacto com o sofrimento, injustiça e pobreza; no contacto com toda a "condição humana" histórica, que de vários modos manifesta as limitações e a fragilidade, tanto físicas como morais, do homem. **Precisamente o modo e o âmbito em que se manifesta o amor são chamados na linguagem bíblica "misericórdia" (**JOÃO PAULO II, 1980, p. 4, grifos nossos).

Aqui se tem o que já foi assinalado quando da exposição sobre amor, justiça e misericórdia. Foi dito que a justiça está a serviço do amor e que essa não se contrapõe à misericórdia, mas lhe vai além ao mesmo tempo em que lhe é subjacente, pois a misericórdia é a manifestação do amor divino que lhe antecede e a fundamenta. Agora se tem não uma dedução, mas uma declaração; fazendo-lhe uma paráfrase, tem-se: **na linguagem bíblica, misericórdia são o modo e o âmbito em que se manifesta o amor**.

Assim, a misericórdia expressa por Jesus difere na prática ou ideia do que se vê no seu uso corrente popular. Essa definição de misericórdia não é, por exemplo, a mesma da primeira definição do *Michaelis* (que a representa no senso comum, não no sentido evangélico): "1. Pena causada pela miséria alheia; comiseração" (MICHAELIS, 1998, p. 1387). A palavra "pena", em si, não dá a ideia de manifestar amor operante em favor do apenado. Também não seria a mesma da sua segunda definição: "2. Perdão concedido por bondade pura" (MICHAELIS, 1998, p. 1387), pois o perdão é apenas um aspecto que decorre da misericórdia. Nem mesmo equivaleria ao sentido sagrado que lhe é dado no mesmo compêndio: "Misericórdia Divina: atributo de Deus que o leva a perdoar as faltas e os pecados dos homens". Nesta última tem-se igualmente apenas o aspecto do perdão, vinculado ao pecado. Se por um lado o perdão é uma manifestação do amor divino, ou seja, é um gesto de misericórdia, por outro lado tem-se que as fragilidades e limitações humanas, físicas e morais,

não se restringem ao pecado. Como já foi citado: “a miséria do homem é também o seu pecado” (JOÃO PAULO II, 1980, p. 6); mas não se restringe a ele.

Com base na encíclica, tem-se que Jesus revela Deus que é Pai, que é ‘amor’, como escreveu o evangelista João na sua primeira Epístola (1João 4,8.16.), onde se lê: “[8] Aquele que não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor” e também: “[16]Nós conhecemos e cremos no amor que Deus tem para conosco. Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele”. Consta também que Jesus revela Deus “rico em misericórdia”, como se lê na Carta de Paulo aos Efésios (2,4.): “Mas Deus, que é rico em misericórdia, impulsionado pelo grande amor com que nos amou [...]”. Isso, para João Paulo II (1980, p. 4): “mais do que tema de ensino, é realidade que Cristo nos tornou presente”.

Segundo João Paulo II (1980, p. 4), Jesus faz da misericórdia um dos principais temas da sua pregação; e o faz especialmente através das parábolas, pois essas exprimem melhor a própria essência das coisas. Cita a parábola do filho pródigo (Lucas 15, 11-32), a parábola do bom samaritano (Lucas 10, 30-37) e, por contraste, a do servo sem compaixão (Mateus 18, 23-35). Cita também o ensinamento sobre o bom pastor que vai à busca da ovelha tresmalhada (Mateus 18,12-14; Lucas 15,3-7.), e da mulher que varre a casa à procura da dracma perdida (Lucas 15, 8-10). O autor polonês também escreve que: “O Evangelista que trata de modo particular estes temas do ensino de Cristo é **São Lucas, cujo Evangelho mereceu ser chamado ‘o Evangelho da misericórdia’”** (JOÃO PAULO II, 1980, p. 5, grifos nossos).

E é propriamente em Lucas que há duas personagens neotestamentárias que refletem em suas falas o reconhecimento que se tem do atributo divino. O papa diz que há aí duas vozes que proclamam a misericórdia divina, nas quais ecoam toda a tradição do Antigo Testamento: “A primeira destas vozes é a de Maria que, entrando em casa de Zacarias, engrandece o Senhor louvando-O com toda a alma ‘pela sua misericórdia’, da qual se tornam participantes, ‘de geração em geração’, os homens que vivem no temor de Deus” (JOÃO PAULO II, 1980, p. 8). E completa: “A outra voz é a de Zacarias que, na mesma casa, por ocasião do nascimento de João Batista, seu filho, bendizendo o Deus de Israel, glorifica a misericórdia que Ele quis ‘usar... para com os nossos pais’” (JOÃO PAULO II, 1980, p. 8). Tais fatos são posteriores à concepção de Jesus e mostram a crença da família em que ele virá a nascer e ser educado.

Em sua pregação, essa imagem herdada também dos familiares é igualmente transmitida e, segundo João Paulo II (1980, p. 8), torna-se mais simples e, ao mesmo tempo, mais profunda. Isso é evidenciado de forma especial na parábola do filho pródigo, em que a

essência da misericórdia divina aparece de modo particularmente límpido, mesmo sem constar no texto original a palavra *misericórdia*.

Segundo o autor, isso se dá não tanto pela terminologia, mas pela analogia "que permite compreender com maior profundidade o próprio mistério de misericórdia, como drama profundo que se desenrola entre o amor do pai e a prodigalidade e o pecado do filho" (JOÃO PAULO II, 1980, p. 8). Na mesma linha de raciocínio, Ivo Storniolo (1992), referindo-se a essa mesma passagem bíblica, escreve que:

> **Lucas 15 é o coração do evangelho de Lucas e, poderíamos dizer, de todo o Evangelho**. É a revelação do que Deus quer, é a revelação do que Jesus faz, e é também a revelação do julgamento que divide as pessoas entre as que aceitam e as que rejeitam a Boa Notícia que constrói a nova sociedade e a nova história (STORNIOLO, 1992, p. 140, grifos nossos).

E acrescenta que: "Este capítulo ilustra plasticamente o que João 3,16-21 diz com outras palavras" (STORNIOLO, 1992 p. 140). Trata-se, nesse caso, apenas de uma intertextualidade temática entre os dois textos evangélicos já que, explicitamente, essa parábola é exclusiva de Lucas. Já Konings (2005, p. 181) vê uma associação dessa parábola com Mateus 21,28-31; o que, pelo mesmo motivo acima, trataria também apenas de uma intertextualidade temática. Os três relatos estão em paralelo no **Quadro** 1, na sequência. As palavras nele em destaque sinalizam aproximações de percursos narrativos entre os relatos; os espaços em branco na terceira coluna auxiliam nessas aproximações.

Também na chamada "Parábola do pai misericordioso" – ou a tradicional "Parábola do filho pródigo" –, o clérigo estabelece o que se pode chamar de relação triangular entre *amor, justiça e misericórdia*, ainda que tais termos estejam ausentes de forma gráfica no texto. Segundo João Paulo II (1980, p. 8), os termos "justiça" e "misericórdia" não são usados no texto considerado original, que é o grego. Isso é relevante quando se busca especificar lexicalmente o termo *misericórdia*, diferindo-o de *compaixão* que, como se pode verificar, é usado na narrativa (Lucas 15,20). A citação constante na sequência, inserida no comentário da parábola acima referida, apresenta o vínculo estabelecido pelo autor da encíclica entre os três conceitos mencionados. Ele expõe que:

> Contudo, a relação da **justiça** com o **amor** que se manifesta como **misericórdia** aparece profundamente vincada no conteúdo desta parábola evangélica. **Torna-se claro que o amor se transforma em misericórdia quando é preciso ir além da norma exata da justiça**: norma precisa mas, por vezes, demasiado rigorosa (JOÃO PAULO II, 1980, p. 9, grifos nossos).

Quadro 1 – Paralelo temático entre Lucas, João e Mateus.

Paralelo temático entre Lucas, João e Mateus		
Lucas 15, 11-32	João 3,16-21	Mateus 21,28-31
11. E Jesus continuou. "**Um homem tinha dois filhos**. 12. O filho mais novo disse ao pai: 'Pai, dá-me a parte da herança que me cabe'. E o pai dividiu os bens entre eles. 13. Poucos dias depois, o filho mais novo juntou o que era seu e partiu para um lugar distante. E ali esbanjou tudo numa vida desenfreada. 14. Quando tinha esbanjado tudo o que possuía, chegou uma grande fome àquela região, e ele começou a passar necessidade. 15. Então, foi pedir trabalho a um homem do lugar, que o mandou para seu sítio cuidar dos porcos. 16. Ele queria matar a fome com a comida que os porcos comiam, mas nem isto lhe davam. 17. **Então caiu em si e disse**: "Quantos empregados do meu pai têm pão com fartura, e eu aqui, morrendo de fome. 18. Vou voltar para meu pai e dizer-lhe: 'Pai, pequei contra Deus e contra ti; 19. já não mereço ser chamado teu filho. Trata-me como a um dos teus empregados'. 20**. Então ele partiu e voltou para seu pai.** Quando ainda estava longe, seu pai o avistou e foi **tomado de compaixão**. Correu-lhe ao encontro, abraçou-o e o cobriu de beijos. 21. O filho, então, lhe disse: 'Pai, pequei contra Deus e contra ti. Já não mereço ser chamado teu filho'. 2. Mas o pai disse aos empregados: 'Trazei depressa a melhor túnica para vestir meu filho. Colocai-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés. 23. Trazei um novilho gordo e matai-o, para comermos e festejarmos. 24. Pois este meu filho estava morto e tornou a viver; estava perdido e foi encontrado'. E começaram a festa. 25. O filho mais velho estava no campo. Ao voltar, já perto de casa, ouviu música e barulho de dança. 26. Então chamou um dos criados e perguntou o que estava acontecendo. 27. Ele respondeu: 'É teu irmão que voltou. Teu pai matou o novilho gordo, porque recuperou seu filho são e salvo'. 28. Mas ele ficou com raiva e não queria entrar. **O pai, saindo, insistiu com ele**. 29. Ele, porém, respondeu ao pai: 'Eu trabalho para ti há tantos anos, jamais desobedeci a qualquer ordem tua. E nunca me deste um cabrito para eu festejar com meus amigos. 30. Mas quando chegou esse teu filho, que esbanjou teus bens com as prostitutas, matas para ele o novilho gordo'. 31. Então o pai lhe disse: **'Filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu**. 32. Mas era preciso festejar e alegrar-nos, porque **este teu irmão** estava morto e tornou a viver, estava perdido e foi encontrado".	16. De fato, **Deus** amou tanto o mundo, que deu o seu **Filho único**, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna. 17. Pois Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por ele. 18. Quem crê nele não será condenado, mas quem não crê já está condenado, porque não acreditou no nome do Filho único de Deus. 19. Ora, o julgamento consiste nisto: a luz veio ao mundo, mas as pessoas amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más. 20. Pois todo o que pratica o mal odeia a luz e não se aproxima da luz, para que suas ações não sejam denunciadas. 21. Mas quem pratica a verdade se aproxima da luz, para que suas ações sejam manifestadas, já que são praticadas em Deus.	28. "Que vos parece? **Um homem tinha dois filhos**. Dirigindo-se ao primeiro, disse: 'Filho, vai trabalhar hoje na vinha!' 29. O filho respondeu: 'Não quero'. **Mas depois mudou de atitude** **e foi.** 30. **O pai dirigiu-se ao outro filho** e disse a mesma coisa. Este respondeu: 'Sim, senhor, eu vou'. Mas não foi. 31. **Qual dos dois fez a vontade do pai**?"Os sumos sacerdotes e os anciãos responderam: "O primeiro." Então Jesus lhes disse: "Em verdade vos digo que os publicanos e as prostitutas vos precedem no Reino de Deus.

Fonte: Textos da Bíblia da CNBB. Versão *online.*

João Paulo (1980) defende que a atitude do pai, o seu modo de agir e a sua disposição interior permitem encontrar todos os elementos que permeiam a visão da misericórdia no Antigo Testamento, porém dá-lhe uma síntese totalmente nova, cheia de simplicidade e profundidade. Tem-se, no relato, a fidelidade a si próprio por parte do pai – traço característico conhecido pelo termo *hesed*, do Antigo Testamento – e essa se manifesta não apenas na prontidão em receber o filho que retorna após esbanjar a herança, mas especialmente na alegria e no clima de festa tão generoso que se instala com o seu regresso, fato que, segundo João Paulo II (1980, p. 9): "provoca até a inveja do irmão mais velho, que nunca se tinha afastado do pai, nem abandonado a casa paterna". O autor também diz que o profundo afeto e generosidade paternos para com o filho causaram igualmente "tanta indignação" no irmão mais velho (JOÃO PAULO II, 1980, p. 10).

Há acima três elementos trabalhados por Aristóteles na *Retórica*: a *compaixão-misericórdia*, a *inveja e a indignação*; essas três paixões foram colocadas em paralelo quando do detalhamento do capítulo 8 de *Retórica das Paixões* feito no item "As Paixões na *Retórica*" (1.2.2) deste trabalho.

Quanto a esse relato considerado central ao terceiro evangelho, o comentário da Bíblia de Jerusalém (2002, p. 1.817), traz que: "À atitude misericordiosa do pai, que simboliza a misericórdia divina, opõe-se, no filho mais velho, a dos fariseus e dos escribas, que se gabam serem 'justos' porque não transgridem nenhum preceito da lei". Percebe-se aí que esses exegetas veem nesse relato da misericórdia em Jesus uma identidade com a misericórdia do Pai.

A expressão da misericórdia divina no Novo Testamento é também encontrada nesse mesmo capítulo 15 onde se leem as parábolas que também são próprias do terceiro evangelho: a da ovelha perdida e encontrada (Cf. Lucas 15,3-6) e, na sequência, a da dracma perdida e de novo achada (Cf. Lucas 15,8-9). Daí um dos motivos para Ivo Storniolo[13] (1992) dizer que Lucas 15 é o coração do evangelho de Lucas e, por assim dizer, de todas as narrações dos quatro evangelistas. Por essa afirmação, fica também evidenciada o motivo pelo qual essa obra de Lucas é considerada o evangelho da misericórdia; o que responde a uma das perguntas desta pesquisa. O conteúdo e mensagem subjacente desse capítulo em particular expressam – como disse João Paulo II (1980, p. 8) – de maneira simples, profunda e

[13] Ivo Storniolo foi um dos coordenadores da tradução da Bíblia de Jerusalém (edição de 2002) para a língua portuguesa, tendo traduzido, a partir dos originais em hebraico e grego, os livros do Deuteronômio, Salmos, Cânticos dos Cânticos, Provérbios, Apocalipse e o próprio *Evangelho segundo Lucas* constantes nesse compêndio internacionalmente conhecido e utilizado de modo individual e acadêmico.

particularmente límpida a essência da misericórdia divina. Esse também diz que nessas parábolas é posta em evidência a mesma alegria que transparece no caso do filho pródigo.

Dada a relevância do constante no parágrafo anterior para o que se quer mostrar com esta pesquisa, as análises constantes no capítulo 4 tomaram por base o capítulo 15 de Lucas para mostrar a manifestação da misericórdia na materialidade desse evangelho. Como se verá, a partir das parábolas da "Ovelha perdida" e a da "Dracma perdida" serão configuradas diversas relações intratextuais no próprio *Evangelho segundo Lucas* e diversas relações intertextuais entre os demais evangelhos. Tais relações totalmente ancoradas na argumentação e no âmbito da Linguística Textual constituem o cerne deste estudo.

Vale notar também as peculiaridades das narrações das parábolas nesse evangelho. Segundo comentário da Bíblia de Jerusalém (2002, p. 1.817): "as parábolas de Lucas ocupam-se de indivíduos e da moral pessoal; em primeiro plano encontra-se frequentemente um anti-herói, cujo solilóquio torna-se o eixo do relato". Esse solilóquio é visto em Lucas 15,17, quando o "anti-herói" pródigo diz: "Quantos empregados de meu pai têm pão com fartura, e eu aqui, morrendo de fome!". Por sua vez, as parábolas constantes em Marcos visam, sobretudo à natureza e à vinda do reino, e as que são próprias de Mateus: "se referem em grande parte ao julgamento final ou às relações fraternas na comunidade" (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1.817).

Eis, então, um perfil da misericórdia do Novo Testamento expresso por João Paulo II:

> A misericórdia apresentada por Cristo na parábola do filho pródigo tem a característica interior do amor, que no Novo Testamento é chamado "ágape". **Este amor é capaz de debruçar-se sobre todos os filhos pródigos, sobre qualquer miséria humana e, especialmente, sobre toda miséria moral, sobre o pecado.** Quando isto acontece, aquele que é objeto da misericórdia não se sente humilhado, mas como que reencontrado e "revalorizado". O pai manifesta-lhe **alegria**, antes de mais por [sic] ele ter sido "reencontrado" e, por ter "voltado à vida". Esta alegria indica um bem que não foi destruído: o filho, embora pródigo, não deixa de ser realmente filho de seu pai. Indica ainda um bem reencontrado: no caso do filho pródigo, o regresso à verdade sobre si próprio (JOÃO PAULO II, 1980, p. 10, grifos nossos).

Pode-se observar na citação acima que, na mesma linha do Antigo Testamento, a misericórdia em Jesus Cristo, na interpretação desse autor, pode envolver todas as penúrias a que as pessoas possam estar submetidas. Mesmo estando sob fardos sociais, desordens morais e situações consideradas pecaminosas, o apenado sob a ótica da misericórdia divina é restabelecido em sua dignidade e não perde o seu valor intrínseco na relação familial com Deus. Expandindo esse raciocínio, fica transparecido que a pessoa

humana tem para o Criador um valor que lhe é inerente e que não lhe é tirado nem pelas circunstâncias de penúria e pecado nem por outras contingências degradantes da vida social. No caso da parábola, o filho – ainda que pródigo –, ao decidir e retornar ao pai torna-se um bem precioso que lhe foi restituído, ou seja, o pai torna-se mais alegre, mais rico e mais 'pai' pelo filho-bem reencontrado; por sua vez, "no caso do filho pródigo, o regresso à verdade sobre si próprio" (JOÃO PAULO II, 1980, p. 10) lhe é uma recompensa. Sob esse aspecto, humanamente falando, ambos, o filho e o pai, necessitavam um do outro e igualmente foram beneficiados com o reencontro. Aspectos e características de busca e encontro do bem perdido são retomados no capítulo 4, quando da análise das duas parábolas de Lucas, já mencionadas (**Ver** 4.1.2.2.1). Tais aspectos foram associados à caracterização da misericórdia divina.

A opinião exposta pelo autor na citação acima parece assinalar sua oposição a um pensamento corrente que ele explicita na sequência da carta; trata-se de aspectos que envolvem dignidade e aparentes assimetrias entre os que têm misericórdia e aqueles que são alvo desse sentimento em uma mesma relação. No âmbito deste trabalho tal oposição se dá implicitamente ao que Meyer (2000, p. XLVI) expõe sobre o pensamento aristotélico quanto à compaixão-misericórdia, que esse a chama de "piedade" no prefácio de *Retórica das paixões.* Veja-se, em primeiro lugar, a argumentação do clérigo. Ele escreve que:

> O que, na parábola de Cristo, se verificou na relação do pai para com o filho, não se pode avaliar "de fora". As nossas opiniões acerca da misericórdia são de maneira geral o resultado de um juízo meramente externo. Acontece até por vezes que seguindo tal critério, percebemos na **misericórdia sobretudo uma relação de desigualdade entre aquele que a exercita e aquele que a recebe**. Por consequência, somos levados a deduzir que a misericórdia degrada aquele que a recebe e ofende a dignidade do homem. **A parábola do filho pródigo persuade-nos que a realidade é diferente: a relação de misericórdia baseia-se na experiência daquele bem que é o homem, na experiência comum da dignidade que lhe é própria. Esta experiência comum faz com que o filho pródigo comece a ver-se a si próprio e às suas ações com toda a verdade (e esta visão da verdade é autêntica humildade).** Por outro lado para o pai, precisamente por isso, torna-se o seu único bem. Graças a uma misteriosa comunicação da verdade e do amor, o pai vê com tal clareza o bem operado, que parece esquecer todo o mal que o filho tinha cometido (JOÃO PAULO II, 1980, p. 10, grifos nossos).

Conforme exposto acima, veja-se, então, a argumentação de Michel Meyer fundamentando-se em Aristóteles. Esse alega que:

> A piedade volta-se para aqueles que estão relativamente próximos, mas não em demasia, sendo de temer que sua sorte negativa nos atinja. Entretanto, a **piedade concerne antes de tudo àqueles que se julgam de tal maneira acima dos outros que se mostram inconscientes das desventuras, das reviravoltas, em suma, das paixões que podem sobrevir.** Tudo o que diz respeito à desventura dos homens, forçosamente não-voluntária, excita a piedade. A piedade reflete também uma certa

> distância, embora se suponha uma participação, uma identificação (MEYER, 2000, p. XLVI, grifos nossos).

Em diversos aspectos, percebe-se nitidamente a oposição de ideias entre a argumentação dos dois teóricos. Em primeiro lugar, tem-se uma diferença fundamental sobre o próprio sentimento do pai para com o filho; esse sequer será considerado compaixão-misericórdia por Aristóteles, pois trata-se, como se viu com detalhes no item "De quem se deve ter ou não compaixão-misericórdia" (1.2.3.4), de 'parente muito próximo'; em Cristo, a parábola se torna um relato-chave para se entender claramente a realidade da misericórdia divina. Além disso, por sua vez, a misericórdia bíblica não se configura como 'sentimento' ou 'paixão', como em Aristóteles (2000), mas lhe vai além e se transforma em uma ação que brota do amor de alguém em favor de aquele que padece alguma forma de miséria humana; essa é incondicionada, não dependendo da honestidade ou outro atributo do ser que sofre, nem mesmo se tal desventura tenha sido voluntária ou 'não-voluntária', como foi parafraseado por Michel Meyer (2000), acima. João Paulo II (1980, p. 5) denomina essa atitude do amor de "realidade da misericórdia", não de sentimento, emoção ou paixão.

Antes de prosseguir, os excertos das citações dos dois autores acima são novamente considerados. Os grifos foram adicionados; as fontes são as constantes acima. Tem-se:

Excerto 1 – João Paulo II: "As nossas opiniões acerca da misericórdia são de maneira geral o resultado de um juízo meramente externo. Acontece até por vezes que seguindo tal critério, percebemos na **misericórdia sobretudo uma relação de desigualdade entre aquele que a exercita e aquele que a recebe".**

Excerto 2 – Aristóteles (paráfrase de Meyer): "Entretanto, a **piedade concerne antes de tudo àqueles que se julgam de tal maneira acima dos outros que se mostram inconscientes das desventuras, das reviravoltas, em suma, das paixões que podem sobrevir".**

Reconsiderando os dois excertos acima, é possível postular, em segundo lugar, que em Lucas não fica evidenciada essa assimetria entre as duas partes: há sim papéis diferentes de 'pai' e de 'filho', o que claramente revela o sistema patriarcal semítico do contexto evangélico. Contudo, sob um ponto de vista psicológico ou sentimental, o primeiro não se mostra ou se julga superior ao segundo, pois até mesmo se lhe submete dando-lhe a parte da herança que lhe era devida; é esse que se encheu de 'compaixão' (que aqui, como

afirmou João Paulo II, acima, não é equivalente a misericórdia, ao *hesed* veterotestamentário), corre-lhe ao encontro, demonstra-lhe seu afeto de pai e, em seu *status* de patrão, passa a servir-lhe em sua autoridade e em suas posses: túnica, anel e sandálias. Disse: "Ide depressa, trazei a melhor túnica e revesti-o com ela, ponde-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés. Trazei o novilho cevado e matai-o; comamos e festejemos" (Lucas, 15,23) (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1.817). Em relação ao filho mais velho, é também esse pai que lhe vai ao encontro quando esse se recusa a entrar na casa em festa pelo retorno do 'anti-herói': "Seu pai saiu para **suplicar**-lhe" (Lucas 15,28, grifo nosso). Quem suplica normalmente não está em atitude de altivez. Diz-lhe também: "Tudo que é meu é teu" (Lucas, 15,31), o que revela uma igualdade de posse entre os dois. Assim, pode-se perceber que as atitudes e palavras do pai não o rotulam como alguém que se julgue superior (ainda que seja, mas não 'se julga' – como afirma Aristóteles) nem em relação ao primogênito que lhe esteve sempre ao lado nem em relação ao que abandonou a sua convivência. Considerá-lo superior seria, do ponto de vista deste trabalho, fundamentando-se no que expressou João Paulo II (1980): "o resultado de um juízo meramente externo", no âmbito material e social.

Nessa contraposição entre as ideias de João Paulo II (1980) e Aristóteles (2000), pode-se ver que nem o pai se julga "de tal maneira acima dos outros" (nesse caso, dos filhos) – como mostra a parábola – nem o filho se "mostra inconsciente das suas desventuras e reviravoltas". No relato, esse próprio revela o oposto: "E **caindo em si**, disse: 'Quantos empregados de meu pai têm pão com fartura, e **eu aqui, morrendo de fome**! Vou-me embora, procurar meu pai e dizer-lhe: 'Pai, **pequei** contra o Céu e contra ti; **já não sou digno** de ser chamado teu filho. Trata-me como um dos teus empregados'" (Lucas, 15,17-19) (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1.817, grifos nossos). O sentido das palavras e expressões grifadas evidencia, nesse relato, a consciência do filho sobre sua condição psicológica, física e, pela palavra 'pequei', até mesmo de sua condição espiritual.

João Paulo II (1980) conclui sua exposição sobre a misericórdia divina no Novo Testamento ainda com base no relato considerado central do terceiro evangelho, associando-a à vida quotidiana, de maneira prática e real na vida comunitária e individual, tendo a mesma uma finalidade concreta em mudança de estado de aquele que lhe é o alvo. Em suas palavras tem-se que: "A parábola do filho pródigo exprime, de maneira simples mas profunda, a realidade da conversão, que é a mais concreta expressão da obra do amor e da presença da misericórdia no mundo humano" (JOÃO PAULO II, 1980, p. 10). Pode-se inferir que isso caracteriza singularmente a misericórdia divina expressa por Jesus Cristo, distinguindo-a, por exemplo, de *piedade*, *emoção*, *paixão*; essa não serve como base para um

julgamento, mas para uma ação concreta e favorável ao que padece. Isso o Papa deixa bem claro em sua encíclica quando escreve que:

> **O verdadeiro significado da misericórdia não consiste apenas no olhar, por mais penetrante e mais cheio de compaixão que seja, com que se encara o mal moral, físico ou material**. A misericórdia manifesta-se com a sua fisionomia característica quando reavalia, promove e sabe tirar o bem de todas as formas de mal existentes no mundo e no homem (JOÃO PAULO II, 1980, p. 10, grifos nossos).

Para o autor, a misericórdia, "entendida desta maneira, constitui o conteúdo fundamental da mensagem messiânica de Cristo e a força constitutiva da sua missão. Desta mesma maneira entendiam e praticavam a misericórdia os discípulos e seguidores de Cristo" (JOÃO PAULO II, 1980, p. 11). Essa citação é particularmente relevante para o propósito deste estudo em descrever a misericórdia no âmbito do Novo Testamento; descrevendo-a a partir das palavras e atitudes do Messias presentes em Mateus, Marcos, Lucas e João, essa tradição se manterá – ainda que com oscilações de ênfase segundo os diferentes autores, contextos de produção e destinatários – na pregação e escritos dos "discípulos e seguidores" de Jesus, nominalmente os *Atos dos Apóstolos*, as Cartas Paulinas, as Cartas Católicas, *Carta aos Hebreus* e *Livro do Apocalipse*. João Paulo II (1980, p. 11) defende que: "a misericórdia nunca cessou de se manifestar nos seus corações e nas suas obras, como prova particularmente criadora do amor, que não se deixa 'vencer pelo mal', mas vence 'o mal com o bem' (Romanos 12,21)". Ele fecha o terceiro capítulo da sua encíclica fazendo uma ponte entre o que se ensinou a respeito da misericórdia e a necessidade que se tem da sua prática na atualidade. Conclui: "É preciso que o rosto genuíno da misericórdia seja sempre descoberto de maneira nova. Não obstante vários preconceitos, a misericórdia apresenta-se como particularmente necessária nos nossos tempos" (JOÃO PAULO II, 1980, p. 11).

CAPÍTULO 2 – O *EVANGELHO SEGUNDO LUCAS* EM RELAÇÃO AOS DEMAIS

Este segundo capítulo objetiva, dentro dos limites propostos, descrever o *Evangelho segundo Lucas* dentro de alguns aspectos que são comuns entre Linguística Textual e Estudos Bíblicos. Ambos levam em consideração o contexto de produção do escrito, o autor, os destinatários da obra. Essa caracterização se dá, sobretudo, pelos diversos contrastes de conteúdo, estilo e forma, que se criam em relação aos demais evangelhos.

Alerta-se que, juntamente com aspectos linguísticos presentes nesta seção, tem-se aqui, também, uma descrição não delimitada, sob uma perspectiva exegética que reflete naturalmente a linguagem e pensamento dos especialistas da área bíblica e suas convicções. Suas ponderações teológicas são igualmente consideradas e, de fato, são algumas dessas que são analisadas com o intuito de se verificar como se manifesta linguisticamente no compêndio lucano certas realidades defendidas teologicamente.

É importante ressaltar que este trabalho não questiona, reivindica, acusa ou defende as variadas e possíveis percepções das realidades teológicas presentes nos evangelhos; também não põe em dúvida os fatos narrados; apenas descreve alguns de seus textos dentro da pertinência dos objetivos estabelecidos e, daí, chega a conclusões linguísticas a partir da sua materialidade literária e dentro das possibilidades que os textos oferecem sob um horizonte cristão, católico, protestante e ortodoxo, pois essa é uma baliza determinante do pensamento do mundo ocidental atual, ainda que isso se dê de forma inconsciente.

As fontes da teoria da Linguística Textual para esta pesquisa fazem interseções com outras de origem bíblico-teológica, pois a misericórdia divina encontra-se também – evidentemente – nesse âmbito. Contudo, essa se encontra implícita ou expressamente materializada em texto produzido por autores humanos, com todas as implicações que disso decorrem. Assim, neste capítulo, há argumentações de – por exemplo – teólogos, comentaristas bíblicos, filósofos, historiadores, que se entrelaçam com aquelas dos linguistas textuais. Pondera-se, contudo, que as análises constantes no capítulo 4, dentro da especificidade que se busca, estão ancoradas no âmbito da Linguística.

Vale notar que mesmo que a teologia tenha seu objeto de estudo em âmbito transcendente, essa é área de conhecimento estabelecido, com métodos de análise

sistematizados. Propriamente na leitura de descrições de cunho teológico sobre o *Evangelho segundo Lucas*, percebeu-se o quanto elementos da Linguística, ainda que com terminologia diferente, são aplicados pelos estudos bíblico-teológicos.

Como exposto, o objetivo geral deste estudo é mostrar em termos lexicais e semânticos da misericórdia divina presente em particular no compêndio lucano, o denominado terceiro evangelho, o que leva necessariamente a contrapô-lo com as outras narrações evangélicas de Mateus, Marcos (os chamados primeiro e segundo evangelho, respectivamente) e João, o quarto na sequência canônica. Este capítulo constitui a base para as análises constantes no capítulo 4.

Devido à questão sinótica, como se verá ainda neste capítulo, pode-se, com fundamentação literária e teológica, restringir em determinadas questões à comparação com as obras de Mateus e Marcos, visto que o quarto evangelho em si já se distingue classicamente dos demais. Dessa forma, este capítulo contém a descrição em especial de Lucas, mas, dentro da perspectiva intertextual, descreve também as obras de Mateus e Marcos. As intertextualidades neles se fazem de modo claro e, ao mesmo tempo, intrigante, o que proporciona rico material para análises cronológica, vocabular, estilística e de conteúdo próprio de cada evangelho, mesmo que todos esses relatem a vida de uma mesma pessoa, Jesus Cristo.

O conceito de intertextualidade aplicado é extraído de Ingedore Koch (2007). Para essa autora, o fenômeno da intertextualidade pode ser entendido da seguinte forma:

> Todo texto é um objeto heterogêneo, que revela uma relação radical de seu interior com seu exterior; e, desse exterior, evidentemente, fazem parte outros textos que lhe dão origem, que o predeterminam, com os quais dialoga, que retoma, a que alude, ou a que se opõe (KOCH, 2007, p. 59).

Sendo uma análise dentro da perspectiva da Linguística Textual, necessariamente emergem as amplas configurações genéricas nos evangelhos que, em si, já constituem um gênero. A esse respeito, tem-se a argumentação de Hans Robert Jauss (1970 apud VIGNER, 1988, p. 32) de que:

> Toda obra literária pertence a um gênero, o que significa afirmar pura e simplesmente que toda obra supõe o horizonte de uma expectativa, isto é, de um conjunto de regras pré-existentes para orientar a compreensão do leitor e lhe permitir uma compreensão apreciativa.

E tal afirmação se aplica a todo e qualquer texto. Esse fenômeno é destacado nos escritos neotestamentários, em particular nos evangelhos e nas Epístolas, pois seus autores tiveram – e alguns explicitamente declaram isso – o objetivo de ensinar ou repassar a pregação recebida de Jesus.

Essa mensagem da vida messiânica foi repassada, descrita ou testemunhada sob diversas modalidades, como cânticos, orações, documentos, provérbios, ditos proféticos, pregações, genealogias, sermões, parábolas, testemunhos. E essa atividade dialogal não se restringe aos escritos neotestamentários, mas é recorrente nos diversos livros bíblicos. Propriamente quanto a isso, tem-se a seguinte afirmativa:

> A multiplicidade de gêneros textuais se faz presente em toda a Bíblia. No Antigo Testamento, por exemplo, podemos encontrar: orações, documentos, mitos, narrações, fábulas, novelas, sagas, lendas, provérbios, ditos proféticos, cânticos, poesia popular, salmos, etc. Já no Novo Testamento, encontramos: evangelhos (considerado um gênero híbrido), epístolas, parábolas, *midrashes*, livros escatológicos, genealogias, entre outros (FIGUEIREDO, 2007, p. 135).

Assim, para que os destinatários dos escritos evangélicos obtivessem a "compreensão apreciativa" – usando as palavras de Jauss, acima – dos textos atualmente considerados sagrados, esses poucos leitores da época tinham o que a Linguística Textual chama de *competência metagenérica*, isto é, a capacidade do falante de construir na memória um modelo cognitivo de contexto, que lhe faculte reconhecer diferentes gêneros e saber quando recorrer a cada um deles, usando-os de maneira adequada (KOCH et al., 2008, p. 63).

Além de levar em consideração a ótica dos gêneros textuais, a descrição empreitada nesta seção enquadra-se na perspectiva teórica que privilegia interação autor-texto-leitor que concebe leitura como:

> Atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo (KOCH, 2006, p. 10).

Na sequência, há alguns comentários de Oscar Battaglia[14](1984) que ilustram bem a mencionada interseção entre diferentes áreas do conhecimento. Inicialmente tem-se a consideração do comentarista de que:

[14] Comentarista bíblico italiano de renome internacional, com várias obras traduzidas, entre outras línguas, para o português e inglês. Devido à profundidade de seus comentários e aos numerosos teóricos que ele congrega em seus trabalhos, o seu livro *Introdução aos Evangelhos* constitui um dos principais utilizados nesta descrição dos evangelhos.

> Nunca nenhum livro na história suscitou sobe si tanta veneração, tanto interesse e tanto amor, como os Evangelhos. Foram livros lidos durante séculos na liturgia ou em particular, constituindo-se no alimento espiritual de várias gerações. Tudo isso porque o mundo cristão, católico, protestante e ortodoxo, considerou os Evangelhos como livros de ensinamento religioso revelado, como livros inspirados, que contêm a verdadeira história e o verdadeiro ensinamento de Jesus (BATTAGLIA, 1984, p. 47).

E a respeito dessa inspiração divina na composição dos evangelhos, ele acrescenta, em sequência da sua apresentação, que Deus fala uma linguagem humana. Para ele: "A Bíblia, e nela os Evangelhos, é a mensagem divina expressa em uma linguagem humana da qual conserva os limites e as imperfeições". Completa o raciocínio com as seguintes palavras: "Se se deseja conhecer o pensamento de Deus, **precisa-se necessariamente passar pela atividade literária do homem que ele escolheu como colaborador**" (BATTAGLIA, 1984, p. 51, grifos nossos).

Na perspectiva desse autor, essa atividade literária do homem ocorre de forma histórica, contextual, dentro de uma sociedade simultaneamente modeladora e modelada pelo pensar humano. Esse colaborador leva seu "mundo" para sua obra que tem, assim, um contexto de produção, que motivou o seu surgimento, e um destinatário que abordará tal mensagem igualmente dentro das suas circunstâncias de recepção. Conhecer características desse autor/colaborador, do contexto de produção da sua obra e os seus destinatários em primeiro plano permite uma ampliação da construção de sentido por parte de um leitor situado em outro contexto. Tais procedimentos estão no domínio da crítica. Essa é, para Battaglia (1984, p. 51): "a ciência que dá possibilidade de emitir um juízo sobre uma obra literária que, embora não deixando de ser palavra de Deus, é também fruto da atividade do homem". Para se chegar ao julgamento de um escrito, essa crítica bíblica tem, segundo esse autor, um percurso recorrente, pré-estabelecido que lhe possibilite empreitar sua missão. Em suas palavras, eis o método em suas etapas como consta em seu trabalho:

> Para que o juízo seja verdadeiramente válido é necessário **antes de tudo** encontrar o texto genuíno dos evangelhos na selva de manuscritos que no-lo haviam transmitido desde a antiguidade, purificando-o dos erros e das modificações mais ou menos voluntárias dos copistas. **Esta é a missão da crítica textual.** Encontrado o texto autêntico, o mais aproximado possível daquele que saiu da mão do escritor sacro, **é necessário interpretá-lo, procurando a intenção do autor através dos modos e meios de expressão por ele usados,** que são os da língua e da literatura do seu tempo. **É isto que se propõe fazer a crítica literária. Finalmente,** este estudo literário deve incluir uma **pesquisa histórica sobre o autor e seu ambiente cultural e religioso**. Para isso, é preciso colocar o mais possível o livro no seu contexto histórico original, para da crítica histórica, que conta com a ajuda da história antiga, da geografia e da arqueologia (BATTAGLIA, 1984, p. 51, grifos nossos).

Esse autor expõe que foi dessa forma que os estudiosos católicos iniciaram o estudo crítico dos evangelhos, o que, segundo ele, ainda traz muitos frutos no campo científico e religioso (BATTAGLIA, 1984, p. 51).

É dentro dessa perspectiva de busca metódica a respeito dos antecedentes, contemporaneidade influenciadora, motivações para essa escrita considerada canônica e receptores imediatos das mensagens nela contidas que se faz a descrição pontual do *Evangelho segundo Lucas* e, consequentemente, por força da intertextualidade presente na Bíblia, dos outros dois sinóticos.

A seção seguinte apresenta os antecedentes que determinaram a caracterização do *Evangelho segundo Lucas* e, por conseguinte, daqueles segundo Mateus e Marcos. Por sua identidade particular, o *Evangelho segundo João* é apenas citado, mas certas narrações suas são também colocadas em paralelo com suas correspondentes nos outros três. Isso ocorre sobretudo no capítulo 4.

2.1 OS EVANGELHOS: HISTÓRICO E CONTEXTO DE PRODUÇÃO

Foi vista na seção acima a cogitação de Battaglia (1984) de que se alguém deseja conhecer o pensamento de Deus expresso na Bíblia, esse deve necessariamente passar pela atividade literária do autor-colaborador. Dada a quantidade de livros que a Bíblia contém (45 para os judeus, 66 para os protestantes e 72 para católicos e ortodoxos), têm-se igualmente uma grande quantidade desses colaboradores sagrados. Para o Novo Testamento em particular, há quatro obras canônicas que transmitem a mensagem de Jesus Cristo em forma de um relato de sua vida, os chamados *evangelhos*. Esses se colocam sob um ponto de vista especial de análise, pois são quatro narrações anônimas atribuídas a autores distintos (BÍBLIA DO PEREGRINO, 2006), escritas em ambientes e datas razoavelmente diferentes, com propósitos diferentes segundo os destinatários, e todas a respeito da vida de uma só pessoa, o próprio filho de Deus, segundo as Escrituras.

Essa colaboração humana na formatação dos evangelhos está descrita na sequência. Houve, como será exposto, uma colaboração não só divino-humana, mas também uma cooperação colaborador-colaborador implícita, pois as intertextualidades estão materializadas e perceptíveis, sobretudo quando se tem acesso não a apenas traduções fidedignas, mas aos próprios textos considerados originais ou a cópias fiéis dos mesmos.

2.1.1 A questão das fontes e a origem dos quatro evangelhos

Antes de se iniciar uma descrição dos evangelhos e, por assim dizer, dos evangelistas, vale notar algo que o comentarista Battaglia (1984) diz a respeito dos autores bíblicos. Esse autor, ao mesmo tempo em que apresenta considerações da crítica literária, deixa transparecer também o caráter sagrado dos textos evangélicos com o qual ele lida. Consta em sua obra que:

> Os autores dos quatro Evangelhos não foram estenógrafos que seguiram a Cristo ou aos apóstolos. Embora respeitando suas características e os temas da catequese apostólica, eles não foram apenas cronistas, mas verdadeiros historiadores capazes de nos fazer reviver uma experiência humana irrepetível e introduzir-nos no mistério de Cristo. Foram escritores empenhados e teólogos que aprofundaram a vida e a mensagem de Jesus, Filho de Deus, e Salvador. Há em suma um só Evangelho de Jesus Cristo, porque uma é a história da pregação dele, mas há também um "Evangelho segundo Mateus", um "Evangelho segundo Marcos", um "Evangelho segundo Lucas" e um "Evangelho segundo João", porque quatro foram as experiências de Cristo vividas pelos evangelistas (BATTAGLIA, 1984, p.75).

Battaglia (1984, p. 75) considera também que a obra de cada evangelista articulou-se em duas etapas: a primeira constituiu-se de uma pesquisa cuidadosa; a segunda, a escolha do material tendo em vista um fim.

Segundo Battaglia (1984), a origem dos evangelhos está arraigada na primeira comunidade cristã (p. 63) e sob o controle dos apóstolos (p. 64) que mantiveram uma tradição em sua pregação (p. 65). Segundo ele, essa pregação apostólica continha *formas* (p. 68), *conteúdo* (p. 69) e um *estilo* oral: "É justamente desta pregação que tiramos quase todos os elementos da catequese presente nos Evangelhos" (BATTAGLIA, 1984, p. 70). Continua sua exposição e afirma que:

> Esta correspondência, entre a catequese evangélica e a de Paulo e dos Atos, confirma que estamos diante de uma comunidade cristã zelosa em confirmar e transmitir o testemunho a pregação autêntica dos apóstolos, e não diante de uma comunidade anônima, que livremente cria mitos. Os Evangelhos originaram-se, portanto, de uma fiel coleção de tradições e documentos escritos, já fixos nos seus esquemas e muitas vezes também nos detalhes do vocabulário (BATTAGLIA, 1984, p. 70).

Por essa exposição do autor, vê-se que a identidade entre os evangelhos não se dá apenas pelo tema da vida de Jesus, mas também pela sua pregação continuada dentro de uma tradição de aqueles que se dedicaram a fazer tal, e – como consta na citação – com zelo. Vê-se que os quatro 'colaboradores' na composição dos evangelhos dispunham já de

elementos materiais, esquemas e, em alguns casos, de um repertório de e expressões que faziam parte da ação evangelizadora da época.

É relevante para os propósitos desta pesquisa o que o autor afirma acima a respeito de que a pregação dos evangelizadores tinha destinatários reais imediatos, e não – conforme afirmado – uma comunidade anônima. Se, conforme afirmou Battaglia (1984), a pregação tinha seus destinatários, os evangelhos – que segundo esse autor também tiveram suas origens nessas pregações apostólicas – também tinham seus destinatários. Isso é relevante quando se fala da recepção do texto bíblico: não obstante o alcance universal da mensagem, cada um foi escrito para um público em particular. Também pode-se inferir que se a comunidade não era anônima, teve-se uma intenção com essa comunidade; e essa intenção do autor também deve ser levada em consideração quando um leitor, dentro de contextos completamente diferentes, faz uma (re)leitura de um fragmento neotestamentário.

Finalizando seu comentário sobre a questão da origem comum dos quatro evangelhos, Battaglia (1984) conclui que se a maior parte do *kerygma*[15] e da catequese apostólica está presente nos evangelhos, pode-se dizer, então, que: "o *kerygma* constitui o esquema histórico – a estrutura dos quatro Evangelhos escritos –, e a catequese – com sua fraseologia típica e as verdades –, preenche os esquemas" (BATTAGLIA, 1984, p. 70).

2.1.2 A identidade entre os sinóticos

Conforme já assinalado, dos quatro evangelhos, três deles (Mateus, Marcos e Lucas) se mostram particularmente parecidos em seu conteúdo e forma, de tal maneira que: "é relativamente fácil dispô-los em três colunas paralelas e lê-los de uma única olhada. Convenciou-se então chamá-los de 'sinóticos', da palavra grega *synóptikos*, que significa justamente 'percebido com uma só olhada'" (BATTAGLIA, 1984, p. 52). Segundo esse autor, os sinóticos: "apresentam os mesmos fatos fundamentais da vida de Jesus, escolhidos com um critério comum e organizados na mesma ordem". Devido a esse fato, apresentam um esquema narrativo idêntico, estando articulado como mostra o **Quadro** 2, na sequência.

[15] "O *kerygma* foi a primeira forma de pregação; 'um anúncio solene' (segundo a etimologia da palavra grega) feito aos não-cristãos para suscitar neles a fé cristã" (BATTAGLIA, 1984, p. 68).

Quadro 2 – Esquema narrativo dos sinóticos baseado em Battaglia (1984, p. 52).

Esquema narrativo dos evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas:
1. pregação do batista e início da vida pública de Jesus,
2. ministério na Galileia,
3. viagem de Cristo a Jerusalém,
4. narração da paixão, morte e ressurreição.

Segundo o autor, esse esquema comum é reforçado por uma sequência idêntica, mais pormenorizada, também nas seções isoladas. Assim, nesses evangelhos há uma idêntica "sucessão de fatos na descrição do início da vida pública de Jesus, a mesma série de milagres no ministério da Galileia, as mesmas etapas na viagem a Jerusalém, os mesmos fatos e muitas vezes os mesmos detalhes nas narrações da paixão-ressurreição" (BATTAGLIA, 1984, p. 52). Esse esquema é diferente daquele existente na obra joanina. O autor afirma ser ainda mais surpreendente a identidade de vocabulário em algumas descrições, especialmente no uso de "construções raras, e nas citações do Antigo Testamento, que não provém nem da tradução grega alexandrina, nem do texto oficial hebraico" (BATTAGLIA, 1984, p. 52).

2.1.3 A diversidade nos sinóticos

Logo após expor sobre o que seja comum entre as obras, o comentarista bíblico italiano expõe igualmente sobre o que caracteriza tais obras: a diversidade entre os três primeiros evangelhos. Esse autor afirma: "cada evangelista tem um material próprio não transmitido por outros. Assim Mateus tem cerca de 330 versículos exclusivamente seus. Marcos tem somente 30 e Lucas 548" (BATTAGLIA, 1984, p. 53). Como será exposto, dados numéricos envolvendo livros, capítulos e versículos não são uniformes entre autores.

Esse mesmo biblista relata que algumas vezes os evangelhos atribuídos a Mateus, Marcos e Lucas não seguem a mesma ordem na disposição cronológica dos fatos, o que dificulta o estabelecimento de uma cronologia da vida de Jesus; "Não é possível, de fato, reconstruir uma perfeita sucessão dos eventos como seria desejável" (BATTAGLIA, 1984, p. 53). Ele relata também que as diferenças na descrição das palavras pronunciadas por Jesus

dificultam a reconstrução de certos fatos em seus detalhes e o encontro das palavras precisas pronunciadas por Jesus, como por exemplo aquelas presentes na formulação das bem-aventuranças, nas conclusões das parábolas, na oração do *Pai* e nas fórmulas de consagração eucarística (BATTAGLIA, 1984, p. 53). Esse comentarista bíblico diz que a partir da observação desses fenômenos, Santo Agostinho (354-430) falava de "*concordância discorde*", atribuindo a causa à influência recíproca de cada escritor, e à orientação da inspiração de Deus. Os itens iniciais do capítulo 4, sobre intertextualidades temáticas e estilísticas entre os evangelhos, expandem essa questão das concordâncias e especificidades, sobretudo no grupo sinótico. O estilo lucano enfatiza diversos temas e subtemas que particularizam esse evangelho. Os itens seguintes expõem outras informações sobre o tópico.

2.1.4 Contribuições da intertextualidade na cronologia dos sinóticos

A partir de esquemas e configurações que atualmente encontram-se sistematizados pela Linguística Textual e englobados pelo tema da intertextualidade, a crítica bíblica católica cogitou uma sequência cronológica de composição dos sinóticos. Ao contrário da ordem bíblica canônica Mateus/Marcos/Lucas, tem-se Marcos/Mateus/Lucas. Battaglia (1984) não usa os termos linguísticos acima; essa é uma inferência que se faz a partir da leitura da sua argumentação transcrita na sequência. A hipótese que ele apresenta reflete a teoria atualmente aceita entre os especialistas em Bíblia. O autor expõe que, através de estudos comparativos dos evangelhos, percebeu-se que, em sua brevidade, o evangelho de Marcos, pela presença de técnicas do estilo oral e de algumas frases semíticas, mostrava mais evidências da primitiva catequese apostólica. Battaglia expõe que o evangelho de Marcos:

> tinha os sinais mais evidentes de originalidade. O seu esquema era o dos discursos de Pedro referidos nos Atos dos Apóstolos, e as suas narrações cheias de simplicidade e de uma vivacidade pitoresca, espelhavam a simplicidade do chefe dos apóstolos. Porque os outros evangelistas seguem Marcos na organização dos seus escritos, pensou-se que o de Marcos fosse o primeiro dos Evangelhos. Além disso, a hipótese explicava bem como Marcos se encontra refletido nos outros dois sinóticos. Caso se pensasse numa prioridade de Mateus ou Lucas, seria difícil explicar como Marcos pudesse deixar de lado tanto material [...] que os outros traziam (BATTAGLIA, 1984, p. 54).

O autor prossegue e afirma que Mateus e Lucas trazem de fato um abundante material em comum que evidencia origens comuns (BATTAGLIA, 1984, p. 54).

Consoante com esse autor, Johan Konings[16] (2006, p. x) escreve que o estudo desse fenômeno é denominado de "questão sinóptica" e que essa é "a melhor explicação que se encontrou para o filologicamente comprovado parentesco literário dos três primeiro evangelhos". Segundo o autor:

> Nos anos 30-60 ter-se-iam cristalizado, primeiro na pregação oral e depois por escrito, pequenas unidades e breves coleções de sentenças do Mestre Jesus e também de suas principais atividades, sobretudo os milagres que comprovavam a autoridade de sua palavra. Entre essas coleções, uma pôde ser identificada a partir de seu uso em Mt e Lc: a fonte que os eruditos alemães chamaram de *Longienquelle*, ou *Quelle* (=Q), a "fonte dos Ditos" (de Jesus), contendo *os ditos de João Batista e de Jesus*. [...] Por volta de 65-70 d.C., Marcos teria regido por escrito a tradição narrativa a respeito de Jesus. Surgiu assim o primeiro evangelho escrito dentre os que nos foram preservados. Depois da destruição do Templo, por volta de 80, Mt e Lc teriam escrito os evangelhos, independentemente um do outro, porém usando as mesmas fontes literárias, a saber, as duas acima mencionadas:
> – o evangelho de Marcos (Mc);
> – a *Quelle* (Q).
> Além destas fontes literárias (Mc e Q), Mt e Lc apresentam cada qual matérias particulares, que podem provir das tradições particulares ou da própria atividade redatorial
> (a "redação") dos respectivos evangelistas (KONINGS, 2006, p. x).

Battaglia (1984) observa que essa "hipótese das duas fontes" trazidas à luz no início do século XIX era aceita pelos críticos católicos e protestantes. Konings (2006, p. x) faz notar que "ela é aceita pela maioria dos especialistas do Novo Testamento hoje".

Na sua obra, Battaglia (1984) mostra também que o estilo oral da catequese dos apóstolos está refletido nos escritos bíblicos. Diz que a tradição oral de aqueles que foram testemunhas oculares e das igrejas deixou sinais inconfundíveis nos sinóticos, e que Marcos: "reflete claramente a pregação viva e pitoresca de Pedro, mas também os outros têm trechos narrativos e catequéticos escritos em um estilo oral reconhecível no ritmo, no paralelismo e nas mnemotecnias[17] (BATTAGLIA, 1984, p. 55).

Analisando essa exposição do comentarista bíblico italiano sob a ótica da Linguística Textual, percebe-se a consonância com o que Mikhail Bakhtin (2000) teoriza sobre gênero levando em conta o processo de construção de enunciados. Em sua obra consta:

---

[16] Doutor em Teologia e Mestre em Filologia Bíblica pela Universidade Católica de Lovaina/Bélgica. Atualmente é professor dos cursos de mestrado e doutorado do Instituto Santo Inácio (ISI-CES), em Belo Horizonte. Preparou para a Editora Loyola a *Tradução Ecumênica da Bíblia* (TEB).

[17] A esse respeito, esse autor comenta em outro ponto da sua obra que: "O ritmo e o paralelismo das frases ajudam a memória e são indispensáveis para conservar fielmente um ensinamento num ambiente que vive ainda um estágio de civilização da palavra e não do papel. Segundo um ritmo e paralelismo de tipo oral, são certamente formulados os ensinamentos de Jesus no discurso da montanha (Mt 5,3-20), as recomendações aos apóstolos (Mt 10,5-42), as instruções sobre a oração (Lucas 11,9-10) e muitos outros trechos" (BATTAGLIA, 1984, p. 71).

> Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana […]. O enunciado **reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas**, não só por seu **conteúdo (temático)** e por seu **estilo verbal**, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais –, mas também, e sobretudo, por sua **construção composicional** (BAKHTIN, 2000, p. 279, grifos nossos).

Isso ilustra, como já foi assinalado, o quanto a exegética e a teologia usam de recursos linguísticos em suas análises. Parte do trabalho analítico com o *corpus* será feito com base no tripé bakhtiniano exposto acima, ou seja: *conteúdo temático*, construção *composicional* e *estilo*. O que consta na sequência da descrição baseada em Battaglia (1984) está diretamente ligado ao contexto de produção conforme explora a Linguística Textual.

2.1.5 Contribuições do conceito de gênero na descoberta da origem dos sinóticos

Battaglia (1984, p. 56) defende que o estudo literário dos evangelhos revelou que sua origem teve um horizonte vasto e variado, e que: "os evangelhos resultaram de uma documentação vasta e complicada, presente no ambiente da Igreja Apostólica preocupada em transmitir a mensagem de Jesus por todos os meios". Pondera, contudo, que os estudos somente sob o ponto de vista literário não explicavam suficientemente a questão; para o autor, seria necessário descobrir o ambiente histórico onde eles tiveram origem (BATTAGLIA, 1984, p. 56). Ele explica a razão para tal procedimento da seguinte forma:

> Entre a vida de Jesus e a composição dos Evangelhos transcorreram umas dezenas de anos de pregação viva, de reflexão e de experiência da Igreja. As diferentes situações históricas das igrejas favoreceram a formação de esquemas diversos de pregação e de documentos parciais como: elencos de **profecias** realizadas por Jesus, **coletâneas de milagres**, de **parábolas**, de **ditos**, de **narrações** mais ou menos ricas em particularidades e de aplicações práticas, **textos litúrgicos**, pequenos **catecismos** para a instrução dos neófitos, **coletâneas de ensinamentos** morais correspondentes às várias casuísticas dos vários ambientes (BATTAGLIA, 1984, p. 58, grifos nossos).

Percebe-se, nessa citação, a referência a gênero e tipologia textuais. Quanto a esses em destaque na citação acima, o mesmo autor complementa que os quatro evangelhos, os *Atos dos Apóstolos*, as Cartas do Novo Testamento e as mais antigas tradições cristãs contêm diversos exemplos (BATTAGLIA, 1984, p. 58). Dessa forma, segundo a mesma

fonte, tornou-se cada vez mais evidente que: "os evangelistas tinham reelaborado o material existente, selecionando-o e adaptando-o à finalidade religiosa que cada um deles tinha estabelecido para si". Assim, apesar de apresentarem os mesmos fatos fundamentais da vida de Jesus, escolhidos com um critério comum e organizados na mesma ordem, como já assinalado, "cada Evangelho tinha características próprias, que espelhavam a índole e as ideias individuais do autor" (BATTAGLIA, 1984, p. 59). Contudo, nesse ponto, o exegeta destaca que apesar de serem composições resultantes de diversos documentos e tradições, os evangelhos não são miscelâneas ou composições desordenadas e arbitrárias. Para Battaglia (1984, p. 60), tudo prova que os 'colaboradores' de Deus fizeram uma verdadeira obra de pesquisa histórica, com interrogações de testemunhas oculares e estudo de documentos da tradição dos apóstolos.

Nos evangelhos, segundo o autor, pode-se perceber: "a presença de conjuntos artificiais de fatos e palavras e o uso diferente que cada evangelista faz de um idêntico material. Os apóstolos usaram as palavras e os fatos de Jesus de modo diferente, sem modificar porém o significado fundamental" (BATTAGLIA, 1984, p. 72). Battaglia explica que isso é devido ao fato de que eles estavam diante de situações históricas diferentes daquelas enfrentadas por Jesus e que a "adaptação concreta de uma mesma mensagem cristã a situações diversas sem modificar-lhes a substância" se deve à responsabilidade e experiência dos escritores e à ação divina.

Concluindo o seu raciocínio sobre a identidade e diversidade dos evangelhos, Battaglia (1984) faz uma consideração relacionada ao que a Linguística Textual classifica como *competência metagenérica*[18], já mencionada. Eis o comentário:

> A finalidade dos evangelistas não foi, antes de tudo, escrever história. Eles ficaram fiéis à história, mas só como pressuposto e como base dos seus ensinamentos prevalentemente religiosos. Por isso, os seus escritos não devem ser lidos como livros de história, mas como livros de catequese e teologia (BATTAGLIA, 1984, p. 60).

Pela exposição do comentarista bíblico italiano, a identidade e a diversidade dos três primeiros evangelhos decorrem do fato de que os evangelistas procuraram responder a duas exigências fundamentais: à fidelidade ao Jesus da história e à interpretação da sua mensagem para os seus contemporâneos (BATTAGLIA, 1984, p. 61).

[18] "Capacidade do falante de construir na memória um modelo cognitivo de contexto, que lhe faculte reconhecer diferentes gêneros e saber quando recorrer a cada um deles, usando-os de maneira adequada" (KOCH, 2007, p. 63).

Battaglia afirma que é diante dos diferentes ouvintes/destinatários que se deve buscar a explicação das diversas escolhas de material por cada evangelista, os diferentes conjuntos de fatos e palavras, a especial insistência sobre determinados temas preferindo-os a outros. Escreve também que: "Nem tudo, porém é fruto da iniciativa dos autores dos Evangelhos: muitas destas escolhas e preferências são dos pregadores dos quais provêm os escritos" (BATTAGLIA, 1984, p. 73).

Assim, para o exegeta, aqueles conjuntos comuns aos sinóticos, como as parábolas (Mateus 13; Marcos 4; Lucas 8; 13), os milagres (Mateus 8; 14; Marcos 4-5; Lucas 8-9) e os fatos da paixão e ressurreição são certamente de origem apostólica, e portanto, pré-evangélica (BATTAGLIA, 1984, p. 73). Os conjuntos dos milagres, por exemplo, mostram a necessidade de fornecer provas convincentes da messianidade e da divindade de Cristo; daí a "seleção de várias espécies de milagres operados por Jesus na Galileia, que, por serem os primeiros, marcaram mais profundamente a memória dos apóstolos" (BATTAGLIA, 1984, p. 73). Esses são reduzidos aos elementos históricos indispensáveis e escolhidos pela semelhança do seu esquema narrativo.

A partir dessas considerações, tem-se uma prévia configuração da questão intertextual dos sinóticos: "Cada evangelista além de selecionar um material comum a cada catequese apostólica, recolheu de viva voz, de um apóstolo ou do ambiente eclesial vizinho a ele, material original considerado útil ao seu livro" (BATTAGLIA, 1984, p. 74).

E, finalmente, chega-se a uma explicação corrente e aceita pelos diferentes especialistas da área bíblico-teológica a respeito das semelhanças entre os evangelhos:

> A tradição nos diz, confirmando o estudo interno de cada Evangelho, que **Mateus recolheu a pregação palestinense, Marcos a de Pedro, Lucas a de Paulo nas igrejas da Ásia, João a que é própria do ambiente helenístico**. Só se tivermos presentes estas diversas situações e experiências é que compreenderemos grande parte do material sinótico e do mais original, o recolhido por João (BATTAGLIA, 1984, p. 74, grifos nossos).

Consta em um opúsculo da Diocese de Montes Claros (1998, p. 5) que Marcos foi o primeiro a escrever, por volta do ano 70; esse tem 680 versículos. Lucas, que conhecia Marcos, escreveu por volta do ano 80. Posteriormente, na composição do seu evangelho, Lucas tomou 424 versículos de Marcos; Lucas tem 1.149 versículos. Mateus escreveu na mesma época que Lucas, mas, segundo a mesma fonte, esses dois escritos são independentes; não há evidência textual de que um conhecia o outro. Mateus tomou 600 versículos de Marcos, ou seja, quase todo o texto de Marcos; Mateus tem 1.068 versículos.

Esses números que expressam a quantidade de versículos intertextuais nos evangelhos não são consensuais entre algumas obras consultadas. Isso de deve à divisão de alguns versículos e à versão bíblica usada para comparação, o que concorre para o surgimento de diferenças. Assim, neste presente estudo, quando há divergência, são citados os números e as fontes. Independentemente dessa questão numérica, fica evidente a questão das relações de intertextualidades entre os escritos sinóticos. Além disso, nesse aspecto, o que conta para esta pesquisa não é a subdivisão do texto em versículos, mas o próprio texto comum entre os escritos. Parte das análises constantes no capítulo 4 decorre dessas relações intertextuais.

Conforme exposto acima, no interior do Novo Testamento, o texto de Marcos se torna uma fonte de citação para os outros evangelistas sinóticos. Mas, como assinalado por Battaglia (1980), cada evangelista apresenta novidades em relação a outro.

Quanto a isso, no livro-documento da Diocese de Montes Claros (1998, p. 5) tem-se que Lucas e Mateus, ao escreverem seu evangelho, se basearam em anotações que não foram usadas por Marcos, pois tanto Lucas quanto Mateus escreveram discursos de Jesus que não estão em Marcos, como o constante em Lucas 6,20-49 e Mateus 5,1-7,27. Segundo a mesma fonte acima, consoante com Battaglia (1984) e Konings (2006), Lucas e Mateus usaram uma mesma fonte de informação, além de se basearem no texto de Marcos (DIOCESE DE MONTES CLAROS, 1998, p. 5).

2.1.6 Conhecendo Lucas a partir do conjunto sinótico

O objetivo deste estudo é descrever especificamente a mensagem da misericórdia linguisticamente materializada no *Evangelho segundo Lucas*. Conforme faz notar Frederico Dattler (2008), no prefácio à segunda edição da sua obra *Sinopse dos Quatro Evangelhos*, a respeito da leitura dos evangelhos, pode-se compreender ou distinguir melhor a narração de um determinado episódio contido nesses quando o mesmo é contraposto aos seus paralelos. O autor expõe o seu ponto de vista de que:

> Cada um dos quatro evangelhos será mais bem compreendido quando confrontado diretamente com os seus paralelos. As palavras de Cristo ganharam com a transmissão múltipla por várias testemunhas. Somos por demais habituados a citar certas passagens segundo um só dos quatro evangelhos e nem suspeitamos o quanto perdemos com esse descuido (DATTLER, 2008, p. V).

Pode-se inferir das palavras desse autor que a aplicação do conceito de intertextualidade à leitura dos evangelhos possibilita um alargamento da construção de sentido pelos seus leitores.

Consoante com o autor da citação acima, Battaglia (1984, p. 76) expõe que Jesus escolheu doze apóstolos e cada qual percebeu e teve uma experiência pessoal com o Mestre, pois diferentes eram as suas personalidades, culturas e os seus sentimentos. Daí que, não surpreendentemente, cada evangelho tem um material histórico comum e, também, "um material próprio, uma perspectiva diferente dos fatos, uma conclusão distinta das parábolas bem como uma composição diversa dos discursos" (BATTAGLIA, 1984, p. 76). Como será mostrado, o fenômeno da intertextualidade se faz presente em diversos níveis e modalidades, sejam temáticas, sejam estilísticas.

Consta no item "A questão das fontes e a origem dos quatro evangelhos" (2.1.1) que a obra de cada evangelista articulou-se em duas etapas: a primeira constituiu-se de uma pesquisa cuidadosa; a segunda, a escolha do material tendo em vista um fim. Nessa segunda fase, tendo em vista o que foi mencionado no parágrafo antecedente, fica perceptível o trabalho personalizado que cada escritor bíblico faz na ordenação diferente dos fatos e dos discursos recolhidos. A esse respeito, Battaglia (1984, p. 76, grifos nossos) afirma que:

> É fácil comprovar como cada qual deles sistematiza o material recolhido de maneira original, levando em conta **exigências pessoais**, **históricas** e dos **leitores** aos quais o livro é dirigido. Paralelamente a uma sucessão comum de eventos segundo o esquema cronológico da vida de Jesus e o esquema lógico do *kerygma*, cada Evangelho tem uma ordem que podemos chamar de teológica.

Quanto à cronologia dos episódios referentes à vida de Jesus, Dattler (2008), esclarece que:

> Os quatro evangelistas atêm-se à ordem temporal dentro da qual se desenrolou a vida terrestre de Jesus, desde a infância até a ascensão ao céu. Mas no momento em que penetramos nos pormenores, arrostamos sérias dificuldades em dispor a matéria cronologicamente (DATTLER, 2008, p. VI).

A dificuldade mencionada pelo autor não é uniforme ao longo das descrições dos episódios narrados nos evangelhos segundo Mateus, Marcos, Lucas e João. Dattler, (2008, p. VI) pondera que:

> Na história da infância a tarefa é relativamente fácil; nos inícios da vida pública é ainda possível estabelecer uma certa ordem cronológica sob a orientação do 4º Evangelho. Na própria VIDA PÚBLICA, porém, é simplesmente impraticável.

Se se considerar a citação acima sob uma perspectiva linguística, fica implicitamente marcada, na exposição do autor, a questão dos dêiticos temporais como elementos linguísticos que, pela sua ambiguidade, dificultam o estabelecimento da cronologia almejada. Abaixo, tem-se a sequência da citação Dattler (2008 p. VI) afirmando que:

> Também aqui [Falando a respeito das narrações da vida pública de Jesus] não faltam indicações como estas: "No dia seguinte" ou "Depois disto", mas nada nos servem para descobrir a sequência segura dos acontecimentos. Mal julgamos ter descoberto uma pista real, quando já se perdeu como numa selva sem caminho

Dattler (2008) expõe também em seu trabalho sinóptico que, não obstante a obscuridade cronológica dos episódios evangélicos pode-se ressaltar certo número desses que se assemelham a pistas, embora sem início nem fim. Dattler (2008, p. VI) ressalta que*:*

> O teatro principal da atividade de Cristo foi a província da Galileia. – Umas três vezes antes da última viagem para Jerusalém, Jesus dirigiu-se à província da Judeia e à Cidade Santa. – Foi provavelmente depois da primeira multiplicação dos pães que ele se retirava temporariamente para as bandas de Tiro e de Sidônia (Fenícia). – Retomando o caminho para a Galileia, Jesus passa pelo território da Decápole. – Outra vez, encontramo-lo junto às nascentes do Jordão, em Cesareia de Filipe. – Demorava-se ainda, uma ou mais vezes, na região transjordânica da Pereia. A partir da derradeira viagem a Jerusalém até a ascensão, a ordem cronológica torna-se mais manifesta, embora não fiquem excluídas algumas incertezas e arbitrariedades.

Tais inseguranças e arbitrariedades atuais podem decorrer de objetivos diferentes entre quem escreveu e os diversos tipos de leituras que podem ser realizadas. Battaglia (1984) pondera que o objetivo do evangelista não era apenas o de escrever uma biografia de Jesus, pois os documentos que os evangelistas podiam usar não eram biográficos, mas catequéticos. Nesse mesmo ponto, esse autor comenta que os evangelistas:

> Procuravam comunicar uma experiência histórica e religiosa, feita mais de ensinamentos do que de crônicas. Muitas vezes eram simples coleções de ensinamentos, parábolas, milagres e fatos, sem uma verdadeira coleção cronológica e sem nexos estritamente topográficos, difíceis de serem colocados nos vários momentos da vida de Jesus. Todavia tratava-se de fatos históricos. [...] Os evangelistas não quiseram romper aquelas unidades pré-existentes, compostas para fins didáticos, e as recolocaram, muitas vezes livremente, no esquema cronológico geral da vida de Jesus (BATTAGLIA, 1984, p. 77).

Contudo, a reinserção desses trechos não foi aleatória. O comentarista italiano diz que: "cada comunidade cristã tinha problemas particulares de ordem religiosa para serem resolvidos num contexto cultural particularmente sensível a determinadas ideias e visões da vida" (BATTAGLIA, 1984, p. 77). Ao escreverem organicamente as suas narrações, os

evangelistas tiveram de considerar aquelas exigências e aquela cultura; tiveram de harmonizar duas exigências fundamentais: a fidelidade histórica à mensagem de Cristo e a adaptação às necessidades religiosas dos destinatários dos seus evangelhos (BATTAGLIA, 1984, p. 77).

Na argumentação acima, percebe-se que o evangelista, naturalmente inserido no contexto de produção, leva em conta os destinatários e o ambiente onde esses se encontram. Isso, conforme já comentado, se alinha à perspectiva teórica que privilegia a interação autor-texto-leitor.

2.2 O *EVANGELHO SEGUNDO LUCAS*

O *Evangelho segundo Lucas* é o terceiro na ordem canônica neotestamentária, sendo composto por 24 capítulos e 1.149 versículos. É o mais longo evangelho, embora Mateus tenha um maior número de capítulos, mas com apenas 1.084 versículos. Essa seção mostra como esse livro tão popular nos chegou com sua atual configuração.

Trata-se de um compêndio considerado sagrado para o mundo cristão, ainda que obra anônima. Segundo McKenzie (1983, p. 559), o valor histórico de Lucas pode ser comprovado de modo excelente pela sua maneira de lidar com Marcos, ao qual é ele fiel, embora conserve a liberdade de usá-lo ou não. O biblista norte-americano acrescenta que Lucas não distorce nem deturpa a realidade de Jesus nem os acontecimentos que toma de Marcos e que seria gratuito e destituído de fundamento afirmar que o evangelista manipula as outras fontes que não podem ser comparadas com ele, ainda que de maneira diferente. O autor faz constar que a modificação teológica do evangelho em Lucas é óbvia e não poderia ser negada; não se trata, porém, de uma distorção. Lucas não teve a pretensão de que seu evangelho pudesse substituir outros e ser considerado o único relato autêntico a respeito de Jesus (MCKENZIE, 1983, p. 559). Isso, de fato, pode ser visto no prólogo ao seu evangelho (Lucas 1,1-4) quando escreve: "**Visto que muitos já tentaram compor uma narração dos fatos** que se cumpriram entre nós [...] a mim **também** pareceu conveniente, após acurada investigação de tudo desde o princípio, escrever de modo ordenado..." (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1.786, grifos nossos).

Tendo por base o escrito lucano, o biblista postula que esse evangelista considerou que as tradições evangélicas que conhecia não conseguiam apresentar Jesus em seu todo de forma facilmente compreensível para cristãos helenistas: "Por isso, usou material

novo e reelaborou o antigo. Já que o único e o mesmo Jesus emerge em Lucas como emerge em Mateus-Marcos, seria capcioso questionar a fidelidade de Lucas" (MCKENZIE, 1983, p. 559). De fato, em Lucas, assim como em Mateus (12,4-6), quando Jesus foi questionado a respeito da sua identidade, se ele seria "aquele que há de vir", Jesus preferiu responder (Lc 18,22): "Ide contar a João o que vedes e ouvis: os cegos recuperam a vista, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e aos pobres é anunciado o Evangelho" (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002). Isto é, Jesus mostrou sua identidade através de atos de misericórdia; conforme mencionado, a misericórdia de Deus corporiza-se em Cristo (BÍBLIA SAGRADA, 2006, p. 1.521). Ele se torna a própria misericórdia.

Essas questões apenas apresentadas superficialmente são aprofundadas à medida que se apresentam mais detalhes sobre o autor em seu contexto histórico-geográfico de redação e os destinatários. O seu texto, resultado dessas faces linguísticas, também é apresentado no final deste capítulo.

2.2.1 O autor propriamente: Lucas

Este subitem reúne informações sobre o autor do terceiro evangelho constantes nas fontes consultadas; várias delas são da argumentação exegética cristã. Os estudos bíblicos não apresentam dados definidos sobre os autores dos evangelhos e, como se verá, os escritos lhes são apenas atribuídos. A análise empreitada sobre a materialidade linguística da misericórdia em Lucas centra-se em seu texto, prescindindo da sua biografia. Neste trabalho, sobretudo no âmbito analítico, emprega-se o nome Lucas referindo-se a quem escreveu o terceiro evangelho e o livro *Atos dos Apóstolos*, independentemente das atribuições históricas que ora lhe são dadas, ora lhe são tiradas em algumas referências.

John L. McKenzie, autor do renomado *Dicionário Bíblico*, apresenta em sua obra um resumo das principais tradições sobre quem seria o autor Lucas. Um aspecto chave exposto por ele e que deve ser destacado é que a "evidência interna não demonstra a autoria de Lucas; ela, porém, está bem de acordo com a atribuição tradicional; esse foi escrito para cristãos gentios e é obra do mesmo homem que escreveu Atos" (MCKENZIE, 1983, p. 555).

Inicialmente o autor apresenta referências ao evangelista que são externas ao Novo Testamento. Segundo McKenzie (1983, p. 555), o terceiro evangelho é atribuído a Lucas por uma "tradição que remonta a Marcião e ao Cânone de Muratori, do século II, e a

um prólogo antimarcionita acrescentado ao evangelho em data incerta, mas situado por muitos exegetas no século II e em Roma" (MCKENZIE, 1983, p. 555). Diz também que essa mesma tradição se encontra em Irineu, Tertuliano, Clemente de Alexandria, Orígenes, Eusébio e Jerônimo, mas essa não pode ser comprovada. Diz também que a própria obscuridade de Lucas no Novo Testamento sugere que ela se apoie numa lembrança autêntica.

Na sequência das informações externas, esse dicionarista bíblico apresenta o que consta de Lucas no volume neotestamentário. Escreve que Lucas aparece como amigo e companheiro de trabalho de Paulo em Colossenses 4,14 ("Saúda-vos Lucas, o caríssimo médico, e Demas".); 2.ª Timóteo 4,11 ("Só Lucas está comigo. Toma contigo Marcos e traze-o, porque me é bem útil para o ministério".); Filêmon 24 ("assim como Marcos, Aristarco, Demas e Lucas, meus colaboradores".). Ivo Storniolo (1992), um dos tradutores da Bíblia de Jerusalém para a língua portuguesa, diz que desde o século II o testemunho da Igreja é unânime em afirmar que o autor do maior conjunto de escritos neotestamentários é Lucas. Cita igualmente as três referências dadas por McKenzie (1983) e expõe que Lucas seria o "querido médico" que acompanhava Paulo em suas viagens e com ele esteve preso nas perseguições. Segundo Storniolo (1992, p. 9), a confirmação disso é encontrada no livro dos Atos, "em que o autor começa, a certo momento, a usar o 'nós', o que nos leva a supor que ele acompanhava Paulo nas viagens (veja Atos 16,10-17; 20,5-15; 21,1-18; 27,1-2,16)". Esse autor também diz que Lucas era grego, um homem de certa posição (médico) que conhecia muito bem a língua grega; e que alguns acham que ele escreveu seu evangelho em Antioquia da Síria, entre os anos 80 e 90 d.C. (STORNIOLO, 1992, p. 9).

Na descrição do *Evangelho segundo Lucas* na Bíblia Sagrada (2001), tradução da CNBB, seção denominada "Introdução ao Evangelho de Lucas", tem-se que: "O terceiro Evangelho (Lc) foi escrito por Lucas, que também escreveu os Atos dos Apóstolos (compare Lc 1,1-4[19] com Atos 1,1-2[20]) e foi companheiro de Paulo (Colossenses 4,14; Filêmon 2,24; 2Timóteo 4,11)" (BÍBLIA SAGRADA/CNBB, 2001, p. 1.346).

Em livro-documento da CNBB (*Hoje a salvação entra nesta casa: o evangelho de Lucas*), encontra-se que:

---

[19] "[1]Muitos tentaram escrever a história dos fatos ocorridos entre nós, [2] assim como nos transmitiram aqueles que, desde o início, foram testemunhas oculares e, depois, se tornaram ministros da palavra. [3] Diante disso, decidi **também eu, caríssimo Teófilo**, redigir para ti **um relato ordenado**, depois de ter investigado tudo cuidadosamente desde as origens, [4] para que conheças a solidez dos ensinamentos que recebeste" (BÍBLIA DA CNBB, versão *online*, grifo nosso).

[20] "[1]No **meu primeiro livro, ó Teófilo, tratei de tudo que Jesus fez e ensinou**, desde o começo [2] até o dia em que foi elevado ao céu, depois de ter dado instruções, pelo Espírito Santo, aos apóstolos que havia escolhido" (BÍBLIA DA CNBB, versão *online*, grifo nosso).

> Lucas é um homem que se entusiasmou pela pessoa e pelo projeto de Jesus. [...] Mas ele não conheceu Jesus pessoalmente. Nem pertencia ao povo judeu. Nos seus escritos, percebe-se que Lucas é uma pessoa muito culta e sensível. Conhece bem a Bíblia e é bom escritor (CNBB, 1997, p. 24).

Cita igualmente a sua profissão segundo a tradição e as referências bíblicas internas já mencionadas (cf. Cl 4,14; Fl 24; 2Tm 4,11; Atos 16,10s; 20,6s). Acrescenta que*:*

> Lucas não é o primeiro a escrever um Evangelho. Ele tem consciência clara disso, pois ele mesmo diz que "muitos tentaram escrever a história dos fatos ocorridos entre nós ..." (1,1). Bem antes dele, Marcos já havia escrito o seu "Princípio do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus (1,1), em Roma, aí pelo ano 70 d.C. (CNBB, 1997, p. 24).

Ao mesmo tempo em que apresenta uma informação sobre Lucas, o livro-documento da Diocese de Montes Claros (*Uma ajuda para ler o evangelho de Lucas: rumo ao novo milênio*), faz um ponderação de que não há evidências de que Lucas tenha conhecido Jesus, e faz um questionamento:

> Também Lucas não nasceu nem viveu na terra onde Jesus viveu. Então, podemos fazer esta pergunta: em que informações Lucas se baseou para escrever seu evangelho? (DIOCESE DE MONTES CLAROS, 1998, p. 5)

A resposta a esse questionamento constante nessa citação – ou seja, em que informações Lucas se baseou para escrever seu evangelho? – é apresentada na seção seguinte.

2.2.1.1 As fontes do autor Lucas

Consta em McKenzie (1983, p. 556) que há um amplo consenso sobre o fato de que a principal fonte de Lucas é Marcos. Esse autor escreve que estatísticas apresentadas por Alfred Wikenhauser evidenciam a extensão da dependência. Lucas tem um total de 1.149 versículos; desses, 548 lhes são peculiares. Lucas tomou cerca de 350 versículos dos 661 versículos de Marcos. Cerca de 325 versículos de Lucas são comuns a Mateus-Lucas e não a Marcos.

Como já apresentado e explicado anteriormente, esses números de versículos não são consensuais; nem por isso deixam de revelar as fontes usadas pelo evangelista grego

para a sua composição hoje canônica. John McKenzie (1983) também delineia que o *prólogo* ao *Evangelho segundo Lucas*:

> menciona "muitos" que escreveram narrativas da vida de Jesus, baseados em tradições dos que, "desde o princípio, foram testemunhas oculares e ministros da Palavra" (1,1-2). Os "muitos" (que em gr. basta significar mais de um) certamente incluem Mt; não é certo – e muitos críticos chegam a duvidar do fato – que Lc tenha conhecido o nosso evangelho de Mateus em gr. **Há um consenso geral de que as coleções escritas de ditos e narrativas foram compostas antes de nossos evangelhos, e Lc poderia ter tido acesso a elas.** Uma fonte deste tipo foi sugerida de várias maneiras (MCKENZIE, 1983, p. 556, grifos nossos).

Na sequência, esse mesmo autor expõe algo sobre as fontes do que seria específico de Lucas, como será mostrado no item "Singularidade do *Evangelho segundo Lucas*". Expõe que Schlatter, Rengstorff, Cerfaux, e outros acreditam que a maioria dos assuntos, se não todos, específicos de Lucas constavam em um *"evangelho dos discípulos"* surgido nos grupos de discípulos palestinenses e que se distinguia do "evangelho dos Doze", melhor ilustrado por Marcos. Essa fonte, segundo Schlatter, foi elaborada logo depois do ano 55 por um discípulo que fora testemunha ocular dos acontecimentos (MCKENZIE, 1983).

Finalizando sua exposição sobre as fontes do *Evangelho segundo Lucas*, McKenzie (1983) cita a hipótese de B. H. Streeter – pouco aceita entre os especialistas – que propôs uma forma mais antiga do evangelho, que ele chamou de Proto-Lucas. Mckenzie (1983, p. 556) conclui sua exposição sobre esse tópico e expõe que a maioria dos exegetas defende que:

> Os temas de Lucas provêm de fontes diversas e esparsas, tanto orais quanto escritas. At mostra que Lc esteve na Palestina durante algum tempo, e isto deve ter-lhe proporcionado oportunidade para reunir tradições orais palestinenses transmitidas por contemporâneos de Jesus.

De forma concorrente, contudo mais simplificada, o texto do documento da Diocese de Montes Claros (1998, p. 5) mostra também que o próprio Lucas diz ter feito pesquisa para escrever (Lc 1,3). A quantidade de versículos intertextuais é divergente e, por isso, são aqui inseridos para comparação. Constam nesse documento as três fontes de informação do autor: a primeira seria o texto de Marcos que já estava escrito, do qual toma 424 versículos (McKenzie, acima, citou cerca de 350 versículos); a segunda fonte, conforme o documento, foram as informações sobre o que Jesus disse, pois certamente, muitos que conviveram com Jesus procuraram escrever as sua palavras.

Além dessas duas fontes, que são as mesmas citadas por Battaglia (1984) e Konings (2006), o documento apresenta a hipótese de uma terceira fonte de informação devido ao fato de que há no terceiro evangelho cerca de 500 versículos que não estão nem em Marcos nem em Mateus. A hipótese é de que se trata de anotações com antigas tradições que circulavam nas comunidades de Antioquia, da Síria, ou em Éfeso, nas quais Lucas "se baseia quando escreve a parábola do Bom Samaritano (Lucas 10,29-37), a parábola do Filho Pródigo (Lucas 15,11-31), Zaqueu (Lucas 19,1-10), o rico e Lázaro (Lucas 16,19-31),etc." (DIOCESE DE MONTES CLAROS, 1998, p. 5).

Aliadas às fontes gerais para a composição dos sinóticos, essas são as informações específicas sobre as fontes do autor Lucas. Na Linguística Textual, um autor tem sempre um leitor ou leitores. A seção seguinte trata desses destinatários.

2.2.2 Os destinatários do *Evangelho segundo Lucas*

Antes de apresentar as informações dadas pelos autores de estudos bíblicos sobre a quem se dirige o escrito lucano, tem-se uma consideração sob a perspectiva utilizada na Linguística Textual. A mesma será retomada e expandida no item "Gêneros" (3.1), sob gênero textual, e trata da questão do enunciado e seus destinatários. Bakhtin expõe que:

> Ter um destinatário, dirigir-se a alguém, é uma particularidade constitutiva do enunciado, sem a qual não há, e não poderia haver, enunciado, e é sob a influência do destinatário e de sua presumida resposta que o locutor seleciona <u>todos</u> os recursos linguísticos de que necessita (BAKHTIN, 1992, p. 325-326, grifo do autor).

Para a linguista Beth Brait (2008, p. 95), a concepção de destinatário é, para o autor da citação acima, um aspecto essencial para o dimensionamento de qualquer análise da linguagem.

Como se verá neste subitem, há um alinhamento de concepções entre o que afirma o filósofo russo, acima, e o que expõem os biblistas.

Os destinatários de um texto geralmente se encontram dentro de um ambiente histórico-geográfico. Ao falar dos destinatários do terceiro evangelho, John McKenzie (1983, p. 556) inicia expondo sobre o período histórico de produção do contexto imediato dos leitores da obra do evangelista grego. Esse expõe que não há precisão nem sobre a data nem

sobre o local da redação do *Evangelho segundo Lucas*. Cita que, para Irineu, essa obra foi escrita antes da morte de Paulo (ano 67); mas Jerônimo, baseando-se em Eusébio, situa sua composição após o martírio de Paulo, em Roma.

Segundo o biblista norte-americano, alguns críticos modernos defendem uma data por volta de 63, ou entre 63 e 70, mas a maioria prefere uma data posterior ao ano 70. Para o mesmo, há muito pouca probabilidade que a redação desse evangelho tenha sido posterior ao ano 90.

Na obra da CNBB (1997), consta que, ao contrário de Marcos, Lucas escreve em outro lugar, não em Roma, e que a época de composição é a dos anos 80. Cogita-se por volta de 85. Consta nesse documento que: "após o Evangelho, Lucas escreveu também os Atos dos Apóstolos. Os dois livros formam uma obra em dois volumes" (CNBB, 1997, p. 26).

Na descrição desse evangelho na Bíblia Sagrada (2001), da CNBB, consta-se que Lucas escreveu após a destruição do templo de Jerusalém (70 dC), mais ou menos no mesmo tempo de Mateus, que escreve para comunidades de judeu-cristãos. Lucas, ao contrário, tem como destinatários as "igrejas fundadas por Paulo (com Silas, Timóteo, Tito e outros) no mundo da cultura grega (ou helenista). De acordo com essa cultura, Lucas redigiu uma "história" (enquanto Marcos compôs um resumo do anúncio e Mateus uma catequese a partir do tema da Lei)" (BÍBLIA SAGRADA/CNBB, 2001, p. 1346).

Quanto ao local de redação, "ninguém sabe com certeza onde ele escreve o evangelho, porque não há informações totalmente seguras a respeito. Mas é certo que é fora da Palestina, terra onde Jesus vivera e onde e onde começaram as comunidades cristãs" (CNBB, 1997, p. 26). Consta também que a realidade das comunidades para as quais Lucas escreve era bem diferente daquela do tempo de Jesus; essas eram situadas no mundo do império romano, talvez na região da atual Grécia ou Turquia, são compostas por pessoas de origem não judaica, pelo menos na sua maioria. "Já não se está mais no tempo das origens. Muita coisa mudou na compreensão da fé e na organização das comunidades. Não se pode repetir simplesmente o que Jesus disse e fez. A realidade agora é outra" (CNBB, 1997, p. 27).

Quanto aos destinatários, porém, não há divergência, já que: "as características literárias e as perspectivas teológicas de Lc mostram, sem sombra de dúvidas, que sua obra é a de um gentio-cristão que escreve para cristãos de origem gentílica" (MCKENZIE, 1983, p. 556).

Em consequência disso: "o terceiro evangelista sempre omite ou então explica os pormenores e costumes dos judeus. Ele escreve para pagãos que não iriam entender o mundo judaico" (STORNIOLO, 1992, p. 9).

Em contraste com a descrição sucinta feita por John McKenzie, acima, o livro-documento da CNBB (1997) apresenta um panorama bem mais amplo, inserindo nesse o contexto social, político e religioso. Pela importância do vínculo que tal descrição cria com o conceito de misericórdia que se analisa, tal descrição se encontra resumida na sequência. Inicialmente há referências históricas sobre a evangelização no mundo greco-romano. Nesse compêndio da CNBB (1997, p. 26), consta que:

> A missão dos primeiros cristãos fez surgir muitas novas comunidades fora da pátria de Jesus. Primeiramente, os missionários se dirigem aos judeus que viviam na Diáspora, ou seja, que estavam espalhados pelo mundo do império romano. Não tiveram o sucesso esperado. Ao contrário, houve muitos atritos com judeus fiéis à sinagoga. Por causa disso, os missionários cristãos reforçaram o trabalho com os não-judeus, os chamados gentios. As comunidades a quem se dirige Lucas são formadas, pelo menos em sua maioria, por pessoas oriundas deste ambiente do mundo Greco-romano. O próprio Lucas é um cristão não-judeu

O compêndio esclarece que o contexto político-cultural não é favorável às comunidades. Nesse há outras propostas de salvação: pelo poder, dinheiro, cultura, prestígio. Nele, *salvador* é o imperador, o rico, o sábio. "O pobre, o fraco e inculto não têm valor. A tentação de reproduzir essa mentalidade nas comunidades é grande. A maioria das pessoas dessas comunidades é gente que antes também orientava sua vida por essa mentalidade pagã" (CNBB, 1997, p. 27).

No âmbito religioso, esse espaço já tinha sido alvo da pregação de Paulo. O próprio Lucas, conforme consta nos escritos bíblicos, foi seu companheiro de evangelização. No documento, consta que Paulo teve um relacionamento difícil com outros missionários (cf. Gl1-1 e 2 Cor 10-13) e, no tempo de Lucas, muitos ainda olhavam as comunidades de origem paulina com desconfianças. Diziam "que Paulo não era apóstolo e que sua linha de evangelização não estava de acordo com Pedro e os demais apóstolos. As comunidades por ele formadas não seriam, portanto, dignas de confiança. Ora, Lucas é dessas comunidades" (CNBB, 1997, p. 28). Finalizando essa contextualização, esse livro-documento expõe que:

> O "mundo" das comunidades que recebem este Evangelho é de verdadeiros abismos sociais. Há gente rica, muito rica. Gente que faz festa todo dia e se veste luxuosamente. E há, também, muitos pobres. Gente que não recebe nem as migalhas que caem da mesa dos ricos (cf. Lc 16,19-31). Estes contrastes tinham entrado na própria comunidade (CNBB, 1997, p. 29).

Outra descrição desses leitores-alvo é empreendida por Storniolo (1992). Ele apresenta não somente uma questão externa e geral de destinação, mas também aquela sob

uma perspectiva de um leitor que busca uma mensagem no texto lucano. Esse tradutor bíblico inicia relatando que, internamente, em sua obra, segundo o costume da época: "Lucas dedicou seu livro a um certo Teófilo (Lucas 1,3; Atos 1,1-2), certamente uma pessoa de posição, um mecenas de influência que certamente teria patrocinado a produção e a difusão da obra de Lucas" (STORNIOLO, 1992, p. 10). Esse tradutor bíblico pondera que:

> Contudo, é lendo Lucas que encontraremos os verdadeiros destinatários. Lucas tem uma grande preocupação social e dedica muita atenção às pessoas. E sua preferência está sempre ao lado dos pobres, dos humildes e pequenos, e principalmente os marginalizados, os pecadores públicos e as mulheres – estas que eram tão ausentes da vida social no mundo palestino (STORNIOLO, 1992, p. 10).

Quanto a esse aspecto dos destinatários, pondera-se que a civilização da época vivia a oralidade, com poucos leitores imediatos, alfabetizados. Por questões explicadas pela História, havia mais ouvintes que propriamente leitores. Tratando-se do público-alvo de Lucas, que são inclusive os desfavorecidos, conforme descrevem os especialistas, o acesso direto aos escritos seria raro. Esse se dava, sobretudo num ambiente litúrgico, como o próprio Lucas narra nos *Atos dos Apóstolos* (2,42): "Eles mostravam-se assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações" (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1.905).

Luís Mosconi (1997, p. 32), na mesma linha social de Storniolo (1992), considera que os destinatários de Lucas são "pessoas e comunidades localizadas em grandes cidades, onde havia fortes contrastes sociais, com uma minoria de privilegiados e uma maioria de excluídos e marginalizados". E, consoante com esses dois, consta no texto do documento diocesano que:

> Lucas não escreve para judeus, pois não tem preocupação de lembrar os costumes judeus, por exemplo; lavar as mãos. Pelo contrário, Lucas mostra muita simpatia pelos pagãos, pecadores e estrangeiros; mostra mais carinho com as cidades judaicas (Lucas 10,12-16). Em Lucas 10,1-11, Jesus proíbe os discípulos de entrarem nas cidades dos samaritanos e dos pagãos, como em Mateus 10,5-6. Em Lucas 9,51-55, Jesus repreende Tiago e João que queriam incendiar um povoado dos samaritanos (DIOCESE DE MONTES CLAROS, 1998, p. 6).

Neste item, são essas as considerações sobre os destinatários do *Evangelho segundo Lucas*. As duas seções anteriores apresentaram o autor Lucas e o ambiente histórico-geográfico de sua redação. Apesar de já ter sido assinalado ao longo deste trabalho, na perspectiva autor-texto-leitor que se empreende, faz-se necessário um detalhamento do texto do *Evangelho segundo Lucas*. Esse será apresentado na sequência.

2.2.3 O texto do *Evangelho segundo Lucas*

Esta seção faz uma descrição específica do *Evangelho segundo Lucas* dentro dos limites propostos. Essa leva em consideração, como já assinalado e mostrado, o contexto de produção, o autor propriamente dito e os destinatários da sua obra. De certa forma, essa caracterização já se iniciou pelos diversos contrastes e semelhanças com os outros dois evangelhos do grupo sinótico.

Dado que o objetivo primário desta pesquisa é mostrar linguisticamente a misericórdia divina – uma realidade divino-humana – no compêndio lucano, cabe-se não apenas uma descrição da superfície textual, mas também de outros diversos aspectos que envolvem a relação Criador-criatura, como visto no item "Misericórdia no Antigo Testamento" (1.3.1), bem como a relação entre os indivíduos no âmbito social.

Diversas edições bíblicas trazem descrições dos variados livros que compõem esse compêndio sagrado. Na sequência, há determinadas descrições constantes em algumas dessas introduções. Trata-se mais de uma apresentação dos conteúdos, pois a maior parte das considerações constará no capítulo das análises.

Inicialmente, encontra-se na Bíblia de Jerusalém (2002, p. 1.699) que:

> O mérito particular do terceiro evangelho lhe é dado pela personalidade cativante se seu autor, que nele transparece sem cessar. São Lucas é escritor de grande talento e alma delicada. Realizou sua obra de modo original, com preocupação pela informação e pela ordem (1,3). Isso não significa dizer que tenha podido dar aos materiais recebidos da tradição um arranjo mais "histórico" que Mateus e Marcos.

No mesmo comentário do compêndio acima, assinala-se, de imediato, o que distingue Lucas em relação a Marcos. A diferença mais notável é a longa seção mediana formada por 9,51–18,14. Tal seção, segundo essa fonte, é apresentada:

> sob a forma de subida para Jerusalém com o auxílio de notações repetidas (9,51; 13,22; 17,11; cf. Mc 10,1), e onde se verá menos a lembrança real de diferentes viagens do que **a insistência proposital sobre uma ideia teológica cara a Lucas: a Cidade santa é o lugar em que se deve realizar a salvação** (9,31; 13,33; 18,31; 19,11); foi nela que o Evangelho começou (1,5s) e é lá que deve terminar (24,52s) [...] e é de Jerusalém que deve partir a evangelização do mundo (24,47; At 1,8). Em sentido mais largo, é a subida de Jesus (e do cristão) para Deus (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1.699, grifos nossos).

Logo na sequência, tem-se a apresentação de aspectos diretamente associados com os propósitos de análise deste estudo. Tem-se que outros traços literários de Lucas

consistem no "emprego dos gêneros do simpósio (7,36-50; 11,37-54; 14, 1-24) e do discurso de despedida (22,14-38), seu gosto pelos paralelismos (João Batista e Jesus: 1,5-2,52) e pelas inclusões, e o esquema promessa-cumprimento que pontua o relato" (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1699). Tem-se no mesmo compêndio que:

> Se prosseguirmos em minúcia a comparação de Lucas com Marcos e Mateus, observamos diretamente a atividade sempre desperta de **escritor que se sobressai em apresentar as coisas de um modo que lhe é próprio, evitando ou atenuando aquilo que pode chocar a sua sensibilidade ou a dos seus leitores** (8,43 comp. com Mc 5,26; omissão de Mc 9,43-48; 13,32 etc.), ou então evitando o que possa ser pouco compreensível (omissão de Mt 5,21s; Mc 15,34 etc), **poupando a pessoa dos apóstolos** (omissão de Mc 4,13; 8,32s; 9,28s; 14,50) ou **desculpando-os** (Lc 9,45; 18,34; 22,45), interpretando os termos obscuros (6,15) ou precisando a geografia (4,31; 19,28s.37; 23,51) etc. (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1.699, grifos nossos).

Na descrição do *Evangelho segundo Lucas* na Bíblia Sagrada (2001), além de dados já contemplados em outras obras, tem-se que Lucas:

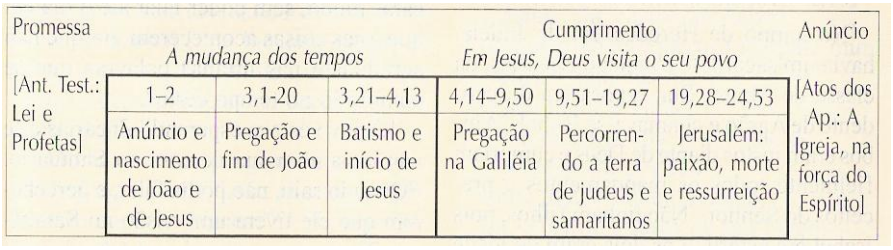
> Não sendo testemunha ocular dos fatos, investigou os testemunhos antigos e compôs um evangelho "em boa ordem" (1,3), conforme as regras da historiografia de então. Ele usou como base o singelo evangelho de Marcos e a coleção de palavras de Jesus que encontramos também no evangelho de Mateus (cf. Introdução a Mateus). **Contudo, seu evangelho é uma obra autônoma e altamente original, e que contém muita coisa que não se encontra nos outros evangelhos** (BÍBLIA SAGRADA/CNBB, 2001, p. 1.346, grifos nossos).

Referindo-se indiretamente à questão dos leitores, gêneros e competência metagenérica, nesse compêndio há a ponderação de que a "história" que Lucas compôs não é "uma obra acadêmica como fazem os historiadores de hoje, e sim uma história teológica: organiza os dados de maneira a transmitir a imagem de Cristo (e da primeira igreja) que só a fé pode conceber" (BÍBLIA SAGRADA/CNBB, 2001, p. 1.346). Por essa indicação, percebe-se uma possibilidade de construção de sentido do gênero evangelho e, por conseguinte, da obra lucana.

Quanto ao conteúdo geral, tem-se nesse mesmo compêndio bíblico que:

> O evangelho de Lucas deve ser visto em conjunto com a segunda parte de sua obra, os Atos dos Apóstolos. Lucas situa o evangelho dentro da "história da salvação", que abrange três épocas: **o tempo da promessa** (o Antigo Testamento), **o tempo do cumprimento** (Jesus) e **o tempo final**, que é o tempo do anúncio pela Igreja, descrito nos Atos dos Apóstolos (cf. Atos 1,1-2). Em todos esses momentos atua o Espírito Santo de Deus: na inspiração dos antigos, profetas, na força que impele Jesus e na vida que inspira a Igreja (BÍBLIA SAGRADA/CNBB, 2001, p. 1.346, grifos nossos).

O esquema constante nessa citação encontra-se na **FIG.**: 1, na sequência, retirada dessa mesma obra.



Promessa				Cumprimento			Anúncio
	A mudança dos tempos			*Em Jesus, Deus visita o seu povo*			
[Ant. Test.: Lei e Profetas]	1–2	3,1-20	3,21–4,13	4,14–9,50	9,51–19,27	19,28–24,53	[Atos dos Ap.: A Igreja, na força do Espírito]
	Anúncio e nascimento de João e de Jesus	Pregação e fim de João	Batismo e início de Jesus	Pregação na Galiléia	Percorrendo a terra de judeus e samaritanos	Jerusalém: paixão, morte e ressurreição	

Figura 1 – O esquema geral do Evangelho de Lucas.
Fonte: BÍBLIA SAGRADA/CNBB, 2001, p. 1.347.

Por ser do grupo sinótico, se se comparar a ilustração anterior com o esquema geral dos sinóticos, repetido abaixo, notar-se-á, evidentemente, as mesmas linhas gerais.

Esquema narrativo dos evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas:
1. pregação do batista e início da vida pública de Jesus,
2. ministério na Galileia,
3. viagem de Cristo a Jerusalém,
4. narração da paixão, morte e ressurreição.

Fonte: BATTAGLIA, 1984, p. 52.

Esses quadros serão objetos de análise, no capítulo 4, pois sinalizam respostas para a segunda pergunta de pesquisa, a saber: o que faz o *Evangelho segundo Lucas* ser considerado o evangelho da misericórdia: o seu conteúdo temático, sua construção composicional e/ou seu estilo?

John McKenzie (1983, p. 556) descreve simultaneamente o conteúdo e plano de Lucas. Assim, baseado em Lucien Cerfaux, renomado filólogo e teólogo belga, o biblista relata a presença de quatro tipos de redação em Lucas: a composição material feita pelo próprio redator Lucas, a matéria em que esse depende de Marcos, a matéria comum a ele, a Mateus e a Marcos, e os assuntos específicos de Lucas.

No esquema seguinte, retirado da mesma fonte, observa-se a relação de Lucas com Mateus-Marcos; os assuntos não destacados são encontrados apenas em Lucas. Eis o esquema:

> Prólogo: 1,1-4.
> Evangelho da infância: 1,5-2,52.
> I. Ministério na Galileia: 3,1-9,50.
> (1) 3,4,13, pregação de João, batismo, tentação (Mt-Mc-Lc).
> (2) 4,14-6,11, Nazaré, Cafarnaum, convite aos discípulos, milagres (Mc-Lc)
> (3) 6,12-8,3, escolha dos Doze, discursos, milagres (Mt-Lc).
> (4) 8,4-9,50, parábolas, milagres (Mc-Lc).
> II. Viagem a Jerusalém: 5,51-21,38 (**a maior parte dos assuntos específicos de Lucas encontram-se aqui)**.
> (1) 9,51-13,21, Samaria, missão dos 70, ditos, controvérsias, parábolas.
> (2) 13,22-17,10, ditos, controvérsias, parábolas.
> (3) 17,11-18,14, milagres, discursos, parábolas, ditos.
> (4) 18,15-21,38, ditos, Zaqueu, discursos (principalmente Mc).
> III. Paixão: 22,1-23,56 **(embora Lc siga a tradição comum, um grande número de detalhes são peculiares a ele).**
> IV. Ressurreição: 24.
> (MCKENZIE, 1983, p. 556, grifos nossos).

John McKenzie, acima, apresenta um conteúdo que se pode dizer histórico-biográfico de Jesus segundo Lucas-Marcos. Abaixo, tem-se o conteúdo temático desse compêndio neotestamentário segundo o constante na introdução a esse livro na Bíblia Sagrada (2001). Como assinalado, Lucas insere a vida de Jesus no conjunto da história da salvação de uma forma peculiar; assim, são temas específicos do *Evangelho segundo Lucas*:

> Além dessa visão de conjunto da história da salvação, podemos apontar diversas linhas temáticas que atravessam o texto do início ao fim:
> –**A graça e misericórdia de Deus**, que se exprime na atenção prioritária dada aos pobres e aos pecadores.
> – A gratuidade e universalidade da salvação: embora Lucas valorize muito a preparação da salvação durante o Antigo Testamento, ele mostra que o cumprimento ultrapassa o esperado; as fronteiras da etnia judaica são estreitas demais.
> –Jesus, o novo Elias. Enquanto os outros evangelistas aproximam Elias de João Batista, **Lucas acentua as semelhanças entre Jesus e o grande profeta do tempo dos reis de Israel: Elias fez um jejum no deserto, era movido pelo Espírito Santo, fazia milagres que manifestavam a misericórdia** de Deus aos pobres, as viúvas, os estrangeiros, foi arrebatado ao céu, enquanto se espera sua volta... Lucas quer também sublinhar o aspecto profético do Messias, do Cristo (para corrigir a tendência de pensar em alguém como o rei Davi).
> – O tema da libertação: Jesus é aquele que vem libertar o povo, anunciar a liberdade aos cativos, instaurar o "ano da graça" do Senhor (cf. sobretudo 4, 16-21)[21].
> – A piedade (religiosidade) dos que aderem a Jesus e se tornam, em todos os grupos sociais – judeus, pagãos, pobres, ricos, homens, e **de modo especial as mulheres** –, modelos para os cristãos do tempo vindouro (BÍBLIA SAGRADA/CNBB, 2001, p. 1.346, grifos nossos).

[21] "[16] Foi então a Nazaré, onde se tinha criado. Conforme seu costume, no dia de sábado, foi à sinagoga e levantou-se para fazer a leitura. [17] Deram-lhe o livro do profeta Isaías. Abrindo o livro, encontrou o lugar onde está escrito: [18] 'O Espírito do Senhor está sobre mim, pois ele me consagrou com a unção, para anunciar a Boa Nova aos pobres: enviou-me para proclamar a libertação aos presos e, aos cegos, a recuperação da vista; para dar liberdade aos oprimidos [19] e proclamar um ano de graça da parte do Senhor'. [20] Depois, fechou o livro, entregou-o ao ajudante e sentou-se. Os olhos de todos, na sinagoga, estavam fixos nele. [21] Então, começou a dizer-lhes: 'Hoje se cumpriu esta passagem da Escritura que acabastes de ouvir'" (BÍBLIA DA CNBB, versão *online*).

Ambas as citações acima serão amplamente exploradas em conjunto no capítulo 4 que contém as análises deste trabalho. Na sequência, tem-se uma descrição convergente de outro autor, mas com alguns aspectos diferenciados.

Quando aborda o conteúdo e plano de Lucas, Storniolo (1992, p. 9) pondera que ao se examinar o terceiro evangelho, deve-se primeiro levar em conta que esse é apenas a primeira parte de uma obra que foi pensada e deve ser lida como um todo[22]; sua continuação é o livro dos *Atos dos Apóstolos*, como mostram os prólogos (compare Lucas 1,1-4 com Atos 1,1-8). Segundo Ivo Storniolo: "o evangelho apresenta a vida de Jesus, Atos apresenta o caminho da Igreja e, juntos, formam o caminho da salvação. No centro de tudo temos a cidade de Jerusalém, ponto de chegada do caminho de Jesus e do ponto de partida do caminho da Igreja" (STORNIOLO, 1992, p. 9).

O tradutor relata que: "embora conheça pouco e mal a geografia da Palestina (este evangelista não viveu lá), Lucas segue um plano geográfico, construindo uma espécie de geografia social e 'teológica'" (STORNIOLO, 1992, p. 12). Segundo ele, nesse conjunto encontram-se três partes:

1. Na Galileia : Jesus na periferia do povo (4,14 – 9,50) [...].
2. Em viagem para Jerusalém: da periferia para o centro (9,51 – 19,28) [...].
3. Em Jerusalém: confronto com os poderosos (19,29 – 24,53) (STORNIOLO, 1992 p. 12).

Esse mesmo autor afirma também que, a exemplo dos escritores gregos de seu tempo, Lucas começa o seu livro com um *prólogo*, explicando seu *método* e *intenção*. O autor explica que:

> Como pertencia a uma segunda geração cristã, teve de recorrer à pesquisa, examinando documentos já escritos, consultando os apóstolos (testemunhas oculares) e os evangelizadores que vieram depois (pregadores das palavras), **a fim de escrever as tradições sobre Jesus** (evangelho) e sobre a Igreja nascente (Atos). **Queria fazer uma narração bem ordenada**, isto é, didática, meditada e coerente. Sua obra foi dedicada a Teófilo, certamente uma pessoa de posição que, segundo o costume, teria patrocinado e iria difundir os escritos. **A intenção última** de Lucas era confirmar o ensinamento (catequese) da Igreja nascente (STORNIOLO, 1992, p. 16).

O tradutor bíblico expõe que internamente, esse evangelho começa e termina no Templo de Jerusalém (Lucas 24,53), onde o "povo fiel se reunia para suplicar, agradecer e

[22] Consta na Bíblia de Jerusalém (2002, p. 1.896) que: "O terceiro evangelho e o livro dos Atos dos Apóstolos eram primitivamente as duas partes de uma só obra [...]. Logo o segundo livro ficou conhecido com o título de 'Atos dos apóstolos' [...]; no cânon do NT é separado do evangelho de Lucas pelo de João, que é interposto".

louvar a Deus. É o tempo do rei Herodes Magno (37 a.C – 4 d.C), cujo reino incluía Judeia, Samaria, Indumeia e Galileia. Como Abraão e Sara (Gênesis 18), Zacarias e Isabel são idosos e ela é estéril" (STORNIOLO, 1992, p. 16).

Vê-se, assim, que desde o princípio, pessoas desprivilegiadas na época compõem a cena; isso se dá até o fim da obra. Consoante com Storniolo (1992), tem-se no documento da CNBB (1997, p. 45) que: "Lucas é o Evangelho dos pobres. Estes são os preferidos de Jesus. São o centro da sua missão (4,16-21). São também os protagonistas da nova história (cf. 6,20-23). São os excluídos, agora incluídos por Jesus. Isso aparece desde o início".

Ao se descrever o objetivo de Lucas no livro-documento da CNBB (1997), tem-se que Lucas "escreveu uma obra em dois capítulos. O primeiro é o Evangelho. O segundo são os Atos dos Apóstolos. Ele escreve essa obra para ajudar as comunidades a terem segurança e confiança na caminhada. Ele quer que verifiquem a solidez do caminho no qual estão andando (1,4)" (CNBB, 1997, p. 29).

Em outro documento eclesiástico, tem-se uma descrição sucinta em que constam aspectos teológicos e sociais. Nesse opúsculo, tem-se que:

> Lucas nos apresenta Jesus, o filho de Deus, sempre "cheio do Espírito Santo, por Ele conduzido (Lc 3,22; 4,1-14.18) e comunicando sua ação e presença a seus discípulos, os pequenos, que o acompanhavam (Lc 10,21). É o evangelho do Espírito Santo. [...]. **Lucas: evangelho** dos **pobres**, das **mulheres**, das **crianças**, dos **pecadores arrependidos**, dos **marginalizados**, **do Pai Misericordioso**, **do Bom Samaritano** (DIOCESE DE MONTES CLAROS, 1998, p. 1, grifos nossos).

Na sequência, tem-se uma descrição do *Evangelho segundo Lucas* quanto ao que John McKenzie (1983) chamou de "forma literária e redação ou composição".

2.2.3.1 Forma literária e redação de Lucas

No que preconiza a Linguística Textual, o escrito lucano sobre a vida de Jesus constitui um gênero textual denominado *evangelho*. O *gênero*, como será detalhado no capítulo 3, se caracteriza pelo *conteúdo temático*, *construção composicional* e pelo *estilo*.

Este subitem apresenta uma descrição da forma literária e redação do *Evangelho segundo Lucas* feita pelo biblista norte-americano John McKenzie (1983). Ao

mesmo tempo em que corrobora algumas informações, essa reúne diversos aspectos ainda não mencionados. Pela brevidade da descrição e, concomitantemente, pelo valor da informação que o dicionarista apresenta, a redação deste item está bem próxima à constante no compêndio do autor. Nessa, a maior parte das abreviações foi substituída pela própria palavra.

Para McKenzie (1983, p. 556), o prólogo de Lucas segue o modelo dos prólogos dos historiadores helenistas: o autor relaciona os acontecimentos com o cenário contemporâneo por meio de sincronismo (2,1-3;3,1s), diz a idade de Jesus (3,23), mas o próprio evangelho mostra que Lucas, como Mateus e Marcos, é primordialmente um evangelista. Baseado em Xavier Leon-Dufour, considerado um dos maiores teóricos liberais do século XX, McKenzie (1993) escreve que as expressões do historiador constituem a veste literária da realidade cristã primitiva:

> A forma de evangelho, que se achava em vigor quando Lucas escreveu, tinha muito do estilo da historiografia grega. **Diversamente de Mt e de Mc,** que A. Wilkenhauser descreve como livros destinados a comunidades impessoais e escritos para fins litúrgicos, **Lc constitui uma obra literária escrita para ser lida** (MCKENZIE, 1983, p. 556, grifos nossos).

A linguagem de Lucas é um grego mais erudito e cuidado do que Mateus ou Marcos, embora também seja a linguagem popular (*Koine*). "Ele não evita todas as peculiaridades do aramaico e do hebraico; entre os aramaísmos e os hebraísmos incluem-se a forma verbal perifrástica, o particípio supérfluo, o *casus pendens*, o uso excessivo de pronomes, e o genitivo adjetivo" (MCKENZIE, 1983, p. 556).

O vocabulário em Lucas é mas amplo e rico do que o de Mateus e Marcos. O norte-americano relata que se pode observar uma diferença no modo como Lucas trata o material de Marcos. Quando transcreve Jesus: "Lucas simplesmente procura dar uma forma mais polida ao grego" (MCKENZIE, 1983, p. 556), mas, nas narrativas, o escritor grego reduz as palavras de Marcos, sobretudo omitindo detalhes gráficos, e acrescentando notas explicativas. Nas narrativas, Lucas assume um tom semita que, na opinião de muitos exegetas, não provém de suas fontes, mas que decorre da imitação deliberada do grego da Bíblia Septuaginta (MCKENZIE, 1983, p. 557).

Quanto à questão da Septuaginta, consoante com o autor norte-americano, Battaglia (1984, p. 205) relata que muitos exegetas observaram que o grego dos primeiros capítulos de Lucas (1-2) é muito parecido com o da Bíblia grega dos LXX. Essa era o livro oficial de leituras na Igreja apostólica. Para Battaglia (1984), há indícios de que Lucas tenha adaptado conscientemente a linguagem e o seu estilo da Bíblia grega, e muitos estudiosos

atualmente consideram que o tenha feito para dar aos seus leitores a impressão de continuidade histórico-salvífica do Antigo Testamento (BATTAGLIA, 1984, p. 205). Ainda quanto ao estilo, tem-se a afirmação de Wilfrid John Harrington (1985, p. 67) de que Lucas é muito mais literato que Marcos.

O que está exposto na citação seguinte é bastante significativo para este trabalho, pois se relaciona diretamente com o conteúdo de Lucas, ao que lhe é próprio ou, por omissão, àquilo que provavelmente ele dispunha, mas que foi omitido em sua redação:

> O modo como Lucas recorre às suas fontes só pode ser esboçado quando ele é comparado com Mc, mas a comparação é reveladora e significativa. Fica evidente que o plano triplo do evangelho: Galileia, viagens, Jerusalém, estava fixado quando Lucas escreveu e ele não se sentiu à vontade para modificá-lo. **Por esta razão, insere, de maneira estranha, a maior parte do material que lhe é específico no longo "relato de viagem", que funciona evidentemente como um arcabouço literário; não havia nenhum outro ponto no esquema existente onde este material pudesse ser inserido.** Esta é a chamada "grande inserção", que no plano de Mc ocorreria entre Mc 9,50 e 10,1. A "pequena inserção", que contém material lucano ou material comum a Mt-Lc (Lc 6,20-8,3), situar-se-ia no plano de Mc entre Mc 3,19 e 3,20. **Por outro lado, a "grande omissão" de Lc está na ausência nele do material existente em Mc** 6,45-8,26; o fato se deve provavelmente a motivos teológicos (MCKENZIE, 1983, p. 557, grifos nossos).

Segundo McKenzie (1983, p. 557): "Lucas sentiu-se livre para alterar episódios, modificando a posição que estes ocupavam em Marcos, para confrontar eventos que possuíam traços comuns, para acrescentar certo cunho dramático à narrativa". Para esse autor, Lucas não se sentiu obrigado a conservar todos os detalhes topográficos constantes em Marcos, como Cafarnaum (5,17; 9,46), o mar da Galileia (5,27; 6,17; 8,4), a Galileia (9,43), a Decápole (8,39). Na narrativa da viagem, foram suprimidos todos os detalhes topográficos, se é que na realidade esse material se achava incluído nas fontes de Lucas. Dessa forma, explica McKenzie (1983, p. 557): "a narrativa tornou-se contínua por meio do uso de transições (5,33; 8,11.16.40; 9,22.28 +); às vezes, porém, Lucas usa apenas o vago 'naquele tempo', característico de Mateus-Marcos (6,12; 7,11; 8,1)". Esse autor acrescenta também que:

> **A composição de algumas linhas mostra evidentemente a presença da intenção de predizer um acontecimento que ocorre posteriormente** (1,80 = 3,1-3; 3,20 = 9,9; 1-6 = 10,1; 5,33 = 11,1; 20,19 = 22,2; 21,37 = 22,39; 20,25 = 23,2 +). Este artístico entrelaçado de episódios **constitui parte da própria interpretação teológica de Lucas** em face dos acontecimentos, **e não provém das fontes por ele utilizadas**. A narrativa é centralizada em Jerusalém, onde o evangelho começa e termina; o relato de Mc sobre as viagens às fronteiras da Galileia representa a "**grande omissão**" (MCKENZIE, 1983, p. 557, grifos nossos).

O exposto acima, linguisticamente, auxilia na fixação de um estilo que, nos evangelhos, é caracteristicamente lucano; esse aspecto estilístico será retomado nos capítulos

3 e 4, nas análises, pois tem-se como objetivo também examinar os motivos pelo quais o *Evangelho segundo Lucas* é considerado o evangelho da misericórdia: se pela sua dimensão constitutiva do conteúdo temático, pela construção composicional e/ou pelo seu estilo.

Quanto ao constante na citação anterior, conforme já mencionado, McKenzie (1983) considera que tais características mostram o desejo de Lucas em ser fiel às suas fontes, sua liberdade para interpretar um relato para leitores gentios e, também, para inserir a narrativa num contexto teológico (MCKENZIE, 1983, p. 557). O biblista pondera, entretanto, que algumas diferenças e modificações não devem ser tanto por uma deliberada adaptação, mas mais por "sua ignorância a respeito das casas palestinenses (5,19; 6,47-49), do vestuário (6,29; 7,14; 8,5s), do clima e da topografia (4,29; 9,10; 12,55; 21,29)" (MCKENZIE, 1983, p. 557).

Esses foram os detalhamentos constantes nas principais fontes bibliográficas utilizadas nesta pesquisa quanto à forma literária e redação que caracterizam o *Evangelho segundo Lucas*. Considerações sobre alguns desses aspectos serão feitas no capítulo das análises.

2.2.3.2 Singularidades do *Evangelho segundo Lucas*

Diversas peculiaridades já foram descritas a respeito do *corpus* deste estudo. Contudo há ainda diversas características que devem ser apresentadas e/ou também enfatizadas quanto ao propósito em analisar a manifestação da misericórdia na materialidade linguística do *Evangelho segundo Lucas*. Convém expor que isso implica exatamente em mostrar como determinados elementos teológicos associam-se a elementos linguísticos.

As singularidades estilísticas e temáticas foram as mais destacadas e se encontram detalhadas e exemplificadas no capítulo 4, das análises.

Devido ao fato de que este estudo enfoca a realidade teológica da misericórdia, alguns aspectos teológicos também devem ser levados em consideração; aliás – como será visto – entre os evangelhos, as principais distinções desse compêndio grego são do âmbito da teologia cristã. Essas se dão especialmente por questões enfáticas, e são apresentadas na subdivisão seguinte.

2.2.3.1 A teologia do *Evangelho segundo Lucas*

Esta descrição teológica aqui empreendida está baseada, sobretudo, na obra de John McKenzie (1983). A partir do que ele expressa quanto a esse tópico, tem-se a afirmação inicial do biblista norte-americano de que:

> Enquanto nenhum dos evangelhos sinóticos pode ser chamado de não-teológico, Lc deve ser chamado de o mais teológico; deve-se observar como ele é candidamente teológico. E deve-se notar também que, embora Lucas fosse companheiro e discípulo de Paulo, as ideias paulinas características não se acham expressas em Lc; a teologia que ele apresenta é a teologia de suas fontes, isto é, as tradições apostólicas e palestinenses. A teologia de Lc não é muito diferente da teologia de Mt-Mc, e menos ainda oposta a esta; **Lc não contém nenhum elemento teológico que não seja encontrado em seus predecessores e destes difere mais pela ênfase que dá a certos tópicos do que por alguma doutrina positiva**. Lc não demonstra, porém, em sua teologia, que ele escreve como um cristão gentio e numa época em que a primeira geração da Igreja já se achava bem avançada (MCKENZIE, 1983, p. 557, grifos nossos).

Baseando-se em Xavier Leon-Dufour, o renomado teólogo francês, McKenzie (1983) diz que: "Lucas projeta sobre os acontecimentos da vida de Jesus a luz do mistério da paixão-ressurreição" (MCKENZIE, 1983, p. 557). Diz também que ao estabelecer uma ligação entre essas duas realidades (paixão e ressurreição) por meio de observações preliminares que se antecipam à realização dos acontecimentos, Lucas percebe que a vida, morte e ressurreição de Jesus formam uma unidade completa; e somente ele narra a ascensão de Jesus.

O autor grego "conserva a tríplice predição da paixão que fazia parte da tradição comum, e acrescenta alusões à paixão em 2,34; 9,31; 12,50; 13,32s; 17,24s. Lucas é o único evangelista a usar o título de Senhor no sentido cristológico da comunidade cristã primitiva" (MCKENZIE, 1983, p. 558).

Outra especificidade do terceiro evangelho é que o autor Lucas concebe Jesus como o *salvador*. McKenzie (1983) explica que isso não se deve simplesmente à sua origem e ao seu ambiente helenistas – pois salvação é uma ideia bíblica –, mas sim pelo seu *universalismo* e pelo "seu desejo de encontrar termos gregos que servissem para uma apresentação a um só tempo fiel e inteligível das tradições do Evangelho" (MCKENZIE, 1983, p. 557).

Salvação e universalismo constituem subitens do capítulo das análises e foram associados à misericórdia divina. Como consta no capítulo 1 deste trabalho, João Paulo II

(1980, p. 7) faz referência a essa ideia de universalismo quando expõe sobre o mistério da eleição. Para ele, esse mistério refere-se a todos e a cada um dos homens e a toda a grande família humana (**Ver** 4.1.2.2.1.4).

Prosseguindo a descrição constante na obra de John McKenzie (1983), tem-se uma definição dessa realidade teologal em Lucas e a forma como essa se encontra marcada no texto lucano:

> **O universalismo de Lucas consiste na sua convicção** – e na manifestação expressa desta convicção – **de que o evangelho se dirige a todos os homens**. Este dado não é peculiarmente lucano nem paulino, mas faz parte da tradição primitiva. **Lucas, escrevendo mais para gregos do que para judeus, queria que os gregos participassem da convicção a respeito do universalismo**, convicção que ele próprio possuía. **A genealogia de Jesus em Lc não começa com Abraão, mas com Adão, pai de todos os homens,** que era "filho de Deus" (Lc 3,38). Alguns traços e certas práticas, especificamente judaicas, encontrados em Mc, são postos de lado ou deixados na sombra em Lc. Há alusões explícitas à finalidade universal da Igreja que são peculiares a Lc (Lc 2,14,32; 24,47). **Ele apresenta os samaritanos como modelos de caridade** (10,25-37) e de gratidão (17,11-19), **e os gentios como modelos de bom procedimento e fé** pronta e disponível (7,9) (MCKENZIE, 1983, p. 557, grifos nossos).

Consta na obra de McKenzie (1983, p. 557) que Cerfaux – teólogo belga – percebe no universalismo de Lucas, tal como se pode depreender de seu evangelho, "o fruto da união das tradições primitivas com o cristianismo helenista de Antioquia e com a pregação de Paulo".

Sob essa questão do universalismo, como percebida neste estudo, baseia-se boa parte do que se considera "manifestação da misericórdia na materialidade linguística do *Evangelho segundo Lucas*". A citação seguinte contém praticamente todos os pontos que serão analisados para argumentar que a realidade da misericórdia encontra-se linguisticamente perceptível no texto lucano tanto pela presença de determinadas palavras, expressões e narrações de certos episódios bem como pela omissão de alguns aspectos quando comparado aos outros evangelhos. No texto-base utilizado para essa descrição teológica tem-se que:

> Uma das provas do universalismo de Lucas reside **na importância que ele dá às mulheres; em Lc aparecem mais mulheres dos que nos outros três evangelhos.** No mundo helenista, a posição social e legal da mulher era melhor do que no judaísmo, e Lucas desejava mostrar claramente que o evangelho não assumia a atitude judaica em relação à mulher. O traço mais paradoxal do universalismo de Lucas talvez seja o fato de que **ele se mostra menos hostil aos judeus do que Mt, Mc ou Jo.** Faz parte também do universalismo de Lucas a **ênfase** que dá **a Jesus como "amigo dos pecadores" –** de novo um traço que não é exclusivamente peculiar a Lucas. **Somente Lc contém a afirmação de que o Filho do Homem veio para procurar e salvar o que estava perdido** (19,10). Numerosos episódios, expressões e parábolas peculiares a Lucas apresentam a amizade e a compaixão de

> Jesus para com os pecadores: **a parábola da figueira estéril** (13,6-9), as parábolas **da ovelha e da dracma perdidas, do filho pródigo** (15), a **mulher pecadora** (7,36-50), **Zaqueu** (19,1-10), **a parábola do fariseu e do publicano** (18,10-14), **a promessa ao ladrão na cruz** (23,40-43). De maneira semelhante, Lucas enfatiza no **relato dos milagres a compaixão de Jesus para com os que sofrem** (7,11-17; 13,11-17; 14,1-6; 17,11-19) (MCKENZIE, 1983, p. 558, grifos nossos).

A partir dessa citação de John McKenzie (1983), alguns tópicos foram selecionados com base linguística e constam no capítulo 4, das análises. Além daqueles já mencionados, nesse capítulo há itens que tratam – separadamente ou em conjunto – da questão das mulheres; de aspectos sectários relacionados aos judeus, fariseus e saduceus; da amizade de Jesus com os pecadores; das parábolas da ovelha e da dracma perdidas (Lucas 15,4-10), do filho pródigo (Lucas 15,11-32); do relato de Zaqueu (Lucas 19,1-10), e da promessa ao ladrão na cruz (Lucas 23,40-43).

Por fim, pelo que se pode considerar a manifestação da misericórdia por omissão em relação aos outros evangelhos, McKenzie (1983) expõe que "as **expressões de fortes sentimentos** encontradas em Mc **são omitidas em Lc**, como o são **igualmente algumas afirmações duras referentes aos discípulos**. Alguns **ditos um tanto amargos** que aparecem em Mc, **não estão contidos em Lc"** (MCKENZIE, 1983, p. 558, grifos nossos).

Com base na citação acima, em que se aponta o acesso de Lucas a Marcos e que esse seja o principal intertexto para a redação do terceiro evangelho – que é a hipótese defendida por Konings (2005, p. x) – , percebe-se que Lucas deliberadamente fez opções linguísticas que revelam o seu estilo misericordioso em, por exemplo, omitir determinados fatos. Esse ponto da omissão é retomado no item "A intertextualidade temática entre Lucas e Marcos/Mateus/João" (4.1.1) e exemplificado no **Quadro** 5 – Paralelo entre Marcos, Mateus e Lucas – Omissão de 'ditos amargos'.

Outro elemento teológico contrastante em Lucas diz respeito ao reino de Deus, uma concepção especificamente palestino-judaica que não se acha enfatizada em Lucas, como o é em Mateus-Marcos. Nesse aspecto, de acordo com McKenzie (1983), Lucas segue Marcos de preferência a Mateus ao conceber o reino de Deus primordialmente como o reino escatológico do futuro. Segundo o mesmo autor, a realidade presente da salvação em Lucas – como no livro dos *Atos dos Apóstolos*: "não reside no reino, mas no Espírito. Este é um dom (11,13), é atuante no início da encarnação (1,5.35.41.67.80), no testemunho mais antigo de Jesus (2,25-27), na atividade do próprio Jesus (4,1.14.17; 10,21)" (MCKENZIE, 1983, p. 558).

Como visto anteriormente, Lucas concebe Jesus como o *salvador*, e a vinda da salvação cria uma atmosfera de *alegria* que é mencionada com muito maior frequência no *Evangelho segundo Lucas* do que em Mateus-Marcos (1,4. 28.58; 2,10; 10,17. 20s; 13,17; 19,6. 37; 24,41. 52). Conforme consta: "Há alegria mesmo no céu com o arrependimento de pecadores (15,7.10.32). A alegria irrompe em expressões de louvor, novamente mais frequente em Lc do que em Mt-Mc (cf. BENEDICTUS; MAGNIFICAT)" (MCKENZIE, 1983, p. 558).

Ainda quanto à salvação, esse autor expõe também que a chegada da salvação também cria uma atmosfera orante ao longo do evangelho (3,21; 5,16; 6,12; 9,18.28s; 10,21; 11,1; 22,32; 23,34). "Peculiares a Lucas são as parábolas do amigo importuno (11,5-8), e do juiz injusto (18,1-8), as quais recomendam perseverança na oração" (MCKENZIE, 1983, p. 558).

Outras características teológicas desse evangelho são mencionadas nesta seguinte citação. Fica transparecido que a regra de vida do cristão é ser misericordioso; ajudar os necessitados torna-se um dever. McKenzie (1983) explica que:

> Por sua atitude em face da riqueza e da pobreza, Lucas se apresenta como o arauto do que veio a ser chamado de atitude evangélica. **Vê-se isso em sua formulação das bem-aventuranças, quando comparada com a de Mt** (Lc 6,20-26). Pode-se notar a mesma ênfase em assuntos peculiares a Lc; **a parábola do rico avarento e do pobre Lázaro** (16,19-31), **do rico insensato** (12,13-21), **a recomendação de convidar os pobres para o banquete** (14,12-14). Lucas enfatiza igualmente a renúncia total pedida aos seguidores de Jesus (5,11-28; 11,41; 12,13-33; 14,26.33; 18,29). Leon-Dufour está indubitavelmente certo ao mostrar que em **Lc o** evangelho se transforma explicitamente numa **regra de vida**, e que o termo moderno **"evangelho social",** que a alguns causa repulsa, pode, com reservas, ser aplicado a Lc. São explícitos os trechos lucanos sobre **o dever de dar aos pobres** (3,10ss; 14,12-14), sobre o **castigo para os que não querem repartir seus bens com os pobres** (16,25s), e sobre os **deveres dos que assumem uma atitude de menosprezo e de opressão** (3,10 14) (MCKENZIE, 1983, p. 558, grifos nossos).

Segundo as fontes consultadas, essas são as peculiaridades teológicas do *Evangelho segundo Lucas*. Essas foram apenas citadas. Conforme menções feitas, a partir de temas e tópicos apresentados na teologia lucana, selecionaram-se algumas relacionadas à misericórdia. A apresentação de algumas dessas peculiaridades concernentes ao propósito desta pesquisa constam no item "Análise das parábolas da 'Ovelha perdida' e da 'Dracma perdida'" (4.1.2.2.1).

CAPÍTULO 3 – A LINGUÍSTICA TEXTUAL: gêneros e intertextualidade

Conforme mencionado na introdução deste trabalho, este faz referências à questão de gêneros e tipologias textuais. Devido à diversidade de abordagens atuais que tratam desse assunto, parcialmente na descrição do *corpus* neotestamentário selecionado bem como em todo o capítulo das análises, a teoria subjacente é aquela elaborada pelo filósofo russo Mikhail Bakhtin (1929/1992) e autores que seguem a linha bakhtiniana. São destacados os trabalhos de Beth Brait (2002, 2008), sobre o estilo; e aqueles de Ana Cristina Carmelino (2007) e Ana Cristina Carmelino e Juscelino Pernambuco (2008), sobre gênero.

De modo particular, este estudo explora e faz amplas referências às diversas intertextualidades que o *corpus* comporta linguisticamente, tendo por base, nesses casos, os diversos trabalhos de Ingedore Koch (2002, 2004a, 2004b, 2007), Ingedore Koch, Anna Christina Bentes e Mônica Magalhães Cavalcante (2008), Antônio Marcuschi (1998, 2009) e Maria Flávia Figueiredo (2007, 2008).

De maneira convergente, diversos outros autores também são citados. É exatamente essa teoria linguística sistematizada e/ou apresentada por esses autores que este presente capítulo busca apresentar, não na extensão e profundidade que esses tópicos abrangem, mas na medida necessária para expandir e explicar certos fatos linguísticos já mencionados na descrição do *Evangelho segundo Lucas* e, sobretudo, para satisfazer à exigência teórica das análises empreitadas sobre o mesmo.

3.1 GÊNEROS

A noção de gêneros tem-se modificado no decorrer da história. Desde sua noção no período clássico, vinculado à literatura, até os estudos recentes da Linguística Textual, a noção de gênero se reestruturou bastante.

Os gêneros escritos multiplicaram-se após o século VII a. C. com a invenção da escrita alfabética. Nova expansão ocorreu a partir do século XV com a cultura impressa e,

modernamente, com a chamada "cultura eletrônica" (MARCUSCHI, 2002, p. 19). Esse autor apresenta em sua obra que, atualmente, com a TV, telefonia celular, computador, rádio, internet, etc., observa-se o surgimento de diversos gêneros. Portanto, pode-se dizer que as novas tecnologias viabilizaram o surgimento desses novos gêneros – videoconferências, telefonemas, e-mails, aulas virtuais, programas ao vivo, etc.

Como percebida hoje, a questão dos gêneros textuais foi teorizada pelo filósofo Mikhail Bakhtin (1895-1975). Segundo Carmelino (2007, p. 160), Bakhtin: "Foi muito mais um filósofo da linguagem do que um cientista que tivesse buscado criar um sistema acabado sobre o fenômeno da linguagem e sobre a literatura".

Segundo os autores Carmelino e Pernambuco (2008), os trabalhos do pensador russo só começaram a chegar ao Ocidente por volta de 1968. Mas foi a partir dos anos 80 que os estudos bakhtinianos se espalharam pelo mundo. Segundo os mesmos autores: "o que fica da obra de Bakhtin é a sua capacidade de pensar a existência humana de forma original. Seu foco de pesquisa foram as formas de produção de sentido, da significação do discurso, especialmente o discurso cotidiano" (CARMELINO; PERNAMBUCO, 2008, p. 16).

A justificativa pela qual se escolheu essa teoria para este trabalho está resumida na seguinte citação:

> Podemos dizer que os estudos da linguagem, modernamente, em todas as suas implicações, são influenciados de forma inescapável pelas reflexões deste notável pensador. Uma das importantes colaborações bakhtinianas para a interpretação de um texto refere-se ao fato de que o sentido se constitui não só pelos aspectos propriamente linguísticos, mas também e principalmente, pela inextricável relação com o contexto extralinguístico, ou seja, pela relação que existe entre o contexto e os fatores sociais, históricos, culturais e ideológicos de produção. Nenhum discurso é individual, segundo ele, já que se constrói por meio das relações entre seres sociais e todos os discursos sociais mantêm uma plena e permanente interação. Outra valiosa contribuição de Bakhtin e seu Círculo é sua teoria sobre os gêneros do discurso (CARMELINO; PERNAMBUCO, 2008, p. 16).

Nas palavras do próprio Bakhtin, vê-se a importância que ele atribui a essa questão. De fato, o que o autor expõe tem norteado diversas abordagens de ensino e pesquisa em línguas maternas e estrangeiras. Para o filólogo russo:

> O estudo da natureza do enunciado e da diversidade dos gêneros nas diferentes esferas da atividade humana tem importância capital para todas as áreas da linguística e da filologia [...] um trabalho de pesquisa acerca de um material linguístico concreto – a história da língua, a gramática normativa, a elaboração de um tipo de dicionário, a estilística da língua – lida com enunciados concretos (orais ou escritos) [...] É deles que os pesquisadores extraem os fatos linguísticos de que necessitam (BAKHTIN, 2000, p. 282).

Inicialmente, vale notar que existe uma diversidade de abordagens vigentes que tratam do gênero. Em J. L. Meurer; Adair Bonini e Désirée Motta-Roth (2005, p. 8) tem-se que: "verifica-se uma certa competição saudável em que diferentes abordagens buscam a melhor maneira de explicar o uso da linguagem em termos de contextos e práticas sociais específicos". Para esses autores brasileiros:

> O gênero passou a ser uma noção central na definição da própria linguagem. É um fenômeno que se localiza entre a língua, o discurso e as estruturas sociais, possibilitando diálogos entre teóricos e pesquisadores de diferentes campos e, ao mesmo tempo, trazendo elementos conceituais viabilizadores de uma ampla revisão de todo o aparato teórico da linguística (MEURER; BONINI; MOTTA-ROTH, 2005, p. 8).

Para Beth Brait (2002, p. 16): "tanto a questão dos gêneros [...] quanto às diversas tipologias textuais e discursivas [...] constituem um problema, dada a diversidade teórica". Para essa autora, o gênero só pode ser pensado, levando-se em conta a esfera de atividades em que ele se constitui e atua (condições de produção, circulação e recepção), ou seja, a sua perspectiva sócio-histórica (BRAIT, 2002, p. 20).

Alinhado com o aspecto de inserção sócio-histórica do gênero, mencionada acima, tem-se em Meurer et al. (2005) que:

> O gênero passou a ser uma noção central na definição da própria linguagem. É um fenômeno que se localiza entre a língua, o discurso e as estruturas sociais, possibilitando diálogos entre teóricos e pesquisadores de diferentes campos e, ao mesmo tempo, trazendo elementos conceituais viabilizadores de uma ampla revisão de todo o aparato teórico da linguística (MEURER; BONINI; MOTTA-ROTH, 2005, p. 8).

Para Brait (2002, p. 16), os conceitos bakhtinianos – que não se prestam a aplicações mecânicas – apresentam a "vantagem de valorizar o *corpus* e despertar no leitor/analista/fruidor a capacidade de dialogar com esse *corpus* e, a partir de sua materialidade, de suas particularidades, surpreender nas incontáveis formas assumidas pela língua".

Charles Bazerman (2005 apud CARMELINO, 2007, p. 13) considera que por serem rotinas sociais do dia a dia, os gêneros são, antes de fatos linguísticos, fatos sociais. A partir dessa afirmativa do autor norte-americano, Carmelino (2007) conclui que os gêneros não existem "como forma pronta e acabada para um investimento em situações reais, mas são categorias operativas, instrumentos globais de ação social cognitiva, que mudam

necessariamente com o tempo ou com a história das práticas sociais de linguagem" (CARMELINO, 2007, p. 13).

Quanto ao impacto criado pelas novas abordagens sobre gênero, no Brasil, houve um notável interesse pelo tema principalmente após a publicação dos PCN´s (BRASIL, 1997, 1998a, 1998b); no estrangeiro, os trabalhos do professor Vijay K. Bhatia (1972) foram amplamente difundidos entre os pesquisadores da área (MEURER; BONINI; MOTTA-ROTH, 2005, p. 8). Sobre o crescente interesse sobre gênero, esse autor pondera que:

> Embora seja um desenvolvimento relativamente recente no campo dos estudos aplicados do discurso, a análise de gêneros tem se tornado extremamente popular nos últimos anos. O interesse pela teoria dos gêneros e suas aplicações não se restringe mais a um grupo específico de pesquisadores de uma área em particular ou de um setor qualquer do globo terrestre, mas cresceu a ponto de assumir uma relevância muito mais ampla do que jamais foi imaginado (BHATIA, 1997 apud MEURER; BONINI; MOTTA-ROTH, 2005, p. 8)

Tendo em mente a teoria bakhtiniana, na sequência, são apresentados alguns detalhamentos teóricos sobre gêneros que são empregados na descrição do *corpus* de estudos e que são necessários para fundamentação das análises constantes no capítulo 4.

A noção de gênero permeia vários trabalhos de Bakhtin. No entanto, em "Os gêneros do discurso", adendo em *Estética da criação verbal* [1952-1953] (2000), o autor se dedica à questão geral dos gêneros. A teoria sobre os gêneros do discurso de Bakhtin e seu Círculo constitui uma valiosa contribuição para os estudos linguísticos (CARMELINO; PERNAMBUCO, 2008, p. 18).

Para Bakhtin, o domínio de vários gêneros de discurso é um fator de considerável economia cognitiva:

> Aprendemos a moldar nossa fala pelas formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos logo, desde as primeiras palavras, descobrir seu gênero, adivinhar seu volume, a estrutura composicional usada, prever o final, em outras palavras, desde o início somos sensíveis ao todo discursivo [...]. Se os gêneros de discurso não existissem e se não tivéssemos o domínio deles e fôssemos obrigados a inventá-los a cada vez no processo da fala, se fôssemos obrigados a construir cada um de nossos enunciados, a troca verbal seria impossível (BAKHTIN, 1992, p. 302).

Como consta na citação, torna-se impossível comunicar-se verbalmente a não ser por um gênero, pois: "para falar, utilizamo-nos sempre dos gêneros do discurso" (BAKHTIN, 1999, p. 301). Esse autor afirma também que, por apresentarem um inventário aberto, os gêneros apresentam uma relativa estabilidade, uma vez que, sendo esferas sociais, consistem em fenômenos sócio-históricos sempre em mudança. Ele expõe que:

> A riqueza e a variedade dos gêneros são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. Cumpre salientar de um modo especial a heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos) (BAKHTIN, 1992, p. 279).

Após observar a diversidade dos gêneros do discurso e os estudos da época que encobriam a natureza linguística do enunciado – já que na Antiguidade, estudaram-se os **gêneros literários** (pelo viés artístico-literário de sua especificidade e não em enunciados particulares), os **gêneros retóricos** (privilegiando a natureza verbal do enunciado e seus princípios constitutivos), e os **gêneros do discurso cotidiano** (enfoque na especificidade do discurso cotidiano oral, operando com enunciados primitivos) – Bakhtin estabelece a distinção entre o ***gênero do discurso primário*** (simples) – que se constitui na interação cotidiana espontânea, sendo basicamente oral, mas não exclui a escrita informal, de circulação privada, como as cartas pessoais e os bilhetes; e ***o gênero de discurso secundário*** (complexo). Esse se constitui em esferas de comunicação cultural mais elaborada, "absorvendo e transmutando os gêneros primários", e inclui, por exemplo, os discursos literários, científicos, políticos, etc. (BAKHTIN, 1992, p. 285).

Bakhtin (2000, p. 279) conceitua gênero como "tipos relativamente estáveis de enunciados". Esses tipos são histórica e socialmente marcados, pois se relacionam diretamente às diferentes situações sociais, que por sua vez os determinam com características **temáticas, composicionais e estilísticas**. Esse chamado *tripé bakhtiniano* será retomado na sequência. Para esse autor, a comunicação ocorre sempre por meio de gêneros no interior de uma dada esfera de atividade (BAKHTIN, 2000).

Na sequência, tem-se o detalhamento de aspectos já mencionados, propriamente: enunciado, conteúdo, estilo e composição. Quanto ao primeiro, o enunciado, Bakhtin (1992) o distingue de oração. Maria da Graça Costa Val[23] (1996, p. 96) resume que, em Bakhtin (1992), a distinção oração-enunciado se coloca como decorrência do princípio geral da *dialogia* que informa sua teoria da enunciação. A oração, enquanto unidade da língua, não tem autor, não busca a resposta de um interlocutor, "é neutra, não comporta aspectos expressivos" (BAKHTIN, 1992, p. 309). Só quando funcionando como enunciado, integrada no discurso, é que vai participar do jogo dialógico, como "elo na cadeia da comunicação verbal". Para Bakhtin, oração é vista:

[23] Professora da Faculdade de Letras/FALE, UFMG; pesquisadora do CEALE (FAE, UFMG).

> Como unidade da língua, não é delimitada em suas duas extremidades pela alternância dos sujeitos falantes, não está em contato imediato com a realidade (com a situação transverbal) e tampouco está em relação imediata com os enunciados dos outros, não possui uma significação plena, nem uma capacidade de suscitar a atitude responsiva do outro locutor, ou seja, de determinar uma resposta. É de natureza gramatical. Tem fronteiras, um acabamento, uma unidade que se prende à gramática (BAKHTIN, 2000, p. 297).

Segundo Costa-Val (1996, p. 96), com o princípio da dialogia, Bakhtin (1992, p. 277-326) ultrapassa as concepções linguísticas e estilísticas atuais, propondo que o processo de produção e o estilo do discurso dependem essencialmente, além do seu objeto e da relação valorativa do autor com esse objeto (a "expressividade"), das relações dialógicas que o constituem (ou seja, a quem se dirige, como o locutor percebe e imagina seu interlocutor, em que "esfera da vida social" nasce e circula esse enunciado) e que determinam a escolha de recursos lexicais, gramaticais e composicionais, inclusive o gênero. Quanto a esse, Bakhtin afirma que:

> Enquanto elaboro meu enunciado, tendo a determinar essa resposta [= a compreensão responsiva do destinatário] de modo ativo; por outro lado, tendo a presumi-la, e essa resposta presumida, por sua vez, influi no meu enunciado [...]. **Enquanto falo, sempre levo em conta o fundo aperceptivo sobre o qual minha fala será recebida pelo destinatário**: o grau de informação que ele tem da situação, seus conhecimentos especializados na área de determinada comunicação cultural, suas opiniões e suas convicções, seus preconceitos (de meu ponto de vista), suas simpatias e antipatias, etc.; pois é isso que condicionará sua compreensão responsiva de meu enunciado. **Esses fatores determinarão a escolha do gênero do enunciado, a escolha dos procedimentos composicionais e, por fim, a escolha dos recursos linguísticos, ou seja, o estilo do meu enunciado** (BAKHTIN, 1992, p. 321, grifos nossos).

Como se pode observar, os destinatários exercem influência significativa no processo comunicativo. Para Bakhtin (1992, p. 325): "ter um destinatário, dirigir-se a alguém, é uma particularidade constitutiva do enunciado, sem a qual não há, e não poderia haver, enunciado". O autor acrescenta que é: "sob a influência do destinatário e de sua presumida resposta que o locutor seleciona <u>todos</u> os recursos linguísticos de que necessita" (Bakhtin (1992, p. 325-326, grifo do autor). Esse aspecto se liga ao que foi exposto no item "Os destinatários do *Evangelho segundo Lucas*" (**Ver** 2.2.2).

Assim, o enunciado é concebido como "como unidade do discurso, consegue condicionar diretamente uma atitude responsiva ativa" (BAKHTIN, 1992, p. 306); uma "unidade efetiva de comunicação verbal" (BAKHTIN, 1992, p. 306). Esse enunciado apresenta três particularidades (BAKHTIN, 1992, p. 299-308): a alternância dos sujeitos falantes; o acabamento (liga-se ao todo: tratamento exaustivo do objeto do sentido, o intuito

[querer-dizer do locutor], formas típicas de estruturação); e a relação com o próprio locutor (autor do enunciado) e com outros parceiros da comunicação verbal. Ainda sobre o enunciado, em Bakhtin tem-se a seguinte consideração:

> Uma concepção clara da natureza do enunciado em geral e dos vários tipos de enunciados em particular (primários e secundários), ou seja, dos diversos gêneros do discurso, é indispensável para qualquer estudo, seja qual for a sua orientação específica. **Ignorar a natureza do enunciado e as particularidades de gênero que assinalam a variedade do discurso em qualquer área do estudo linguístico [...] desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida.** A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua (BAKHTIN, 2000, p. 282, grifos nossos).

Com o propósito de conceituar enunciado, Marcuschi (2009) diz que o fato de haver representações coletivas permite que as pessoas possam agir sem ter que negociar o tempo todo e possibilita a interação dando às ideias um ar de "já visto", tal como postula a ideia de intertextualidade. O linguista afirma que: "Neste caso, o enunciado se torna a unidade concreta e real da atividade comunicativa entre os indivíduos situados em **contextos sociais sempre reais**" (MARCUSCHI, 2009, p. 21, grifos nossos). Esse autor diz também que para se endossarem análises de enunciados dentro de uma hipótese sociointerativa, deve-se ter em mente pelo menos quatro pontos centrais:

> (a) a noção de linguagem como atividade social e interativa; (b) a visão de texto como unidade de sentido ou unidade de interação; (c) a noção de compreensão como atividade de construção de sentido na relação de um eu e um tu situados e mediados; e (d) a noção de gênero textual como forma de ação social e não como entidade linguística formalmente constituída (MARCUSCHI, 2009, p. 21).

Quanto ao **conteúdo temático**, esse não se refere ao assunto específico de um texto, mas à finalidade discursiva; é um domínio de sentido de que se ocupa o gênero (orientação de sentido para o próprio discurso e os participantes da interação). José Luiz Fiorin (2006, p. 62) cita os seguintes exemplos: as cartas de amor apresentam o conteúdo temático das relações amorosas (cada carta pode tratar de um assunto específico: rompimento por traição, declaração de amor, etc.); as aulas versam sobre um ensinamento de um programa de curso (assuntos: gênero, vida de Bakhtin, enunciado, etc.).

A **construção composicional** é o modo de organizar o texto, de estruturá-lo; é responsável pelo acabamento da unidade de comunicação verbal, possibilitando ao interlocutor inferir a totalidade da estrutura do gênero; refere ao tipo de relação dos participantes da comunicação verbal (com o ouvinte, com o leitor, com o interlocutor, com o

discurso do outro). Fiorin (2006, p. 62) exemplifica que, sendo a carta uma comunicação diferida, é preciso ancorá-la num tempo, num espaço, e numa relação de interlocução, para que os dêiticos usados possam ser compreendidos; em sua estrutura haverá indicação de local e data, nome de quem escreve e para quem se escreve.

O **estilo** é uma seleção de meios linguísticos, ou seja, seleção de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua (BAKHTIN, 2000, p. 279), em função da imagem do interlocutor e de como se presume sua compreensão responsiva ativa do enunciado. Segundo Bakhtin (2000, p. 285): "as mudanças históricas dos estilos da língua são indissociáveis das mudanças que se efetuaram nos gêneros do discurso". São exemplos o **estilo oficial**: requerimentos, discurso (uso de formas respeitosas, estáveis e prescritivos); o **estilo objetivo-neutro**: exposições científicas (identificação entre locutor e interlocutor, a partir do uso de um jargão objetivo); **estilo familiar**: conversa entre amigos (informalidade com relação à linguagem, comporta diferentes graus); **estilo íntimo**: carta de amor (modo e tratamento privado). Esses exemplos são de Fiorin (2006) e Bakhtin (1999, p. 302).

Considerando a obra bakhtiniana, acima, Brait (2008, p. 88) afirma que: "o estilo está indissociavelmente ligado ao enunciado e a formas típicas de enunciados que são os gêneros". Argumenta que se o enunciado reflete a individualidade de quem fala ou escreve, ele naturalmente possui um estilo individual, ainda que, em se tratando de gêneros – como afirma Bakhtin –, nem todos sejam igualmente propícios ao estilo individual. Bakhtin afirma que os mais propícios são os literários uma vez que o estilo individual faz parte do empreendimento enunciativo (BRAIT, 2008, p. 89). Com essa afirmativa, tem-se mais um componente que evidencia um estilo presente no evangelho em estudo.

Quanto ao supracitado, consta no capítulo 2 a configuração do escrito lucano como pertencente ao gênero *evangelho*. Consta também que, segundo McKenzie (1983, p. 556), Lucas "constitui uma obra literária escrita para ser lida", e que, para Schökel (2006, p. 2.448), ele "oferece uma mensagem mais imediatamente acessível para pagãos". Para esse mesmo autor espanhol: "Lucas está consciente de ter composto uma obra literária" (SCHÖKEL, 2006, p. 2.448). A partir das afirmações dos especialistas em Bíblia e da afirmativa bakhtiniana, acima, o texto lucano seria propício ao estilo individual.

Ao considerar o pensamento do filólogo russo, Brait (2008) faz associação entre esfera, gênero e estilo. Afirma que cada esfera conhece gêneros apropriados a suas especificidades e que a tais gêneros correspondem determinados estilos. Acrescenta que uma dada função – seja técnica ou religiosa, por exemplo – somada às condições específicas de cada uma das esferas da comunicação, geram um determinado gênero relativamente estável

sob o ponto de vista temático, composicional e estilístico. Em meio às estabilidades, pode-se apontar, contudo, a marca autoral (BRAIT, 2008, p. 89). Nos círculos acadêmicos atuais, a ensaísta aponta como exemplos de marcas autorais aquelas presentes em artigos, monografias, teses, aulas expositivas, seminários, conferências.

Com base na descrição do *corpus* desta pesquisa (capítulo 2), sua análise empreendida (capítulo 4) e o constante nesses dois últimos parágrafos, pode-se depreender que – linguisticamente – é o estilo que faz o *Evangelho segundo Lucas* ser considerado o evangelho da misericórdia. Embora os quatro escritos neotestamentários canônicos tenham um estilo comum característico do gênero em que se inserem, Lucas, individualmente, faz uma seleção de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua que, como mostrado nas análises, são associados ao tema e subtemas da misericórdia. Baseando-se na descrição do *corpus*, pode-se dizer que os enunciados em Lucas refletem a individualidade da sua redação, isto é, as marcas de autoria em seus textos e em suas retextualizações permitem atribuir-lhe um estilo distinto daqueles de Marcos, um dos seus intertextos, e de Mateus, do qual, como consta, Lucas não dependeu, mas com o qual tem intertextos comuns devido às fontes que deram origem aos evangelhos (**Ver** 2.1.1 – "A questão das fontes e a origem dos quatro evangelhos").

Alinhado ao aspecto de estilo ou marca de autoria, acrescenta-se também a consideração da linguista brasileira de que, para Bakhtin:

> O estilo também depende do tipo de relação existente entre locutor e os outros parceiros da comunicação verbal, ou seja, o ouvinte, o leitor, o interlocutor próximo e o imaginado (o real e o presumido), o discurso do outro (BRAIT, 2008, p. 89).

Percebe-se, com base nessa citação e também em outras ponderações anteriores, que os destinatários desempenham função norteadora do projeto ilocucionário do autor. Conclui-se que, na perspectiva bakhtiniana, uma diversidade de destinatários imprime igualmente uma variedade de estilos. Em comentário da Bíblia Sagrada/Vozes (2006, p. 1.156) tem-se que, em parte, a crítica concorda que Mateus foi escrito para fiéis oriundos do judaísmo; e que Marcos: "escreve para cristãos ainda ligados a uma origem palestinense, mas comprometidos com a missão entre os pagãos e a Igreja formada de judeus e gentios" (BÍBLIA SAGRADA, 2006, p. 1.194). Quanto aos destinatários de João, o comentário da mesma versão acima apresenta que o "evangelista que 'viu e creu'" (19,34s; 20,9), quer confirmar a fé dos que "não viram e creram (20,29)" (p. 1.256). Já o evangelho de Lucas: "se

destina a um público mais vasto, formado, sobretudo de comunidades gentio-cristãs" (BÍBLIA SAGRADA, 2006, p. 1.217).

Assim, o empreendimento enunciativo de Lucas em dirigir-se direta ou indiretamente aos gentios levou-o, como consta, a fazer seleções e omissões lexicais e temáticas e, também, a fazer determinadas manobras linguísticas que, somadas a aspectos não linguísticos, deram ao seu escrito o caráter misericordioso que lhe é atribuído pelos especialistas da área bíblico-teológica.

Quanto ao estilo, Bakhtin (apud BRAIT, 2008, p. 95) esclarece que "o estilo depende do modo que o locutor percebe e compreende seu destinatário, e do modo como ele presume uma compreensão responsiva". Ligando essa afirmação ao Evangelho segundo Lucas, pode-se dizer que o estilo misericordioso que ele assumiu objetivou uma resposta do seu destinatário imediato, Teófilo, declarado no prólogo ao seu evangelho (Lucas 1,3).

Conclui-se que essa resposta seja de adesão à regra de vida que o seu escrito apresenta. Conforme visto, a atribuição do evangelho de Lucas como "regra de vida" foi apresentada por McKenzie (1993, p. 558). Assim considerado, o estilo misericordioso na obra lucana permitiria uma adesão do destinatário aos ensinamentos recebidos (Cf. Lc 1,4); esse seria uma resposta presumida pelo autor. Expandindo suas considerações sobre a concepção bakhtiniana de estilo em seu trabalho *Estilo*, Brait (2008) argumenta que o estilo:

> Não pode separar-se da ideia de que se olha um enunciado, um gênero, um texto, discurso, como participante, ao mesmo tempo, de uma história, de uma cultura e, também, da autenticidade de um acontecimento, de um evento (BRAIT, 2008, p. 96).

O exposto na citação sobre estilo e gênero liga-se ao que já foi afirmado sobre o texto na perspectiva deste trabalho: "um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas" (BEAUGRANDE, 1997 apud MARCUSCHI, 2009, p. 72). O texto não é visto como produto, mas como processo. Finalizando sua exposição sobre esse tópico linguístico, a autora brasileira conclui:

> **A concepção de estilo, no sentido bakhtiniano, pode dar margens a muito mais do que a simples busca de traços que indiciem a expressividade de um indivíduo**. Essa concepção implica sujeitos que instauram discursos a partir de seus **enunciados concretos, de suas formas de enunciação, que fazem história e são a ela submetidos.** Assim, a singularidade estará necessariamente em diálogo com o coletivo em que os textos verbais, visuais e não-visuais, deixam ver, em seu conjunto, os demais participantes da interação em que inserem e que, por força da dialogicidade, incide sobre o passado e sobre o futuro (BRAIT, 2008, p. 98, grifos nossos).

Essas considerações sobre estilo estão implícitas na análise do *corpus* e nas análises apresentadas no capítulo 4.

3.2 INTERTEXTUALIDADE

Na Linguística Textual, a intertextualidade não consiste em um item isolado; essa, juntamente com a coesão e coerência – por exemplo – encontra-se inserida entre os critérios gerais de textualidade.

Conforme visto na introdução do segundo capítulo deste trabalho, todo texto, segundo Ingedore Villaça Koch (2007, p. 59), é "um objeto heterogêneo, que revela uma relação radical de seu interior com seu exterior; e, desse exterior, evidentemente, fazem parte outros textos que lhe dão origem, que o predeterminam, com os quais dialoga, que retoma, a que alude, ou a que se opõe". A autora acrescenta também que:

> O fato de a produção e a recepção de um texto dependerem do conhecimento que se tenha dos outros textos com os quais ele, de alguma forma se relaciona fez com que Robert-Alain Beaugrand e Wolfang Ulrich Dressler (1981) apontassem a intertextualidade como um dos critérios de textualidade (KOCH, 2007 apud FIGUEIREDO, 2007, p. 134).

Tomando-se por base principal a obra intitulada *Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão*, de Luiz Antônio Marcuschi (2009), descreve-se, na sequência, o que esse autor brasileiro expõe sobre a questão da intertextualidade em seu trabalho.

Em uma introdução que faz quanto aos **critérios de textualização**, Marcuschi (2009) inicialmente expõe que, seguindo as posições tradicionais na linguística do texto, pode-se "postular que um texto, enquanto unidade comunicativa deve obedecer a um conjunto de **critérios de textualização (esquematização e figuração)**, já que ele não é um conjunto aleatório de frases, nem é uma sequência em qualquer ordem" (MARCUSCHI, 2009, p. 93). Contudo, esse mesmo autor pondera afirmando que:

> Os critérios de textualidade, tal como foram primeiramente definidos por Beaugrande/Dressler (1981), devem ser tomados com algumas ressalvas. Primeiro, porque não se podem dividir os aspectos da textualidade de forma não estanque e categórica. Alguns dos critérios são redundantes e se recobrem. Segundo, porque [...] não se deve concentrar a visão de texto na primazia do código nem na primazia da forma. Terceiro, porque não se pode ver nesses critérios algo assim como princípios

> de boa formação textual, pois isso seria equivocado, já que um texto não se pauta pela boa formação tal como a frase, por exemplo (MARCUSCHI, 2009, p. 93).

Em sua perspectiva, deve-se analisar um texto como uma realidade e não como uma virtualidade, pois o texto não é apenas um sistema formal e sim uma realização linguística que ele chama de **evento comunicativo**: "O texto é um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas" (BEAUGRANDE, 1997, p. 10 apud MARCUSCHI, 2009, p.72).

Segundo o mesmo autor brasileiro, um texto preenche condições não meramente formais; esse é uma proposta de sentido e só se completa com a participação do seu leitor-ouvinte; em sua produção, não entram apenas fenômenos estritamente linguísticos (MARCUSCHI, 2009, p. 94).

Baseando-se na definição de texto de Beaugrande (1997 apud MARCUSCHI, 2009, p. 79), qual seja: "um texto é um sistema atualizado de escolhas extraído de sistemas virtuais [sistemas linguísticos] entre os quais a língua é o sistema mais importante" e que: "é essencial tomar um texto como um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais" (BEAUGRANDE, 1997 apud MARCUSCHI, 2009, p. 133), Antônio Marcuschi (2009, p. 95) aponta igualmente **três aspectos na produção de um texto**: **aspectos linguísticos** (o ato da fala verbalmente produzido), **sociais** (a situação sociohistórica) e **cognitivos** (que são os conhecimentos investidos).

Para o mesmo autor acima: "essa é a articulação multinível do texto. De modo geral, todos os textos articulam-se nesses três níveis. Isso significa que o autor e o leitor de um texto não estão isolados, seja no ato de produção ou de recepção" (MARCUSCHI, 2009, p. 95).

Tendo em vista essas considerações postuladas em relação aos critérios da textualidade e considerando ainda os outros dois pontos do tripé conceitual, quais sejam: discurso e gênero, Marcuschi (2009, p. 97) organizou um esquema – reproduzido a seguir – que, segundo o autor, deve dar uma ideia de como se distribuem os critérios gerais da textualidade.

Entre esses critérios, como se pode observar, encontra-se a **intertextualidade**, alvo desta descrição neste subitem do capítulo teórico. O conceito de intertextualidade e seus desdobramentos nortearam diversas considerações nos capítulos precedentes, sobretudo aquelas que envolvem os conceitos de misericórdia na *Retórica* e na Bíblia, particularmente o conceito abstraído do *Evangelho segundo Lucas*.

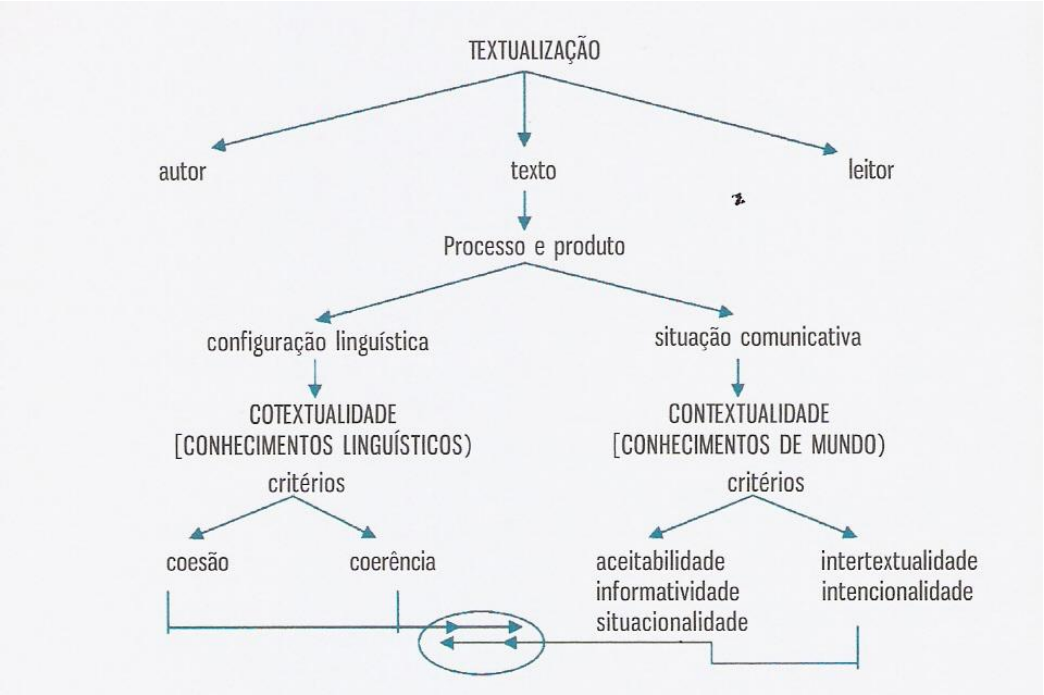


Figura 2 – Critérios gerais de textualidade.
Fonte: MARCUSCHI, 2009, p. 96.

Analisando o esquema acima, percebe-se que o autor chama atenção, em primeiro lugar, para os três grandes pilares da textualidade: autor-texto-leitor. Seu interesse central é perceber o texto como processo, um acontecimento e não um produto acabado.

Em segundo lugar, ele chama a atenção para o acesso cognitivo que ocorre pelo aspecto mais estritamente linguístico e para aquele acesso que se dá pelo **aspecto contextual** (situacional, social, histórico, cognitivo, enciclopédico). O primeiro se dá pelos critérios da **cotextualidade** – o intratexto – "que exige por sua vez e de modo particular os conhecimentos linguísticos e as regras envolvidos no sistema, bem como sua operacionalidade" (MARCUSCHI, 2009, p. 96). Para esse autor, o segundo acesso, o contextual, exige mais especificamente o conhecimento de mundo e outros conhecimentos sociointerativos.

Finalmente, na sequência do esquema apresentado por Marcuschi (2009, p. 96), encontram-se os sete critérios da textualização: *coesão* e *coerência* (como parte do conhecimento linguístico) e *aceitabilidade, informatividade, situacionalidade, **intertextualidade*** e *intencionalidade* (como parte do conhecimento de mundo).

Esse autor esclarece que essas sete condições de textualidade não têm todas o mesmo peso nem a mesma relevância; essas não se distinguem de maneira tão clara e não

constituem ***princípios*** *de formação textual* e sim ***critérios*** *de acesso à produção de sentido*. Ao usar a palavra *critérios* em vez de *princípios*, o autor quer frisar que esses não funcionam como leis linguísticas cujas ausências impediriam a existência de um texto, pois o texto é uma unidade de sentido e não uma unidade linguística (MARCUSCHI, 2009, p. 96).

Finalizando sua exposição sobre as condições de textualidade, o linguista alega que:

> Considerando o texto como uma atividade sistemática de atualização discursiva da língua na forma de um gênero, **os sete critérios da textualização mostram quão rico é um texto em seu potencial para conectar atividades sociais, conhecimentos linguísticos e conhecimentos de mundo** (Beaugrande, 1997:15). Eles são muito mais critérios de acesso à construção de sentido do que princípios de boa formação textual (MARCUSCHI, 2009, p. 97, grifo nosso).

Essas são as considerações iniciais necessárias para o propósito de apresentar e inserir o tema da intertextualidade no âmbito deste trabalho. Na sequência, outros pressupostos também são apresentados.

3.2.1 Leitura

O conceito de leitura varia de acordo com as teorias linguísticas sobre a mesma, variando de acordo com a concepção de língua, sujeito da linguagem, texto e sentido. A apresentação das diversas teorias e evolução do conceito da mesma no decorrer da história está além dos objetivos deste trabalho. Faz-se constar, contudo, que a partir da década de 70, novos paradigmas surgem na Linguística quanto ao processo de leitura.

Nessa nova perspectiva, em Koch (2006), tem-se que a língua é vista como ação, é trabalho coletivo dos falantes; os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, sujeitos ativos que se constroem e são construídos no texto; e o texto se torna o lugar da interação e da constituição dos interlocutores; seu sentido se constrói na interação texto-sujeitos. Para Koch (2006, p. 10) a leitura é considerada:

> Atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo.

A leitura passa, então, a ser concebida como processo sociointerativo, uma vez que o sentido é construído dinamicamente, numa relação de diálogo entre *autor*, *leitor* e *texto*, ou seja, o foco dá-se na interação autor/texto/leitor.

Diversas considerações feitas neste presente estudo sobre o autor Lucas, seus destinatários e sobre o seu evangelho estão sob essa perspectiva aqui apresentada. Considerações sobre o autor constam especificamente no item "O autor propriamente: Lucas" (**Ver** 2.2.1); aquelas sobre os seus destinatários estão no item "Os destinatários do *Evangelho segundo Lucas*" (**Ver** 2.2.2). No item "O texto do *Evangelho segundo Lucas*" (**Ver** 2.2.3) e em seus desdobramentos, constam as considerações sobre o texto de Lucas. Como pôde ser observado, aspectos do autor e destinatários imprimiram as marcas que, como será confirmado pelas análises, configuram Lucas como sendo o evangelista da misericórdia.

3.2.2 O texto e os desdobramentos da intertextualidade

Conforme já mencionado em capítulos precedentes, as relações intertextuais entre os evangelhos permitem que se chegue a diversas considerações sobre características de Lucas quanto aos temas que ele destaca e ao estilo que o mesmo utiliza. Este item e suas subdivisões apresentam as principais bases teóricas subjacentes às análises do texto do evangelista grego constantes no capítulo 4. A partir de considerações sobre texto, a exposição amplia-se com a abordagem das diversas relações que o mesmo comporta.

Inicialmente, tem-se, em Bakhtin (1986), que:

> O texto só ganha vida em contato com outro texto (com contexto). Somente neste ponto de contato entre textos é que uma luz brilha, iluminando tanto posterior como anterior, juntando dado texto a um diálogo. Enfatizamos que esse contato é contato dialógico entre textos [...]. Por trás desse contato, está um contato de personalidades e não de coisas (BAKHTIN, 1986 apud KOCH et al. 2008, p. 16).

Para Marcuschi (2009, p. 129): "Há hoje um consenso quanto ao fato de se admitir que todos os textos comungam com outros textos, ou seja, não existem textos que não mantenham algum aspecto intertextual, pois nenhum texto se acha isolado e solitário". Para esse autor, esse critério de textualização refere-se às relações entre um dado texto e os outros textos relevantes encontrados em experiências anteriores, com ou sem mediação.

Para esse mesmo linguista textual, a intertextualidade colabora com a coerência textual e "é hoje estudada detidamente porque tem importância fundamental ao relacionar discursos entre si" (MARCUSCHI, 2009, p. 131). Ele afirma também que:

> O que se pode dizer é que a intertextualidade, mais que um simples critério de textualidade, é também um princípio constitutivo que trata o texto como uma comunhão de discursos e não como algo isolado. E esse fato é relevante porque dá margem a que se façam interconexões dos mais variados tipos para a própria interpretação (MARCUSCHI, 2009, p. 132).

Charles Bazerman (2009, p. 25) diz que a "intertextualidade frequentemente procura criar uma compreensão detalhada sobre o que foi dito anteriormente e a situação atual como se apresenta". Para ele, sobre os fatos sociais, o escritor tenta fazer uma nova afirmação.

Segundo o *Dicionário de Análise do Discurso* (2004, p. 288 apud MARCUSCHI, 2009, p. 130), a intertextualidade: "é uma propriedade constitutiva de qualquer texto e o conjunto das relações explícitas ou implícitas que um texto ou um grupo de textos determinado mantém com outros textos".

Marcuschi (2009, p. 97) também declara que Gérard Genette (1982, p. 8) usa a expressão 'transtextualidade' para designar o fenômeno de modo mais amplo e, com base no *Dicionário de Análise do Discurso* (2004, p. 288), o autor distingue os seguintes tipos de relações transtextuais:

> – a intertextualidade, que supõe a presença de um texto *em outro* (por citação, alusão etc.);
> – a paratextualidade, que diz respeito ao *entorno* do texto propriamente dito, sua periferia (títulos, prefácios, ilustrações, encarte etc.);
> – a metatextualidade, que se refere à relação de *comentário* de um texto por outro;
> – a arquitextualidade, bastante mais abstrata, que põe um texto em relação com diversas *classes* às quais ele pertence (tal poema de Baudelaire se encontra em relação de arquitextualidade com a classe dos sonetos, com a das obras simbolistas, com a dos poemas, com a das obras líricas etc.);
> – a hipertextualidade, que recobre fenômenos como a paródia, o pastiche etc. (MARCUSCHI, 2009, p. 97).

Para Marcuschi (2009, p. 129): "a intertextualidade é um fator importante para o estabelecimento dos tipos de gêneros de texto na medida em que os relaciona e os distingue. Na realidade, isso seria uma relação como a de arquitextualidade de Genette".

Enquanto conceito operacional da teoria e crítica literária, a intertextualidade foi proposta por Bakhtin (1929) para quem "cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados."

Para Júlia Kristeva (1974, p. 60 apud KOCH et al., 2008), a introdutora da noção de intertextualidade, "qualquer texto se constrói como um mosaico de citações e é a absorção e transformação de um outro texto". Essa autora, na França, em 1969, desenvolveu a noção de intertextualidade para a literatura. Nessa mesma linha de pensamento da autora, tem-se o pensamento de Greimas (1966), afirmando que:

> O texto redistribui a língua. Uma das vias dessa reconstrução é a de permutar textos, fragmentos de textos que existiram ou existem em redor do texto considerado, e, por fim, dentro dele mesmo; todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis (GREIMAS, 1966 apud KOCH et al., 2008, p. 14).

Numa reflexão sobre intertextualidade e sua relação com a polifonia, Koch (1991 apud MARCUSCHI, 2009, p. 131) cita a consideração de Barthes (1974) de que "todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis". Nesse caso, segundo Marcuschi (2009), todos os textos teriam uma configuração heterogênea. Esse mesmo autor também relata que, para Barthes: "o intertexto é um campo geral de fórmulas anônimas, cuja origem raramente é recuperável, de citações inconscientes ou automáticas, feitas sem aspas" (BARTHES, 1974 apud MARCUSCHI, 2009, p. 131). Barthes amplia o conceito de intertextualidade.

Em Beaugrande e Dressler (1981), a intertextualidade "diz respeito aos fatores que tornam a utilização de um texto dependente do conhecimento de outros textos existentes". Consoante com esses autores, tem-se a afirmação de Koch (2007, p. 59) – já apresentada – de que: "todo texto é um objeto heterogêneo, revela uma relação radical de seu interior com seu exterior; e, desse exterior, evidentemente, fazem parte outros textos que lhe dão origem, que o predeterminam, com os quais dialoga, que retoma, a que alude, ou a que se opõe". Nessa perspectiva, os modos de produção e recepção de um texto dependem do conhecimento que se tenha de outros textos com os quais ele, de alguma forma, se relaciona.

Dominique Maingueneau (1984, p. 83 apud MARCUSCHI, 2009, p. 130) faz distinção entre **intertextualidade** e **intertexto**. Para Maingueneau, o intertexto seriam os fragmentos discursivos que aparecem; e a "intertextualidade seria o princípio geral que rege as formas de isso ocorrer, isto é, as regras do intertexto se manifestar, que podem ser diversas na literatura, na ciência, na religião etc."

Maingueneau também faz distinção entre uma "**intertextualidade interna** (entre discursos do mesmo campo discursivo) e uma **intertextualidade externa** (entre discursos de campos discursivos diversos, por exemplo, entre o campo discursivo da teologia

e da ciência)" (MAINGUENEAU, 1984, p. 83 apud MARCUSCHI, 2009, p. 130). Para Maingueneau, segundo Marcuschi (2009, p. 131): "o intertexto é um componente decisivo nas condições de produção discursiva".

Com base no pensamento de Maingueneau e na descrição do evangelho de Lucas, pode-se considerar que este mantém uma relação de intertextualidade interna entre os de Mateus, Marcos e João, pois esses quatro estão inseridos em um mesmo campo discursivo, aquele da teologia. Entre o *Evangelho segundo Lucas* e a *Retórica* de Aristóteles haveria uma relação de intertextualidade externa, pois este último é do campo discursivo da filosofia.

Segundo Koch (1991, p. 530 apud MARCUSCHI, 2009, p. 131): em um "sentido amplo, a intertextualidade é uma 'condição de existência do discurso' e pode equivaler à noção de **interdiscursividade** ou **heterogeneidade**. Um discurso remete a outro e tudo se dá como se o que se tem a dizer trouxesse pelo menos em parte um já dito".

Koch et al. (2008) observam que a intertextualidade pode ser abordada ou concebida num sentido mais restrito ou mais amplo. Assim há a chamada **intertextualidade *stricto sensu*** e a outra, a **intertextualidade *lato sensu***. Quanto a esta última, tem-se que:

> A Linguística Textual tem mostrado que a comparação dos textos produzidos em dado cultura permite depreender as propriedades formais, estilísticas e temáticas comuns a determinados gêneros, textuais (intertextualidade metagenérica), bem como estruturas comuns a cada um dos tipos textuais (intertextualidade tipológica). Tais propriedades são representadas na memória social sob a forma de esquemas (cf., por exemplo, Van Dijk e Kintsch, 1983; Van Dijk, 1983; 1989), que desempenham papel de grande relevância no processamento textual, quer em termos de produção, quer em termos de compreensão (KOCH et al., 2008, p. 16).

É em razão dessa necessária presença do outro naquilo que se diz (escreve) ou se ouve (lê) que Koch et al. (2008, p. 16) postulam "a existência de uma intertextualidade ampla, constitutiva de todo e qualquer discurso", ou seja, a existência da intertextualidade *lato sensu*. Essa, por sua maior abrangência, não é explorada nesta presente pesquisa.

Marcuschi (2009, p. 131) também relata que, para Koch (1991), sob um ponto de vista estrito, "a intertextualidade seria a relação de um texto com outros textos previamente existentes, isto é, efetivamente produzidos".

Sob a linha de pensamento expressa por Ingedore Koch, Ana Christina Bentes e Mônica Magalhães Cavalcante (2008) em sua obra conjunta *Intertextualidade: diálogos* possíveis, essas são apresentadas na sequência. A seleção dessa obra se faz necessária tanto pela riqueza desse tema quanto pela diversidade de enfoque que essa comporta.

Devido a esse fato, o objetivo aqui não é apresentar o "estado da arte" quanto ao tema da intertextualidade, mas mostrar o suporte teórico necessário e utilizado para a descrição e análise do *corpus* selecionado com o intuito de responder uma pergunta de pesquisa (Quais são as características peculiares do *Evangelho segundo Lucas* no que concerne à constituição genérica, as marcas de intertextualidade e as omissões em relação aos outros evangelhos?) e, igualmente, atender a um dos seus objetivos específicos, qual seja: examinar a intertextualidade temática entre o evangelho lucano e a obra aristotélica *Retórica* no compêndio *Retórica das Paixões*.

Embora não se tenha empreitado uma apresentação reducionista do tema, essa descrição teórica, por ser específica, naturalmente não abrange a multiplicidade de discussões, enfoques e detalhamentos que os linguistas textuais têm dispensado à intertextualidade. Por ser aquela que oferece meios para análise do *corpus* escolhido, detalhou-se, nos limites pertinentes, a *stricto sensu* com alguns dos seus desdobramentos.

3.2.3 Intertextualidade *stricto sensu*

Para Koch et al. (2008), a intertextualidade *stricto sensu* acontece "quando, em um texto, está inserido outro texto (o intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade ou da memória discursiva (*domínio estendido de referência*, cf. Garrod, 1985) dos interlocutores" (KOCH et al., 2008, p. 17), ou seja, para que essa ocorra, "é necessário que o texto remeta a outros textos ou fragmentos de textos *efetivamente* produzidos, com os quais estabelece algum tipo de relação" (KOCH et al., 2008, p. 17).

Para as autoras, esse conceito está alinhado com o que propõe Jenny (1979) ao afirmar que "propomo-nos a falar de intertextualidade desde que se possa encontrar num texto *elementos anteriormente estruturados, para além do lexema, naturalmente*, mas seja qual for o seu nível de estruturação" (JENNY, 1979, p. 14 apud KOCH et al., 2008, p. 17, grifo das autoras).

Essas autoras (2008, p. 17) apresentam também a ponderação de Bauman (2004) de que: "toda e qualquer retextualização de um texto prévio implica uma mudança de clave, uma alteração em sua força ilocucionária e em seu efeito perlocucionário – ou seja, no que ele vale (*count as*) e no que ele faz". Assim, percebe-se que a intertextualidade não

consiste numa repetição casual e ingênua de outros textos ou de seus fragmentos; alguma modalização lhe será atribuída por esse querer dizer intencional a alguém.

Na perspectiva da intertextualidade *stricto sensu*, as autoras relacionam a intertextualidade **temática**, intertextualidade **estilística**, intertextualidade **explícita**, e intertextualidade **implícita**. Seus desdobramentos são a **intertextualidade intergenérica** e a **intertextualidade tipológica**. As primeiras são amplamente detalhadas e exemplificadas na obra e são descritas abaixo.

Mencionam também a **autotextualidade** (ou **intratextualidade**), intertextualidade com textos de outros enunciadores, inclusive um enunciador genérico; **intertextualidade** "**das semelhanças**" e "**das diferenças**" (KOCH et al., 2008, p. 18). Estas duas últimas, juntamente com a **captação** e a **subversão**, são denominações diferentes de eventos incluídos pelas autoras na intertextualidade implícita. Quanto às duas primeiras, as autoras observam que:

> Cabe lembrar, ainda, que há autores que reservam o termo intertextualidade somente para casos em que se recorre a intertextos alheios. Quando um autor ou compositor insere em seu texto trechos de outras obras suas, preferem falar em ***autotextualidade*** ou ***intratextualidade*****.** Não faremos distinção, no entanto, entre intertextualidade e a autotextualidade (KOCH et al., 2008, p. 18, grifo nosso).

Neste presente trabalho, empregou-se o termo **intratextualidade** quando se quis destacar as relações textuais dentro do próprio *Evangelho segundo Lucas*.

Apesar das diferenciações e classificações que fazem quanto à intertextualidade, essas autoras descartam a possibilidade de existência de uma intertextualidade apenas de forma, como por vezes se costuma postular, já que defendem a posição de que: "toda forma necessariamente emoldura, *enforma* determinada maneira" (KOCH et al., 2008, p. 19).

A partir desse breve mapeamento da intertextualidade *stricto sensu*, na sequência, são detalhados os seus desdobramentos destacados acima.

3.2.3.1 Intertextualidade temática

A **intertextualidade temática** "é encontrada, por exemplo, entre textos científicos pertencentes a uma mesma área do saber ou uma mesma corrente de pensamento,

que partilham temas e se servem de conceitos e terminologia próprios, já definidos no interior dessa área ou corrente teórica" (KOCH et al., 2008, p. 18). Outros exemplos citados pelas autoras em que essa pode ocorrer são:

> Entre matérias de jornais e da mídia em geral, em um mesmo dia, ou durante um certo período em que dado assunto é considerado focal; entre as diversas matérias de um mesmo jornal que tratam desse assunto; entre as revistas semanais e as matérias jornalísticas da semana; entre textos literários de uma mesma escola ou de um mesmo gênero, como acontece, por exemplo, nas epopeias, ou mesmo entre textos literários de estilo diferente [...]; histórias em quadrinho de um mesmo autor; diversas canções de um mesmo compositor ou de compositores diferentes; um livro e o filme ou novela que o encenam; as várias encenações de uma mesma peça de teatro, as novas versões de um filme, e assim por diante (KOCH et al., 2008, p. 18).

A aplicação desse conceito mostrou-se relevante para se chegar a diversas conclusões sobre a configuração do *Evangelho segundo Lucas* como sendo o da misericórdia. Conforme mencionado no capítulo descritivo, vários temas e subtemas são próprios ou enfáticos em Lucas. Diversos quadros e comentários sobre esses constam no capítulo 4.

3.2.3.2 Intertextualidade estilística

Segundo as autoras, a **intertextualidade estilística** ocorre "quando o produtor do texto, com objetivos variados, repete, imita, parodia certos estilos ou variedades linguísticas: são comuns os textos que reproduzem a linguagem bíblica, um jargão profissional, um dialeto, o estilo de um determinado gênero, autor ou segmento da sociedade" (KOCH et al., 2008, p. 19).

No âmbito de textos sensíveis, na modalidade de textos sagrados:

> Esse tipo de intertextualidade é também bastante recorrente na Bíblia e pode ser encontrado, por exemplo, nos textos que tratam da anunciação de João Batista e de Jesus, que, apesar de serem personagens distintos, têm suas histórias narradas por meio da mesma estrutura estilística (FIGUEIREDO, 2007, p. 141).

A aplicação do conceito de intertextualidade estilística no *Evangelho segundo Lucas* será mostrada no capítulo 4, especificamente no item "Intertextualidade estilística em Lucas" (**Ver** 4.1.2) e em seus desdobramentos, nos quais constam exemplificações e análises.

Por associar-se diretamente ao estilo, essa aplicação mostrou-se profícua na caracterização do escrito lucano como sendo o evangelho da misericórdia.

3.2.3.3 Intertextualidade explícita

A **intertextualidade explícita**, segundo Koch et al. (2008, p. 28), ocorre quando, no próprio texto, faz-se menção à fonte do intertexto, isto é: "quando um outro texto ou um fragmento é citado, é atribuído a outro enunciador; ou seja, quando é reportado como tendo sido dito por outro ou por outros generalizados ('Como diz o povo...', 'segundo os antigos...')". Para essas linguistas, trata-se do caso das citações, referências, menções, resumos, resenhas e traduções. Segundo as mesmas autoras, o fenômeno ocorre:

> Em textos argumentativos, quando se emprega o recurso à autoridade; e, em se tratando de situações de interação face-a-face, nas retomadas do texto do parceiro, para encadear sobre ele ou contraditá-lo, ou mesmo para demonstrar atenção ou interesse na interação – neste último caso, funcionando de modo semelhante a um sinal de retroalimentação (*backchanel*) (KOCH et al., 2008, p. 28).

Segundo o que expõem essas autoras, pode-se recorrer à intertextualidade explícita para exemplificar uma posição teórica a fim de abalizar uma tese; tomar a fala de alguém como argumento para determinada conclusão; para colocar em descrédito determinada fala; mostrar-se ofendido ou não numa interação face a face. Nesse tipo de interação, a retomada de um enunciado de origem pode variar significativamente segundo a entonação e função da réplica: adesão, dúvida, discordância, contestação, protelação de resposta, por exemplo (KOCH et al., 2008, p. 30).

Da forma como é definido pelas autoras, esse tipo de intertextualidade não ocorre entre o *Evangelho segundo Lucas* e os outros três canônicos, pois em seus textos considerados originais, um não cita o outro. Conforme descrito, Marcos é considerado o primeiro evangelho escrito dentre os que foram conservados (KONINGS, 2006, p. x), não fazendo – evidentemente – menção a nenhum outro. O documento da Diocese de Montes Claros (1998, p. 5), apresenta Lucas e Mateus como escritos independentes, não havendo evidência de que um conhecia o outro. A respeito do evangelho de João – classicamente distinto dos anteriores –, em Battaglia (1984, p. 214), tem-se que: "ele é todo diferente dos

primeiros três", com estilo diferente, mais contemplativo que narrativo; mais intuitivo que racional (BATTAGLIA , 1984, p. 216); não faz menção aos outros três.

Contudo, em algumas edições bíblicas atuais, é comum a remissão ou inserção de referências paralelas dos relatos comuns aos quatro evangelhos. Essas se dão seja pela intertextualidade temática estabelecida entre os quatro, pois o gênero evangelho trata da história de Jesus, ou/e pela questão das fontes e origem dos quatro evangelhos (**Ver** 2.1.1).

O que se tem intertextualmente explícito nos evangelhos são as falas atribuídas a Jesus; essas, de fato, constituem uma relação de intertextualidade explícita, mas não entre os escritos evangélicos em si, mas entre a pregação oral de Jesus e suas sucessivas repetições na catequese oral dos apóstolos e também, como já mencionado, entre as primeiras coleções dos 'ditos de Jesus' e suas consequentes textualizações sob a forma de um gênero, hoje chamado de evangelho. A referência a Jesus serviria para conferir a autoridade do dito, tendo como função retórica suscitar adesão ideológica por parte do ouvinte/leitor. Nesse sentido, Lucas retoricamente faz seleção de alguns ditos, omite outros; o que, somado a outros aspectos, imprime-lhe o estilo reconhecido entre teólogos. As análises exploram isso.

3.2.3.4 Intertextualidade implícita

Por sua vez, tem-se a intertextualidade implícita quando se introduz, no próprio texto, um intertexto alheio "sem qualquer menção explícita da fonte, com o objetivo quer de seguir-lhe a orientação argumentativa, quer de contraditá-lo, colocá-lo em questão, de ridicularizá-lo ou argumentar em sentido contrário" (KOCH et al., 2008, p. 30).

Quando se segue a orientação argumentativa, "verificam-se paráfrases, mais ou próximas, do texto-fonte: é o que Sant'Anna (1985) denomina de '*intertextualidade das semelhanças'*, e Grésillon e Maingueneau (1984) chamam de *captação*" (KOCH et al., 2008, p. 30, grifo das autoras). Observada a questão das fontes dos evangelhos, em diferentes níveis entre os mesmos, esse fenômeno ocorre entre os quatro evangelhos, sobretudo entre os sinóticos, como indica o próprio nome. O item 2.1.2 tratou exatamente da identidade entre esse grupo de escritos. O item 4.1.1, igualmente, tratará da intertextualidade temática entre Lucas e Marcos/Mateus/João.

Ao contrário, quando não há essa consonância argumentativa, mas quer-se contraditar o intertexto, colocá-lo em questão, ridicularizá-lo ou argumentar em sentido

contrário, "incluem-se enunciados parodísticos e/ou irônicos, apropriações, reformulações de tipo concessivo, inversão da polaridade afirmação/negação, entre outros (***intertextualidade das diferenças***, para Sant´Anna, 1985; ***subversão*** para Grésillon e Maingueneau, 1984)" (KOCH et al., 2008, p. 30). Dadas as características desse desdobramento, percebe-se que o mesmo não ocorre de forma sistemática entre os quatro escritos canônicos neotestamentários.

Koch et al. (2008, p. 31) expandem o acima exposto e comentam que:

> Nos casos de intertextualidade implícita, o produtor do texto espera que o leitor/ouvinte seja capaz de reconhecer a presença do intertexto, pela ativação do texto-fonte em sua memória discursiva, visto que, se tal não ocorrer, estará prejudicada a construção do sentido, mais particularmente, é claro, no caso da subversão. Também nos casos de captação, a reativação do texto primeiro se afigura de relevância; contudo, por se tratar de uma paráfrase, mais ou menos fiel, do sentido original, quanto mais próximo o segundo texto for do texto-fonte, menos é exigida a recuperação deste para que se possa compreender o texto atual (embora, é claro, tal recuperação venha incrementar a possibilidade de construção de sentidos mais ou menos adequados ao projeto de dizer do produtor do texto).

O constante no excerto acima sobre captação aplica-se ao *Evangelho segundo Lucas* em seu contexto original de produção, tendo em vista a questão dos seus destinatários. Conforme mencionado no item "O *Evangelho segundo Lucas*" (**Ver** 2.2), esse sabia da existência de outras narrações "dos fatos que se cumpriram entre nós" (Lucas, 1,1).

As autoras da citação anterior incluem o **plágio** nesse tipo de intertextualidade; essas o consideram um caso de recuperação altamente indesejável; "o caso extremo de captação". Para Koch et al. (2008, p. 31): "O plágio seria um tipo particular de intertextualidade implícita, com valor de captação, mas no qual, ao contrário dos demais, o produtor do texto espera (ou deseja) que o interlocutor não tenha na memória o intertexto e sua fonte (ou não venha proceder à sua ativação)". Segundo as linguistas, para conseguir seu intento, o plagiador recorre a operações de ordem linguística de pequena monta – como apagamentos, substituições de termos, alterações de ordem sintática, transposições – para camuflar o intertexto (KOCH et al., 2008, p. 31). Pelo já exposto, esse "caso extremo de captação" não ocorre entre os evangelhos. Em Lucas 1,1, isso é declarado.

Faz-se constar, contudo, que aquilo que seria indesejável para o plagiador, ou seja, a descoberta do intertexto alheio, "torna-se crucial para a construção do sentido" no caso da intertextualidade com valor de subversão. Koch et al. (2008, p. 31) afirmam que:

> Por serem as fontes dos intertextos [...], tais textos-fonte fazem parte da memória coletiva (social) da comunidade, imaginando-se que possam, em geral, ser facilmente acessados por ocasião do processamento textual – embora, evidentemente, não haja nenhuma garantia de que isso venha realmente acontecer

Para esse grupo de linguistas textuais: "a não depreensão do texto-fonte, nesses casos, empobrece a leitura ou praticamente impossibilita a construção de sentidos próximos àqueles previstos na proposta de sentido do locutor" (KOCH et al., 2008, p. 35).

A título de menção neste trabalho, dentro do quadro da intertextualidade implícita, as autoras incluem a noção de ***détournment***, tal como formulada por Grésillon e Maingueneau (1984). Se tal noção fosse ampliada – segundo essas – ela seria capaz de subsumir grande parte dos casos de intertextualidade implícita. O *détournment*: "consiste em produzir um enunciado que possui marcas linguísticas de uma enunciação proverbial, mas que não pertence ao estoque dos provérbios reconhecidos" (GRÉSILLON; MAINGUENEAU, 1984, p. 114 apud KOCH et al., 2008, p. 45). Esses dois autores estrangeiros preconizam:

> A existência de um *detournment* de tipo *lúdico*, simples jogos com a sonoridade das palavras, como aqueles que as crianças – mas não só elas – gostam de inventar, que não estejam a serviço de uma manobra política ou ideológica, a par de outro, de tipo *militante*, que visa dar autoridade a um enunciado (**captação**) ou a destruir aquela do provérbio em nome de interesses das mais diversas ordens (**subversão**) (KOCH et al., 2008, p. 45, grifo nosso).

Recorrendo à teoria polifônica da enunciação de Oswald Ducrot (1980, 1984), as autoras brasileiras mostram como essa teoria se aplica aos casos de retextualização de provérbios, frases feitas, ditos e canções populares, poemas e canções amplamente conhecidos, em que "o E1 representa o enunciador genérico (ON), e E2, o enunciador que contradiz o texto-fonte, e ao qual o locutor adere ao proceder a retextualização" (KOCH et al, 2008, p. 46). Essa pode ser feita por *substituição* (de fonemas ou de palavras), por *acréscimo* (de formulação adversativa; de outros tipos de acréscimo; por *inversão de polaridade afirmação/negação*), *supressão* ou, ainda, por *transposição* (KOCH et al., 2008, p. 46-50).

As autoras dedicam um capítulo da obra *Intertextualidade: diálogos possíveis* à questão da **intertextualidade intergenérica** e da **intertextualidade tipológica**. Essas são apresentadas na sequência.

3.2.3.5 Intertextualidade intergenérica ou intergenericidade

Para adentrar a questão da **intertextualidade intergenérica**, as autoras abordam primeiramente a questão da **competência metagenérica**. Fundamentando-se em

Bakhtin (1953), Swales (1990; 1994), Bathia (1997), entre outros, Koch et al. (2008) afirmam que: "as práticas sociais de que participamos determinam a existência de gêneros do discurso, com **forma composicional, conteúdo temático, estilo**, circunstâncias de uso e propósito comunicativo próprios" (KOCH et al., 2008, p. 63). De maneira análoga, nas palavras dessas linguistas, tem-se que:

> Os exemplares de cada gênero, evidentemente, mantêm entre si relações intertextuais no que diz respeito à **forma composicional**, ao **conteúdo temático** e ao **estilo**, permitindo ao falante, devido à familiaridade com elas, construir na memória um *modelo cognitivo de contexto* (Van Dijk, 1994; 1997) que lhe faculte reconhecê-los e saber quando recorrer a cada um deles, usando-os de maneira adequada. É o que se tem denominado **competência metagenérica** (KOCH et al., 2008, p. 63, grifo nosso).

Com base na mencionada competência metagenérica, um leitor inserido no ambiente ocidental cristão pode distinguir facilmente, por exemplo, as cartas (epístolas) dos evangelhos contidos no Novo Testamento.

Ainda fundamentando-se em Van Dijk (1994; 1997), Koch et al. (2008, p. 63) afirmam que os **modelos cognitivos de contexto** contêm os parâmetros relevantes da interação comunicativa e do contexto social. Tais modelos: "definem a relevância de cada discurso nos vários contextos e, portanto, também a atenção que lhe deve ser dada e o modo como a informação deve ser processada" (KOCH et al., 2008, p. 63). Tais modelos são usados para monitorar os eventos comunicativos e esses:

> Representam as intenções, propósitos, objetivos, perspectivas, expectativas, opiniões e outras crenças dos interlocutores sobre a interação em curso ou sobre o texto que está sendo lido ou escrito, bem como sobre as propriedades do contexto tais como tempo, lugar, circunstâncias, condições, objetos e outros fatores situacionais que possam ser relevantes para a realização adequada do discurso (VAN DIJK, 1994, p. 6 apud KOCH et al., 2008, p. 63).

Ainda a respeito dos modelos cognitivos, Koch et al. (2008, p. 64) acrescentam que esses modelos: "encerram todo o conhecimento sócio-interacional mobilizado nos diversos contextos interacionais, inclusive o conhecimento relativo ao **formato**, **estilo** e **tipo de conteúdo** dos diversos gêneros textuais e sua adequação aos múltiplos tipos de práticas sociais" (grifos nossos). Para Van Dijk (1994, p. 11 apud KOCH et al., 2008, p. 64) os modelos cognitivos de contexto são, portanto: "a contínua e quotidiana 'aplicação' à situação comunicativa em curso de uma teoria totalmente rudimentar e ingênua da comunicação e da interação".

Koch; Bentes e Cavalcante (2008) ponderam, contudo, que:

> É bastante comum que, no lugar próprio de determinada prática social ou *cena enunciativa* (Maingueneau, 2001), se apresente(m) gênero(s) pertencente (s) a outras molduras comunicativas, evidentemente com o objetivo de produzir determinados efeitos de sentido. Para tanto, o produtor do texto conta com o conhecimento prévio dos seus ouvintes a respeito dos gêneros em questão. É a intergenericidade ou intertextualidade (inter)genérica, denominada também por Marcuschi (2002) de *configuração híbrida*, ou seja, um gênero que exerce a função de outro, o que revela "a possibilidade de operação e maleabilidade que dá aos gêneros enorme capacidade de adaptação e ausência de rigidez (p.31)" (KOCH et al., 2008, p. 64).

Quanto ao constante na citação, elas ilustram, por exemplo, que é muito comum o uso de fábulas e contos infantis em colunas opinativas de jornais.

No âmbito dos textos sagrados, um caso que requer do leitor essa competência metagenérica é a leitura da Bíblia (FIGUEIREDO, 2007, p. 135). Tal afirmativa torna-se particularmente interessante para este trabalho que analisa a manifestação da misericórdia na materialidade linguística do *Evangelho segundo Lucas*. Esse naturalmente se inscreve entre um grupo de livros bíblicos com os quais estabelece diversos tipos de intertextualidade e em diferentes níveis.

3.2.3.6 Intertextualidade tipológica

O último item explorado dentro da intertextualidade *stricto sensu* é a denominada **intertextualidade tipológica**. Na obra referencial de base utilizada para a descrição desse fenômeno linguístico, tem-se que o mesmo:

> Decorre do fato de se poder depreender, entre determinadas sequências ou tipos textuais – narrativas, descritivas, expositivas, etc., um conjunto de características comuns, em termos de estruturação, seleção lexical, uso de tempos verbais, advérbios (de tempo, lugar, modo etc.) e outros elementos dêiticos que permitem reconhecê-las como pertencentes a determinada classe (KOCH et al, 2008, p. 75).

A intertextualidade tipológica está presente, por exemplo, em textos nos quais, a par das sequências narrativas, responsáveis pela ação propriamente dita (enredo, trama), encontram-se sequências descritivas (de situações, ambientes, personagens) e também expositivas (intromissão do narrador) (KOCH et al., 2008, p. 77).

As autoras mencionam que, de acordo com Beaugrande e Dressler (1981): “é pela comparação dos textos a que se acham expostos os falantes, no meio em que vivem e pela subsequente representação da memória de tais características, que eles constroem modelos mentais tipológicos específicos” (KOCH et al., 2008, p. 76).

Van Dijk (1983 apud KOCH et al., 2008, p. 76) denomina esses modelos mentais tipológicos específicos de *superestruturas*. São eles que vão permitir que os falantes construam e reconheçam as sequências dos diversos tipos. “As superestruturas mais frequentemente estudadas são a narrativa, descritiva, injuntiva, expositiva, preditiva, explicativa e argumentativa (*stricto sensu*)” (KOCH et al., 2008, p. 76).

Para Koch et al. (2008, p. 76): “As sequências narrativas apresentam uma sucessão temporal/causal de eventos, ou seja, há sempre um antes e um depois, uma situação inicial e uma situação final, entre as quais ocorre algum tipo de modificação de um estado de coisas”. As autoras afirmam que, conforme Harald Weinrich (1964), há nessas sequências a predominância de verbos de ação, os tempos verbais do mundo narrado. Citam também a presença de adverbiais temporais, causais e, também, de locativos; afirmam ser frequente a presença do discurso relatado: direto, indireto e indireto livre. As autoras dão notícias, contos e romances como exemplos nos quais predominam essa espécie de relato. Tais sequências estão presentes no *Evangelho segundo Lucas*, sendo algumas mostradas no capítulo das análises.

Por sua vez, para as autoras acima, as sequências descritivas caracterizam-se pela:

> Apresentação de propriedades, qualidades, elementos componentes de uma entidade, sua situação no espaço etc. Nela predominam os verbos de estado e situação, ou aquelas que indicam propriedades, qualidades, atitudes, que aparecem no presente, em se tratando de comentário, e no imperfeito, no interior de um relato. Predominam articuladores de tipo espacial/situacional (KOCH et al, 2008, p. 76).

Para as sequências expositivas, as mesmas autoras afirmam que nessas constam a análise ou a síntese de representações conceituais numa ordenação lógica. Os tempos verbais são aqueles do mundo representado, tendo conectores predominantemente do tipo lógico (KOCH et al., 2008, p. 76).

Já para as sequências injuntivas, as linguistas expõem que essas contêm prescrições tanto de comportamentos quanto de ações “sequencialmente ordenados, tendo como principais marcas os verbos no imperativo, infinitivo ou futuro do presente, e articuladores adequados ao encadeamento sequencial das ações prescritas” (KOCH et al.,

2008, p. 76). Devido ao caráter catequético dos evangelhos, tais sequências são recorrentes nos quatro evangelhos, o que caracteriza a intertextualidade tipológica entre os mesmos.

Sobre a última sequência textual que apresentam, a argumentativa *stricto sensu*, Koch et al. (2008, p. 77) alegam que essa apresenta uma ordenação ideológica de argumento e/ou contra-argumentos, e que nessa há predominância de elementos modalizadores, verbos introdutores de opinião, operadores argumentativos etc.

As linguistas concluem a exposição sobre a intertextualidade tipológica afirmando que cada gênero elege uma ou – como é mais comum – algumas dessas sequências ou tipos para a sua composição. Essas apresentam os seguintes exemplos:

> Peças jurídicas como a petição inicial ou a contestação vão conter, normalmente, sequências narrativas, descritivas, expositivas e argumentativas; num manual de instruções encontrar-se-ão, pelo menos, sequências injuntivas e descritivas, e assim por diante (KOCH et al., 2008, p. 77).

Seguindo a afirmação constante acima e o *corpus* de estudo, vê-se que o gênero evangelho elege, por exemplo, sequências narrativas e argumentativas em *stricto sensu*. As narrações de diversos episódios constantes em Lucas quando comparadas às dos outros sinóticos permitem a percepção do estilo lucano, considerado misericordioso. As análises constantes no capítulo 4 confirmam isso.

CAPÍTULO 4 – ANÁLISE

Este capítulo apresenta as constatações feitas durante a descrição do *Evangelho segundo Lucas* e, especialmente, contém as conclusões a que se chegou ao abordar essa obra considerada sagrada sob a perspectiva da Linguística Textual. Este reapresenta e complementa diversos comentários analíticos já feitos nos dois primeiros capítulos; os quais são retomados e acrescidos com aspectos teóricos constantes no capítulo 3.

Esta seção apresenta igualmente as respostas sistematizadas para as perguntas de pesquisa. Apresenta também, segundo o objetivo geral da pesquisa – que é examinar quais são os elementos linguísticos que imprimem nesse compêndio o caráter de misericordioso –, os seguintes pontos: identificação do significado do termo misericórdia na Bíblia; o exame dos motivos pelo quais o *Evangelho segundo Lucas* é considerado o evangelho da misericórdia (se pela sua dimensão constitutiva do conteúdo temático, pela construção composicional e/ou pelo seu estilo; os contrastes ou convergências do significado/expressão da misericórdia no *Evangelho segundo Lucas* em comparação com outros textos bíblicos; o papel desempenhado pelo contexto de produção e pelo contexto de recepção na constituição textual desse evangelho; e o exame da intertextualidade temática entre o *Evangelho segundo Lucas* e a obra aristotélica *Retórica* no compêndio *Retórica das Paixões.*

Este capítulo se estrutura a partir da retextualização por ser esse o fenômeno que dá origem às diversas intertextualidades presentes. Como consta no item "A questão das fontes e a origem dos quatro evangelhos" (2.1.1), os evangelhos são retextualizações da pregação de Jesus como constantes nos escritos pré-testamentários oriundos da pregação apostólica. Sequencialmente, a partir desse item, mostra-se a intertextualidade temática entre Lucas e Marcos/Mateus/João; a questão da intertextualidade estilística no próprio *Evangelho segundo Lucas* e, também, a intertextualidade estilística e temática simultâneas no terceiro evangelho.

Nesse intento de mostrar as intertextualidades estilísticas e temáticas simultâneas, faz-se uma análise das parábolas da "Ovelha perdida" e da "Dracma perdida"; essa constitui o cerne deste trabalho de análise. Nesses dois relatos, são explorados aspectos de busca, salvação, amigos e vizinhos, o universalismo, a alegria, a misericórdia expressa em

verbos de ação e, finalmente, a inserção das mulheres no escrito lucano. Para evidenciar o estilo lucano, os outros três evangelhos são tomados para comparação, sobretudo os outros dois sinóticos por permitirem melhor contraste de redação.

A partir dos aspectos característicos do terceiro evangelho apresentados no capítulo 2, foram selecionadas e aplicadas categorias de análise da misericórdia na materialidade linguística em Lucas; essas podem ser divididas em dois grupos não excludentes: inserção, omissão e eufemização, relacionadas sobretudo ao estilo; universalismo (amizade a todos, ausência de sectarismos) e aspectos de busca/salvação (alegria do encontro, dinamicidade e atualidade – o 'hoje'), que se relacionam sobretudo ao conteúdo temático.

4.1 RETEXTUALIZAÇÃO NO ÂMBITO DOS EVANGELHOS

Conforme exposto na descrição do *corpus* em estudo, no capítulo 2, o *Evangelho segundo Lucas*, a exemplo do de Mateus, teve como grande intertexto o *Evangelho segundo Marcos*. No livro-documento da Diocese de Montes Claros (1998, p. 5) consta que dos 1.149 versículos constantes em Lucas, 424 foram tomados de Marcos, que tem 680 versículos.

Essa primazia de Marcos em relação aos outros dois sinóticos é dada, também, por Konings (2005, p. xi), quem informa que, com algumas exceções, Lucas contém "matérias de Marcos, substancialmente na mesma terminologia e ordem. Além disso, contém as mesmas sentenças que Mateus acrescentou a Marcos, em parte verbalmente iguais e agrupadas na mesma maneira, embora inseridas em outra altura da narrativa geral" (KONINGS, 2005, p. ix).

A partir dessas afirmações, linguisticamente, pode-se dizer que em Lucas houve uma retextualização parcial de Marcos. Diz-se parcial porque o compêndio lucano omite alguns itens de Marcos e, ao mesmo tempo, contém tópicos próprios, como mostrado no item "Singularidades do *Evangelho segundo Lucas*" (2.2.3.2).

Marcuschi (2001, p. 46) elabora o conceito de *retextualização*, entendida como "um processo que envolve operações complexas que interferem tanto no código como no sentido e evidenciam uma série de aspectos nem sempre bem-compreendidos da relação oralidade-escrita." Pelo que Koch et. al. (2008, p. 50) expõem sobre retextualização de

provérbios, ditos, canções populares, etc., esse fenômeno se expande para outros níveis além da relação 'oralidade-escrita'.

A citação Maria de Lourdes Meirelles Matencio (2003), abaixo, explica o conceito de retextualização da forma como foi tomado neste trabalho:

> Textualizar é agenciar recursos *linguageiros* e realizar operações linguísticas, textuais e discursivas. Retextualizar, por sua vez, envolve a produção de um novo texto a partir de um ou mais textos-base, o que significa que o sujeito trabalha sobre as estratégias linguísticas, textuais e discursivas identificadas no texto-base para, então, projetá-las tendo em vista uma nova situação de interação, portanto um novo enquadre e um novo quadro de referência. A atividade de retextualização envolve, dessa perspectiva, tanto relações entre gêneros e textos – o fenômeno da intertextualidade – quanto relações entre discursos – a interdiscursividade. (MATENCIO, 2003, p. 3-4)

Como, exposto, a retextualização naturalmente se associa à textualização e aos seus critérios de textualidade. Conforme consta no terceiro capítulo deste estudo, Marcuschi (2009, p. 96) menciona sete critérios da textualização: *coesão* e *coerência* (como parte do conhecimento linguístico) e *aceitabilidade, informatividade, situacionalidade, **intertextualidade*** e *intencionalidade* (como parte do conhecimento de mundo).

Entre esses critérios, o conceito de intertextualidade aplica-se amplamente à análise dos sinóticos, dado que os autores consultados dão Marcos como o grande intertexto para Mateus e Lucas. Para Konings (2005, p. xii), "o Evangelho de Mateus é como se fosse uma 'nova edição revista, atualizada e aumentada' de Marcos". Quanto a Lucas, esse autor diz que esse evangelista tomou "maior liberdade do que Mateus com relação ao 'modelo' que é Marcos" (KONINGS, 2005, p. xii).

Conforme consta no item "O *Evangelho segundo Lucas*" (2.2), em McKenzie (1983) fica patente o fenômeno da retextualização em Lucas. Esse biblista postula a percepção desse evangelista de que as tradições evangélicas que ele conhecia não conseguiam apresentar Jesus em seu todo de forma facilmente compreensível para cristãos helenistas. "Por isso, usou material novo e **reelaborou o antigo**" (MCKENZIE, 1983, p. 559, grifo nosso).

Para o biblista, conforme consta no item citado, o 'antigo' refere-se ao *Evangelho segundo Marcos*. Depreende-se daí a preocupação do autor grego com relação à acessibilidade e formação de sentido em sua obra em relação à de Marcos. Vale lembrar que a obra de Marcos já era em grego.

Como consta na descrição do *corpus* ("As fontes do autor Lucas" – 2.2.1.1), Lucas toma parte do *Evangelho segundo Marcos* e acrescenta explicações de ritos e festas,

como ocorre, por exemplo, entre Marcos 14,1-2 e Lucas 22,1-2. Se o seu objetivo fosse apenas retransmitir a mensagem como tal, bastaria apresentar o de Marcos, que já é em grego. Percebe-se, assim, que Lucas preocupava-se com a acessibilidade da sua obra, pois, de acordo com Luís Alonso Schökel[24] (2006, p. 2.448), esse evangelista "oferece uma mensagem mais imediatamente acessível a leitores pagãos".

Considerando essas afirmações e outras constantes na descrição do *corpus* deste estudo, especificamente quanto à questão das fontes e origens dos evangelhos ("A questão das fontes e a origem dos quatro evangelhos" – 2.1.1; "A identidade nos sinóticos" – 2.1.2; "As fontes do autor Lucas" – 2.2.1.1), várias postulações linguísticas podem ser empreendidas. Essas dizem respeito à intertextualidade e são apresentadas na sequência.

4.1.1 A intertextualidade temática entre Lucas e Marcos/Mateus/João

Conforme já descrito no capítulo teórico, a **intertextualidade temática** é aquela encontrada, por exemplo, "entre textos científicos pertencentes a uma mesma área do saber ou uma mesma corrente de pensamento, que partilham temas e se servem de conceitos e terminologia próprios, já definidos no interior dessa área ou corrente teórica" (KOCH et al. 2008, p. 18). Vê-se, dessa forma, que a intertextualidade temática envolve a coincidência de temas entre obras.

Assim exposto, percebe-se que esse conceito se aplica integralmente aos quatro evangelhos canônicos. De fato, conforme descrição de Battaglia (1984), os evangelistas foram escritores empenhados e teólogos que aprofundaram a vida e a mensagem de Jesus. Segundo esse autor, existe apenas um só evangelho de Jesus Cristo, porque uma é a história da sua pregação, "mas há também um 'Evangelho segundo Mateus', um 'Evangelho segundo Marcos', um 'Evangelho segundo Lucas' e um 'Evangelho segundo João', porque quatro foram as experiências de Cristo vividas pelos evangelistas" (BATTAGLIA, 1984, p. 75). Vê-se, assim, que os quatro compêndios evangélicos contemplam a história da vida e pregação de Jesus. Isso não exclui, conforme mostrado no item "A diversidade entre os

[24] Luís Alonso Schökel nasceu em Madri em 1920 e faleceu em 10 de julho de 1998. Doutor em Sagrada Escritura pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma, foi pioneiro no estudo da poesia hebraica. Autor (com vários colaboradores) de uma tradução do Antigo e Novo Testamento baseada na estilística comparativa. Coordenador/tradutor da *Bíblia del Peregrino – Edición de estudio* (BÍBLIA DO PEREGRINO, 2006).

sinóticos" (2.1.3), a possibilidade de temas, subtemas e conteúdos específicos em cada um deles, como é o caso, por exemplo, das parábolas centrais de Lucas e do episódio de "Zaqueu" – que são explorados neste capítulo – e da figura do bom pastor, de João 10,11-13.

Considerando o exposto pelas autoras da Linguística Textual (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2008) e pelo comentarista bíblico Oscar Battaglia (1984), representante teórico do que é consoante no meio acadêmico cristão, os evangelhos sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas) e também o de João estabelecem entre si uma **intertextualidade temática**, dado que todos esses tratam da mensagem e vida de uma mesma pessoa, Jesus.

Essa modalidade intertextual está, de modo geral, representada nas ilustrações seguintes que mostram o conteúdo geral dos evangelhos canônicos.

Nessas ilustrações, seguindo a convenção de citações bíblicas, os números iniciais ou seguidos por travessão se referem aos capítulos; quando seguidos por vírgula, referem-se a versículos.

A figura abaixo ilustra o conteúdo de Marcos.

I. Quem é este? Que Reino é esse que ele anuncia?			"Messias"? (8, 29)	II. O Messias diferente: Filho do Homem, Servo e Filho de Deus	
1,1-13	1,14–3,35	4,1–8,26	8,27–10,52	11,1–13,37	14,1–16,20
João Batista, o arauto e precursor	O início na Galiléia	Palavras e gestos dos Reino	O caminho de Jerusalém	Atividade em Jerusalém	Paixão, morte e ressurreição

Figura 3 – Conteúdo geral do Evangelho de Marcos
Fonte: BÍBLIA SAGRADA/CNBB, 2001, p. 1.320.

Na **FIG.**: 3, acima, pode-se perceber que o conteúdo geral contempla o chamado "Anúncio de João Batista", o ministério de Jesus na Galileia, sua viagem a Jerusalém e, por fim, os episódios da paixão, morte e ressurreição de Cristo. Esse esquema geral será seguido nos dois outros sinóticos, como se pode verificar nas **FIG.**: 4 e 5, na sequência.

Consta na "Introdução ao Novo Testamento", da Bíblia Sagrada/CNBB (2001, p. 1.275) que ao esquema de Marcos, em Mateus e Lucas serão somadas narrações de episódios do nascimento de Jesus e, de modo variado nesses dois, serão acrescentadas "muitas palavras (ditos, sentenças) de Jesus, ausentes de Marcos, nos mesmos termos e parcialmente na mesma ordem, embora inseridas em lugares diferentes da narrativa básica". Esses

esquemas do conteúdo de Mateus e Lucas podem ser visualizados nas duas **FIG.**: 4 e 5**,** sequenciais.

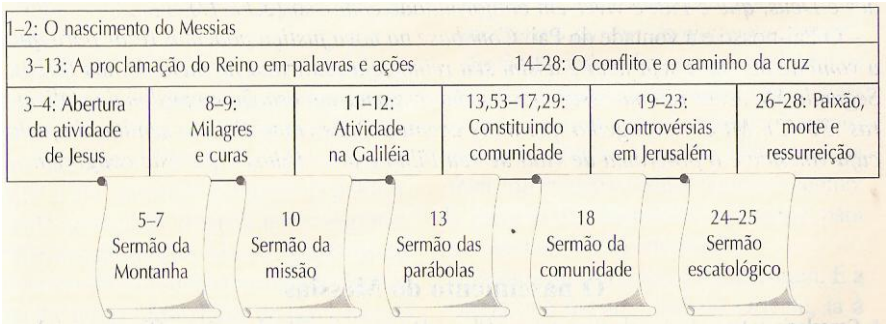


Figura 4 – Conteúdo geral do Evangelho de Mateus.
Fonte: BÍBLIA SAGRADA/CNBB, 2001, p. 1.392.

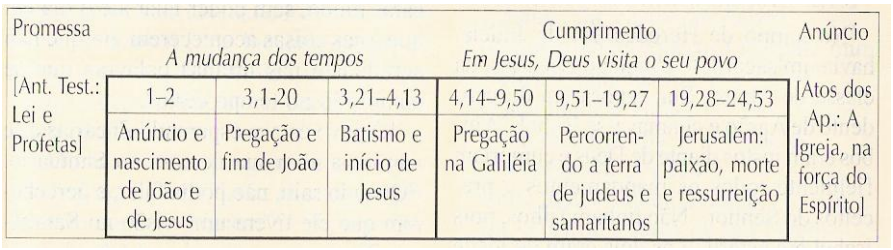


Figura 5– Conteúdo geral do Evangelho de Lucas.
Fonte: BÍBLIA SAGRADA/CNBB, 2001, p. 1.347.

Através da observação das duas ilustrações, acima, e da leitura das obras de Mateus e Lucas, pode-se perceber que apesar de haver certas diferenças enfáticas em algumas narrações da atividade de Jesus, em ambos os evangelhos consta – como em Marcos – o ministério de Jesus na Galileia, sua viagem a Jerusalém e os episódios da sua paixão, morte e ressurreição.

Em Mateus, conforme consta na Bíblia de Jerusalém (2002, p. 1.706), o anúncio/pregação de João Batista insere-se na "Abertura da atividade de Jesus", mostrada na **FIG.**: 4, acima. Nesse evangelho, a atividade de João Batista encerra-se com sua decapitação que é inserida na metade do compêndio (Mateus 14,1-12). Já "Lucas encerra logo a atividade de João, porque na sua visão, João pertence ao Antigo Testamento (16,16)" (STORNIOLO, 1992, p. 37).

De forma esquemática, o resumo do conteúdo temático geral desses três evangelhos chamados sinóticos está representado no **Quadro** 3, da página seguinte. A informação contida neste é dada por Battaglia (1984).

Quadro 3 – Esquema narrativo dos sinóticos.

Esquema narrativo dos evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas:
1. pregação do batista e início da vida pública de Jesus,
2. ministério na Galileia,
3. viagem de Cristo a Jerusalém,
4. narração da paixão, morte e ressurreição.

Fonte: Baseado em BATTAGLIA, 1984, p. 52.

Apesar de não seguir o esquema histórico dos sinóticos mostrado acima, o *Evangelho segundo João* mantém igualmente a intertextualidade temática com os demais, pois esse contempla igualmente a história da vida e pregação de Jesus. Battaglia (1984, p. 209) acrescenta que: "Na realidade o que distingue o Evangelho de João é a profundidade com que penetra na vida de Jesus". Ao se comparar o esquema do evangelho joanino (**Figura** 6), abaixo, com aquele oferecido por Konings (2005, p. ix), na **FIG.**: 7, da sequência, percebe-se que esse também contém, embora com outra organização e particularidades, "O anúncio de João Batista" (João 1, 19-34), o ministério de Jesus na Galileia, na Judeia e em Jerusalém bem como os episódios finais que se dão nessa cidade. Eis o esquema de João:

1,1-18	1,19–12,50	13,1–20,31	21
Prólogo: Jesus, a Palavra de Deus	Os "sinais" de Jesus Ainda não chegou "a hora" Conclusão: a incredulidade (12,37-40)	A "exaltação" de Jesus Chegou "a hora" Conclusão geral: fé em Jesus, Cristo e Filho de Deus (20,31-31)	Epílogo: a comunidade do Ressuscitado

Figura 6 – Conteúdo geral do Evangelho de João.
Fonte: BÍBLIA SAGRADA/CNBB, 2001, p. 1.392.

A figura seguinte, de Johan Konings (2005), reúne visualmente os esquemas temáticos dos quatro evangelhos a partir de um resumo da vida de Jesus constante propriamente no livro dos *Atos dos Apóstolos* (10,37-43), parte integrante da obra lucana. Como se pode observar neste quadro, Marcos e João não narram os episódios do nascimento e infância de Jesus – o chamado Evangelho da Infância. Os demais episódios centrais da vida do messias vão constituir a grande intertextualidade temática que se quer evidenciar neste subitem.

Mt	Mc	Lc	(* temas do querigma At 10,37-43)	Jo
1,1–2,22		1,5–2,50	Ev. da Infância	
3,1–4,11	1,1-13	3,1–4,13	* "a partir da Galiléia, após o batismo por João"	1,19–2,12
4,12–20,34	1,14–10,52 (início na Galiléia e subida a Jerusalém)	4,14–19,27	* "Deus o ungiu com Espírito Santo e poder... andou fazendo o bem e curando todos os possessos do demônio, pois Deus estava com ele... tudo o que fez na região dos judeus"	2,13–6,71 (presenças alternadas em Jerusalém/Judéia e na Galiléia)
21,1–25,50	11,1–13,37	19,28–21,38	* "e em Jerusalém"	7,1–12,50
26,1–27,56	14,1–15,47	22,1–23,56	* "pregaram-no na cruz"	13,1–19,42 (ampliado com discurso de adeus)
28,1-20	16,1-8	24,1-53	* "Deus o ressuscitou no terceiro dia e deu-lhe manifestar-se..."	20,1-31

Figura 7 – Conteúdo geral dos quatro evangelhos.
Fonte: KONINGS, 2005, p. IX.

Nota-se que, no quadro acima, o filólogo bíblico fez uso de um resumo próprio de um evangelista (inserido a partir do terceiro quadro da quarta coluna) para mostrar os grandes temas comuns entre os quatro evangelhos, evidenciando o que, na Linguística Textual, é chamado de intertextualidade temática.

Para ilustrar um intertexto temático constante nas narrações dos episódios da paixão de Cristo, foram selecionadas as quatro narrações evangélicas da chamada "Conspiração contra Jesus e traição de Judas", como consta no subtítulo da Bíblia de Jerusalém (2002). Essas estão parcialmente transcritas no **Quadro** 4, na página seguinte.

Esse quadro apresenta as quatro narrações de um mesmo episódio, a "Conspiração contra Jesus". Esse tópico intertextual específico insere-se no tema geral dos quatro evangelhos, que é a vida de Jesus; isso caracteriza a intertextualidade temática entre esses escritos. Não obstante a semelhança semântica dos excertos, há algumas particularidades estritamente linguísticas que são mostradas na sequência; essas se restringem ao âmbito de análise do conteúdo do quadro.

Quadro 4 – "Conspiração contra Jesus". Exemplo de intertextualidade temática entre os quatro evangelhos.

Paralelo temático entre os quatro evangelhos		
"Conspiração contra Jesus"		
Marcos	14,1-2	[1] A Páscoa e os ázimos seriam dois dias depois, e os chefes dos **sacerdotes e os escribas procuravam como prender Jesus por meio de ardil para matá-lo**. [2] Pois diziam: "Não durante a festa, para não haver tumulto entre o povo!"
Mateus	26,1-5	[1] Quando Jesus terminou essas palavras todas, disse aos discípulos: [2] "Sabeis que daqui a dois dias será a Páscoa, e o Filho do Homem será entregue para ser crucificado". [3] **Então os chefes dos sacerdotes e os anciãos do povo reuniram-se no pátio do Sumo Sacerdote, que se chamava Caifás,** [4] **e decidiram juntos que prenderiam a Jesus por um ardil e o matariam**. 5. Diziam, contudo: "Não durante a festa, para não haver tumulto no meio do povo".
Lucas	22,1-2	[1] Aproximava-se a festa dos Ázimos, chamada Páscoa. [2] E os chefes **dos sacerdotes e os escribas procuravam de que modo eliminá-lo, pois temiam o povo.**
João	11,47-53	[47] **Então, os chefes dos sacerdotes e os fariseus reuniram o Conselho e disseram: "Que faremos? Esse homem realiza muitos sinais.** [48] Se o deixarmos assim, todos crerão nele, e os romanos virão, destruindo o nosso lugar santo e a nação". [49] Um deles, porém, Caifás, que era o sumo sacerdote naquele ano, disse-lhes: "Vós nada entendeis! [50] Nem compreendeis que é de vosso interesse que um só homem morra pelo povo e não pereça a nação toda?" [51] Não disse isso por si mesmo, mas sendo Sumo Sacerdote naquele ano, profetizou que Jesus morreria pela nação [52] – e não só pela nação, mas também para congregar na unidade de todos os filhos de Deus dispersos. [53] **Então, a partir desse dia, resolveram matá-lo.**

Fonte: Textos da Bíblia de Jerusalém, 2002 (grifos nossos).

Conforme consta em Marcos, Mateus e Lucas, o fato se dá dois dias antes da Páscoa; e em uma nação onde há um local santo, como consta em João. Nesse relato, seguindo seu estilo, Lucas resume bastante.

Comparativamente, essa operação linguística de resumo é uma característica do autor Lucas em determinadas narrações, como no chamado "Sermão da planície" (Lucas 6,17-49) que, segundo Storniolo (1992, p. 66), corresponde ao "Sermão da montanha" em Mateus 5–7. Numericamente, o que Mateus expressou em três capítulos, em um total de 111 versículos, Lucas o faz em apenas 32 versículos. De acordo com esse autor: "Se compararmos os dois sermões, porém, encontraremos muitas diferenças. A principal é que Lucas omitiu todos os pormenores sobre costumes e leis judaicas, porque ele escreve em primeiro lugar para os pagãos" (STORNIOLO, 1992, p. 66); Lucas tem estilo universalista (**Ver** item "Universalismo" e quadros constantes – 4.1.2.2.1.4).

Por essa mesma questão universalista, outro exemplo de operação linguística de resumo é encontrado em "As espigas arrancadas no sábado", constante em Marcos 2, 23-

28; Mateus 12,1-8 e em Lucas 6,1-5. Nesse relato, conforme consta no documento da Diocese de Montes Claros (1998, p. 26): "Lucas resume um pouco o que pegou de Marcos, porque está escrevendo para comunidades onde a maioria não conhece o judaísmo. Por isso, Lucas tira alguns detalhes que só interessariam aos judeus".

Isso se liga à questão do universalismo que é explorada em detalhes no item "Alegria" (4.1.2.2.1.5). Pode-se observar também uma operação de resumo em "Jesus diante do Sinédrio", constante em Marcos 14,55-64; Mateus 26,59-66 e em Lucas 22,66-71. Segundo o mesmo documento supracitado: "Lucas resume bastante. Não fala de apresentação de testemunhas" (DIOCESE DE MONTES CLAROS, 1998, p. 26). De fato, analisando e contrastando a narração do episódio nas três obras sinóticas, percebe-se que ao resumir, Lucas omite o complô dos sumos sacerdotes e do Sinédrio, as falsas testemunhas apresentadas, os insultos contra Jesus, a fúria do sumo sacerdote rasgando suas próprias vestes, e até mesmo o veredicto da morte de Jesus.

Como consta nesse parágrafo anterior, constatou-se, nesta pesquisa, que em determinadas perícopes[25] sinóticas, o resumo é uma operação linguística utilizada por Lucas que permite a expressão da misericórdia dado o fato de que essa possibilita – por exemplo – a omissão de aspectos sectários ou atitudes negativas das pessoas.

Retomando a análise do **Quadro** 4 – "Conspiração contra Jesus' –, nota-se que os sujeitos da ação conspirada são "os chefes dos sacerdotes e os escribas", em termos coincidentes em Marcos e Lucas; "os chefes dos sacerdotes e os anciãos do povo", em Mateus; e "os chefes dos sacerdotes e os fariseus", em João. A ação decidida é "prender Jesus por meio de ardil para matá-lo", em Marcos e, semelhantemente, em Mateus; "procurar de que modo eliminar Jesus", em Lucas; e "resolver matar", em João. Observa-se que em Lucas há uma **eufemização**[26] do verbo *matar*; esse foi substituído pelo verbo *eliminar*, o que abranda a ação, como é costume de Lucas. Esse recurso linguístico de eufemização na (re)textualização de Lucas é explorado também nos **Quadro**s 9 e 10.

Percebe-se que em Marcos, Mateus e Lucas, a ação conspirada deve ocorrer de forma tal a não suscitar **indignação**[27] no povo. A esse respeito, em Marcos e Mateus, as falas dos chefes dos sacerdotes e escribas são praticamente idênticas:

---

[25] "Perícope (palavra grega que significa 'cortada ao redor') é uma unidade completa de sentido, unidade menor dentro de um sentido mais amplo. Pode ser uma parábola com sua explicação, um oráculo profético, uma instrução sapiencial, um salmo etc." (BÍBLIA DO PEREGRINO, 2006, p. 8).

[26] Eufemização. De eufemismo: "Figura de retórica pela qual se suavizam expressões tristes ou desagradáveis empregando outras mais suaves e delicadas" (MICHAELIS, 1998, p. 911).

[27] O item "A Compaixão-Misericórdia (1.2.3 – p. 19) explora essa emoção em Aristóteles (2000).

Marcos: “Não durante a festa, para não haver tumulto entre o povo!”
Mateus: “Não durante a festa, para não haver tumulto no meio do povo”.

Quanto a esse fato de a ação dos chefes dos sacerdotes e escribas causar **indignação**, Lucas limita-se a narrar que eles “temiam o povo”; ou seja, o pressentimento da indignação popular causava-lhes **temor**[28]**.** Em João há também a questão do temor, mas esse advém de possível ação retaliadora e futura por parte dos romanos, não da indignação do povo (“Se o deixarmos assim, todos crerão nele, e os romanos virão, destruindo o nosso lugar santo e a nação”).

Nos quatro excertos, o objeto da ação de prender e matar é o mesmo: Jesus. A circunstância dessa ação de prender e matar, ou seja, o modo da ação é dada apenas por Marcos e Mateus: “por meio de ardil”, ou seja, à traição. João não cita a forma; Lucas a omite, pois, como já explicado, pela presença do intertexto de Marcos, Lucas teria essa informação. Ele próprio narra a traição na sequência do seu evangelho.

A exemplo da **eufemização** mencionada acima, a **omissão** de atitudes humanas negativas é outra operação linguística recorrente em Lucas. Nas circunstâncias do texto, matar constitui crime; matar à traição alguém querido pelo povo torna-se aviltamento ainda maior, sobretudo quando a iniciativa é de chefes religiosos. Lucas preferiu omitir.

Sendo assim, a omissão, neste estudo, começa a configurar uma categoria de análise para averiguação da manifestação linguística da misericórdia neste evangelho. Conforme consta na descrição do *corpus*, expressões de fortes sentimentos encontradas em Marcos são omitidas em Lucas, como o são igualmente alguns ditos um tanto amargos constantes em Marcos (MCKENZIE, 1983, p. 558).

Um exemplo encontrado neste estudo está no episódio denominado por Konings (2005, p. 135) de “Censura a Pedro”, em que Lucas poupa a pessoa de Pedro da repreensão de Jesus, expressa popularmente sob a forma ‘Para trás satanás’.

O **Quadro** 5, na página seguinte, apresenta o percurso inicial da perícope nos três sinóticos, a omissão na sequência análoga em Lucas, ocorrida após Lc 9,22, e mostra também a conclusão do relato com o assumir a cruz por parte de quem quer seguir Jesus. Nessa perícope, em relação a Mateus, o apóstolo é duplamente poupado: de ser ‘Satanás’ e ‘pedra de tropeço’.

[28] O item “Quem sente ou não a compaixão-misericórdia” (1.2.3.1) cita e define essa paixão aristotélica.

Quadro 5 – Paralelo entre Marcos, Mateus e Lucas – Omissão de 'ditos amargos'.

Paralelo entre Marcos, Mateus e Lucas – Omissão de 'ditos amargos' em "Censura a Pedro"	
"Censura a Pedro"	Marcos 8,31-35 31 E começou a ensinar-lhes: **"O Filho do Homem deve sofre muito, ser rejeitado pelos anciãos, pelos chefes dos sacerdotes e pelos escribas, ser morto e, depois de três dias, ressuscitar".** 32 Dizia isso abertamente. Pedro, chamando-o de lado, começou a recriminá-lo. 33 Ele, porém, voltando-se e vendo seus discípulos, recriminou a Pedro, dizendo: "**Arreda-te de mim, Satanás**, porque não pensas as coisas de Deus, mas dos homens" 34 Chamando a multidão, juntamente com seus discípulos, disse-lhes**:** "**Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me**"
	Mateus 16,21-24 21 A partir dessa época**, Jesus começou a mostrar aos seus discípulos ser necessário que fosse a Jerusalém e sofresse muito por parte dos anciãos, dos chefes dos sacerdotes e dos escribas, e que fosse morto e ressurgisse ao terceiro dia.** 22 Pedro, tomando-o à parte, começou a repreendê-lo, dizendo: "Deus não o permita, Senhor! Isso jamais acontecerá. 23 Ele porém, voltando-se para Pedro, disse: "**Afasta-te de mim, Satanás**! Tu me serves de pedra de tropeço, porque não pensas as coisas de Deus, mas as dos homens!" 24 Então disse Jesus a seus discípulos: "**Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me.**
	Lucas 9,22-23 22 E disse: "**É necessário que o Filho do Homem sofra muito, seja rejeitado pelos anciãos, chefes dos sacerdotes e escribas, seja morto e ressuscite ao terceiro dia**". 23 Dizia ele a todos: "**Se alguém quer vir após mim, renuncie a si mesmo, tome sua cruz cada dia e siga-me.**

Fonte: Textos da Bíblia de Jerusalém, 2002 (grifos nossos).

Em geral, essa manobra linguística de **eufemização** ou abrandamentos de atitudes negativas das pessoas é recorrente em Lucas quando tomado em comparação com os outros evangelistas. Dessa forma, começa a se configurar mais uma categoria de análise para observância da constituição da misericórdia em Lucas, isto é, a categoria de eufemização ou abrandamento.

Fazendo-se uma análise da "Conspiração contra Jesus", tem-se que o motivo explícito da decisão de prender e matar Jesus é dado somente por João: "Que faremos? Esse homem realiza muitos sinais. Se o deixarmos assim, todos crerão nele, e os romanos virão, destruindo o nosso lugar santo e a nação". Conforme exposto anteriormente, essa decisão é motivada pelo **temor** aos romanos, ainda que haja o álibi da finalidade da morte, como consta em sequência. Em Mateus, pode-se inferir que essa se dê para cumprir a profecia de Jesus: "Sabeis que daqui a dois dias será a Páscoa, e o Filho do Homem será entregue para ser crucificado". É a partir dessa profecia que se dá, *então* (que expressa consequência), a reunião

dos "chefes dos sacerdotes e os anciãos do povo" para decidir prender e matar o messias. Nessa perícope, nem Marcos, considerado discípulo de Pedro, nem Lucas escrevem o motivo.

Outro exemplo de omissão em Lucas em relação a Mateus nos chamados "ditos um tanto amargos" encontra-se no intitulado "Sermão da Montanha", como mostra o **Quadro** 6, abaixo.

Quadro 6 – Omissão dos chamados 'ditos amargos' em Lucas em relação a Mateus.

Paralelo entre Mateus e Lucas – Omissão de 'ditos amargos': Raça de víboras	
– Mateus 12,33-35	– Lucas 6,43-45
33 Ou declarais que a árvore é boa e o seu fruto é bom, ou declarais que a árvore é má e o seu fruto é mau. É pelo fruto que se conhece a árvore. 34 **Raça de víboras, como podeis falar coisas boas se sois maus?** Porque a boca fala daquilo de que o coração está cheio. 35 O homem bom, do seu bom tesouro tira coisas boas, mas o homem mau, do mau tesouro tira coisas más.	43 Não há árvore boa que dê fruto mau, e nem árvore má que dê fruto bom; 44 com efeito, uma árvore é conhecida por seu próprio fruto; não se colhem figos de espinheiros, nem se vindimam uvas de sarças. 45 O homem bom, do bom tesouro do coração tira o que é bom, mas o mau, de seu mal tira o que é mau; porque a boca fala daquilo de que está cheio o coração.
Konings (2005, p. 43) apresenta este relato como originado de uma mesma fonte. Nesta análise, isso é evidenciado textualmente pelas coincidências lexicais e estruturais dos relatos. Supondo esse acesso à mesma fonte e comparando a progressão da perícope, nota-se que Lucas omite a expressão 'Raça de víboras' e a adjetivação de 'maus' para o auditório, o que abranda a catequese de Jesus. A esse respeito, no programa de concordância Intratext CT, da Bíblia Sagrada (2002), a expressão 'Raça de cobras venenosas' é equivalente à 'Raça de víboras', da Bíblia de Jerusalém (2002). Essa ocorre três vezes em Mateus (3,7; 12,34; 23,33) contra uma única vez em Lucas (3,7). Todas as perícopes de ocorrência da expressão são, segundo sinopses de Konings (2005, p. 43, 96 e 224), de fonte comum a Mateus e Lucas. Outra exemplificação que se faz quanto à omissão de ditos amargos diz respeito à intertextualidade entre Lucas 6,43 (acima) e Mateus 6,18-19: "Uma árvore boa não pode dar frutos ruins, nem uma árvore má dar bons frutos. 19 Toda árvore que não produz bom fruto é cortada e lançada ao fogo". A correspondência desses versículos é também apresentada por Konings (2005, p. 44). Comparativamente, nessa metáfora associada à salvação, percebe-se que Lucas omite toda a ideia expressa em Mateus 6,19, o que evita o temor da perdição em seu relato (**Ver** item "Salvação" – 4.1.2.2.1.2). O constante em Mateus, acima, é remetido, na Bíblia de Jerusalém (2002, p. 1.715), a João 15,6: "Se alguém não permanece em mim é lançado fora, como o ramo, e seca; tais ramos são colhidos, lançados ao fogo e se queimam". No versículo em comparação, também em relação ao evangelista João, em Lucas, há uma linguagem mais abrandada quanto ao tema.	

Fonte: Texto da Bíblia de Jerusalém, 2002 (grifos nossos).

A respeito dessa ausência do motivo da morte de Jesus em Marcos e em Lucas, sabe-se que, como consta no segundo capítulo deste trabalho, Marcos escreveu seu evangelho na capital do Império Romano pelo ano 70 d.C. (CNBB, 1997, p. 24), ano em que ocorre a destruição do Templo de Jerusalém. Isso justificaria politicamente a sua não citação do motivo de prender e matar Jesus. Em Lucas, essa ausência em relação a João poderia ser considerada também estilística, mas sabe-se que o evangelista grego procurou tratar diplomaticamente os romanos, como no episódio de "Jesus diante do Sinédrio". Segundo consta no documento da Diocese de Montes Claros (1998, p. 88), Lucas "apresenta Jesus como perseguido, preso, nos tribunais, arrastado na presença dos reis (Lc 6,22; 21,12). E, para não complicar a vida das comunidades que vivem no império romano, apresenta as autoridades romanas reconhecendo a inocência de Jesus" (DIOCESE DE MONTES CLAROS, 1998, p. 88).

No quadro em análise, a finalidade da morte de Jesus é dada apenas por João: "Jesus morreria pela nação – e não só pela nação, mas também para congregar na unidade de todos os filhos de Deus dispersos". Essa finalidade expressa em João ameniza, no quadro, a imagem homicida dos chefes dos sacerdotes e dos escribas/fariseus/anciãos do povo. Esse abrandamento com a justificação da decisão de matar Jesus (diretamente, sem prisão – ao contrário das outras três narrações) pode justificar o fato de João não mencionar o **temor** da **indignação** do povo.

Conforme mencionado no item "Contribuições da intertextualidade na cronologia dos sinóticos" (2.1.4): "o estilo oral da catequese dos apóstolos está refletido nos escritos bíblicos" (BATTAGLIA, 1984, p. 55). Refletindo o estilo da linguagem oral, em Marcos, Mateus e João, ditos discípulos diretos de Jesus, há transcrição de vozes (ou seja, discurso direto) representada pelo uso de aspas. Observa-se no quadro comparativo da "Conspiração contra Jesus" que em Marcos e João quem fala são os sacerdotes e escribas; em João, há ainda uma fala própria de Caifás, também sacerdote. Em Mateus, há falas de Jesus e dos sacerdotes e anciãos do povo. Em Lucas, há apenas a narração.

Conforme exposto inicialmente na introdução deste subitem e como mostram as ilustrações anteriores com o conteúdo temático de cada evangelho (**Ver Figura** 3, **Figura** 4, **Figura** 5 e **Figura** 6), os quadros com o conteúdo comum entre eles (**Ver Quadro** 3 e **Figura** 7) e esse último (**Quadro** 6), com as quatro perícopes da chamada "Conspiração contra Jesus", a intertextualidade temática é fato linguístico presente e recorrente entre os escritos evangélicos canônicos.

4.1.2 Intertextualidade estilística

Outra forma de intertextualidade presente no *Evangelho segundo Lucas* é a intertextualidade estilística. Conforme descrito no capítulo teórico, segundo Koch et al. (2008, p. 19), a **intertextualidade estilística** ocorre "quando o produtor do texto, com objetivos variados, repete, imita, parodia certos estilos ou variedades linguísticas: são comuns os textos que reproduzem a linguagem bíblica, um jargão profissional, um dialeto, o estilo de um determinado gênero, autor ou segmento da sociedade".

Conforme citação de Figueiredo (2007, p. 41), já inserida, esse tipo de intertextualidade é bastante recorrente na Bíblia e ocorre, por exemplo, nos textos que tratam da anunciação de João Batista e de Jesus. Esses são personagens distintos que têm suas histórias narradas por meio da mesma estrutura estilística.

O *Evangelho segundo Lucas* apresenta abundantes exemplos de intertextualidade estilística. Essa se dá internamente entre textos da mesma obra lucana; entre essa e os outros evangelhos e, também, com livros do Antigo Testamento. Esses exemplos são mostrados e explorados nos itens subsequentes.

Essa intertextualidade estilística ocorre também entre Lucas e outras obras do seu período, mas tal não é objeto de análise deste estudo. Faz-se constar, entretanto, que a própria inserção de um prólogo ao seu evangelho constitui uma intertextualidade estilística com outras obras contemporâneas a Lucas; segundo John McKenzie (1983, p. 556), o "prólogo de Lc segue o modelo dos prólogos dos historiadores helenistas". Consoante com esse autor, Schökel (2006, p. 2.450) acrescenta que o prólogo tem o estilo retórico da época.

4.1.2.1 Intertextualidade estilística em Lucas

Segundo Schökel (2006), no bloco do chamado Evangelho da Infância, Lucas "constrói um díptico[29] de correspondências rigorosas, entre Isabel e Maria, João e Jesus" (SCHÖKEL, 2006, p. 2.448). Nesse, há "duas anunciações angélicas, dois nascimentos, dois hinos de ação de graças, a mãe estéril e a mãe virgem; o encontro das duas mães, que é o

[29] Díptico: nesta acepção: "conjunto de duas obras do mesmo gênero, que se completam" (MICHAELIS, 1998, p. 731).

encontro pré-natal de João e Jesus" (SCHÖKEL, 2006, p. 2.450). Desses acontecimentos, serão postos em paralelos, no **Quadro** 7, abaixo**,** as duas anunciações angélicas como exemplificação da intertextualidade estilística (ou intratextualidade) que se quer demonstrar. As duas colunas principais desta ilustração apresentam sequencial e cronologicamente os dois quadros do primeiro díptico apresentado por Lucas em seu evangelho; as palavras destacadas sinalizam aproximações de percursos narrativos entre os relatos; os espaços em branco auxiliam nessas aproximações.

Quadro 7 – Intertextualidade estilística (ou intratextualidade) em Lucas.

Paralelo estilístico entre as narrações do anúncio do nascimento de João Batista e o de Jesus	
"Anúncio do nascimento de João Batista" – Lucas 1,11-20	"Anúncio do nascimento de Jesus" – Lucas 1,26-38
11 **Apareceu-lhe, então, o anjo do Senhor**, de pé, à direita do altar do incenso.	26 Quando Isabel estava no sexto mês, **o anjo Gabriel foi enviado por Deus** a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, 27 **a uma virgem** prometida em casamento a um homem de nome José, da casa de Davi. **A virgem se chamava Maria.** 28 **O anjo entrou onde ela estava e disse:** "Alegra-te, cheia de graça! O Senhor está contigo".
12 **Quando Zacarias o viu, ficou perturbado e cheio de medo**.	29 **Ela perturbou-se** com estas palavras e começou a pensar qual seria o significado da saudação.
13 **O anjo lhe disse:** "**Não tenhas medo, Zacarias, porque o Senhor ouviu o teu pedido.** **Isabel, tua esposa, vai te dar um filho, e tu lhe porás o nome de João.** 14 Ficarás alegre e feliz, e muitos se alegrarão com seu nascimento. 15 **Ele será grande diante do Senhor**. Não beberá vinho nem bebida fermentada; e, desde o ventre da mãe, ficará cheio do Espírito Santo. 16 **Ele fará voltar muitos dos filhos de Israel ao Senhor, seu Deus.** 17 Caminhará à frente deles, com o espírito e o poder de Elias, para fazer voltar o coração dos pais aos filhos e os rebeldes, à sabedoria dos justos; e para preparar um povo bem disposto para o Senhor.	30 **O anjo, então, disse:** "**Não tenhas medo, Maria! Encontraste graça junto a Deus.** 31 **Conceberás e darás à luz um filho, e lhe porás o nome de Jesus.** 32 **Ele será grande; será chamado Filho do Altíssimo**, e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai. 33 **Ele reinará para sempre sobre a descendência de Jacó**, e o seu reino não terá fim".
18 **Zacarias disse ao anjo:** "**Como posso ter certeza disso? Estou velho e minha esposa já tem uma idade avançada.** 19 **O anjo respondeu-lhe**: "**Eu sou Gabriel**, e estou, sempre na presença de Deus. **Eu fui enviado** para falar contigo e anunciar-te esta boa nova. 20 E agora, ficarás mudo, sem poder falar até o dia em que estas coisas acontecerem, porque não acreditaste nas minhas palavras que se cumprirão no tempo certo".	34 **Maria, então, perguntou ao anjo:** "**Como acontecerá isso, se eu não conheço homem?**" 35 **O anjo respondeu**: "O Espírito Santo descerá sobre ti, e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra. Por isso, aquele que vai nascer será chamado santo, Filho de Deus. 36 Também Isabel, tua parenta, concebeu um filho na sua velhice. Este já é o sexto mês daquela que era chamada estéril, 37 pois para Deus nada é impossível". 38 Maria disse: "Eis aqui a serva do Senhor! Faça-se em mim segundo a tua palavra". E o anjo retirou-se.

Fonte: Texto da Bíblia da CNBB. Versão *online* (grifos nossos).

O constante no quadro associa-se à questão da misericórdia divina no sentido em que narra, no primeiro, o anúncio do último profeta a anunciar a vinda do messias, e, no segundo, o anúncio do próprio messias, Jesus Cristo, considerado a corporificação da própria misericórdia divina no Novo Testamento (BÍBLIA SAGRADA/VOZES, 2006, p. 1.521).

Ao se observar o **Quadro** 7, da página anterior, e as sentenças nele destacadas, percebe-se que embora sejam personagens distintos, Lucas compõe os episódios da anunciação do nascimento de João Batista e de Jesus valendo-se da mesma estrutura estilística, com uma seleção de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais altamente intertextuais. Em ambos é o mesmo anjo Gabriel que aparece inesperadamente a cada vidente que se encontra sozinho. Essa aparição lhes causa susto. Constam-se os nomes dos personagens envolvidos: Zacarias e Isabel, sua esposa; Maria e José, seu noivo (Como se verá, é traço estilístico de Lucas colocar uma mulher ao lado de um homem). O anjo anuncia a ambos o nascimento de um menino em circunstâncias atípicas para cada um (no primeiro caso, de um homem 'velho' e esposa em 'idade avançada'; no segundo, de uma virgem sem 'conhecer homem'). O anjo dá-lhes nomes e prevê-lhes futuro grandioso (João "será grande diante do Senhor"; Jesus "será grande; será chamado Filho do Altíssimo".). Ambos videntes apresentam objeção: a senilidade, em Zacarias; a virgindade, em Maria.

Como contraste entre os quadros, tem-se que, no primeiro, o anjo se apresenta ("Eu sou Gabriel".); no segundo, não. O protagonista do primeiro é o pai; no segundo, a mãe. Segundo nota da Bíblia de Jerusalém (2002, p. 1.787), Zacarias pede um sinal do nascimento anunciado, mas permanece cético ("Como posso ter certeza disso?"). Quanto a essa veracidade, na segunda perícope, a fala de Maria não expressa dúvida, mas questiona como se dará o fato ("Como acontecerá isso, se eu não conheço homem?"). Somente no primeiro quadro consta uma previsão de mudança de estado psicológico para Zacarias ("Ficarás alegre e feliz, e muitos se alegrarão com seu nascimento").

A propósito dos dois anúncios evangélicos retratados nesse **Quadro** 7, Schökel (2006, p. 2.450) concebe **anunciação** como **gênero**. Essa seria um oráculo de anunciação. Segundo esse especialista em poesia hebraica, "a aparição angélica imita modelos tradicionais, como os de Gedeão e Sansão (Juízes 6,12; 13,3), e visa ao oráculo de anunciação, segundo os cânones do gênero". O autor acrescenta: "São tópicos da cena: a aparição inesperada, o susto, a objeção, o sinal. O oráculo costuma anunciar a concepção, o nascimento, o nome e o futuro do menino; às vezes acrescenta prescrições dietéticas (Gn 16,11-12; Jz 13,3-5; Is 7,14-16)" (SCHÖKEL, 2006, p. 2.450). Em Lucas, a presença desse gênero se relaciona à questão da salvação a ser trazida pelo messias (**Ver** item "Salvação").

Em Lucas ocorre também outro gênero pouco descrito ou constante em trabalhos acadêmicos da Linguística Textual. Trata-se do **gênero bem-aventurança**, recorrente em Lucas e pode ser associado à questão da alegria, tema também lucano (**Ver** item "Alegria" – 4.1.2.2.1.5). Segundo o documento da Diocese de Montes Claros (1998, p. 28), "a bem-aventurança é um tipo de estilo bíblico usado para anunciar uma alegria que se relaciona com um presente ou com uma promessa, para o futuro". De acordo com o documento, esse 'estilo bíblico', que na Linguística Textual torna-se um gênero, tem sua construção iniciada da seguinte forma: 'bem-aventurados os pobres' ou 'felizes os pobres'.

Também consta nesse documento que, no terceiro evangelho, além daquelas constantes no Sermão da Montanha[30] (Lucas 6, 20-49), existem aproximadamente trinta bem-aventuranças, como em Lucas 10,23-24 ("Felizes os olhos que veem o que vós vedes! [...]") e Lucas 11,27-28 ("'Felizes as entranhas que te trouxeram e os seios que te amamentaram'. Ele, porém, respondeu: 'Felizes, antes, os que ouvem a palavra de Deus e a observam"') (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002). A bem-aventurança "trata-se de uma declaração solene, feita com a autoridade de Deus que age na história, para implantar sua justiça" (DIOCESE DE MONTES CLAROS, 1998, p. 28).

No "Vocabulário de notas temáticas", da Bíblia do Peregrino (2006, p. 3.020), tem-se que justiça "é o respeito concreto e eficaz dos direitos de todos, em particular dos fracos, e se baseia na fraternidade dos homens". Nesse sentido da ação divina em implantar sua justiça entre a humanidade, revelando o amor operante de Deus em favor dos necessitados, as bem-aventuranças se associam à ideia de misericórdia divina. O tema desse gênero, o anúncio de uma alegria, é recorrente em Lucas (**Ver** item "Alegria" – 4.1.2.2.1.5).

4.1.2.2 Intertextualidade estilística e temática simultâneas em Lucas

Ocorrências simultâneas de mais de um tipo de intertextualidade entre textos são constatadas entre algumas passagens do *Evangelho segundo Lucas*. Os relatos constantes em Lucas 1,11-20 e Lucas 1,26-38 (**Quadro** 7), já mostrados, permitem essa constatação;

[30] "Felizes vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus. [21] Felizes vós que agora tendes fome, porque sereis saciados. Felizes vós que agora chorais, porque haveis de rir. [22] Felizes sereis quando os homens vos odiarem, quando vos rejeitarem, insultarem e proscreverem vosso nome como infame, por causa do Filho de Homem" (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1.798).

esses dois anúncios intertextuais estilisticamente também se interrelacionam quanto ao tema bíblico da salvação messiânica; contextualmente sabe-se que João Batista foi o último a profetizar a chegada desse messias, considerado o salvador.

Outro exemplo dessa simultaneidade intertextual é dado entre dois textos explorados na sequência. Alerta-se que, na análise aqui empreitada, não se separou de modo terminante as intertextualidades presentes e as discussões que delas decorrem. Em meio a essas, quando oportunas, também foram feitas inserções pertinentes que atendem aos objetivos ou respondem às perguntas de pesquisa deste trabalho.

Consta no documento da CNBB (1997) que "diante das reclamações de fariseus e escribas contra Jesus pelo fato de acolher os publicanos e pecadores, Jesus conta as três parábolas[31] da misericórdia: da ovelha perdida, da dracma perdida e do filho perdido" (CNBB, 1997, p. 100).

Quanto à designação dada a esses três textos, de forma consoante, a Bíblia de Jerusalém (2002, p. 1.816) também intitula esse capítulo evangélico de "As três parábolas da misericórdia". Nesta sequência, as duas primeiras serão exploradas em seus aspectos intratextuais.

Essas três parábolas preenchem totalmente o décimo quinto capítulo de Lucas. Conforme já exposto, "Lucas 15 é o coração do evangelho de Lucas e, poderíamos dizer, de todo o Evangelho" (STORNIOLO, 1992, p. 140). A diferenciação que o autor faz com o uso de inicial maiúscula e minúscula em "evangelho de Lucas" e em "todo o Evangelho" indica que este último compreende todo o anúncio de Jesus e, por conseguinte, todos os quatro evangelhos[32].

Consoante com o autor acima, em comentário da Bíblia Sagrada (2006, p. 1.242), da Vozes, tem-se que as três parábolas "ilustram a misericórdia divina para com os pecadores, em contraste com o desprezo que lhes votavam os fariseus, simbolizados pela revolta do filho mais velho contra o perdão concedido ao irmão pecador (Lc 15,25-32)".

---

[31] "Parábola. Estória figurada que faz o ouvinte captar a realidade que se quer apontar; p. ex. Mc 4,26. Não é uma comparação elaborada, como a alegoria. Mas algumas parábolas são 'alegorizadas' (Mc 4,13-20; Jo 10,1-5)" (BÍBLIA SAGRADA/CNBB, 2001, p. 1.637).

[32] Isso é consoante com o que já foi exposto no segundo capítulo: "Há em suma um só Evangelho de Jesus Cristo, porque uma é a história da pregação dele, mas há também um 'Evangelho segundo Mateus', um 'Evangelho segundo Marcos', um 'Evangelho segundo Lucas' e um 'Evangelho segundo João', porque quatro foram as experiências de Cristo vividas pelos evangelistas" (BATTAGLIA, 1984, p.75).

Como consta nesse comentário, segundo os fariseus[33], o pecador não podia ser objeto do amor divino.

O fato de serem consideradas "parábolas da misericórdia" já atribui a essas três perícopes neotestamentárias o seu tema comum: a misericórdia divina. Isso configura a intertextualidade (ou intratextualidade) temática entre a parábola da "Ovelha perdida", da "Dracma perdida" e a do "Filho perdido", também intitulada "Parábola do filho pródigo". As intratextualidades estilística e temática simultâneas em Lucas são exploradas entre esses dois primeiros relatos neste subitem. Contudo, antes de adentrar a essa questão, tem-se na sequência imediata um paralelo temático intergenérico entre uma parábola e um sermão.

A propósito das parábolas da misericórdia, note-se que o tema que Lucas apresenta no gênero parábola, em "A ovelha perdida" (Lucas 15,1-7), Mateus o faz no gênero sermão (Mateus 18, 12-14). O **Quadro** 8, abaixo, e os comentários que o acompanham ilustram esse fenômeno. Neste ponto, procede-se a uma análise desse fenômeno intertextual intergenérico a partir do quadro mencionado.

Quadro 8 – Intertextualidade temática entre Lucas e Mateus em gêneros distintos.

Paralelo temático intergenérico entre parábola e sermão	
"A ovelha perdida" – Lucas 15,4-7	"A ovelha desgarrada" – Mateus 18,12-14
[4] Qual de vós, tendo **cem ovelhas e perder uma**, não **abandona as noventa e nove** no deserto e **vai em busca daquela** que se perdeu, até encontrá-la? [5] E **achando-a, alegre** a põe sobre os ombros [6] e, de volta para casa, convoca os amigos e vizinhos, dizendo-lhes: 'Alegrai-vos comigo, porque encontrei a minha ovelha perdida!' [7] Eu vos digo que do mesmo modo **haverá mais alegria** no céu por um só pecador que se arrepende, **do que por noventa e nove** justos que não precisam de arrependimento.	[12] Que vos parece? Se **um homem possui cem ovelhas e uma delas se extravia**, não **deixa ele as noventa e nove** nos montes **para ir à procura** da extraviada? [13] **Se consegue achá-la**, em verdade vos digo, **terá maior alegria com ela do que com as noventa e nove que não se extraviaram**. [14] Assim também, não é da vontade do Pai, que está nos céus, que um destes pequeninos se perca.

Fonte: Textos da Bíblia de Jerusalém, 2002 (grifos nossos).

Conforme consta em Konings (2005, p. 320), o relato que ele intitula de "Ovelha perdida" consta em uma das coleções escritas de ditos e narrativas compostas antes

[33] "Fariseus. Partido religioso judaico cujos membros se dedicavam ao estudo e observância da Lei mosaica e suas tradições, especialmente o sábado, a pureza ritual e o dízimo. [...] Entre o povo gozavam de grande prestígio e liderança. Jesus condenava não a doutrina (Mt,23,3), mas a hipocrisia e soberba dos fariseus (Mt 22,23-33) que os levava a desprezar a massa 'ignorante' (Lc 18,9-14)" (BÍBLIA SAGRADA /VOZES, 2006, p. 1.504).

dos evangelhos, que esse autor apresenta como *Fonte Q* (KONINGS, 2005, p. x). A partir dessa fonte comum, o ensinamento atribuído a Jesus é enunciado sob dois gêneros distintos, sendo, em Mateus, como parte integrante de um sermão ou discurso, e, em Lucas, como parábola.

Como é possível observar no **Quadro** 8, da página anterior, a Bíblia de Jerusalém (2002) apresenta títulos distintos para os dois relatos: "A ovelha perdida", apresentada como parábola em Lucas, e "A ovelha desgarrada", apresentada como discurso em Mateus. Na Bíblia do Peregrino (2006), ambos os títulos são "A ovelha perdida"; nessa, em nota, o relato de Lucas é dado como parábola; o de Mateus, como "discurso" (BÍBLIA DO PEREGRINO, 2006, p. 2.358). Na Bíblia da CNBB (2001), o relato lucano se intitula "O pai misericordioso e os seus dois filhos", sem referência a gênero; o de Mateus recebe o título tradicional de "A ovelha perdida", estando inserido em capítulo intitulado "O sermão da comunidade". Na Bíblia Sagrada Ave Maria (2008), para Lucas, o título é o mesmo: "Parábola da ovelha perdida"; essa não traz título para o relato de Mateus. A Bíblia Sagrada Edição Pastoral (1990) e sua versão Intratext (2002), em CD ROM, trazem o título "A ovelha perdida", para Lucas, mas não apresenta título específico para o relato em Mateus.

De forma diferente das versões acima, na Bíblia Sagrada (1993), tradução de João Ferreira de Almeida, e na Bíblia Sagrada (2006), da Vozes, ambos os relatos são intitulados "A parábola da ovelha perdida". Diante dessa dupla possibilidade de categorização do relato de Mateus e dadas as diferenças notadas na presente análise, consoante com McKenzie (1983, p. 558), que afirma ser a parábola da ovelha perdida peculiar a Lucas, optou-se pelos títulos diferenciados da Bíblia de Jerusalém (2002), preferindo, como consta, a categorização do relato de Mateus (18,12-14) como sermão. Para a atribuição do relato de Lucas (15,4-7) como parábola não há divergência nas versões bíblicas selecionadas.

O contexto de inserção do relato é, em Mateus, o cuidado que se deve ter com as crianças, dado pelo versículo precedente (18,10: "Não desprezeis nenhum desses pequeninos, por que eu vos digo que os seus anjos nos céus veem continuamente a face de meu Pai que está no céu. Cuidado para não desprezar um destes pequenos".); em Lucas, como se verá, a parábola foi contada diante das reclamações de fariseus e escribas contra Jesus pelo fato de ele acolher os publicanos e pecadores.

O foco da análise, porém, não está na categorização genérica dos relatos, mas em como o relato lucano se caracteriza preponderantemente como parábola central da misericórdia, enquanto o relato de Mateus não receba essa atribuição pelos autores das obras consultadas. O caráter atribuído a Lucas, de escritor de grande talento e alma delicada

(BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1.699), é percebido inicialmente, por exemplo, em relação à ovelha em si e àquilo que ela representa: o 'pecador', em Lucas; um 'pequenino', em Mateus. Em Lucas, essa 'se perde' ou 'é perdida' por 'um de vós', inferindo-se a ideia de um pastor; a ação principal recai sob a perda não intencional por parte do pastor ou, ao que parece, pela não obstinação de se perder por parte do elemento ovelha. Quando se lê o versículo quarto ("Qual de vós, tendo cem ovelhas e perder uma, não abandona as noventa e nove no deserto e vai em busca daquela que se perdeu, até encontrá-la?") não fica transparecida à ideia de perder-se deliberadamente, o que estaria mais associada à ideia de 'extraviar-se'. De fato, em Mateus, essa "se extravia", torna-se a *extraviada*. Em Lucas, o fato lamentável de **perder-se** não é atribuído culposamente nem à ovelha, nem ao pastor.

Para melhor demonstrar essa operação linguística de **eufemização** ou abrandamento de atitudes negativas das pessoas, através de uma abordagem comparativa entre Marcos, Mateus e Lucas, outros exemplos e comentários são dados na narração dos episódios da "Prisão de João Batista" (**Quadro** 9, abaixo), da "Traição de Judas Iscariotes" (**Quadro** 10, na sequência) e do "Sinal de Jonas" (**Quadro** 22 do item 4.1.2.2.1.4). As referências bíblicas constam nos respectivos quadros que contêm as narrativas e comentários.

Primeiramente tem-se o **Quadro** 9, com o relato da "Prisão de João Batista". Conforme comentário inserido neste quadro, o texto de Lucas revela-se eufêmico em relação aos demais.

Quadro 9 – Omissão e eufemização em Lucas.

Omissão, eufemização e inserção em Lucas no relato da "Prisão de João Batista"	
"Prisão de João Batista"	Marcos 6, 17-19 [17] Pois ele, **Herodes**, **mandara prender João e o acorrentá-lo no cárcere**, por causa de Herodíades, a mulher de seu irmão Filipe, pois ele a desposara [18] e na ocasião, João dissera a Herodes: "Não te é lícito possuir a mulher de teu irmão". [19] **Herodíades** então **se voltou contra ele e queria matá-lo**, mas não podia,
	Mateus 14,3 [3] **Herodes**, com efeito, **havia mandado prender, acorrentar e encarcerar João**, por causa de Herodíades, a mulher de seu irmão Filipe, [4] pois João lhe dizia: "Não te é lícito tê-la por mulher". [5] **Queria matá-lo**, mas tinha medo da multidão, porque esta o considerava profeta.
	Lucas 3,19 [19] O tetrarca **Herodes**, admoestado por causa de Herodíades, mulher de seu irmão, e por causa de todas as más ações que havia cometido, acrescentou a tudo ainda isso: **pôs João na prisão.**

Fonte: Textos da Bíblia de Jerusalém, 2002 (grifos nossos).

Analisando a narração básica de Marcos, há duas ações negativas de Herodes: mandar "prender João e acorrentá-lo no cárcere"; em Mateus, as ações aumentam para três:

mandar “prender, acorrentar e encarcerar João”, o que enfatiza a maldade herodiana. Especificamente contra João Batista, em Lucas tem-se apenas uma ação negativa eufemizada: “pôs João na prisão”, contrapondo-se, sobretudo, em relação a Mateus. O desejo de matar João Batista é, em Marcos, de Herodíades; em Mateus, de Herodes. Lucas não menciona o desejo de morte nem por parte de Herodíades nem de Herodes; o máximo de maldade que ele atribui ao homem – não à mulher – é pôr João na prisão. Ao seu estilo, em Lucas tem-se uma mulher ao lado de um homem.

Nota-se também que Lucas insere uma deferência a Herodes pela **inserção** do título de *tetrarca*. Ainda que esse seja contextualmente mal visto, Lucas preserva-lhe a dignidade política. Isso se liga à misericórdia no sentido em que mesmo decaído, o ser humano mantém seu valor intrínseco[34]. Conforme mencionado, Lucas procurou tratar diplomaticamente os romanos (**Ver** item “A intertextualidade temática entre Lucas e Marcos/Mateus/João” – 4.1.1).

Também em Lucas, encontra-se outra eufemização com o uso da palavra ‘admoestar’ (“O tetrarca Herodes, **admoestado** por causa de Herodíades”) ao mesmo tempo em que se tem a omissão da repreensão do estilo oral de Marcos (“Não te é lícito possuir a mulher de teu irmão”) e de Mateus (“Não te é lícito tê-la por mulher”). Conforme já assinalado, o uso da narração em vez do discurso direto possibilita, pela operação de resumo, o uso de paráfrases que, em Lucas, permitem a expressão da misericórdia dado o fato de que essa possibilita – como nesse exemplo – a omissão ou abrandamento de atitudes negativas das pessoas.

Vale notar que, em Lucas, Herodes é admoestado não só por uma transgressão à lei judaica, mas pela sua conduta considerada repreensível (“Por causa de todas as más ações que havia cometido”). No capítulo 2, consta o comentário de John McKenzie (1983) sobre a afirmativa de Leon-Dufour para quem, em Lucas, o “evangelho se transforma explicitamente numa regra de vida” (MCKENZIE, 1983, p. 558). Nesse caso, sob a ótica de Lucas, importa não apenas o adultério, mas a conduta geral do tetrarca.

De modo análogo ao **Quadro** 9, conforme citado, o **Quadro** 10, da sequência, mostra também um contraste que permite verificar o uso do recurso da eufemização. Neste quadro, inseriu-se ao lado da narração de Lucas, aquela do evangelista João. Entre esse relato de João e o de Lucas há uma relação que, na Linguística Textual, Sant'Anna (1985) denomina

[34] “Enquanto a igualdade introduzida mediante a justiça se limita ao campo dos bens objetivos e extrínsecos, o amor e a misericórdia fazem com que os homens se encontrem uns com os outros naquele valor que é o mesmo homem, com a dignidade que lhe é própria” (JOÃO PAULO II, 1980, p. 22).

de ‘intertextualidade das semelhanças’, e Grésillon e Maingueneau (1984) chamam de ‘captação’ (KOCH et al., 2008, p. 30). Como será mostrado no quadro, essa relação intertextual não ocorre quando tomam-se Marcos e Mateus por comparação.

Quadro 10 – Eufemização/abrandamento na textualização de “A traição de Judas”.

<table>
<tr><td colspan="3">Eufemização/abrandamento na textualização de “A traição de Judas”: Paralelo entre Marcos, Mateus e Lucas:</td></tr>
<tr><td rowspan="3">A traição de Judas</td><td colspan="2">Marcos 14,10-11
[10] Judas Iscariot, um dos Doze, foi aos chefes dos sacerdotes para entregá-lo a eles.
[11] Ao ouvi-lo, alegraram-se e prometeram dar-lhe dinheiro. E ele procurava uma oportunidade para entregá-lo.</td></tr>
<tr><td colspan="2">Mateus 26,14-16
[14] Então um dos Doze, chamado Judas Iscariotes, foi até o chefe dos sacerdotes
[15] e disse-lhes: “O que me dareis se eu o entregar?” Fixaram-lhe, então, a quantia de trinta moedas de prata[35].
[16] E a partir disso, ele procurava uma oportunidade para entregá-lo.</td></tr>
<tr><td>Lucas 22,3-6
[3] Satanás entrou em Judas, chamado Iscariotes, do número dos Doze.
[4] Ele foi conferenciar com os chefes dos sacerdotes e com os chefes da guarda sobre o modo de lho entregar.
[5] Alegraram-se e combinaram dar-lhe dinheiro.
[6] ele aceitou, e procurava uma oportunidade para entregá-lo a eles, escondido da multidão.</td><td>João 13,26-27
[26] Responde[36] Jesus: “É aquele a quem eu der o pão que umedecerei no molho”. Tendo umedecido o pão, ele o toma e dá a Judas, filho de Simão Iscariotes.
[27] Depois do pão, entrou nele Satanás. Jesus diz-lhe: “Faze depressa o que estás fazendo”.</td></tr>
<tr><td colspan="3">Ao observar este quadro, vê-se que, sem os detalhes, Lucas e Mateus seguem a narrativa de Marcos. Tem-se:
Marcos (10): Judas Iscariot, um dos Doze, foi aos chefes dos sacerdotes para entregá-lo a eles.
Lucas (4): Ele foi conferenciar com os chefes dos sacerdotes (...) sobre o modo de lho entregar.
Mateus (14): Um dos Doze, chamado Judas Iscariotes, foi até o chefe dos sacerdotes.

Marcos (11): Alegraram-se e prometeram dar-lhe dinheiro.
Lucas (5): Alegraram-se e combinaram dar-lhe dinheiro.

Marcos (11): E ele procurava uma oportunidade para entregá-lo.
Lucas (6) Ele (...) procurava uma oportunidade para entregá-lo.
Mateus (16): Ele procurava uma oportunidade para entregá-lo.

Em Mateus não consta o contentamento dos ‘chefes dos sacerdotes’ (aliás, apenas ‘o chefe dos sacerdotes’, que ele nomina, como mostra o Quadro 4 – “Conspiração contra Jesus”), embora na sequência do mesmo excerto ele narre a fala de Judas como dirigida a ‘vós’: “O que me dareis?”, e, posteriormente, narre que (eles) fixaram uma quantia – certamente incluindo os chefes dos sacerdotes. No quadro em si, em Marcos, Judas age por si mesmo e recebe dinheiro pela delação; em Mateus, esse age também autonomamente e propõe delação mediante benefício próprio; em Lucas, de modo mais brando – como é seu estilo – Judas age por influência de Satanás, da mesma forma que relata João; não seria pelo dinheiro em si.</td></tr>
</table>

Fonte: Textos da Bíblia de Jerusalém, 2002 (grifos nossos).

[35] “Trinta siclos (e não trinta denários, como se afirma frequentemente). Era o preço que a lei fixava para a vida de um escravo (Êxodo 21,32)” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1.751).

[36] Resposta à pergunta de Pedro em versículo anterior (João 13,24) sobre quem trairia Jesus. Tem-se: “[21] Tendo dito isso, Jesus perturbou-se em seu espírito e declarou: ‘Em verdade, em verdade vos digo: um de vós me entregará’. [22] Os discípulos entreolhavam-se, sem saber de quem falava. [23] Estava à mesa, ao lado de Jesus, um de seus discípulos, aquele que Jesus amava. [24] Simão Pedro faz-lhe, então, sinal e diz-lhe: ‘Pergunta-lhe quem é aquele de quem fala’. [25] Ele, então, reclinando-se sobre o peito de Jesus, diz-lhe: ‘Quem é, Senhor?’” (João 13,21-24) (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1.878).

Retomando a comparação entre os relatos de Mateus e Lucas (**Quadro** 8), nota-se que outro ponto contrastante diz respeito a aspectos relacionados à busca ou procura e ao encontro da ovelha.

Em Mateus, esse encontro é hipotético e futuro, demonstrado pela partícula 'se' ("**Se** consegue achá-la") e pelo verbo no futuro do indicativo ("terá maior alegria com ela"); em Lucas, o encontro resulta de busca definitiva ("Vai em busca daquela que se perdeu, **até** encontrá-la") sendo narrado com verbo no gerúndio ("E a**chando**-a"), o que demonstra melhor a eficácia da misericórdia divina operante em favor daquele que se perde.

Nota-se também o contraste entre o clima de alegria e festa que se instala em Lucas, em comparação com Mateus.

Em Lucas, a ideia de alegria ocorre e é expressa linguisticamente três vezes ('alegre', 'alegrai', 'alegria'), enquanto, em Mateus, essa mesma ideia é registrada com apenas uma ocorrência, no versículo 13 ("... terá maior **alegria** com ela do que com as noventa e nove que não se extraviaram".). Essa questão da alegria é retomada no item "Alegria" (4.1.2.2.1.5).

Outros elementos associados à misericórdia divina presentes na parábola lucana são apresentados no item "Análise das parábolas da 'Ovelha Perdida' e da 'Dracma Pedida'" (4.1.2.2.1) e em seus desdobramentos como consta na sequência.

Como se pôde verificar nesse contraste exemplificado acima, linguisticamente a (re)textualização em Lucas, consoante com o que é afirmado teologicamente, permite reivindicar – pelo seu estilo e ênfase em certos conteúdos temáticos – a sua caracterização de evangelho da misericórdia.

A partir daqui, retomando propriamente a questão da intratextualidade estilística e temática simultâneas em Lucas (item 4.1.2.2), inicia-se uma análise que se constitui o cerne deste trabalho.

Essa explora a manifestação linguística da misericórdia nos dois relatos e faz remissão a outros textos lucanos que abordam intra e intertextualmente os mesmos temas ou subtemas, contrastando, sempre que oportuno, com os outros evangelhos sinóticos, pois esses dois permitem uma melhor comparação do estilo lucano.

Em um primeiro momento, com o propósito de ilustrar e analisar a intratextualidade estilística entre "A ovelha perdida" e "A dracma perdida", essas duas parábolas foram postas em paralelos no **Quadro** 11, na sequência.

Quadro 11 – Intratextualidade estilística e temática em Lucas.

Paralelo estilístico e temático entre duas parábolas exclusivas de Lucas	
"A ovelha perdida" – Lucas 15,4-7	"A dracma perdida" – Lucas 15,8-10
[4] "**Qual de vós, tendo cem ovelhas e perder uma**, não abandona as noventa e nove no deserto e vai em busca daquela que se perdeu, **até encontrá-la?** [5] **E achando-a**, alegre a põe sobre os ombros [6] e, de volta para casa, **convoca os amigos e vizinhos, dizendo**-lhes: **'Alegrai-vos comigo, porque encontrei a minha ovelha perdida!'** [7] **Eu vos digo que do mesmo modo haverá** mais **alegria no céu por um só pecador que se arrepende**, do que por noventa e nove justos que não precisam de arrependimento.	[8] Ou **qual a mulher que, tendo dez dracmas e perder uma**, não acende a lâmpada, varre a casa e procura cuidadosamente **até encontrá-la?** [9] **E encontrando-a**, **convoca as amigas e vizinhas, e diz: 'Alegrai-vos comigo, porque encontrei a dracma que havia perdido!'** [10] **Eu vos digo que, do mesmo modo, há alegria diante dos anjos de Deus por um só pecador que se arrepende**".

Fonte: Texto da Bíblia de Jerusalém, 2002, p. 1.816 (grifos nossos).

De modo semelhante ao **Quadro** 7 – Intertextualidade estilística (ou intratextualidade) em Lucas –, o **Quadro** 11 (Intratextualidade estilística e temática em Lucas), acima, também denota a intertextualidade estilística presente internamente no compêndio. Observando-se a semelhança e até mesmo a coincidência das sentenças destacadas nos quadros (ou partes dessas), percebe-se que, embora sejam parábolas distintas, o autor vale-se de um mesmo percurso narrativo, de uma mesma estrutura estilística, com uma seleção de recursos lexicais (substantivos, pronomes, verbos, sinônimos), recursos fraseológicos e gramaticais (tempos verbais) altamente intratextuais. Somado ao contexto, esse efeito estilístico produzido pela materialidade linguística apresentada induz a uma identidade do conteúdo temático dessas duas parábolas, que é – como já visto – a misericórdia divina.

Em um segundo momento, como consta na sequência, procede-se a uma análise de como essa misericórdia divina se expressa linguisticamente nesses dois relatos lucanos. Nesta análise, tem-se como, através do seu estilo particular, Lucas expressa de modo enfático o tema central que é atribuído ao seu evangelho. A partir desses relatos, são realizadas diversas relações intratextuais com outros relatos do evangelista e, quando oportuno, procede-se à comparação com os outros três evangelhos canônicos.

4.1.2.2.1 Análise das parábolas da “Ovelha perdida” e da “Dracma perdida”

As parábolas da “Ovelha perdida” e a da “Dracma perdida” ocorrem em sucessão imediata no *Evangelho segundo Lucas* e na mesma ordem apresentada no quadro. O contexto de produção imediato das parábolas se dá, como visto, diante das reclamações de fariseus e escribas contra Jesus pelo fato de ele acolher os publicanos e pecadores, pessoas excluídas por esse grupo. Isso, em si, já inscreve as parábolas em mais uma categoria para análise da misericórdia, que é o *universalismo*, amor de Deus a todos, sem eleição particular de uma nação, como mostra João Paulo II (1980, p. 7)[37]. Assim, conforme inserção de McKenzie (1983, p. 558), já feita, faz parte do universalismo de Lucas a ênfase que ele dá a Jesus como amigo dos pecadores e a compaixão de Jesus para com esses.

As identidades e semelhanças **temáticas e estilísticas** entre as parábolas mencionadas estão descritas nesta sequência e foram agrupadas em subseções. Essas envolvem sequencialmente aspectos de “Busca”, “Salvação”, “Amigos e vizinhos”, “Universalismo”, “Alegria” e “A misericórdia expressa em verbos de ação”. A partir desse último item, estão inseridos alguns aspectos divergentes entre as duas parábolas. “As mulheres em Lucas” constitui o último subitem. Note-se que essas divergências não são estilísticas e que um mesmo subitem pode conter outros comentários menores não relacionados diretamente à subseção, mas que se enquadram na análise geral das parábolas. Note-se também que, em termos redacionais, para ilustrar melhor o que se quer expor, algumas palavras estão em destaque tipográfico não constante nas fontes originais.

Como ponto inicial desta análise, tem-se que ambas as parábolas, em estilo inquisitivo, iniciam com uma pergunta feita por Jesus aos mesmos interlocutores: os fariseus e escribas (na 1.ª: “Qual de vós, tendo cem ovelhas e perder uma, não abandona as noventa e nove no deserto e vai em busca daquela que se perdeu, até encontrá-la?”; na 2.ª: “Ou qual a mulher que, tendo dez dracmas e perder uma, não acende a lâmpada, varre a casa e procura cuidadosamente até encontrá-la?”). Em ambas, o único protagonista perde algo de sua própria pertença. O que se perde representa a centésima (na 1.ª) e décima (na 2.ª) parte do que se tem do mesmo objeto, sendo, respectivamente, na primeira, uma ovelha; na segunda, uma dracma. Em ambas perde-se uma única unidade do bem.

[37] “O mistério da criação está em conexão com o mistério da eleição, que de modo especial plasmou a história do povo cujo pai espiritual é Abraão, como mérito da sua fé. Por meio deste povo que caminha através da história, tanto da Antiga como da Nova Aliança, aquele mistério de eleição refere-se a todos e a cada um dos homens e a toda a grande família humana”. (**Ver** item “Misericórdia no Antigo Testamento” – 1.3.1).

4.1.2.2.1.1 Busca

A essa perda, em ambas as parábolas, segue-se uma busca sucessiva que ocorre ‘hoje’, bem no estilo de Lucas; isso é transparecido na sequência contígua dos verbos empregados no presente histórico (1ª: “**abandona** as noventa e nove no deserto e **vai** em busca daquela que se perdeu”; 2ª: “**acende** a lâmpada, **varre** a casa e **procura**”). Verbos no presente usados por Lucas enfatizam, por conseguinte, a vida presente, algo bem destacado nesse escrito bíblico. Para análise, como mostra esta sequência, escolheram-se alguns termos e expressões que acompanham esses verbos para verificação. Como resultado, notou-se que os verbos são algumas vezes acompanhados por advérbios de tempo – como ‘hoje’[38] (**Ver Quadro** 12, do item “Salvação” – 4.1.2.2.1.2, que retoma a questão do ‘hoje’ lucano), ‘agora’ (Concordância 2 – A palavra ‘agora’, em anexo) ‘no mesmo instante’ (Concordância 4 – A expressão ‘No mesmo instante’[39], em anexo) – ou advérbios de modo ‘depressa’ (**Ver** Concordância 5 – A palavra ‘depressa’, em anexo) – que indicariam a atualidade e dinamicidade das ações nesse evangelho considerado da misericórdia. Algumas considerações sobre as ocorrências desses termos estão na sequência.

A palavra ‘depressa’ não ocorre em Marcos, tem três ocorrências em Mateus e em João; em Lucas, tem seis. A ocorrência da palavra ‘imediatamente – ao contrário da palavra ‘depressa’ e do que se esperava – não confirma o estilo dinâmico em Lucas (**Ver** Concordância 3 – A palavra ‘imediatamente’, em anexo).

A palavra ‘agora’ tem uma maior ocorrência em Lucas, mas somente no grupo sinótico; em João, essa registra uma ocorrência quase quatro vezes maior que em Lucas. Além disso, proporcionalmente à quantidade de versículos, Marcos, com 680 versículos, teria mais ocorrências do que Lucas, com 1.149. Adicionalmente, fora dos evangelhos, tem-se que o livro dos *Atos dos Apóstolos*, também de Lucas, confirmaria a opção do autor grego pelo termo. Conforme o programa de concordância utilizado, as ocorrências do advérbio ‘agora’ nos evangelhos são, progressivamente: Marcos (09), Mateus (10), Lucas (11), João (41). Adicionalmente, tem-se o livro dos *Atos dos Apóstolos* com 30 ocorrências.

---

[38] São exemplos extraídos da Bíblia de Jerusalém (2002, grifos nossos):

a) Lucas 2,11: “Nasceu-vos **hoje** um salvador, que é Cristo-Senhor, na cidade de Davi”.

b) Lucas 23,43: “Em verdade, eu te digo, **hoje** estarás comigo no Paraíso.”

[39] Exemplo: Lucas 18,42-43: “Vê de novo; tua fé te salvou. **No mesmo instante**, recuperou a vista, e seguia a Jesus, glorificando a Deus” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, grifos nossos).

Assim, entre os advérbios ‘hoje’, ‘agora’, ‘no mesmo instante’, ‘depressa’ e ‘imediatamente’, a atualidade e dinamismo lucano é mais bem refletido pelo termo ‘hoje’. Ao que sugere, em termos de ocorrência, a busca do bem perdido, como consta nas duas parábolas, se dá no ‘hoje’, ‘no mesmo dia’, não necessariamente ‘de imediato’.

Nos evangelhos, segundo o mesmo programa de concordância utilizado, a expressão ‘às pressas’ ocorre somente em Lucas, no chamado “Evangelho da Infância”. Ambas as passagens envolvem uma visita, sendo, a primeira, de Maria à sua parenta Isabel (Lc 1, 39: “Naqueles dias, Maria partiu para a região montanhosa, dirigindo-se, **às pressas**, a uma cidade da Judeia”.); a segunda, dos humildes pastores ao Salvador[40] (Lc 2, 16: “Foram então, **às pressas**, e encontraram Maria e José, e o recém-nascido deitado na manjedoura” (grifos nossos). Essas duas citações são da versão bíblica do programa de concordância; para os termos em questão, na Bíblia de Jerusalém consta ‘apressadamente’, para Maria, e ‘às pressas’, para os pastores.

Seguindo esse mesmo aspecto temporal, a prática pastoril, que aparece na primeira parábola, leva a entender que a busca do bem perdido se dá no mesmo dia, pois infere-se pela sequência que a vontade do pastor era ter consigo a ovelha, e procurá-la no dia seguinte poderia ser tarde demais. Na segunda, o fato de a mulher ter acendido a lâmpada denota que essa não espera a chegada da luz natural do dia seguinte para buscar a moeda. O ‘hoje’ lucano associa-se à questão da misericórdia e salvação e é retomado no item seguinte (“Salvação” – 4.1.2.2.1.2). O **Quadro** 12 desse item apresenta a concordância para a palavra ‘hoje’, usada 14 vezes em Lucas, oito em Mateus e uma única vez em Marcos e em João.

Quanto às características dessa busca, pode-se dizer que ela é pessoal, voluntária, deliberada, definitiva e gratuita. Não se delega ou pede-se auxílio para a ação de procurar. É voluntária, pois não consta haver alguém que forçasse a ação da busca ou que mesmo soubesse da perda, o que poderia suscitar uma cobrança real ou psicológica no protagonista; a necessidade do anúncio do motivo da alegria revela isso (em ambas: “Alegrai-vos comigo, porque encontrei...”). Se eles anunciaram o motivo aos amigos e vizinhos, presume-se que, provavelmente, esses não soubessem da perda. É busca também deliberada, pois teve-se a opção individual de proceder ou não a essa. O aspecto volitivo e deliberativo da busca fica patente também pela alegria pessoal do encontro em ambos os casos, mas em maior

[40]Conforme consta em Lucas 2,10: “[8] Na mesma região havia uns pastores que estavam nos campos e que durante as vigílias da noite montavam guarda ao seu rebanho. [9] O anjo do Senhor apareceu-lhes e a glória do Senhor envolveu-os de luz; e ficaram tomados de grande temor. [10] O anjo, porém, disse-lhes ‘Não temais! Eis que vos anuncio uma grande alegria, que será para todo o povo: [11] nasceu-vos hoje um **Salvador**, que é o Cristo-Senhor, na cidade de Davi” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1.790).

grau na primeira: "Alegre a põe sobre os ombros". Nessa circunstância, alegrar e carregar o animal nos ombros denota ação volitiva e satisfação pessoal, não imposta. Colocá-lo no ombro sinaliza também a ideia de que o animal era de pequeno porte, talvez jovem; o seu aparente bem estar físico fica transparecido pela alegria do pastor em colocá-lo sobre o ombro. Uma suposição de um animal jovem levaria à ideia de um animal "inocente", desconhecedor dos caminhos e perigos, o que colocaria essa parábola em oposição ao relato da ovelha desgarrada/tresmalhada (Mateus 18,12-14) que abandona o bando (**Ver Quadro** 8). Sob esse ponto de vista, em Lucas, seguindo seu estilo, haveria uma eufemização da maldade da ovelha; a outra, em Mateus, seria *perversa*, *desertora*. Contudo, pode-se inferir que independentemente do tamanho ou condição da ovelha encontrada, o pastor lhe foi benevolente e revelou-lhe seu amor operante de busca/salvação, ou seja, lhe foi misericordioso.

Convém expor que a parábola não contém a palavra 'pastor'. Infere-se isso pelo contexto, sobretudo pela grande quantidade (cem) de ovelhas que se menciona. De imediato, o dono da ovelha, que é o protagonista da primeira parábola, poderia ser qualquer um do auditório de Jesus: fariseus e escribas, "todos os publicanos e pecadores" (Cf. Lc 15,1-3[41]). Infere-se que se esperaria dos interlocutores o mesmo comportamento do dono da ovelha perdida: "Qual de vós, tendo cem ovelhas e perder uma, não abandona as noventa e nove no deserto e vai em busca daquela que se perdeu, até encontrá-la?" (Lc 15,4).

Também intertextualmente com o *Evangelho segundo João*, a figura do pastor, presente na parábola de Lucas, se associa à misericórdia, pois em João (10,11), Jesus se revela como "o bom pastor": "Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a sua vida pelas suas ovelhas" (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1.869). Em João há uma identidade entre Jesus e o Pai que, nesse contexto, refere-se ao Deus de Israel. Isso consta no capítulo 2 deste trabalho em afirmativa de João Paulo II (1980, p. 7) quem expõe que, como remate da revelação do Pai, na véspera da sua morte, Jesus "diz ao Apóstolo Filipe aquelas memoráveis palavras: 'Há tanto tempo que estou convosco e não me conheces?... Quem me vê, vê o Pai' (João 14,9)" (JOÃO PAULO II, 1980, p. 7). Intratextualmente, conforme já citado, em Lucas 6,36, o 'Pai' é misericordioso': "Sede misericordiosos como vosso Pai é misericordioso" (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1.799). Assim, Jesus é o 'bom pastor' misericordioso. Isso pode ser inferido a partir da relação intertextual entre o evangelho de João e a parábola da

[41] "1 **Todos os publicanos e pecadores** aproximavam-se para ouvi-lo. 2 Os fariseus e os escribas, porém, murmuravam: 'Esse homem recebe os pecadores e come com eles!' 3 Contou-lhes, então, esta parábola:" (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1.816, grifos nossos).

"Ovelha Perdida", em Lucas. Portanto, essa parábola evidencia a misericórdia divina no evangelho lucano.

O aspecto de busca definitiva é dado, em ambas as parábolas, pelo enunciado "Até encontrá-la". Quando isso sucede, dá-se a alegria do encontro, e supõe-se que seja pelo encontro específico do bem exato que se perdeu (na 1.ª: "encontrei a minha ovelha perdida"; na 2.ª: "encontrei a dracma que havia perdido!"). Fica transparecido que outro objeto não provocaria o mesmo efeito sentimental, pois cada protagonista já possuía uma quantidade significativa do mesmo objeto que se perdeu, ainda que em ambas haja um ambiente de simplicidade, sobretudo na segunda, em que a protagonista perde proporcionalmente mais: 10% do dinheiro que tinha. Na época, pastores e mulheres, por exemplo, não faziam parte do mundo das personagens importantes e ricas (CNBB, 1997, p. 46). O valor de utilidade ou monetário de cada bem perdido e achado é regressivo da primeira (uma ovelha) para a segunda parábola (uma dracma[42], valor monetário bem abaixo do valor de uma ovelha ou da sua utilidade doméstica para vestimenta e alimento). Contudo, a alegria do encontro não transparece advir de possível vantagem pecuniária resgatada, mas por algum tipo de vínculo com o bem em questão. Isso revelaria a gratuidade da busca, o que seria uma característica da misericórdia divina**.**

4.1.2.2.1.2 Salvação

Em ambas as parábolas, fica implícita a ideia de salvação, tão presente em Lucas. As características de busca imediata, pessoal, voluntária, deliberada, definitiva e gratuita, como mostrado acima, associam-se ao caráter da salvação que, por sua vez, vincula-se à misericórdia, pois esta é meio para a outra[43]. Baseando-se em Lucas (1,78), Storniolo (1992, p. 23) afirma que "a salvação é fruto da misericórdia de Deus".

---

[42] Dracma: moeda grega, de prata (equivalente ao denário romano), com valor equivalente a 5-3,5 gramas de prata. O ouro valia umas 13 vezes mais que a prata. Salário médio de um dia de um operário não especializado: Mateus 20,2. Dois ou três denários eram o que bastava para pagar os curativos de um sério desastre: Lucas 10,35. (BÍBLIA SAGRADA AVE MARIA, 2008, p. 1.593).

[43] Conforme consta no item "Misericórdia no Antigo Testamento" (1.3.1): "O primado e a superioridade do amor em relação à justiça – ponto característico de toda a Revelação – manifestam-se precisamente através da misericórdia. Isto pareceu tão claro aos Salmistas e aos Profetas que o próprio termo justiça acabou por significar a salvação realizada pelo Senhor por meio da sua misericórdia [Salmo 40(39), 11; 98(97), 2s; Isaías 45,21; 51,5.8; 56,1]" (JOÃO PAULO II, 1980, p. 7).

Conforme consta na descrição do *corpus*, McKenzie (1983, p. 558) afirma – enfaticamente – que a realidade presente da salvação em Lucas não reside no reino (escatológico, futuro), mas no Espírito, que é um **dom atuante** no início da encarnação (cf. Lc 1,5.35.41.67.80), no testemunho mais antigo de Jesus (cf. Lc 2,25-27) e na atividade do próprio Jesus (cf. Lc 4,1.14.17; 10,21). Assim, em Lucas, esse dom atuante configura-se, linguisticamente, inclusive, em verbos de ação – como mostrado acima – que revelam a manifestação de amor operante[44], com efeito presente ou imediato. No terceiro evangelho, salvação é amor operante, gratuito e universal[45].

Para ilustrar intratextualmente esse aspecto da salvação tão recorrente em Lucas, tomou-se outra perícope lucana bastante enfática: o encontro de Jesus com Zaqueu (Lucas 19,1-10). Percebe-se que uma relação de intertextualidade temática e estilística se estabelece entre as duas parábolas em questão e esse relato exclusivo do terceiro evangelho, transcrito a seguir sem a numeração dos versículos. Esse relato, na Bíblia de Jerusalém (2002), intitula-se "Zaqueu":

> E, tendo entrado em Jericó, ele atravessava a cidade. Havia lá um homem chamado Zaqueu, chefe dos publicanos[46]. Procurava ver quem era Jesus, mas não o conseguia por causa da multidão, pois era de baixa estatura. **Correu**, então **à frente** e subiu num sicômoro para ver Jesus que passaria por ali. Quando Jesus chegou ao lugar, levantou os olhos e disse-lhe: "Zaqueu, **desce depressa**, pois **hoje** devo ficar em tua casa". Ele desceu **imediatamente** e recebeu-o **com alegria**. À vista do acontecimento, todos murmuravam, dizendo: "Foi hospedar-se em casa de pecador!" Zaqueu, de pé, disse ao Senhor: "Senhor, **eis que dou** a metade dos meus bens aos pobres, e se defraudei a alguém, **restituo**-lhe o quádruplo". Jesus disse-lhe: "**Hoje a salvação entrou nesta casa**, porque ele também é um filho de Abraão. Com efeito, **o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava já perdido**." (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1.822, grifos nossos).

Como se pode observar, no fechamento do relato, acima, o tema da salvação é explícito e consta na fala final de Jesus: "Hoje a **salvação** entrou nesta casa, porque ele também é um filho de Abraão. Com efeito, o Filho do Homem veio **procurar** e **salvar** o que

---

[44]A expressão 'amor operante' consta no preâmbulo do conceito de misericórdia dado por João Paulo (1980, p. 4). (**Ver** item "Misericórdia no Novo Testamento – A visão de João Paulo II" – 1.3.2)

[45] Conforme visto, uma das diversas linhas temáticas que atravessam todo o texto de Lucas é a questão da "gratuidade e universalidade da salvação: embora Lucas valorize muito a preparação da salvação durante o Antigo Testamento, ele mostra que o cumprimento ultrapassa o esperado; as fronteiras da etnia judaica são estreitas demais" (BÍBLIA SAGRADA/CNBB, 2001, p. 1.346).

[46] "Publicano. Cobrador de impostos a serviço de Roma; iam acompanhados e protegidos por policiais. Havia dois tipos de impostos: o geral (*kensos, phoros*) e o da alfândega ou do fiador (*telos*). O sistema se prestava a abusos: o cobrador, e, mais ainda o chefe, se enriqueciam às custas da população, por isso eram malvistos e chamados de pecadores. Convertem-se Levi-Mateus e Zaqueu. Oração do publicano (Lc 18,9-14))" (BÍBLIA DO PEREGRINO, 2006, p. 3.038).

estava já perdido". Conforme McKenzie (1983, p. 558), já citado, somente em Lucas há a afirmação de que "o Filho do Homem veio para procurar e salvar o que estava perdido" (Lc 19,10). Também como nas duas parábolas em análise, o protagonista vai 'procurar e salvar o que estava já perdido', revelando o caráter – já citado – de busca imediata, pessoal, voluntária, deliberada, definitiva e gratuita. A salvação, ao estilo lucano, ocorre '**hoje**' (palavra usada por duas vezes nesse relato), ou seja, no mesmo dia do encontro. Ao anunciá-la, essa, na verdade, já de deu: "Hoje a salvação **entrou** nesta casa", como revela o verbo de ação usado no pretérito perfeito do indicativo. A sequência apresenta o **Quadro** 12 – A palavra 'hoje'.

Quadro 12 – A palavra 'hoje'

Concordância para a palavra 'hoje

379	Mt 6, 11		11 Dá-nos **hoje** o pão nosso de cada dia.
380	Mt 6, 30	veste a erva do campo, que	**hoje** existe e amanhã é queimada
381	Mt 11, 23	ela existiria até o dia de	**hoje**!
382	Mt 16, 3		3 E de manhã: '**Hoje** vai chover, porque o céu
383	Mt 21, 28	disse: 'Filho, vá trabalhar	**hoje** na vinha'.
384	Mt 26, 29		29 Eu lhes digo: de **hoje** em diante não beberei desse
385	Mt 27, 8	isso que esse campo até	**hoje** é chamado de «Campo de Sangue.»
386	Mt 28, 15	os judeus, até o dia de	**hoje**.~Jesus é o Senhor da história –*
387	Mc 14, 30	Eu garanto a você: ainda	**hoje**, esta noite, antes que o
388	Lc 2, 11		11 **hoje**, na cidade de Davi, nasceu
389	Lc 4, 21	Jesus começou a dizer-lhes: «**Hoje**	se cumpriu essa passagem
390	Lc 5, 10	Simão: «Não tenha medo! De **hoje**	em diante você será pescador
391	Lc 5, 26	cheios de medo, e diziam: «**Hoje**	vimos coisas estranhas.»~
392	Lc 12, 28	assim a erva do campo, que **hoje**	existe e amanhã é queimada
393	Lc 13, 7	disse ao agricultor: 'Olhe! **Hoje**	faz três anos que venho
394	Lc 13, 32	expulso demônios, e faço curas **hoje**	e amanhã; e no terceiro
395	Lc 13, 33	Entretanto preciso caminhar **hoje**,	amanhã e depois de amanhã,
396	Lc 19, 5	depressa, Zaqueu, porque **hoje**	preciso ficar em sua casa.»
397	Lc 19, 9		9 Jesus lhe disse: «**Hoje** a salvação entrou nesta
398	Lc 19, 42	também você compreendesse **hoje**	o caminho da paz! Agora,
399	Lc 22, 34	Pedro, eu lhe digo que **hoje**,	antes que o galo cante,
400	Lc 22, 61	Senhor lhe havia dito: «**Hoje**,	antes que o galo cante,
401	Lc 23, 43	respondeu: «Eu lhe garanto: **hoje**	mesmo você estará comigo
402	Joa 5, 10	que tinha sido curado: «**Hoje**	é dia de sábado. A lei não

Fonte: Programa de Concordância: INTRATEXT CT (BÍBLIA SAGRADA, 2002)

Conforme se pode observar no quadro com a concordância, a palavra 'hoje' tem maior ocorrência em Lucas. Pelo programa utilizado, o vocábulo ocorre 24 vezes nos quatro evangelhos, sendo uma só ocorrência em Marcos, seu principal intertexto, o que representa 4,2% das ocorrências; igualmente tem uma única ocorrência em João, com o mesmo percentual; oito, em Mateus (33,3%) e 14, em Lucas, o que constitui 58,3% das ocorrências totais.

Esses números são significativos em Lucas, porém o mais relevante nesse evangelho é o valor semântico dessas ocorrências, sendo seis delas relacionadas ao que se chama 'programa de salvação' de Jesus, como mostram os versículos completos extraídos das ocorrências 388, 389, 390, 396, 397 e 401, do quadro acima, sendo, respectivamente, na

Bíblia de Jerusalém (2002): Lc 2,11 (“Nasceu-vos hoje um **Salvador**, que é o Cristo Senhor, na cidade de Davi”.); Lc 4,21 (“Então [Jesus] começou a dizer-lhes: ‘Hoje se cumpriu aos vossos ouvidos **essa passagem**[47] da Escritura’”.); 5,10 (“E também de Tiago e João, filhos de Zebedeu, que eram companheiros de Simão. Jesus, porém, disse a Simão: ‘Não tenhas medo! Doravante serás **pescador de homens**’”); 19,5 (“Quando Jesus chegou ao lugar, levantou os olhos e disse-lhe: ‘Zaqueu, desce depressa, pois hoje **devo ficar**[48] em tua casa’”); 19,9 (“Jesus lhe disse: ‘Hoje a **salvação** entrou nesta casa, porque ele também é um filho de Abraão’”.); 23,43 (“Ele [Jesus] respondeu: ‘Em verdade eu te digo, hoje **estarás comigo no Paraíso**’”.). A ocorrência da palavra ‘hoje’ nos outros três evangelistas, como pode ser observado no **Quadro** 12, são de cunho narrativo, não tendo a mesma conotação salvífica de Lucas. O mencionado ‘programa de salvação’ associa-se, conforme mencionado no início desta subseção, à misericórdia divina.

Retomando o episódio de “Zaqueu”, em comentário sobre essa perícope, Schökel (2002, p. 2.518) faz notar que, em relação a Zaqueu, “Jesus se adianta (Sl 59,11; 79,8), sai ao encontro, pede pousada a um pecador”. Relacionando esse comentário às duas parábolas, vê-se que, em ambas, também são os protagonistas que se adiantam e vão em busca do bem perdido. Intertextualmente com a parábola de “O filho perdido e o filho fiel: ‘o filho pródigo”’, títulos dados pela Bíblia de Jerusalém (2002, p. 1.817), tem-se também que, no domínio do pai, esse igualmente se adianta ao encontro do filho: “Ele [o filho] estava ainda longe, quando seu pai o viu, encheu-se de compaixão, **correu** e lançou-se-lhe ao pescoço, cobrindo-o de beijos” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1.817, grifos nossos). Percebe-se aí, com o uso do verbo de ação ‘correr’, a presteza da misericórdia do pai. Tomando-se por base as três parábolas centrais de Lucas, ditas da misericórdia, pode-se concluir que a presteza e, mais ainda, a antecipação de cada protagonista (o dono da ovelha, ‘a mulher’, o ‘pai’) em favor do bem perdido e reencontrado são características que remetem ao amor operante, aqui chamado misericórdia divina.

---

[47] A passagem a qual Jesus se refere é, na versão bíblica da concordância, o constante em Lucas 4,18-19, sendo:

“[18] O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou com a unção, para anunciar a Boa Notícia aos pobres; enviou-me para proclamar a **libertação** aos presos e aos cegos a recuperação da vista; para **libertar** os oprimidos, [19] e para proclamar um ano de graça do Senhor” (BÍBLIA SAGRADA, 2002).

[48] Intertextualmente com o versículo seguinte (19,9), esse “devo ficar” relaciona-se ao ato de levar a salvação. Por essa modalização, infere-se que a salvação torna-se uma necessidade para Jesus, que é considerado, conforme já dito, a corporificação da misericórdia divina no Novo Testamento: “Essa graça e misericórdia de Deus corporizam-se em Cristo” (BÍBLIA SAGRADA/VOZES, 2006, p. 1.521).

Quando comparada à obra *Retórica*, explorada no primeiro capítulo deste estudo, essa misericórdia expressa em Lucas situa-se numa relação intertextual de oposição ao ἔλεος (éleos) ou misericórdia aristotélica, pois esta – conforme mencionado – é suscitada a partir da penúria do apenado, isto é, surge *a posteriori* e se esse for pessoa honesta, ou seja, leva em consideração atributo positivo (a honestidade) do objeto-alvo do ἔλεος (éleos) e visa meramente à emissão de um julgamento (**Ver** item "O que é digno de compaixão-misericórdia" – 1.2.3.5). Em Lucas, contrariamente, como consta no relato de "Zaqueu" (Cf. Lc 19,10), Jesus "veio procurar e salvar o que estava já perdido" (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1.822); não consta mérito. Nesse também, em nenhuma das parábolas levou-se em conta uma qualidade extrínseca do bem para que se desse a procura. Propriamente na parábola do "Filho Perdido", conforme consta no item "Misericórdia no Antigo Testamento" (1.3.1), o pai não leva em conta a honestidade do 'filho pródigo' a ponto de causar indignação no 'filho mais velho'. Portanto, embora haja confluências morfológicas entre os termos gregos usados em Aristóteles, na *Retórica* (**Ver** item "Compaixão-misericórdia: uma paixão aristotélica" – 1.2) e no *Evangelho segundo Lucas* (**Ver** itens 1.3.1 e 1.3.2), tratam-se de realidades diferentes. Essa constatação leva à conclusão de que a misericórdia divina enunciada em Lucas não se equivale à paixão humana descrita por Aristóteles (2000).

A vinda dessa salvação – encontro pessoal também volitivo por parte de Zaqueu com Jesus – produz nele a **alegria** característica da salvação em Lucas; o efeito dessa, em Zaqueu, é imediato, levando-o a ter alegria e a agir também de imediato, como denotam os verbos 'dar' e 'restituir' empregados por ele no presente: "Senhor, eis que **dou** a metade dos meus bens aos pobres, e se defraudei a alguém, **restituo**-lhe o quádruplo". Vê-se aqui que Zaqueu torna-se misericordioso, indo além da justiça, pois "faz uma devolução generosa, acima do duplo que a lei exige (Ex 22,1-4), mesmo segundo o cálculo de Davi, 'quatro vezes' (2Sm 12,6). À maneira de expiação, reparte a metade de sua fortuna com os pobres" (SCHÖKEL, 2006, p. 2.518). Segundo comentário da Bíblia de Jerusalém, ao restituir o quádruplo, "Zaqueu amplia para si mesmo essa obrigação a todos os prejuízos que tenha podido causar" (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1.822). Ao que consta, ele retribui a misericórdia recebida de Jesus, agindo – de imediato – de modo consoante a um enunciado de Jesus que somente Lucas (6,36) textualiza: "Sede misericordiosos como vosso Pai é misericordioso".

Na sequência narrativa de "Zaqueu", esse dinamismo estilístico de Lucas fica materializado também nos enunciados: "**Correu**, então **à frente** e **subiu** num sicômoro **para ver** Jesus"; "Zaqueu, **desce depressa**"; "Ele **desceu imediatamente** e **recebeu**-o com

alegria**”**. Há também nesse o advérbio ‘imediatamente’ que, nesse caso, enfatiza igualmente a dinamicidade constatada no evangelho lucano. Na Linguística Textual, tem-se a constatação de que as sequências narrativas apresentam sempre um antes e um depois, ou seja, uma situação inicial e outra final, entre as quais ocorre algum tipo de modificação de um estado de coisas (cf. KOCH et al., 2008, p. 76). No caso de Lucas, como se pode constatar ao longo do evangelho, verificam-se mudanças de estado de pessoas; diversos exemplos dados na descrição do *corpus* e também neste capítulo ilustram esse fato. Segundo Weinrich (1964 apud KOCH et al., 2008, p. 76), nas sequências textuais narrativas, predominam verbos de ação e tempos verbais do mundo narrado. Isso se constata em “Zaqueu”.

Consoante com as duas parábolas, o fato de Jesus demonstrar amizade a Zaqueu (“Foi hospedar-se em casa de pecador!”) e incluí-lo como membro do povo eleito (“Ele também é um filho de Abraão”) insere esse relato na categoria do universalismo, que será ampliado na sequência. Conforme citado, “faz parte também do universalismo de Lucas a ênfase que dá a Jesus como ‘amigo dos pecadores’ – de novo um traço que não é exclusivamente peculiar a Lucas” (MCKENZIE, 1983, p. 558), mas que nesse evangelho é posto em evidência.

Nessa breve digressão ilustrativa, percebe-se o caráter salvífico intratextual, tanto em tema quanto em estilo, entre as duas parábolas em análise e o relato de “Zaqueu”. Conforme mencionado na descrição do *corpus*, devido ao seu universalismo, Lucas concebe Jesus como o salvador, outra especificidade desse evangelho, embora salvação seja uma ideia bíblica (MCKENZIE, 1983, p. 557).

O **Quadro** 13, abaixo, apresenta um contraste entre Mateus e Lucas sobre item relacionado à salvação – “A porta estreita”. Essa perícope não consta em Marcos e é dada por Konings (2005, p. 326) como constante na *Fonte Q*.

Quadro 13 – Paralelo entre Mateus e Lucas sobre Salvação

Paralelo entre Mateus e Lucas sobre Salvação – “A porta estreita”	
“A porta estreita”	Marcos (texto ausente)
	Mateus 7,13-14 13 **Entrai pela porta estreita**, porque largo e espaçoso é o caminho que conduz à perdição. E muitos são os que entram por ele. 14 Estreita, porém, é a porta e apertado o caminho que conduz à Vida. E **poucos são os que o encontram**.
	Lucas 13,22-24 22 Jesus atravessava cidades e povoados, ensinando e encaminhando-se para Jerusalém. 23 E alguém lhe perguntou: “Senhor, é pequeno o número dos que se salvam?” Ele respondeu: 24 “**Esforçai-vos por entrar pela porta estreita**, pois eu vos digo que **muitos procurarão entrar e não conseguirão**”.

Fonte: Textos da Bíblia de Jerusalém, 2002 (grifos nossos).

Observando o quadro anterior, pode-se notar que, quanto ao caminho para a salvação, Mateus apresenta uma ordem aparentemente rígida e terminante ("**Entrai** pela porta estreita"), seguida de um alerta quanto à perdição. Lucas apresenta um comando que indica um processo aparentemente mais brando: "**Esforçai**-vos por entrar pela porta estreita". Nesse, ao que parece, exige-se o esforço em entrar pela porta estreita; torna-se um texto mais pedagógico. Ao seu estilo, Lucas não apresenta a palavra perdição, usada por Mateus. Neste, "poucos são os que o encontram"; em Lucas, "muitos não conseguirão". Em explicação de McKenzie, já mencionada, 'muitos', em grego, "basta significar mais de um" (MCKENZIE, 1983, p. 556). O fato de muitos não conseguirem a salvação não implica que somente poucos se salvem, como consta em Mateus.

De modo análogo ao **Quadro** 13, o **Quadro** 14, abaixo, apresenta outro contraste entre Mateus e Lucas sobre item relacionado à salvação. Novamente, dada a ausência em Marcos, o texto de Lucas é contrastado apenas com o de Mateus. Este quadro associa a questão do número dos que se salvam e a atualidade dessa salvação, em Lucas.

Quadro 14 – Salvação – "Os que dizem: Senhor! Senhor!"

Paralelo entre Mateus e Lucas sobre Salvação – "Os que dizem: Senhor! Senhor!"	
Os que dizem: Senhor! Senhor!	Mateus 7,21: Nem todo aquele que me diz 'Senhor, Senhor' entrará no Reino dos Céus, mas sim aquele que pratica a vontade de meu Pai que está nos céus.
	Lucas 6,46: Por que me chamais 'Senhor! Senhor!', mas não fazeis o que eu digo?
Os dois versículos referem-se à questão da salvação. Konings (2005, p. 293) apresenta essa perícope como constante na *Fonte Q* e ausente em Marcos. Em Mateus há uma consequência futura ("entrará no Reino dos Céus") de atitude presente ("Nem todo aquele que me diz 'Senhor, Senhor'"); consta-se um alerta quanto à restrição da entrada no "Reino dos Céus". Em Lucas, em vez de um alerta, há um questionamento em estilo dialogal que sugere uma mudança de atitude presente, sem referência a futuro. Intertextualmente, essa atualidade da salvação em Lucas é retratada claramente no episódio de "O 'bom ladrão'" (Lucas 23,39-43), quando da crucifixão de Jesus ao lado de dois malfeitores. Um deles lhe diz: "'Jesus, lembra-te de mim, quando vieres com teu reino'. Ele respondeu: 'Em verdade, eu te digo, hoje estarás comigo no Paraíso'" (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1.831). Por conseguinte, esse episódio exclusivo de Lucas associa-se também à questão do estilo universalista em Lucas em que *salvação* é para todos que a desejam, como mostra a intratextualidade temática entre – por exemplo – os episódios de "Zaqueu" (no item 4.1.2.2.1.2) e a decisão do 'filho pródigo' em retornar (no item 1.3.2).	

Fonte: Textos da Bíblia de Jerusalém, 2002.

Nos evangelhos sinóticos, segundo o programa de concordância[49] usado nesta pesquisa, a palavra 'salvador' ocorre apenas em Lucas, por duas vezes. A primeira ocorre em

[49] Programa IntraText CT ®, da Bíblia Sagrada: Edição Pastoral Intratext (2002), versão em CD ROM.

"O cântico de Maria" (1,47: "Maria, então, disse: 'Minha alma engrandece o Senhor, o meu espírito exulta em Deus em meu **Salvador**'"); a segunda, em "O nascimento de Jesus e visita dos pastores" (2,11: "Nasceu-vos hoje um **Salvador**, que é o Cristo Senhor, na cidade de Davi".). Os títulos e textos são da Bíblia de Jerusalém (2002). Em João, o termo 'salvador' tem apenas uma ocorrência (4,42). Nos *Atos dos Apóstolos*, escrito também lucano, essa ocorre igualmente por duas vezes (Atos 5,31 e 13,23). Como se pode observar no **Quadro** 15, essa não ocorre nem em Marcos – intertexto considerado base – nem em Mateus. A concordância para a palavra 'salvador' está na sequência.

Quadro 15 – Ocorrência da palavra 'salvador'

A palavra 'salvador' nos 4 evangelhos e em Atos

```
37   Lc    1, 47| espírito se alegra em Deus, meu salvador,~
38   Lc    2, 11|      Davi, nasceu para vocês um Salvador, que é o Messias, o Senhor.
39  Joa    4, 42|  sabemos que este é, de fato, o salvador do mundo.»~Muitos acreditam
40   At    5, 31|      tornando-o Chefe supremo e Salvador, para dar ao povo a oportunidade
41   At   13, 23|         descendência de Davi um Salvador para Israel, que é Jesus.
```

Fonte: Programa de concordância IntraText CT (BÍBLIA SAGRADA, 2002)

Por consequência, a palavra 'salvação' tem sua ocorrência basicamente em Lucas. Das sete ocorrências encontradas pelo programa de concordância para essa palavra, apenas uma está em João; as outras seis estão em Lucas. No escrito dos *Atos dos Apóstolos*, a opção por esse termo segue o terceiro evangelho, tendo oito ocorrências (**Ver Quadro** 16 – Ocorrência da palavra 'salvação', abaixo). A concordância para o termo 'salvar' não foi representativa nessa perspectiva (**Ver** Concordância 19 – A palavra 'salvar', em Anexo).

Quadro 16 – Ocorrência da palavra 'salvação'

```
 95   Lc    1, 69|         Fez aparecer uma força de salvação na casa de Davi, seu servo;~
 96   Lc    1, 71|                          71  É a salvação que nos livra de nossos
 97   Lc    1, 77|          anunciando ao seu povo a salvação, o perdão dos pecados.~
 98   Lc    2, 30|     Porque meus olhos viram a tua salvação, ~
 99   Lc    3,  6|              6 E todo homem verá a salvação de Deus.»~
100   Lc   19,  9|         Jesus lhe disse: «Hoje a salvação entrou nesta casa, porque

101  Joa    4, 22|         que conhecemos, porque a salvação vem dos judeus.

102   At    2, 47|       pessoas que iam aceitando a salvação.~
103   At    4, 12|                       12 Não existe salvação em nenhum outro, pois debaixo
104   At   11, 14|   acontecimentos que vão trazer a salvação para você e para toda a
105   At   13, 26|          a Deus, esta mensagem de salvação foi enviada para nós.
106   At   13, 47|           nações, para que leve a salvação até aos extremos da terra'. «~
107   At   16, 17|           e anunciam o caminho da salvação para vocês.»
108   At   27, 20|      perdemos toda a esperança de salvação.~
109   At   28, 28|        fiquem sabendo vocês: esta salvação de Deus é enviada aos pagãos,
```

Fonte: Programa de concordância IntraText CT (BÍBLIA SAGRADA, 2002)

Os números ilustrativos das concordâncias somados aos exemplos e comentários dados nos quadros deste subitem mostram linguisticamente a expressão da misericórdia divina que é posta em evidência pelo autor grego.

4.1.2.2.1.3 Amigos e vizinhos

Percebe-se também que, nas duas parábolas em pauta, dá-se comemoração conjunta do reencontro em ambiente doméstico; na primeira ("de volta para casa"), tal comemoração ocorre entre amigos e vizinhos; na segunda, a festa se dá expressamente apenas entre mulheres ("amigas e vizinhas"). Os amigos e vizinhos são, na verdade, 'convocados' à casa de cada protagonista para alegrar-se conjuntamente. Para tanto, há a expressão injuntiva: 'Alegrai-vos comigo!', seguida da causalidade de tal injunção, que é, em ambos, o encontro de algo por busca esmerada (na 1.ª: "até encontrar' e, na 2.ª, com advérbio de modo: "cuidadosamente até encontrar").

O resultado positivo da busca individual é celebrado comunitariamente entre muitos. Conforme consta, nenhuma das parábolas menciona grau de parentesco, mas 'amigos' e 'amigas', 'vizinhos' e 'vizinhas' (a presença feminina é marcada em Lucas). Em ambas, a relação citada entre os personagens é apenas de amizade e vizinhança. Esse não destaque a grau de parentesco associa-se ao tema da universalidade ou universalismo, pois coloca as pessoas em um mesmo plano ou condição em relação às outras, sem privilégios familiais, étnicos ou de nação. Isso se torna uma característica da misericórdia divina, manifestação de amor operante **a todos**.

Como sinalizado, é sob essa questão do universalismo (universalidade) que se concentra o que neste trabalho se considera como 'manifestação da misericórdia na materialidade linguística do *Evangelho segundo Lucas*. A começar pela questão da amizade e vizinhança, esses aspectos do universalismo são explorados nesta sequência. Diversos quadros e tabelas mostram ocorrências de palavras relacionadas a esse tema.

Amizade denota uma relação de afinidade recíproca. De fato, para Aristóteles (2000, p. 23), "amigo é o que ama e é, por sua vez, amado. Consideram-se amigos os que assim se acham dispostos reciprocamente".

Por sua vez, a palavra 'vizinho', em si, na língua portuguesa, não tem essa conotação de reciprocidade emocional entre as pessoas. Contudo, associa-se semanticamente

ao termo *próximo*, tão comum na linguagem bíblica. Segundo Schökel (2006, p. 2.492), o termo grego para *próximo* (*plesíon*) corresponde a um hebraico, que significa vizinho ou amigo. "É conceito de relação recíproca, que inclui dois correlativos: um considera e trata o outro como próximo = amigo" (SCHÖKEL, 2006, p. 2.492). Propriamente em Lucas, em um relato exclusivo seu – "A parábola do samaritano"[50] – encontra-se um conceito de *próximo*: aquele que usa de misericórdia com um outro (Lc 10,37), como se verá. Esse texto, na Bíblia de Jerusalém (2002), intitula-se "Parábola do bom samaritano" (Lucas 10, 29-37). Tem-se:

> [29] Ele porém, querendo se justificar, disse a Jesus: "E quem é meu próximo?" [30] Jesus retomou: "Um homem descia de Jerusalém a Jericó, e caiu no meio de assaltantes que, após, havê-lo despojado e espancado, foram-se, deixando-o semimorto. [31] Casualmente, descia por esse caminho um sacerdote; viu-o e passou adiante. [32] Igualmente um levita, atravessando esse lugar, viu-o e prosseguiu. [33] Certo samaritano em viagem, porém, chegou junto dele, viu-o e moveu-se de compaixão. [34] Aproximou-se, cuidou de suas chagas, derramando óleo e vinho, depois colocou-o em seu próprio animal, conduziu-o à hospedaria e dispensou-lhe cuidados. [35] No dia seguinte, tirou dois denários e deu ao hospedeiro, dizendo: 'Cuida dele, e o que gastares a mais, em meu regresso te pagarei'. [36] **Qual dos três**, em tua opinião, **foi o próximo** do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?" [37] Ele respondeu: "**Aquele que usou de misericórdia para com ele**". **Jesus então lhe disse:** "**Vai, e também tu, faze o mesmo**" (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1.808, grifos nossos).

A partir do relato em citação, usar de misericórdia implicou em perceber a presença do necessitado ("viu-o"), compadecer-se dele ("moveu-se de compaixão"), aproximar-se para dispensar-lhe pessoalmente os cuidados necessários ("Aproximou-se, cuidou de suas chagas, derramando óleo e vinho, depois o colocou em seu próprio animal, conduziu-o à hospedaria e dispensou-lhe cuidados".), assumindo o ônus da decisão volitiva em restabelecer-lhe o bem-estar ("tirou dois denários e deu ao hospedeiro, dizendo: 'Cuida dele, e o que gastares a mais, em meu regresso te pagarei'". Nesse relato, a compaixão constituiu-se em uma etapa da ação de misericórdia, mas não a misericórdia em si.

O 'próximo', aqui identificado como sendo o samaritano, dispensou essa misericórdia a "um homem"[51] ("Um homem descia de Jerusalém a Jericó"), sem considerar

---

[50] O contexto de narração da parábola se dá mediante a uma provocação a Jesus por parte de um legista, constante no seu preâmbulo (Lucas 10, 25-28). Esse é encontrado nos versículos precedentes, transcrito a seguir:

"[25] Eis que um legista se levantou e disse para experimentá-lo: 'Mestre, que farei para herdar a vida eterna?' [26] Ele disse: 'Que está escrito na Lei? Como lês?' [27] Ele, então, respondeu: '*Amarás o Senhor teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, com toda a tua força e* de todo o teu entendimento; *e a teu próximo como a ti mesmo'*. [28] Jesus disse: 'Respondeste corretamente; faze isso e viverás'" (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1.808, grifo da edição).

[51] Em nota da Bíblia do Peregrino, tem-se: "'Um homem' qualquer, anônimo, sem indicação de pátria nem ofício, vítima indefesa de salteadores (BÍBLIA DO PEREGRINO, 2006, p. 2.492).

aspectos étnicos, de parentesco ou de nação; por si mesmo, o uso do artigo indefinido ‘um’ diante de um substantivo genérico ‘homem’ já comunica essa desvinculação. **Daí pode-se inferir um conceito de misericórdia no evangelho de Lucas: ação voluntária e gratuita de perceber e compadecer-se de um necessitado com consequente aproximação e auxílio ao mesmo com vistas ao restabelecimento do seu bem estar, independentemente das prerrogativas pessoais da pessoa necessitada.** A inferência desse conceito em Lucas é um dos objetivos específicos deste trabalho: identificar o significado do termo misericórdia na Bíblia.

Portanto, a omissão de grau de parentesco nas parábolas da “Ovelha perdida” e da “Dracma perdida” insere-as em um âmbito maior que é o tema do universalismo. Esse é explorado na sequência.

4.1.2.2.1.4 Universalismo

Conforme visto no item anterior, misericórdia e universalismo estão em paralelo em Lucas. Como consta no primeiro capítulo (item “Misericórdia no Antigo Testamento” – 1.3.1), João Paulo II (1980, p. 7) faz referência a essa ideia de universalismo quando expõe sobre o mistério da eleição. Para ele, esse mistério refere-se a todos e a cada um dos homens e a toda a grande família humana. Também, como já relatado a respeito da teologia lucana, consoante com João Paulo II (1980), John McKenzie (1983, p. 557) afirma que “o universalismo de Lucas consiste na sua convicção – e na manifestação expressa desta convicção – de que o evangelho se dirige a todos os homens”.

Linguisticamente, conforme será visto nesta seção, isso está materializado na presença de substantivos e/ou adjetivos indicadores de coletividade, como ‘multidão’, ‘povo’, ‘cidade inteira’, ‘numeroso grupo’, ‘imensa multidão’ [(Lucas 6,17: “Desceu com eles e parou num lugar plano, onde havia **numeroso grupo** de discípulos **e imensa multidão** de pessoas de toda a Judeia, de Jerusalém, e do litoral de Tiro e Sidônia” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1.808, grifos nossos).]; artigos (um, uma) e pronomes indefinidos (tudo, todos, outros) ou na substituição ou omissão de substantivos e adjetivos referentes aspectos sectários (**Ver Quadro** 17, nesta sequência).

Um exemplo desse último aspecto ocorre com a palavra ‘fariseus’ (**Ver Tabela** 7 – Ocorrência da palavra ‘fariseu(s)’ nos quatro evangelhos) que, em relação aos

outros evangelhos, Lucas substitui por termos equivalentes a ‘povo’, ‘multidão’, como no episódio da “Pregação de João Batista” em que se tem:

Mateus 3,7: “Como visse muitos **fariseus e saduceus** que vinham ao batismo, disse-lhes: ‘Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da ira que está para vir?’”

Lucas 3,7: “Ele dizia às **multidões** que vinham para serem batizadas por ele: ‘Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da ira que está para vir?’”

(BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1.808, grifos nossos).

O estilo universalista e misericordioso de Lucas encontra-se materializado linguisticamente também em expressões e nas narrações de certos episódios. Retomando o que já foi mencionado na descrição do *corpus* por McKenzie (1983, p. 558), tem que: “faz parte também do universalismo de Lucas a ênfase que dá a Jesus como ‘amigo dos pecadores’”. Esse biblista afirma também que:

> Numerosos episódios, expressões e parábolas peculiares a Lucas apresentam a amizade e a compaixão de Jesus para com os pecadores: a parábola da **figueira estéril** (13,6-9), as parábolas da ovelha e da dracma perdidas, do filho pródigo (15**), a mulher pecadora** (7,36-50), Zaqueu (19,1-10), a **parábola do fariseu e do publicano** (18,10-14), **a promessa ao ladrão na cruz** (23,40-43) (MCKENZIE, 1983, p. 558).

Das perícopes presentes na citação anterior, a parábola da “Ovelha perdida” e a da “Dracma perdida” (**Ver Quadro** 11), a do “Filho pródigo” (**Ver Quadro** 1), o episódio de “Zaqueu” (no item “Salvação” – 4.1.2.2.1.2), e a promessa ao ladrão na cruz (**Ver Quadro** 14 – “Os que dizem: Senhor! Senhor!”) já foram considerados.

Em Lucas, referindo-se a pessoas, destaca-se o uso de palavras que indicam coletividade, o que em geral se associa à ideia de universalidade que lhe é comumente atribuída, como consta no capítulo da descrição do seu evangelho. Deve-se ressaltar, contudo, conforme mencionado quanto à questão da misericórdia divina, que não é a simples ocorrência dessa palavra que confere a Lucas o caráter de evangelho da misericórdia, mas o tema ou subtemas e ênfase constantes em sua obra quando comparados com os de Mateus, Marcos e João. De fato, conforme a concordância utilizada, a palavra ‘misericórdia’ tem a mesma ocorrência – quatro em cada – seja para Mateus, seja para Lucas (**Ver** Concordância

45 – A palavra ‘misericórdia’, em anexo); essa, porém, não ocorre em Marcos e João. O adjetivo ‘misericordioso(s)’ tem uma ocorrência em Mateus e três em Lucas. Dessas três ocorrências em Lucas, o adjetivo ‘misericordioso’ refere-se apenas a Deus, ainda que o mesmo seja esperado dos interlocutores: “Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso” (Lucas 6,36).

Semelhantemente, isso também ocorre em relação ao uso de outros vocábulos; esses de per si não lhe conferem igualmente um caráter, mas se vinculam, em dados contextos, aos temas e subtemas postos em evidência pelo evangelista grego. Para a análise empreitada quanto ao universalismo, alguns termos foram colocados em programa de concordância e são apresentados nesta sequência.

Portanto, a respeito da universalidade em Lucas, deve-se considerar que essa não é definida pela simples ocorrência de palavras que se lhe associam, mas sim pelos temas ou subtemas a que remetem. Isso é exemplificado nesta subseção. Alguns desses resultados são particularmente interessantes pela ênfase que denotam.

Ilustrativamente, na concordância realizada, como mostram a **Tabela** 1, a **Tabela** 2 e a **Tabela** 3, da sequência. A palavra **‘todos’** ocorre 203 vezes nos evangelhos; sendo, em Lucas, 82 vezes (40,4% das ocorrências totais); em Mateus, 49 (24,1%); em Marcos, 44 (21,7%) e, em João, 28 (13,8%).

Apenas nos *Atos dos Apóstolos*, continuação natural da obra lucana, essa palavra ocorre 101 vezes, valor que é acima da soma das ocorrências da mesma nos sinóticos Marcos/Mateus (93 ocorrências). Isso corrobora parcialmente, em termos numéricos das ocorrências lexicais, o estilo universalista do autor defendido teologicamente.

Especificamente, a **Tabela** 1, na página seguinte, apresenta os resultados da ocorrência da palavra ‘todos’ nos quatro evangelhos canônicos. Entre esses, em Lucas há a maior ocorrência do vocábulo em questão.

Considerando Marcos como seu principal intertexto, percebe-se que o Evangelho segundo Lucas, na versão bíblica usada para a concordância, expande o uso da palavra ‘todos’ em aproximadamente 86%. Isso evidencia o seu estilo universalista associado à misericórdia divina.

Observando-se a concordância (**Ver** Concordância 20 – A palavra ‘todos’, em Anexo), percebe-se que várias ocorrências se referem a coisas, mas quando faz referência a pessoas, essa mostra, de fato, a ideia de coletividade, seja de um grupo de pessoas em particular (apóstolos, doentes, sacerdotes, por exemplo), seja dentro de uma projeção considerada universal.

Tabela 1 – Ocorrência da palavra ‘todos’ nos quatro evangelhos.

A palavra ‘todos’ nos quatro evangelhos				
Marcos	Mateus	Lucas	João	total
44	49	82	28	203
21,7%	24,1%	40,4%	13,8%	100%

Fonte: Programa de concordância IntraText CT (BÍBLIA SAGRADA, 2002).

A **Tabela** 2, abaixo, apresenta os resultados da ocorrência da palavra ‘todos’ no grupo dos sinóticos. Nesse grupo, o evangelho de Lucas aumenta proporcionalmente o uso da palavra, passando de 40,4% entre o grupo dos quatro evangelhos para 46,9% (quase metade) das ocorrências totais do vocábulo.

Tabela 2 – Ocorrência da palavra ‘todos’ nos evangelhos sinóticos.

A palavra ‘todos’ nos evangelhos Sinóticos			
Marcos (680 versículos)	Mateus (1.068 versículos)	Lucas (1.149 versículos)	total
44	49	82	175
25,1%	28%	46,9%	100%

Fonte: Programa de concordância IntraText CT (BÍBLIA SAGRADA, 2002).

Considerando Marcos como grande intertexto para Mateus e Lucas (KONINGS, 2005, p. ix), percebe-se através dessa ocorrência, mostrada na **Tabela** 2, acima, que esse último praticamente dobrou o uso da palavra ‘todos’ em seu evangelho, que tem 68,97% mais versículos que Marcos; ou seja, em relação a Marcos, Lucas expande seu evangelho em 68,97%, sendo que a ocorrência de ‘todos’ aumenta em 86,36%. O mesmo não ocorre em Mateus, pois em relação a Marcos, Mateus expande seu evangelho em 57,05%, mas a ocorrência da palavra ‘todos’ aumentou apenas em 11,36%, contra 86,36% de Lucas. Vê-se, assim, que Lucas preserva e expande o uso da palavra ‘todos’ do texto de Marcos. Através das observações das sinopses apresentadas por Konings (2005) e Dattler (2008) feitas neste estudo, percebe-se que Mateus, em alguns casos, substituiu o termo ‘todos’ por ‘muitos’. (**Ver** Concordância 27 – A palavra ‘muitos’).

Ilustrativamente, a **Tabela** 3, abaixo, apresenta a ocorrência da palavra ‘todos’ no grupo sinótico, somando as ocorrências do terceiro evangelho àquela do livro dos *Atos dos Apóstolos*, escrito lucano. Nessa sua segunda parte do evangelho, segundo a concordância, a palavra ‘todos’ ocorre 101 vezes, o que é um valor acima da soma das ocorrências em Marcos e Mateus. Vê-se que independentemente do intertexto de Marcos, Lucas apresenta uma opção própria pelo termo que expressa o considerado universalismo do evangelho da misericórdia.

Tabela 3 – Ocorrência da palavra ‘todos’ em Marcos, Mateus e Lucas/Atos.

A palavra ‘todos’ em Marcos, Mateus e Lucas/Atos			
Marcos	Mateus	Lucas/Atos	total
44	49	183 (82 + 101)	276
15,9%	17,8%	66,3%	100%

Fonte: Programa de concordância IntraText CT (BÍBLIA SAGRADA, 2002).

As tabelas anteriores consideraram apenas os resultados da ocorrência da palavra ‘todos’, no masculino plural. As formas femininas (‘todas’, toda’) e do singular (‘toda’, ‘todo’) também foram verificadas. Os resultados são apresentados na sequência em forma de texto, fazendo-se remissões às concordâncias constantes no Anexo.

Ilustrativamente são dados também os resultados das ocorrências no livro dos *Atos*; esses não se contrastam com as ocorrências dos evangelhos e foram inseridas para se estabelecer elo com a seleção do termo pelo autor na primeira parte da sua obra. Esclarece-se também que o programa exibe as ocorrências em toda a Bíblia; sem as somas em cada livro.

A Concordância 21– A palavra ‘todas’ – apresenta igual ocorrência em Mateus e em Lucas (14 em cada); em Marcos são dez e, em João, cinco ocorrências. Em Atos, são 21. A Concordância 22 – A palavra ‘toda’ – apresenta igual ocorrência em Lucas e em Mateus, com 28 em cada. Marcos tem 17; João, cinco; Atos, 42. Já a palavra ‘todo’ (**Ver** Concordância 23) tem prevalência em Lucas, com 31. Em Mateus são 26; João, 14; apenas seis em Marcos. Em Atos são 29. A palavra ‘tudo’ (**Ver** Concordância 24 – A palavra ‘tudo’) tem prevalência em Lucas, com 48; em Marcos, são trinta. Mateus e João apresentam 25 em cada. Em Atos, são 23.

Para o termo ‘multidão’ há maior ocorrência em Marcos, com 37. Lucas fica em segundo lugar, com trinta. Em Mateus há vinte; em João, 11; em Atos, são vinte. Na

forma plural, essa palavra não é usada em João; tem 32 ocorrências em Mateus e 15 em Lucas. Lucas preferiu a palavra ‘povo’ a essa (**Ver Tabela** 4). Em Atos, há apenas duas ocorrências. As Concordâncias 25 (‘multidão’) e 26 (‘multidões) estão em Anexo. Os resultados da ocorrência da palavra ‘gente’ (**Ver** Concordância 32 – A palavra ‘gente’) relacionam-se ao exposto acima sobre a palavra ‘povo’; em Lucas e Marcos são oito ocorrências; em Mateus, quatro; e em João, duas.

Os resultados para a ocorrência das palavras ‘muitos’ e ‘muitas’ estão nas Concordâncias 27 e 28, respectivamente. Para a primeira, há prevalência em Mateus (19 ocorrências), seguido de Marcos (18) e João (17). Lucas fica em quarto lugar, com 16. Na forma feminina (‘muitas’), há prevalência para Marcos (com 12), seguido de Lucas (com 11), João (com sete) e Mateus (seis). Lucas registra menor ocorrência, mas mantém o seu universalista no original grego. Nesse idioma, ‘muitos’ basta significar ‘mais de um’ (MCKENZIE, 1983, p. 556); preferiu empregar, entre outros, os termos ‘todos’ e ‘todas’.

Diversos quadros e tabelas poderiam ser organizados para demonstrar, no *Evangelho segundo Lucas*, o uso predominante de palavras que expressam a ideia de coletividade ou totalidade, tanto de coisas quanto de pessoas. Devido ao fato de que a ênfase desta pesquisa se dá não na análise da simples ocorrência, mas no contexto de uso dos vocábulos selecionados, consideram-se suficientes os exemplos apresentados nas tabelas e, sobretudo, os comentários relacionados aos quadros organizados nesta seção de análise.

Ainda quanto a esse aspecto, a leitura, observação e contraste de ocorrências de várias outras palavras através do programa de concordância e análises semânticas contextuais dessas ocorrências nos quatro evangelhos possibilitam conclusões em favor do estilo universalista atribuído ao evangelista grego.

Conforme já visto, na perspectiva bakhtiniana, o estilo torna-se uma seleção de meios linguísticos, ou seja, seleção de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua (BAKHTIN, 2000, p. 279). Dado que a seleção lexical faz parte do estilo, e que faz parte do estilo de Lucas o uso dessa linguagem inclusiva – a exemplo do termo ‘todos’ ao longo dos seus escritos, fica configurada também por isso a intratextualidade estilística entre as parábolas da “Dracma perdida” e da “Ovelha perdida” – objetos de análise desta seção – estando essas em relação intratextual com os demais relatos citados.

Nesse mesmo raciocínio, tomando-se os paralelos entre os relatos associados às parábolas e sua intertextualidade temática com os outros três evangelhos, sobretudo no grupo sinótico que permite uma melhor comparação, reivindica-se neste estudo – sob a

mesma perspectiva bakhtiniana supracitada – a atribuição de evangelho da misericórdia a Lucas pelo seu estilo.

Os resultados das ocorrências já vistos para a palavra 'todos' (**Tabela** 1, **Tabela** 2 e **Tabela** 3) são apenas exemplos quantitativos da ocorrência de um termo que ilustra lexicalmente o universalismo já reivindicado como preponderante em Lucas, como afirmam teólogos e exegetas. Conforme já mencionado, o seu universalismo se dá na prática pela inclusão de pobres, idosos, doentes, mulheres e crianças que o evangelista destaca em seu escrito. Sabe-se que a simples ocorrência ou ausência de um termo em um texto não define a sua função retórica. Contudo, aliadas ao contexto e ao estilo do autor, os dados numéricos de ocorrências vocabulares permitem também uma percepção do querer dizer de quem escreve. Algumas ocorrências lexicais em Lucas são mostradas em quadros desta sequência (**Ver Quadro** 17, **Quadro** 18 e **Quadro** 19). Nesses, as palavras associadas ao tópico do universalismo foram postas em destaque. O primeiro, o **Quadro** 17, apenas exemplifica o uso das palavras contidas nas concordâncias.

Quadro 17 – O universalismo em Lucas em palavras que indicam coletividade – I.

O universalismo em Lucas expresso em palavras que indicam coletividade – I (todo(s) e toda(s), povo, nação, etc.)	
Lc 1,63-66	Pedindo uma tabuinha, escreveu "seu nome é João, e **todos** ficaram admirados. [64] E a boca imediatamente se lhe abriu, a língua desatou-se e falava, bendizendo a Deus. [65] O temor apoderou-se então de **todos** os seus vizinhos, e por **toda a região** montanhosa da Judeia comentavam-se esses fatos. [66] E **todos** os que ouviam gravavam essas coisas no coração...
Lc 2,18	...e **todos** os que ouviam ficavam maravilhados com as palavras dos pastores.
Lc 2,30-32	... porque meus olhos viram a salvação [31] que preparaste em face de **todos os povos**, [32] luz para iluminar **as nações**[52], e glória do teu **povo**, Israel.
Lc 2,38	Como chegasse nessa mesma hora, agradecia a Deus e falava do menino a **todos** os que esperavam a libertação de Jerusalém.
Lc 2,47	E **todos** os que o ouviam ficavam extasiados com sua inteligência e com suas respostas.
Lc 4,14-15	Jesus voltou então para a Galileia, com a força do Espírito Santo, e sua fama se espalhou por **toda a região** circunvizinha. [15] Ensinava em suas sinagogas e era glorificado **por todos**.

Fonte: Versão usada: Bíblia de Jerusalém, 2002 (grifos nossos).

O **Quadro** 18, da próxima página, exemplifica o universalismo em Lucas em palavras que indicam coletividade, fazendo um paralelo entre Marcos, Mateus e Lucas. Este contém comentário do paralelo estabelecido.

[52] "Nações. Temo normalmente usado para povos não-judeus, daí significando muitas vezes os pagãos ou gentios. Os judeus se chamavam a si de povo" (BÍBLIA SAGRADA, 2001, p. 1.637).

Quadro 18 – O universalismo em Lucas em palavras que indicam coletividade – II.

O universalismo em Lucas em palavras que indicam coletividade – II – Paralelo entre Marcos, Mateus e Lucas	
Marcos e Mateus X Lucas	**Marcos 1,4-7**: [4]João Batista esteve no deserto proclamando um batismo de arrependimento para remissão dos pecados. [5] E iam até ele **toda a região da Judeia e todos os habitantes de Jerusalém,** e eram batizados por ele no rio Jordão, confessando seus pecados**.** [6] João se vestia de pêlos de camelo e se alimentava de gafanhotos e mel silvestre. [7] **E proclamava:** "Depois de mim, vem aquele que é mais forte do que eu, de quem não sou digno de, abaixando-me, desatar a correia das sandálias.
	Mateus 3,1-2.4-8.11: [1]Naqueles dias, apareceu João Batista pregando no deserto da Judeia [2] e dizendo: "Arrependei-vos, porque o Reino dos Céus está próximo". [...] [4] João usava uma roupa de pêlos de camelo e cinturão de couro em torno dos rins. Seu alimento consistia em gafanhotos e mel silvestre. [5] Então vieram até ele **Jerusalém, toda a Judeia e toda região** vizinha ao Jordão, confessando os pecados. [6] E eram batizados por ele no rio Jordão, confessando os pecados. [7] Como visse **muitos fariseus e saduceus** que vinham ao batismo**,** disse-lhes: "**Raça de víboras**, quem vos ensinou a fugir da ira que está para vir? [8] Produzi, então, fruto digno de arrependimento [9] e não penseis que basta dizer: 'Temos por pai a Abraão'. Pois mesmo destas pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão. [...]. [11] Eu vos batizo com água para o arrependimento, mas aquele que vem depois de mim é mais forte do que eu. De fato, eu não sou digno nem mesmo de tirar-lhe as sandálias [...].
	Lc 3,7-8.15-17: [7] Ele [João Batista] dizia **às multidões** que vinham para serem batizadas por ele: "**Raça de víboras**! Quem vos ensinou a fugir da ira que está para vir? [8] Produzi, então, frutos dignos de arrependimento e não comeceis a dizer em vós mesmos: 'Tenho por pai a Abraão'. Pois eu vos digo que até mesmo destas pedras Deus pode suscitar filhos de Abraão!" [...] [15] Como **o povo** estivesse na expectativa e **todos** cogitassem em seus corações se João não seria o Cristo, [16] João tomou a palavra e disse **a todos**: "Eu vos batizo com água, mas vem aquele que é mais forte do que eu, do qual não sou digno de desatar a correia das sandálias [...].
Em Marcos não há a admoestação intertextual severa entre Mt 3,7 e Lc 3,7. Em Mc 1,7 a ênfase é dada à proclamação de João Batista ("**E proclamava**"), não a quem essa se dirigia. Em Mateus (1,7), essa é dirigida aos grupos sectários de fariseus e saduceus ("Como visse **muitos fariseus** e **saduceus** que vinham ao batismo**,** disse-**lhes**"). Pressupondo o acesso de ambos Mateus e Lucas às coleções escritas de ditos e narrativas compostas antes dos evangelhos (MCKENZIE, 1983, p. 556), de onde viria essa admoestação comum aos dois, Lucas – ao seu estilo universalista – a dirigiu "às **multidões** que vinham para serem batizadas por ele", ou seja, a todos; não a fariseus e saduceus em particular, como consta em Mateus. Em Lucas, ao que sugere, todos merecem a repreensão; ao omitir 'fariseus' e 'saduceus' esse universaliza a mensagem que apresenta. Poder-se-ia dizer, nesse caso, de um universalismo por omissão de aspectos sectários.	

Fonte: Versão usada: Bíblia de Jerusalém, 2002 (grifos nossos).

O **Quadro** 19, da sequência, ilustra igualmente o estilo universalista lucano. Este quadro apresenta o contraste entre dois relatos; o primeiro apresenta uma intertextualidade apenas entre Mateus e Lucas; a segunda, entre os três sinóticos.

Quadro 19 – O universalismo em Lucas em palavras que indicam coletividade – III.

O universalismo em Lucas em palavras que indicam coletividade – III – Paralelo entre Marcos, Mateus e Lucas	
Lc 6,32-34 X Mt 5, 46-47	Mt 5, 46-47: Com efeito, se amais aos que vos amam, que recompensa tendes? Não fazem também **os publicanos** a mesma coisa? [47] E se saudais apenas os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem também **os gentios** a mesma coisa?
	Lc 6,32-34: Se amais os que vos amam, que graça alcançais? Pois até mesmo **os pecadores** amam aqueles que os amam. [33] E se fazeis o bem aos que vo-lo fazem, que graça alcançais? Até mesmo **os pecadores** agem assim!
	Na comparação dessas duas perícopes narradas apenas por Mateus e Lucas, nota-se o universalismo de Lucas ao evitar o sectarismo expresso por Mateus com '**publicanos**' e '**gentios**'[53]. Em Lucas, eles são '**pecadores**'.
Lc 4,40 x Mt 8,16 e Mc 1,32-34	**Mc 1,32-34**: Ao entardecer, quando o sol se pôs, trouxeram-lhe **todos** os enfermos e endemoninhados. [33] E **a cidade inteira** aglomerou-se à porta. [34] E ele **curou muitos doentes** de diversas enfermidades e **expulsou muitos demônios**.
	Mt 8,16: Ao entardecer, trouxeram-lhe **muitos** endemoninhados e ele, com uma palavra, expulsou os espíritos e curou **todos** os que estavam enfermos.
	Lc 4,40: Ao pôr-do-sol, **todos** os que tinham doentes atingidos de males diversos traziam-nos, e ele, impondo as mãos sobre **cada um**, curava-os.
	Nesta perícope, Mateus preserva parcialmente o 'universalismo' de Marcos ("**todos** os enfermos", "**a cidade inteira**"), embora, em relação às curas, ambos usem o termo "muitos", que em grego basta significar mais de um (MCKENZIE, 1983, p. 556). Lucas preferiu usar "todos" e "cada um", relatando também a forma da cura – "impondo as mãos" – o que demonstra a proximidade de Jesus com os necessitados, como nas parábolas da "Ovelha perdida" ("E achando-a, alegre a põe sobre os ombros". – Lc 15,5) e do "Filho pródigo" ("[...] seu pai viu-o, encheu-se de compaixão, correu e lançou-se-lhe ao pescoço, cobrindo-o de beijos". – Lc 15,20). Em comparação com os outros dois relatos, a expressão 'cada um', usada apenas por Lucas, pode indicar a atenção individual que cada pessoa necessitada recebe, não obstante a universalidade da misericórdia divina. Esse pode ser considerado um aspecto da misericórdia divina, a exemplo do que ocorre nas parábolas supracitadas e nos episódios de "Zaqueu" e naquele de "O bom ladrão", já analisados. Outro aspecto lucano diz respeito aos 'males diversos': em Marcos, ao que se vê, algumas pessoas estão em um estado de enfermidade, são enfermas; outras estão 'endemoninhadas', como ocorre também em Mateus. Em Lucas, de modo diferente, os enfermos "**são atingidos de males diversos**"; ou seja, são vítimas de algum mal, como ocorre no episódio da "Traição de Judas' (**Ver Quadro** 10 – Eufemização/abrandamento na textualização de "A traição de Judas"). Em seu estilo, Lucas abranda a maldade das pessoas, como no episódio da "Conspiração contra Jesus" (**Ver Quadro** 4), ou até mesmo as inocenta, ou seja, ele próprio se revela misericordioso em suas narrações quando comparadas com as equivalentes sinóticas.

Fonte: Versão usada: Bíblia de Jerusalém, 2002 (grifos nossos).

A **Tabela** 4, da página seguinte, mostra os resultados da ocorrência da palavra 'povo' no *Evangelho segundo Lucas*, de acordo o programa de concordância. Nota-se que,

[53] "Gentio. Pagão, sobretudo no sentido de não-judeu" (BÍBLIA SAGRADA/CNBB, 2001, p. 1.633). Para a palavra 'publicano', **ver** nota anterior em "Zaqueu", no item "Salvação" (4.1.2.2.1.2).

seguindo o estilo dos demais evangelistas, Lucas prefere o singular ‘povo’, o que se pode associar ao ‘povo de Deus’, que, conforme já citado, refere-se a toda humanidade (JOÃO PAULO II, 1980, p. 7); ‘povos’ indicaria sectarismo, o que o evangelista evita em seus escritos. Nota-se que mais da metade das ocorrências da palavra ‘povo(s)’ nos evangelhos é dada por Lucas. Adicionalmente, foram inseridas entre parênteses as ocorrências nos *Atos dos Apóstolos* (At) para mostrar que o uso da palavra faz parte da seleção lexical do autor, não se vinculando estritamente ao intertexto de Marcos.

Tabelas 4 – Ocorrência da palavra ‘povo(s)’ nos quatro evangelhos, baseada em programa de concordância. O percentual mostrado refere-se apenas aos evangelhos, sem *Atos dos Apóstolos*. A concordância para a palavra ‘povo’ está em anexo (**Ver** Concordância para ‘povo(s)’ – 230 e 231, respectivamente.).

Ocorrência da palavra ‘povo’ nos quatro evangelhos

	Marcos	Mateus	Lucas (Atos)	João	total
‘povo’	06	17	39 (At 59)	08	70 (129)
‘povos’	01	02	01 (At 02)	Z	04 (06)
Total individual	07 ou 9,5%	19 ou 25,7%	40 ou 54,1%	08 ou 10,8%	74 (135)

A **Tabela** 5, abaixo, apresenta os resultados da ocorrência de outra palavra relacionada ao universalismo lucano. Essa é relacionada ao meio urbano; por ser grego, a ideia da *polis* é marcante me Lucas. Nota-se que também que quase a metade das ocorrências da palavra ‘cidade(s)’ nos evangelhos ocorre em Lucas. Pelo motivo citado no quadro anterior, foram inseridas adicionalmente as ocorrências em *Atos dos Apóstolos* (At) entre parênteses. As ocorrências estão na Concordância 37 – A palavra ‘cidades’.

Tabela 5 – Ocorrência da palavra ‘cidade(s)’ nos quatro evangelhos, baseada em programa de concordância IntraText CT (**Ver** Concordância 36 e 37)

Ocorrência da palavra ‘cidade(s)’ nos quatro evangelhos

	Marcos	Mateus	Lucas	João	
‘cidade’	10	25	41(At 50)	09	85
‘cidades’	02	08	06 (At 07)	Z	16
total	12 ou 11,9%	33 ou 32,7%	47 ou 46,3%	09 ou 8,9%	101

A **Tabela** 6, abaixo, apresenta os resultados da ocorrência de palavra relacionada ao sectarismo religioso muito presente em Mateus, mas pouco usada em Lucas, pois está em oposição ao universalismo que ele destaca em seu escrito. Trata-se do vocábulo ‘saduceus’. Como é mostrado neste quadro, mais de 75% das ocorrências estão no primeiro evangelho. A única ocorrência intertextual em Lucas, por razões mencionadas, seria a originária de Marcos, que a consta apenas uma vez.

Tabela 6 – Ocorrência da palavra ‘saduceus’, baseada no programa de concordância IntraText CT (**Ver** Concordância 35 – A palavra ‘saduceus’).

Ocorrência da palavra ‘saduceus’ nos quatro evangelhos				
Marcos	Mateus	Lucas	João	total
01	07	01	Z	09
11,1 %	77,8 %	11,1 %	0%	100%

A **Tabela** 7, abaixo, apresenta os resultados da ocorrência de outra palavra relacionada ao sectarismo religioso que é a mais evidenciada pelos quatro evangelistas. Trata-se do termo ‘fariseu’, que, em Lucas, tem uma ocorrência quase igual àquela de Mateus, não obstante ser palavra em oposição ao seu universalismo.

Tabela 7 – Ocorrência da palavra ‘fariseu(s)’, baseada no programa de concordância IntraText CT (**Ver** Concordância 33 (singular) e 34 (plural).

Ocorrência da palavra ‘fariseu’ nos quatro evangelhos					
	Marcos	Mateus	Lucas	João	total
‘fariseu’	Z	01	10 (At 03)	01	12(15)
‘fariseus’	14	33	19 (At 06)	21	87(93)
Total individual	14 (14,1%)	34 (34,3%)	29 (29,3%)	22 (22,2%)	99 (108)

Como pode ser visualizado nesse quadro baseado no programa de concordância deste estudo, no *Evangelho segundo Lucas* há o registro de quase um terço das ocorrências totais da palavra nos evangelhos, o que poderia não evidenciar o seu espírito universal. Algumas ponderações são mostradas nesta sequência.

Como mostram os resultados da **Tabela** 8, abaixo, a ocorrência dessa palavra em Marcos e João é proporcional à quantidade de versículos de cada evangelho, contudo, em Lucas e Mateus, essa relação é inversamente proporcional, dado que Lucas, tendo o maior número de versículos, apresenta uma ocorrência menor que Mateus. Dessa forma, considerando-se apenas ocorrência lexical, em relação ao primeiro evangelho, o terceiro evidencia menos o sectarismo religioso do tempo de Jesus.

Tabela 8 – Ocorrência da palavra 'fariseu(s)' nos evangelhos em relação aos versículos, baseada no programa de concordância IntraText CT (**Ver** Concordância 33 (singular) e 34 (plural).

A palavra 'fariseu(s)' nos evangelhos em relação aos versículos				
Marcos (680 versículos)	João (858 versículos)	Mateus (1.068 versículos)	Lucas (1.149 versículos)	total
14 (14,1%)	22 (22,2%)	34 (34,3%)	29 (29,3%)	99

Considere-se também que ao analisar as ocorrências na concordância para o termo em questão, percebe-se que essas têm uma função retórica diferente daquela de Mateus. Conforme consta na descrição do *corpus* em estudo: "o traço mais paradoxal do universalismo de Lucas talvez seja o fato de que ele se mostra menos hostil aos judeus do que Mt, Mc ou Jo" (MCKENZIE, 1983, p. 558). De fato, observando as concordâncias para 'fariseu(s) – (**Ver** Concordâncias 34 e 35, com concordâncias para 'fariseus' e 'saduceus', em Anexo) –, nota-se que, em Lucas, há mais um relato de episódios – com bastante ocorrência – envolvendo as inegáveis discussões entre Jesus e pessoas do grupo dos fariseus do que uma atitude de hostilidade narrativa contra essa facção do judaísmo.

Isso é constrastivo, sobretudo em relação a Mateus, como mostra o **Quadro** 20, da página seguinte, em que a imprecação 'Raça de cobras venenosas', contextualmente dirigida aos fariseus, ocorre apenas uma vez em Lucas, contra três de Mateus. Em uma ocorrência deste, além de haver a adjetivação de 'Raça de cobras venenosas', há também acréscimo do vocativo 'Serpentes' (Mt 23,33), não constante em Lucas. Konings (2005, p. 19, 96 e 222) apresenta as quatro ocorrências como constantes na *Fonte Q*, o que leva a concluir que, em Lucas, há um abrandamento por omissão de termos negativos em relação aos grupos mencionados.

Quadro 20 – A expressão ‘Raça de cobras venenosas’ – (ou ‘Raça de víboras’, da Bíblia de Jerusalém)

26	Mt	3, 7	batismo, João disse-lhes: «**Raça** de cobras venenosas, quem
27	Mt	12, 34	34 **Raça** de cobras venenosas! Se
28	Mt	23, 33	33 Serpentes, **raça** de cobras venenosas! Como
29	Lc	3, 7	ser batizadas por ele: «**Raça** de cobras venenosas, quem

Fonte: Programa de concordância IntraText CT (BÍBLIA SAGRADA, 2002).

De forma análoga ao que ocorre com a expressão ‘raça de cobras venenosas’, mostrada no **Quadro** 20, a imprecação ‘doutores da lei e fariseus hipócritas’, que ocorre sete vezes em Mateus, segundo o programa de concordância, não consta sequer uma vez em Lucas. Konings (2005, p. 222) apresenta essas “Sete maldições contra os escribas” – título dado pela Bíblia de Jerusalém (2002, p. 1.745) – como constantes na *Fonte Q*. Essa mesma versão bíblica (p. 1.745), alternativamente, apresenta a formulação ‘escribas e fariseus, hipócritas’ para ‘doutores e fariseus, hipócritas’. O **Quadro** 21, abaixo, apresenta as ocorrências da expressão citada; neste, pode-se perceber, em Lucas, a omissão de ‘doutores da lei e fariseus’; vê-se também que a ocorrência do adjetivo ‘hipócritas’ é registrada apenas duas vezes. A esse propósito, no terceiro evangelho, a ocorrência total desse adjetivo (singular e plural) é de três, sendo apenas uma no singular; em Mateus, o total é de 14, com apenas uma ocorrência no singular. (**Ver**. Concordância 43 e 44 – A palavra ‘hipócrita(s)’)

Quadro 21 – A palavra ‘hipócritas’ nos quatro evangelhos.

2	Mt	6, 2	na frente, como fazem os **hipócritas** nas sinagogas e nas ruas,
3	Mt	6, 5	rezarem, não sejam como os **hipócritas**, que gostam de rezar em
4	Mt	6, 16	de rosto triste, como os **hipócritas**. Eles desfiguram o rosto
5	Mt	15, 7	7 **Hipócritas**! Isaías profetizou muito
6	Mt	22, 18	maldade deles, e disse: «**Hipócritas**! Por que vocês me tentam?
7	Mt	23, 13	doutores da Lei e fariseus **hipócritas**! Vocês fecham o Reino do
8	Mt	23, 14	doutores da Lei e fariseus **hipócritas**! Vocês exploram as viúvas,
9	Mt	23, 15	doutores da Lei e fariseus **hipócritas**! Vocês percorrem o mar e
10	Mt	23, 23	doutores da Lei e fariseus **hipócritas**! Vocês pagam o dízimo da
11	Mt	23, 25	doutores da Lei e fariseus **hipócritas**! Vocês limpam o copo e o
12	Mt	23, 27	doutores da Lei e fariseus **hipócritas**! Vocês são como sepulcros
13	Mt	23, 29	doutores da Lei e fariseus **hipócritas**! Vocês constroem sepulcros
14	Mt	24, 51	participar da mesma sorte dos **hipócritas**. Aí haverá choro e ranger
15	Mc	7, 6	profetizou bem sobre vocês, **hipócritas**, como está escrito: ‘Este
16	Lc	12, 56	56 **Hipócritas**! Vocês sabem interpretar
17	Lc	13, 15	O Senhor lhe respondeu: «**Hipócritas**! Cada um de vocês não solta

Fonte: Programa de Concordância IntraText CT (BÍBLIA SAGRADA, 2002).

A sequência traz o **Quadro** 22 – Universalismo e eufemização em "O sinal de Jonas" e respectivo comentário sobre o estilo universalista lucano. Este quadro encerra as exemplificações necessárias para se destacar a materialidade linguística da misericórdia divina no terceiro evangelho.

Quadro 22– Universalismo e eufemização em "O sinal de Jonas".

<table>
<tr><td colspan="3">Universalismo e eufemização no Evangelho segundo Lucas em "O sinal de Jonas"</td></tr>
<tr><td rowspan="3">"O Sinal de Jonas"</td><td colspan="2">Marcos 8,11-13
[11] Saíram os fariseus e começaram a discutir com ele. Para pô-lo à prova, pediam-lhe um sinal vindo do céu.
[12] Suspirando profundamente em seu espírito, ele disse: "Por que esta geração procura um sinal? Em verdade vos digo que a esta geração nenhum sinal será dado".
[13] E deixando-os, embarcou de novo e foi para a outra margem.</td></tr>
<tr><td>Mateus 12, 38-39
[38] Nisso, alguns escribas e fariseus tomaram a palavra dizendo: "Mestre, queremos ver um sinal feito por ti".
[39] Ele replicou: "Uma geração má e adultera busca um sinal, mas nenhum sinal lhe será dado, exceto o sinal do profeta Jonas.</td><td>Mateus 16, 1.4
[1] Os fariseus e saduceus vieram até ele e pediram-lhe, para pô-lo à prova, que lhes mostrasse um sinal. (...)
[4] "Geração má e adúltera! Reclama um sinal e de sinal, não lhe será dado, senão o sinal de Jonas". E deixando-os, foi-se embora.</td></tr>
<tr><td colspan="2">Lucas 11,16.29
[16] Outros, para pô-lo à prova, pediam-lhe um sinal vindo do céu. (...)
[29] Como as multidões se aglomerassem, começou a dizer: "Essa geração é uma geração má; procura um sinal, mas nenhum sinal lhe será dado, exceto o sinal de Jonas.</td></tr>
</table>

Fonte: Textos da Bíblia de Jerusalém, 2002 (grifos nossos).

O **Quadro** 22, acima**,** mostra, a partir de Marcos, quatro perícopes em paralelo, apresentando em Mateus duas dadas como equivalentes por Konings (2005, p. 97); a seleção dos versículos em Lucas também é desse filólogo bíblico. Observando o quadro, pode-se perceber o estilo de Lucas em relação ao seu universalismo e eufemização. Os 'fariseus', em Mc 8,11 se tornam 'escribas e 'fariseus' (Mt 12,38) e "fariseus e saduceus" (Mt 16,1), em Mateus; em Lucas (11,29), esses se tornam e se somam às 'multidões'. Analogamente, quanto ao aspecto eufêmico, 'esta geração', de Marcos (8,12), torna-se "Uma geração má e adúltera", em Mateus (12,39); já em Lucas (11,29), ela é "uma geração má"; ainda que má, não é adúltera. Pode-se ter um abrandamento da maldade ou uma abrangência maior do termo 'mau' que, nessa perspectiva, envolveria outras transgressões do judaísmo.

Consta-se também que, em Mateus, "uma geração má e adúltera" tem como antecedente "alguns escribas e fariseus". Em Lucas, "uma geração má" endoforicamente se refere às "multidões", atribuindo-se a malignidade a todos e não aos grupos sectários específicos, como citado por Mateus; exofórica e intertextualmente com Marcos ("Saíram os fariseus e começaram a discutir com ele."), infere-se que, também em Lucas, a réplica de

Jesus dirige-se aos fariseus. Contudo, em seu estilo universalista, em sua narrativa, o evangelista Lucas omite o aspecto sectário, não inserindo aí nem fariseu, nem saduceu, nem escriba.

Considerando a perícope uma retextualização de Marcos e da *Fonte Q* feita por Mateus e Lucas (KONINGS, 2005, p. 97 e p. 301), este último, ao seu estilo, teria – a partir da fonte comum – abrandado a adjetivação negativa para 'geração': de 'má' e adúltera para apenas 'má'; ou então, Mateus teria autonomamente acrescentado 'adúltera' à fonte, dado que ele, em seu evangelho, se mostra mais incisivo quanto aos fariseus (**Ver Tabela** 7 para uso da palavra 'fariseu(s)' nos evangelhos; Concordância 34, para 'fariseus', e Concordância 35, para 'saduceus').

Note-se também que, em Marcos, não consta adjetivação para o substantivo 'geração' ("Por que esta geração procura um sinal?"), o que sugere que Lucas tenha usado a fonte mencionada por Konings (2005). Se assim o fez, salvo a hipótese de Mateus tê-la expandido, esse abrandamento de Lucas, consoante com o que foi exposto, mostra o estilo misericordioso presente neste evangelho.

O exemplo e comentários dados nesse último quadro (Universalismo e eufemização em "O sinal de Jonas") e as ponderações antecedentes sobre o estilo universal em Lucas dão uma amostra daquilo que frequentemente ocorre no terceiro evangelho e que se pretendeu demonstrar. Assim, aquilo que se constitui em apenas um aspecto de análise nas parábolas "A ovelha perdida" e "A dracma perdida" é parte integrante de uma forma de expressar uma percepção da misericórdia bíblica. A sequência apresenta outro aspecto presente nas parábolas que também faz parte do repertório de temas e subtemas de Lucas.

4.1.2.2.1.5 Alegria

Como se pode observar nas duas parábolas, amigos e vizinhos de aqueles que reencontraram o bem que lhes é caro são convocados à alegria. Para os teólogos, a manifestação de alegria é também uma característica peculiar a Lucas. Análise, através do programa de concordância, das ocorrências das palavras *alegria*, *alegra*, *alegrar*, *alegrará*, *alegraram*, *alegre*(s), *alegrou* e *alegrem* nos quatro evangelhos dá prevalência também a Lucas; esse "concorre" sobretudo com João (**Ver** Concordâncias de 8 a 16, em Anexo).

Conforme consta nas duas parábolas apresentadas no **Quadro** 11, essa **alegria** se dá na terra – entre amigos e vizinhos – e "do mesmo modo [...] no céu" (na primeira) e "do mesmo modo [...] diante dos anjos de Deus" (na segunda). A palavra 'terra' não é usada nas parábolas, mas inferida por contraste a 'céu' ou 'diante dos anjos de Deus'.

Intratextualmente, a dualidade céu e terra é citada por duas vezes na chamada "Parábola do filho pródigo", a terceira dessa sequência de parábolas em Lucas, em que o filho ensaia e, posteriormente, diz: "Pai, pequei contra o céu e contra ti" (Lucas 15,18.21). Transparece que o que foi atingido pelo pecado – (em "pequei") primeiramente contra o 'Céu' e, então, contra a pessoa do pai ("contra ti", e, por extensão, contra a realidade imediata, a terra) – foi restituído pela **alegria** causada pela salvação (encontro do que se perdeu com aquele que o buscava) operada pela misericórdia divina. Para essa parábola, João Paulo II (1980, p. 10) estabelece uma relação entre misericórdia e alegria[54] (**Ver** item 1.3.2).

Contudo, independentemente da relação com o relato acima citado, intratextualmente em cada uma das duas parábolas em questão, pode-se dizer, também, que a **alegria** associa-se à misericórdia no sentido em que é esse o sentimento causado na terra – entre amigos e vizinhos – e também no céu pelo encontro de um bem pedido, propriamente o ser humano perdido (o 'pecador', na conclusão da parábola) e encontrado. Nelas, a alegria decorre do resultado de ação volitiva celestial, como se pode concluir das parábolas pela já citada volição de busca dos protagonistas.

Essa busca gratuita e obstinada por um bem perdido reflete a noção de misericórdia expressa por João Paulo II (1980). Para ele, conforme consta no primeiro capítulo deste trabalho: "precisamente o modo e o âmbito em que se manifesta o amor são chamados na linguagem bíblica 'misericórdia'" (JOÃO PAULO II, 1980, p. 4).

Assim, a parábola da "Ovelha perdida" e aquela da "Dracma perdida" mantêm internamente um esquema linguístico comum que assegura tanto a intertextualidade temática quanto a estilística.

A questão da alegria é retomada no fechamento das parábolas. Esse, em ambas, se dá de forma análoga, com anúncio de uma mensagem semelhante, iniciada com um "**Eu vos digo que"** intratextual, dirigida aos mesmos interlocutores, ou seja, aos fariseus e escribas, a respeito da alegria celeste pelo arrependimento – também em ambas – "de um só

[54] "O pai manifesta-lhe **alegria**, antes de mais (sic) por ele ter sido 'reencontrado' e, por ter 'voltado à vida'. Esta alegria indica um bem que não foi destruído: o filho, embora pródigo, não deixa de ser realmente filho de seu pai. Indica ainda um bem reencontrado: no caso do filho pródigo, o regresso à verdade sobre si próprio" (JOÃO PAULO II, 1980, p. 10, grifo nosso).

pecador[55] que se arrepende". Essa enfática quantidade de 'um só pecador que se arrepende' estabelece relação direta com o único bem perdido por cada protagonista: uma ovelha, uma dracma. Tanto uma quanto a outra representaria a figura do pecador[56] arrependido. De forma análoga, tanto a figura do pastor (palavra apenas inferida no texto) quanto a figura da mulher estariam ligadas, respectivamente, aos personagens do 'céu' que se alegram – da primeira parábola – e aos "anjos de Deus", da segunda.

Embora na primeira parábola haja uma comparação de intensidade de alegria entre "um só pecador que se arrepende" e "noventa e nove justos que não precisam de arrependimento", a alegria mencionada na conclusão das perícopes não está em relação direta com quantidade proporcional do bem perdido e encontrado (1% das ovelhas; 10% das dracmas). Ou seja, recuperando-se algo que represente seja 1% ou, então, 10% da quantidade do mesmo bem, 'haverá' ou 'há' igualmente a citada alegria 'no céu' ou 'diante dos anjos de Deus'.

Outro aspecto de análise presente nesses dois relatos é questão da expressão da misericórdia não como 'paixão' ou 'emoção', mas como 'amor operante'. Esse agir em favor do necessitado se manifesta, linguisticamente, sobretudo com o uso de verbos de ação, como mostra o próximo subitem que encerra as semelhanças entre as duas parábolas e, sem criar subitem, inicia o que há de divergente entre as mesmas.

4.1.2.2.1.6 A misericórdia divina expressa em verbos de ação

Em ambos os relatos centrais do *Evangelho segundo Lucas*, nota-se a presença de apenas um protagonista que realiza sozinho todas as ações constantes; a exceção ocorre para o verbo alegrar, que é ação partilhada entre os personagens. A esse respeito, à exceção de 'ter', 'perder' e 'alegrar', todos os demais verbos presentes em cada relato são aqueles de ação. Além disso, todos os verbos dos dois relatos têm uma conotação positiva no enredo, exceto 'perder'. Esses verbos, na ordem em que ocorrem, estão dispostos em duas colunas no **Quadro** 23, da página seguinte; os grifados são aqueles comuns às duas parábolas.

[55] "Pecador. Em sentido técnico, costumavam chamar de pecador quem levava uma vida pública depravada ou praticava uma profissão pecaminosa, como prostituta e publicanos (Mt 9,10); também quem não cumpria a lei farisaica (Jo 7,49), inclusive os pagãos (Mt 26,45)" (BÍBLIA DO PEREGRINO, 2006, p. 3.035).

Quadro 23 – Os verbos das parábolas.

1.ª parábola	2.ª parábola
ter	**ter**
perder	**perder**
abandonar	acender
ir	varrer
encontrar	**encontrar**
achar	procurar
pôr	
convocar	**convocar**
dizer	**dizer**
alegrar	**alegrar**

A presença dominante de verbos de ação e de conotação positiva pode relacionar-se com o conceito de misericórdia como *amor operante*, da definição de misericórdia de João Paulo II (1980, p. 4) (**Ver** 4.º parágrafo de 1.3.2 "Misericórdia no Novo Testamento – A visão de João Paulo II"). À exceção de alegrar, como mostra o **Quadro** 23**,** não há verbos que indiquem estado mental, muito menos verbos com conotação negativa. O verbo abandonar, usado somente na primeira parábola (em "**abandona** as noventa e nove no deserto"), pelo princípio da coerência interna, semanticamente equivale a 'deixar' ou 'guardar', já que uma suposta perdição volitiva das noventa e nove ovelhas em detrimento de uma não condiria com a conclusão expressa da parábola. Numa coerência externa a Lucas, mas no âmbito dos sinóticos, ter-se-ia, como já visto, uma equivalência desse verbo 'abandonar' com o verbo 'deixar', como usado em Mateus 18,12: "Que vos parece? Suponhamos que um homem tenha cem ovelhas e uma delas se extravie, não **deixará** as noventa e nove nas encostas para ir buscar a extraviada?" (grifo nosso).

Esses aspectos ilustrativos, conforme visto, já configuram a intratextualidade estilística entre as duas parábolas. Consta no capítulo teórico que não é a presença de uma forma exata que caracteriza um estilo, muito menos a configuração de um gênero (**Ver** 3.2.3 "Intertextualidade *stricto sensu*"); ainda que haja diferenças, pode-se estabelecer uma intertextualidade estilística nas diferenças apresentadas. Alguns aspectos divergentes entre os dois relatos lucanos são comentados na sequência.

Um ponto a se considerar diz respeito ao fechamento das parábolas. Lucas encerra sua textualização com um enunciado atribuído a Jesus. A explicação do significado de cada parábola que é bastante semelhante entre si em disposição dos termos fraseológicos.

Semanticamente, a conclusão geral é de que há alegria no céu pelo arrependimento de "um só pecador que se arrepende". O quadro abaixo reapresenta o fechamento nos dois relatos.

Quadro 24 – Comparação do desfecho das duas parábolas

"A ovelha perdida" (Lucas 15,4-7)	"A dracma perdida" (Lucas 15,8-10
[7] **Eu vos digo que do mesmo modo** *haverá* mais **alegria** no céu **por um só pecador que se arrepende**, do que por noventa e nove justos que não precisam de arrependimento.	[10] **Eu vos digo que, do mesmo modo,** *há* **alegria** diante dos anjos de Deus **por um só pecador que se arrepende**.

Fonte: Textos da Bíblia de Jerusalém, 2002 (grifos nossos).

Não obstante essa identidade temática e estilística mencionada, pode-se observar, inicialmente, que uma diferença linguística e retórica entre elas se dá pelo uso do tempo verbal do verbo haver ('haverá'/'há') e pela intensidade e comparação da alegria que se tem no "céu" e "diante dos anjos de Deus". Na primeira, consta-se: "Eu vos digo que do mesmo modo **haverá mais alegria** no céu por um só pecador que se arrepende, **do que por noventa e nove justos que não precisam de arrependimento**". Tem-se, nessa, uma previsão ('haverá') do que ocorrerá 'no céu'. Na segunda, tem-se o verbo haver no tempo presente do indicativo ("**há** alegria diante dos anjos de Deus"). Essa é uma característica de Lucas já mencionada acima. Para esse, a salvação é concebida preferencialmente como algo atual. Na conclusão dessa segunda parábola, a alegria não é uma previsão, mas uma realidade presente "diante dos anjos de Deus". Nesse segundo relato não há a comparação da 'intensidade' da alegria em relação aos 'noventa e nove justos', da primeira. Pode-se presumir, ainda, que mesmo não havendo 'noventa e nove justos' – como consta na primeira parábola – ocorrerá igualmente "alegria diante dos anjos de Deus por um só pecador que se arrepende".

Pode-se notar que, nessas duas parábolas, há um entrelace de diversos aspectos que convergem para o tema geral da misericórdia enfatizada em Lucas, como a *dinamicidade* expressa em verbos de ação; aspectos de *busca* e *encontro*, que se relacionam à *atualidade* e características da *salvação*, sua *abrangência universal*; a *alegria* que dessa decorre.

Reunidos intratextualmente e associados às características redacionais do evangelista, particularmente suas paráfrases eufemísticas em relação a Marcos e Mateus, esses aspectos associados a tema e estilo formaram as categorias da análise empreendida nesta seção. Na sequência, o último subitem da análise retoma uma dessas categorias. A divergência explorada é significativa sobre diversos pontos discursivos e sociológicos.

4.1.2.2.1.7 As mulheres em Lucas

Outras diferenças são notadas entre as duas perícopes. A primeira possui um versículo a mais. Há um protagonista homem, na primeira; uma mulher na segunda, com apenas mulheres na sua comemoração doméstica do encontro da dracma. Aliás, constam-se apenas mulheres na parábola da "Dracma perdida". Se, por um lado, essa alternância entre homem e mulher pode ser um contraste entre as duas parábolas; por outro lado, de acordo com Schökel (2006, p. 2.458), "segundo seu costume, Lucas põe uma mulher ao lado de um homem"; o que revela um traço estilístico presente em suas narrações. Nesse caso, em vez de "uma mulher ao lado de um homem", há várias mulheres ao lado de vários homens. Em Lucas, as mulheres, tão ausentes da vida social no mundo palestino, tornam-se protagonistas.

Deve-se enfatizar, porém, que essa inserção de mulheres associa-se, sobretudo, ao subtema do universalismo dentro do tema geral da misericórdia, conforme já exposto. Consta no capítulo 2 que "uma das provas do universalismo de Lucas reside na importância que ele dá às mulheres; em Lc aparecem mais mulheres dos que nos outros três evangelhos" (MCKENZIE, 1983, p. 558). Conforme já consta neste trabalho, esse autor explica que isso se deveu ao fato de que: "no mundo helenista, a posição social e legal da mulher era melhor do que no judaísmo, e Lucas desejava mostrar claramente que o evangelho não assumia a atitude judaica em relação à mulher" (MCKENZIE, 1983, p. 558). A ocorrência da palavra mulher, na forma singular e plural, encontrada no programa de concordância utilizado nesta pesquisa encontra-se no quadro abaixo.

Tabela 9 – Ocorrência da palavra 'mulher(s)' nos quatro evangelhos, baseada em programa IntraTex CT.

A palavra 'mulher' nos 4 evangelhos					
	Marcos	Mateus	Lucas	João	Total geral
'mulher'	19	26	27	21	93
'mulheres'	05	09	16	08	38
Total individual	24 (18,3%)	35 (26,7%)	43 (32,8%)	29 (22,1%)	131

Como se pode observar no quadro, em termos de ocorrência maior, Lucas ocupa o primeiro lugar seja para a ocorrência da palavra no singular (27 ocorrências) que no

plural (16 ocorrências), somando 32,8% da ocorrência do vocábulo nos evangelhos (**Ver** Concordâncias 6 e 7, em Anexo). Isso, contudo, não é dado surpreendente, já que o *Evangelho segundo Lucas* constitui-se no maior dos quatro evangelhos, com um total de 1.149 versículos. Para a ocorrência da palavra no singular não há uma diferença significativa entre esse e o segundo colocado, Mateus (1.068 versículos). A ocorrência da palavra no plural contrasta um pouco mais, sobretudo em relação a Marcos, com menos de um terço das ocorrências em Lucas; mas esse dado igualmente não surpreende pela pequena extensão de Marcos (680 versículos). Assim, não é a simples ocorrência da palavra 'mulher', singular ou plural, que faz de Lucas o 'evangelista das mulheres'. Em especial, sua singularidade fica pela nominação dessas mulheres (Isabel, Maria, Ana, Marta, Maria Madalena...) e em sua inserção natural como protagonistas ao lado dos homens no desenvolvimento dos episódios narrados no evangelho. Isso minimiza o efeito cultural de exclusão social, legal e religiosa do papel feminino no mundo sob influência do judaísmo no contexto dos evangelhos.

Outro contraste presente entre as parábolas é que, na primeira, Jesus se dirige diretamente aos homens ouvintes: "Qual de vós...". 'Vós' tem como referente imediato "os fariseus e escribas" (Lc 15, 2-3). Na segunda, supõe-se que continue a se dirigir, de imediato, aos mesmos fariseus e escribas, mas coloca como protagonista uma mulher. Contudo, deve-se ponderar, como já comentado no item "Busca" (**Ver** 4.1.2.2.1.1), que o auditório de Jesus era amplo e diversificado.

Pela prática pastoril de recolher as ovelhas em aprisco após o pasto, os acontecimentos da primeira parábola se dariam à tardezinha, mas ainda dia; os da segunda se dariam à noite, à luz da lâmpada mencionada – contraste lucano. Ambos os momentos não seriam os mais propícios para a busca, mas, de qualquer forma, essa se deu logo após a perda e houve comemoração logo após cada encontro.

Há ainda o fato de que, na primeira, a alegria se dá duplamente, no momento do encontro e também em sequência. Na segunda, a alegria do encontro é suposta, mas é narrada somente na sequência. Como já se mencionou, Lucas é considerado o evangelista da alegria (**Ver** Concordâncias de 8 a 16, em Anexo).

Com esse último contraste entre as parábolas encerram-se as análises empreitadas neste capítulo. Pôde-se perceber pelos diversos exemplos em Lucas, nos paralelos estabelecidos e nas concordâncias realizadas, que o estilo do terceiro evangelho permite retratar melhor o tema da misericórdia divina, o que pode suscitar em seus destinatários, pela sua brandura, um movimento de adesão ao programa de vida que esse apresenta.

CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo geral examinar quais são os elementos linguísticos que imprimem no *Evangelho segundo Lucas* o caráter de misericordioso, se pela dimensão constitutiva do conteúdo temático, pela construção composicional e/ou pelo seu estilo.

Uma leitura comparativa e direcionada ao tópico compaixão-misericórdia permitiu um exame da intertextualidade temática entre o *Evangelho segundo Lucas* e a obra aristotélica *Retórica*. O capítulo 1 mostrou que, embora haja uma identidade etimológica e de uso comum do termo grego ἔλεος (éleos) em Aristóteles e no terceiro evangelho, há diferença cultural e teológica da noção de misericórdia divina presente na Bíblia. Na linguagem bíblica, através de diversos termos semanticamente convergentes, misericórdia torna-se o âmbito em que se manifesta o amor divino pela criatura humana, referindo-se a um comportamento sempiterno ou à atitude de Deus em relação ao ser humano em função da sua própria essência e fidelidade em relação à criatura. De modo divergente, viu-se que, em Aristóteles, a compaixão-misericórdia é *paixão*, *sentimento* que causa mudanças nas pessoas e faz diferir os julgamentos; é *pesar* por um mal que se mostra destrutivo ou penoso, e atinge quem não o merece, mal que parece iminente e que poderia sofrer a própria pessoa ou um parente. Portanto, no primeiro caso, a misericórdia divina é *realidade* operante para salvar; no segundo, é *paixão* para emitir julgamento.

A descrição do *Evangelho segundo Lucas* empreendida no capítulo 2 permitiu verificar o significado/expressão da misericórdia no *Evangelho segundo Lucas* em comparação, sobretudo, com os evangelhos de Marcos, seu intertexto principal, e de Mateus que, segundo consta, também teve Marcos como sua principal fonte. As singularidades do terceiro evangelho apontadas pelos especialistas da área bíblico-teológica permitiram, com a base teórica constante no capítulo 3 – "Linguística Textual: gêneros e intertextualidade" –, selecionar determinados tópicos relacionados à misericórdia divina e verificar como, em termos linguísticos, essa realidade se encontra marcada textualmente em Lucas.

Com base na descrição do *corpus* e na teoria de gêneros, foram identificados no *Evangelho segundo Lucas* dois gêneros textuais pouco descritos ou constantes em

trabalhos acadêmicos da Linguística Textual: a *anunciação angélica* e a *bem-aventurança*. O primeiro foi associado à questão da salvação a ser trazida pelo messias; o segundo, à questão da alegria.

Conforme descrito no capítulo 2 e retomado nos capítulos subsequentes, pôde-se verificar que o contexto de produção e os destinatários imediatos desse evangelho desempenharam papel fundamental na sua constituição textual que, como consta, oferece uma mensagem mais imediatamente acessível para aqueles fora do judaísmo.

Através da seleção de tópicos delimitada, utilizando-se de uma abordagem comparativa entre os evangelhos, sobretudo entre aqueles do grupo sinótico, empreenderam-se as análises constantes no capítulo 4. Nessas análises, notaram-se dois direcionamentos teóricos principais, mas não exclusivos: um sob a perspectiva dos gêneros textuais; o outro, sob as relações intertextuais. No primeiro direcionamento, analisaram-se itens associados ao chamado *tripé bakhtiniano*: conteúdo temático, construção composicional e estilo. No outro direcionamento, o das relações intertextuais, a partir dos aspectos característicos do terceiro evangelho apresentados no capítulo 2, foram selecionadas e aplicadas categorias de análise da misericórdia na (re)textualização de Lucas. Essas puderam ser divididas em dois grupos não excludentes: inserção, omissão e eufemização, relacionadas sobretudo ao estilo; universalismo (amizade a todos, ausência de sectarismos) e aspectos de busca/salvação (alegria do encontro, dinamicidade e atualidade – o 'hoje'), que se relacionam sobretudo ao conteúdo temático. Alguns itens dessas análises tiveram como recurso auxiliar o programa de concordância IntraText CT®; cujos resultados permitiram ou reforçaram diversas considerações linguísticas.

As categorias de análise selecionadas foram aplicadas a dois relatos centrais do *Evangelho segundo Lucas*: a parábola da "Ovelha perdida" e a parábola da "Dracma perdida". A partir dessas duas narrativas, estabeleceram-se diversas relações intratextuais e intertextuais entre Lucas e os demais evangelhos.

Essas análises, dentro da seleção delimitada, confirmaram que determinadas operações linguísticas realizadas pelo evangelista Lucas em âmbito temático e, sobretudo, estilístico na (re)textualização do evangelho, de fato, permitem, sob o ponto de vista da abordagem intertextual – consoante com os estudos bíblico-teológicos –, a atribuição ao *Evangelho segundo Lucas* de *o evangelho da divina misericórdia*.

Pôde-se ver nesse quarto capítulo que apenas a *construção composicional* dos quatro evangelhos em si, em particular aquela do grupo dos sinóticos, não permite uma caracterização definitiva de Lucas quanto ao quesito misericórdia. Essa caracterização de

Lucas como o evangelista da misericórdia, como foi mostrada, dá-se pela ênfase a determinados conteúdos temáticos em relação a outros, pela inserção de determinadas sequências exclusivas que evidenciam a prática da misericórdia e, também, pela omissão em seu texto – quando comparado aos demais – de determinados episódios ou atitudes negativas de personagens neotestamentárias. Tais preferências de um tópico ou item em relação a outro, as omissões, paráfrases eufemísticas – dentre outros recursos linguísticos constantes nesse quarto capítulo – permitem a atribuição de um estilo singular em relação aos demais evangelistas, o que os estudos bíblicos denominam estilo misericordioso.

As análises empreendidas a partir do tripé bakhtiniano de gêneros textuais apresentado por Bakhtin (1929/1992) e autores que seguem a linha bakhtiniana – como, por exemplo, Brait (2008), Carmelino (2007) e Carmelino e Pernambuco (2008) – e das relações de intertextualidade, como expostas por Koch; Bentes e Cavalcante (2008), Marcuschi (1998; 2009) e Figueiredo (2007; 2008), possibilitam, portanto, conferir a Lucas, pelo conteúdo temático e pelo estilo, a atribuição de *evangelho da misericórdia*.

REFERÊNCIAS

ALVES, F.; MAGALHÃES C.; PAGANO, A. **Traduzir com autonomia:** estratégia para o tradutor em formação. São Paulo: Contexto. 2000.

ARISTOTE. **Éthique à Nicomaque**. Trad., préface et notes par Jean Voilquin. Paris: Flammarion, 1992.

ARISTÓTELES. **Retórica.** Tradução de Marcelo Silvano Madeira. São Paulo: Rideel, 2007. (Coleção Biblioteca Clássica).

_____. **Retórica das paixões.** Prefácio de Michel Meyer. Introdução, notas e tradução do grego de Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAKHTIN, M. (1996: BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

_____. **Estética da criação verbal**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BATTAGLIA, O. **Introdução aos evangelhos.** Tradução de Carlos A. da Costa Silva. Petrópolis: Vozes, 1984.

BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação.** Tradução e adaptação de Judith Chambliss Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2009.

BEAUGRANDE, R.-A. de; DRESSLER, W. U. **Introduction to text linguistics**. London: Longman, 1981.

BÍBLIA. Grego. **Bíblia Septuaginta + NT**. Versão *online*. Disponível em: <http://www.bibliacatolica.com.br/11/1/1.php>. Acesso a partir de: abr. 2010.

BÍBLIA. Latim. **Neo Vulgata Latina**. Versão *online*. Disponível em: <http://www.bibliacatolica.com.br/11/1/1.php>. Acesso a partir de: abr. 2010.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Ave Maria**. Versão *online*. Disponível em <http://www.bibliacatolica.com. br/01/1/1.php>. Acesso em: 22 abr. 2010.

BÍBLIA. Português. **Bíblia da CNBB**. Versão *online*. Disponível em <http://www.bibliacatolica.com.br/ 02/1/1.php>. Acesso em: 23 abr. 2010.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**: tradução em língua portuguesa diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA. Português. **Bíblia do Peregrino**: tradução do texto bíblico: Ivo Storniolo e José Bertolini; notas e comentários: Luís Alonso Schökel. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2006.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: tradução de Domingos Zamagna, Emanuel Bouzon, Ivo Storniolo et al. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: tradução da CNBB; introduções, notas e vocabulário: Johan Konings. Cidades diversas: Ave Maria, Santuário, Loyola, Vozes, Salesiana, Paulus, Paulinas, 2001.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento**: tradução de João Ferreira de Almeida; revista e atualizada no Brasil. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada Ave Maria**: tradução dos originais grego, hebraico e aramaico mediante a versão dos Monges. 182. ed. São Paulo: Ave-Maria, 2008.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada: Edição Pastoral Intratext**. CD ROM. São Paulo: Paulus, 2002.

BONFIL R. A Leitura nas comunidades judaicas da Europa Ocidental na Idade Média. In: GUGLIELMO CAVALLO, G.; CHARTIER, R. (Org.) **História da leitura no mundo ocidental.** Tradução de José Antônio de Macedo Soares. São Paulo: Ática, 1998. p. 185-223.

BRAIT, Beth. Interação, gênero e estilo. In: PRETI, Dino (Org.). **Interação na fala e na escrita**. São Paulo: Humanitas, 2002. p. 125-157

_____. Estilo. In: _____ (Org.) **Bakhtin:** conceitos-chave. 4. ed., 2. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008. p. 79-102.

CARMELINO, A. C. "Ditos opinativos": modos de avaliar. In: _____; PERNAMBUCO, J.; FERREIRA, L. A. **Nos caminhos do texto: atos de leitura**. Franca: UNIFRAN, 2007. p. 11-38.

_____; PERNAMBUCO, J. Dois gêneros do discurso, na visão de Bakhtin: editorial e romance. In: FIGUEIREDO, M. F.; MENDONÇA, M. C.; ABRIATA, V. L. R. **Sentidos em movimento: identidade e argumentação**. Franca: UNIFRAN, 2008. p. 15-42.

CNBB. **Hoje a salvação entra nesta casa:** o Evangelho de Lucas. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1997.

COSTA-VAL, M. da G. **Entre a oralidade e a escrita:** o desenvolvimento da representação de discurso narrativo escrito em crianças em fase de alfabetização. 1996. Tese (doutorado em Educação) – FAE/UFMG, Belo Horizonte.

DATTLER, F. **Sinopse dos quatro Evangelhos**. 8. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

DICIONÁRIOS ACADÉMICOS. **Dicionário de latim-português e português-latim.** Porto: Porto Editora, 2005.

DIOCESE DE MONTES CLAROS. **Uma ajuda para ler o Evangelho de Lucas**: rumo ao novo milênio. Montes Claros, 1998.

DOCUMENTOS DA IGREJA: **Documentos sobre a bíblia e sua interpretação** (1893-1993). Direção editorial e índice analítico de Paulo Bazaglia. São Paulo: Paulus, 2004.

FIGUEIREDO, M. F. (originalmente publicado como BOLLELA, M. F. de F. P.) A intertextualidade no texto bíblico. In: CARMELINO, A. C.; PERNAMBUCO, J.; FERREIRA, L. A. (Orgs.) **Nos caminhos do texto: atos de leitura.** Franca: Editora da UNIFRAN, 2007. p. 129-146.

_____; FERREIRA, L. A. Olhos de Caim: a inveja sob as lentes da Linguística e da Psicanálise. In: FIGUEIREDO, M. F.; MENDONÇA, M. C.; ABRIATA; V. L. R. (Orgs.) **Sentidos em movimentos:** identidade e argumentação. Franca: Editora da UNIFRAN, 2008. p. 180-197.

FIORIN, J. L. **Elementos de análise do discurso**, 14. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

FONSECA, I. B. B. da. Introdução. In: ARISTÓTELES. **Retórica das paixões.** São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. IX–XV.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOHN, C. Pesquisas em torno de textos sensíveis: os textos sagrados. In: PAGANO, A. (Org.) **Metodologias de pesquisa em tradução.** Belo Horizonte: POSLIN/FALE/UFMG, 2001. p. 147-170.

HARRINGTON, W. J. **Chave para a Bíblia:** a revelação: a promessa: a realização. Tradução de Josué Xavier, Alexandre Macintyre. São Paulo: Paulus, 1985.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil**. Disponível em <http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/48.pdf>. Acesso em: 30 out. 2010.

JOÃO PAULO II, Papa. **Dives in misericordia:** carta encíclica sobre a misericórdia divina. Vaticano, 1980.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto.** São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Introdução à linguística textual.** São Paulo: Martins Fontes, 2004a.

_____. **A coesão textual.** 19. ed. São Paulo: Contexto, 2004b.

_____; ELIAS, V. M. **Ler e compreender:** os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **O texto e a construção dos sentidos.** 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

_____; BENTES, A. C; CAVALCANTE, M. M. **Intertextualidade:** diálogos possíveis. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

KONINGS, J. **Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da 'fonte q'.** São Paulo: Loyola, 2005.

MAGALHÃES, C. Pesquisas textuais/discursivas em tradução: o uso de *corpora*. In: PAGANO, A. (Org.) **Metodologias de pesquisa em tradução.** Belo Horizonte: POSLIN/FALE/UFMG, 2001. p. 93-116.

MARCUSCHI, L. A. **Aspectos linguísticos, sociais e cognitivos da produção de sentido.** 1998, (mimeo).

_____. **Da fala para escrita:** atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Â. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.) **Gêneros textuais e ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.

_____. **Produção textual, análise de gênero e compreensão.** 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

MATENCIO, M. L. M. Referenciação e retextualização de textos acadêmicos: um estudo do resumo e da resenha. **Anais do III Congresso Internacional da ABRALIN**, março de 2003.

MCKENZIE, J. L. **Dicionário bíblico**. Tradução de Álvaro Cunha et al. Revisão geral Honório Delbosco. São Paulo: Paulinas, 1983.

MEURER, J. L; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. **Gêneros:** teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola, 2005.

MEYER, M. Prefácio – Aristóteles ou a retórica das paixões. In: ARISTÓTELES. **Retórica das paixões.** São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. XVII–LI.

MICHAELIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa.** São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

MOSCONI, L. **O Evangelho de Jesus Cristo segundo Lucas:** para cristãos rumo ao novo milênio. São Paulo: Loyola, 1997.

SCHÖKEL, L. A. Comentários. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia do Peregrino**: tradução do texto bíblico: Ivo Storniolo e José Bertolini. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2006.

STORNIOLO, I. **Como ler o Evangelho de Lucas:** os pobres constroem a nova história. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

VIARO, M. E. **Coração das palavras**. Disponível em <http://revistalingua.uol.com.br/textos.asp?codigo=11185>. Acesso em: 30 abr. 2010.

VIGNER, G. Intertextualidade, norma e legibilidade. In: GALVES, C.; ORLANDI, E. P.; OTONI, P. (Orgs.). **O texto:** escrita e leitura. Campinas: Pontes, 1988. p. 31-37.

ZINGARELLI MINORE. **Vocabolario della lingua italiana**. Edizione terzo millennio. Bologna: Zanichelli Editore, 2001.

ANEXO

1 - CONCORDÂNCIAS

Nota: As concordâncias de 1 a 45 foram geradas pelo programa IntraText CT, da Bíblia Sagrada: Edição Pastoral Intratext (2002), versão em CD ROM, da Editora Paulus.

Concordância 1 – A palavra 'hoje'

Livro Capítulo,Verso

379 Mt 6, 11| 11 Dá-nos **hoje** o pão nosso de cada dia.
380 Mt 6, 30| veste a erva do campo, que **hoje** existe e amanhã é queimada
381 Mt 11, 23| ela existiria até o dia de **hoje**!
382 Mt 16, 3| 3 E de manhã: 'Hoje vai chover, porque o céu
383 Mt 21, 28| disse: 'Filho, vá trabalhar **hoje** na vinha'.
384 Mt 26, 29| 29 Eu lhes digo: de **hoje** em diante não beberei desse
385 Mt 27, 8| isso que esse campo até **hoje** é chamado de «Campo de Sangue.»
386 Mt 28, 15| os judeus, até o dia de **hoje**.~Jesus é o Senhor da história -~

387 Mc 14, 30| Eu garanto a você: ainda **hoje**, esta noite, antes que o

388 Lc 2, 11| 11 **hoje**, na cidade de Davi, nasceu
389 Lc 4, 21| Jesus começou a dizer-lhes: «**Hoje** se cumpriu essa passagem
390 Lc 5, 10| Simão: «Não tenha medo! De **hoje** em diante você será pescador
391 Lc 5, 26| cheios de medo, e diziam: «**Hoje** vimos coisas estranhas.»~
392 Lc 12, 28| assim a erva do campo, que **hoje** existe e amanhã é queimada
393 Lc 13, 7| disse ao agricultor: 'Olhe! **Hoje** faz três anos que venho
394 Lc 13, 32| expulso demônios, e faço curas **hoje** e amanhã; e no terceiro
395 Lc 13, 33| Entretanto preciso caminhar **hoje**, amanhã e depois de amanhã,
396 Lc 19, 5| depressa, Zaqueu, porque **hoje** preciso ficar em sua casa.»
397 Lc 19, 9| 9 Jesus lhe disse: «**Hoje** a salvação entrou nesta
398 Lc 19, 42| também você compreendesse **hoje** o caminho da paz! Agora,
399 Lc 22, 34| Pedro, eu lhe digo que **hoje**, antes que o galo cante,
400 Lc 22, 61| Senhor lhe havia dito: «**Hoje**, antes que o galo cante,
401 Lc 23, 43| respondeu: «Eu lhe garanto: **hoje** mesmo você estará comigo

402 Joa 5, 10| que tinha sido curado: «**Hoje** é dia de sábado. A lei não

Concordância 2 – A palavra 'agora'

471 Mt 4, 8| diabo tornou a levar Jesus, **agora** para um monte muito alto.
472 Mt 11, 12| dias de João Batista até **agora**, o Reino do Céu sofre violência,
473 Mt 19, 30| 30 Muitos que **agora** são os primeiros, serão
474 Mt 19, 30| os últimos; e muitos que **agora** são os últimos, serão os
475 Mt 24, 34| que morra esta geração que **agora** vive.
476 Mt 26, 45| dos discípulos, e disse: «**Agora** vocês podem dormir e descansar.
477 Mt 26, 64| disso, eu lhes digo: de **agora** em diante, vocês verão o
478 Mt 26, 65| ainda de testemunhas? Pois **agora** mesmo vocês ouviram a blasfêmia.
479 Mt 27, 42| É Rei de Israel... Desça **agora** da cruz, e acreditaremos
480 Mt 27, 43| em Deus; que Deus o livre **agora**, se é que o ama! Pois ele

481 Mc 6, 25| ao rei: «Quero que me dê **agora**, num prato, a cabeça de
482 Mc 10, 30| receber cem vezes mais. **Agora**, durante esta vida, vai
483 Mc 10, 31| 31 Muitos que **agora** são os primeiros serão os
484 Mc 10, 31| os últimos, e muitos que **agora** são os últimos serão os
485 Mc 13, 19| criação feita por Deus, até **agora**; e nunca mais haverá outra
486 Mc 13, 30| que morra esta geração que **agora** vive.
487 Mc 14, 41| terceira vez, e disse: «**Agora** vocês podem dormir e descansar.
488 Mc 15, 32| o rei de Israel... Desça **agora** da cruz, para que vejamos
489 Mc 16, 7| 7 **Agora** vocês devem ir e dizer aos

490 Lc 2, 29| 29 «**Agora**, Senhor, conforme a tua
491 Lc 6, 21| 21 Felizes de vocês que **agora** têm fome, porque serão saciados.
492 Lc 6, 21| saciados. Felizes de vocês que **agora** choram, porque hão de rir.
493 Lc 6, 25| 25 Ai de vocês, que **agora** têm fartura, porque vão

494 Lc 6, 25| passar fome! Ai de vocês, que **agora** riem, porque vão ficar aflitos
495 Lc 16, 25| enquanto Lázaro recebeu males. **Agora**, porém, ele encontra consolo
496 Lc 19, 42| compreendesse hoje o caminho da paz! **Agora**, porém, isso está escondido
497 Lc 20, 33| 33 E **agora**? Na ressurreição, de quem
498 Lc 22, 36| 36 Jesus continuou: «**Agora**, porém, quem tiver bolsa,
499 Lc 22, 69| 69 Mas de **agora** em diante, o Filho do Homem
500 Lc 23, 5| passou por toda a Judéia, e **agora** chegou aqui.»~O silêncio
501 Lc 24, 49| 49 **Agora** eu lhes enviarei aquele

502 Joa 2, 8| 8 Depois Jesus disse: «**Agora** tirem e levem ao mestre-
503 Joa 2, 10| guardou o vinho bom até **agora**.»~
504 Joa 3, 26| qual você deu testemunho, **agora** ele está batizando, e todos
505 Joa 4, 18| E o homem que você tem **agora**, não é seu marido. Nisso
506 Joa 4, 23| está chegando a hora, e é **agora**, em que os verdadeiros adoradores
507 Joa 4, 42| daquilo que você disse. **Agora**, nós mesmos ouvimos e sabemos
508 Joa 5, 17| continua trabalhando até **agora** e eu também trabalho.»
509 Joa 6, 69| 69 **Agora** nós acreditamos e sabemos
510 Joa 8, 40| 40 **Agora**, porém, vocês querem me
511 Joa 8, 52| 52 Os judeus disseram: «**Agora** sabemos que estás louco.
512 Joa 9, 19| nascido cego? Como é que ele **agora** está enxergando?»
513 Joa 9, 21| 21 Como é que ele **agora** está enxergando, isso não
514 Joa 9, 25| só sei que eu era cego e **agora** estou enxergando.»
515 Joa 11, 8| discípulos contestaram: «Mestre, **agora** há pouco os judeus queriam
516 Joa 11, 15| para que vocês acreditem. **Agora**, vamos para a casa dele.»
517 Joa 11, 22| 22 Mas ainda **agora** eu sei: tudo o que pedires
518 Joa 12, 27| 27 **Agora** estou muito perturbado.
519 Joa 12, 31| 31 **Agora** é o julgamento deste mundo.
520 Joa 12, 31| julgamento deste mundo. **Agora** o príncipe deste mundo vai
521 Joa 13, 7| 7 Jesus respondeu: «Você **agora** não sabe o que estou fazendo.
522 Joa 13, 19| 19 Digo isso **agora**, antes de acontecer, para
523 Joa 13, 31| Iscariotes saiu, Jesus disse: «**Agora** o Filho do Homem foi glorificado,
524 Joa 13, 33| vão me procurar, e eu digo **agora** a vocês o que eu já disse
525 Joa 13, 37| que não posso seguir-te **agora**? Eu daria a minha própria
526 Joa 14, 7| também o meu Pai. Desde **agora** vocês o conhecem e já o
527 Joa 14, 29| 29 Eu lhes digo isso **agora**, antes que aconteça, para
528 Joa 15, 22| culpados de pecado. Mas **agora** eles não têm nenhuma desculpa
529 Joa 16, 5| 5 Mas **agora** eu vou para aquele que me
530 Joa 16, 12| muitas coisas para dizer, mas **agora** vocês não seriam capazes
531 Joa 16, 22| 22 **Agora**, vocês também estão angustiados.
532 Joa 16, 24| 24 Até **agora** vocês não pediram nada em
533 Joa 16, 25| 25 «Até **agora** falei para vocês através
534 Joa 16, 28| junto do Pai e vim ao mundo; **agora** deixo o mundo e volto para
535 Joa 16, 29| Os discípulos disseram: «**Agora** estás falando claramente
536 Joa 16, 30| 30 **Agora** sabemos que tu sabes todas
537 Joa 16, 30| alguém te fazer perguntas. **Agora** sim, acreditamos que saíste
538 Joa 16, 31| 31 Jesus disse: «**Agora** vocês acreditam?
539 Joa 17, 5| 5 E **agora**, Pai, glorifica-me junto
540 Joa 17, 7| 7 **Agora** eles conhecem que tudo o
541 Joa 17, 13| 13 **Agora** eu vou para junto de ti.
542 Joa 18, 36| autoridades dos judeus. Mas **agora** o meu reino não é daqui.»

543 At 1, 6| perguntaram a Jesus: «Senhor, é **agora** que vais restaurar o Reino
544 At 1, 22| em que foi levado ao céu. **Agora**, é preciso que um deles
545 At 4, 29| 29 **Agora**, Senhor, olha as ameaças
546 At 5, 38| ao que está acontecendo **agora**, dou-lhes um conselho: não
547 At 7, 4| daí para esta terra onde **agora** vocês moram.
548 At 7, 34| e desci para o libertar. **Agora** venha, pois eu quero mandar
549 At 7, 52| vinda do Justo, do qual **agora** vocês se tornaram traidores
550 At 9, 6| 6 **Agora**, levante-se, entre na cidade,
551 At 10, 5| 5 **Agora**, mande alguns homens a Jope
552 At 10, 29| vocês me mandaram chamar. **Agora** pergunto: por qual motivo
553 At 10, 33| lo, e foi bom você vir. **Agora**, portanto, estamos todos
554 At 12, 11| Pedro caiu em si e disse: «**Agora** sei que o Senhor de fato
555 At 13, 11| a mão do Senhor vai cair **agora** sobre você. Você ficará
556 At 13, 31| Galiléia para Jerusalém. **Agora**, eles são testemunhas de
557 At 15, 10| 10 Então, por que vocês **agora** tentam a Deus, querendo
558 At 16, 37| somos cidadãos romanos; e **agora** querem que vamos embora
559 At 17, 6| mundo inteiro, chegaram **agora** aqui também,
560 At 17, 30| os tempos da ignorância, **agora** anuncia aos homens que todos
561 At 18, 6| nada a ver com isso. De **agora** em diante, vou me dirigir

562 At 20, 22| 22 E **agora**, prisioneiro do Espírito,
563 At 20, 25| 25 **Agora**, porém, tenho certeza de
564 At 20, 32| 32 **Agora**, pois, eu os entrego ao
565 At 21, 39| importante da Cilícia. E **agora**, lhe peço que me deixe falar
566 At 22, 1| escutem a defesa que eu **agora** apresento a vocês.»
567 At 22, 3| como todos vocês o são **agora**.
568 At 22, 16| 16 **Agora**, não perca tempo: levante-
569 At 23, 21| enquanto não o matarem. **Agora** estão de prontidão e esperam
570 At 24, 13| podem provar aquilo de que **agora** me acusam.~
571 At 24, 25| ficou com medo e disse: «Por **agora** você pode ir. Quando eu
572 At 26, 16| 16 Mas **agora** levante-se e fique de pé.

Concordância 3 – A palavra ‘imediatamente’

53 Mt 4, 20| 20 Eles deixaram **imediatamente** as redes, e seguiram a Jesus.
54 Mt 4, 22| 22 Eles deixaram **imediatamente** a barca e o pai, e seguiram
55 Mt 20, 34| tocou os olhos deles, e eles **imediatamente** começaram a ver. E seguiram
56 Mt 27, 51| 51 **Imediatamente** a cortina do santuário rasgou-

57 Mc 1, 18| 18 Eles **imediatamente** deixaram as redes e seguiram
58 Mc 5, 29| 29 A hemorragia parou **imediatamente**. E a mulher sentiu no corpo
59 Mc 5, 30| 30 Jesus percebeu **imediatamente** que uma força tinha saído
60 Mc 5, 42| 42 A menina levantou-se **imediatamente** e começou a andar, pois
61 Mc 6, 27| 27 **Imediatamente** o rei mandou que um soldado
62 Mc 6, 54| desceram da barca, as pessoas **imediatamente** reconheceram Jesus.
63 Mc 7, 35| 35 **Imediatamente** os ouvidos do homem se abriram,

64 Lc 6, 49| bateu contra a casa, e ela **imediatamente** desabou; e foi grande a
65 Lc 12, 36| logo ele chega e bate, eles **imediatamente** vão abrir a porta.
66 Lc 13, 13| colocou as mãos sobre ela, e **imediatamente** a mulher se endireitou,

67 Joa 13, 30| pegou o pedaço de pão e saiu **imediatamente**. Era noite.~A expressão
68 Joa 19, 34| o lado com uma lança, e **imediatamente** saiu sangue e água.~

Concordância 4 – A expressão ‘no mesmo instante’

20 Mt 8, 3| fique purificado.» No mesmo **instante** o homem ficou purificado
21 Mt 21, 19| dê frutos.» E, no mesmo **instante**, a figueira secou.
22 Mt 26, 74| conheço esse homem!» Nesse **instante**, o galo cantou.

23 Mc 1, 42| 42 No mesmo **instante** a lepra desapareceu e o
24 Mc 10, 52| fé curou você.» No mesmo **instante** o cego começou a ver de
25 Mc 14, 72| 72 Nesse **instante**, o galo cantou pela segunda

26 Lc 1, 64| 64 No mesmo **instante**, a boca de Zacarias se abriu,
27 Lc 2, 38| 38 Ela chegou nesse **instante**, louvava a Deus, e falava
28 Lc 4, 5| alto. Mostrou-lhe por um **instante** todos os reinos do mundo.
29 Lc 4, 39| mulher. Então, no mesmo **instante**, ela se levantou, e começou
30 Lc 5, 13| fique purificado.» No mesmo **instante** a lepra o deixou.
31 Lc 5, 25| 25 No mesmo **instante**, o homem se levantou diante
32 Lc 8, 44| roupa de Jesus. No mesmo **instante** a hemorragia parou.
33 Lc 8, 47| tinha sido curada no mesmo **instante**.
34 Lc 8, 55| respirar, levantou-se no mesmo **instante**, e Jesus mandou que lhe
35 Lc 18, 43| 43 No mesmo **instante**, o cego começou a ver e

36 Joa 5, 9| 9 No mesmo **instante**, o homem ficou curado, pegou
37 Joa 6, 21| Jesus na barca, mas nesse **instante** a barca chegou à margem

Concordância 5 - A palavra ‘depressa’

67 Mt 21, 20| disseram: «Como é que secou tão **depressa**?»
68 Mt 28, 7| 7 E vão **depressa** contar aos discípulos que
69 Mt 28, 8| 8 As mulheres saíram **depressa** do túmulo; estavam com medo,

70 Lc 14, 21| disse ao empregado: ‘Saia **depressa** pelas praças e ruas da cidade.
71 Lc 15, 22| pai disse aos empregados: ‘**Depressa**, tragam a melhor túnica
72 Lc 16, 6| Pegue a sua conta, sente-se **depressa**, e escreva cinqüenta’.
73 Lc 17, 7| ele volta do campo: ‘Venha **depressa** para a mesa’?
74 Lc 18, 8| justiça para eles, e bem **depressa**. Mas, o Filho do Homem,
75 Lc 19, 5| para cima, e disse: «Desça **depressa**, Zaqueu, porque hoje preciso

76 Joa 11, 29| ouviu isso, levantou-se **depressa** e foi ao encontro de Jesus.
77 Joa 11, 31| viram Maria levantar-se **depressa** e sair, foram atrás dela,
78 Joa 20, 4| outro discípulo correu mais **depressa** do que Pedro, e chegou primeiro

Concordância 6 – A palavra ‘mulher’

537 Mt 1, 6| Davi, com aquela que foi **mulher** de Urias, foi o pai de Salomão.
538 Mt 5, 28| aquele que olha para uma **mulher** e deseja possuí-la, já cometeu
539 Mt 5, 31| Quem se divorciar de sua **mulher**, lhe dê uma certidão de
540 Mt 5, 32| aquele que se divorcia de sua **mulher**, a não ser por causa de
541 Mt 5, 32| adúltera; e quem se casa com a **mulher** divorciada, comete adultério.»~
542 Mt 9, 20| Nesse momento, chegou uma **mulher** que fazia doze anos vinha
543 Mt 9, 22| E, desde esse momento, a **mulher** ficou curada.~
544 Mt 13, 33| como o fermento que uma **mulher** pega e mistura com três
545 Mt 14, 3| por causa de Herodíades, a **mulher** do seu irmão.
546 Mt 15, 22| 22 Nisso, uma **mulher** cananéia, que morava nessa
547 Mt 15, 23| pediram: «Manda embora essa **mulher**, porque ela vem gritando
548 Mt 15, 25| 25 Mas a **mulher**, aproximando-se, ajoelhou-
549 Mt 15, 27| 27 A **mulher** disse: «Sim, Senhor, é verdade;
550 Mt 15, 28| disso, Jesus lhe disse: «**Mulher**, é grande a sua fé! Seja
551 Mt 18, 25| como escravo, junto com a **mulher** e os filhos e tudo o que
552 Mt 19, 3| homem divorciar-se de sua **mulher** por qualquer motivo?»
553 Mt 19, 4| o início, os fez homem e **mulher**?
554 Mt 19, 5| sua mãe, e se unirá à sua **mulher**, e os dois serão uma só
555 Mt 19, 7| de divórcio ao despedir a **mulher**?»
556 Mt 19, 9| quem se divorciar de sua **mulher**, a não ser em caso de fornicação,
557 Mt 19, 10| situação do homem com a **mulher** é assim, então é melhor
558 Mt 22, 25| sem ter filhos, deixando a **mulher** para seu irmão.
559 Mt 22, 27| todos eles, morreu também a **mulher**.
560 Mt 22, 28| de qual dos sete ela será **mulher**? De fato, todos a tiveram.»
561 Mt 26, 7| 7 Então chegou uma **mulher** com um vaso de alabastro,
562 Mt 26, 10| que vocês aborrecem essa **mulher**? Ela está me fazendo uma
563 Mt 27, 19| sentado no tribunal, sua **mulher** mandou dizer a ele: «Não

564 Mc 1, 31| Então a febre deixou a **mulher**, e ela começou a servi-los.~
565 Mc 5, 25| 25 Aí chegou uma **mulher** que sofria de hemorragia
566 Mc 5, 27| 27 A **mulher** tinha ouvido falar de Jesus.
567 Mc 5, 29| parou imediatamente. E a **mulher** sentiu no corpo que estava
568 Mc 5, 33| 33 A **mulher**, cheia de medo e tremendo,
569 Mc 5, 34| 34 Jesus disse à **mulher**: «Minha filha, sua fé curou
570 Mc 6, 17| casado, apesar de ser ela a **mulher** do seu irmão Filipe.
571 Mc 6, 18| permitido você se casar com a **mulher** do seu irmão.»
572 Mc 7, 25| 25 Uma **mulher**, que tinha uma filha com
573 Mc 7, 26| 26 A **mulher** era pagã, nascida na Fenícia
574 Mc 7, 28| 28 A **mulher** respondeu: «É verdade, Senhor;
575 Mc 10, 2| homem se divorciar da sua **mulher**.
576 Mc 10, 4| divórcio e depois mandar a **mulher** embora.»
577 Mc 10, 6| criação, Deus os fez homem e **mulher**.
578 Mc 10, 11| que se divorciar de sua **mulher** e se casar com outra, cometerá

579 Mc 10, 11| adultério contra a primeira **mulher**.
580 Mc 10, 12| 12 E se a **mulher** se divorciar do seu marido
581 Mc 12, 22| último, morreu também a **mulher**.
582 Mc 14, 3| faziam a refeição, chegou uma **mulher** com um vaso de alabastro,
583 Mc 14, 5| pobres.» E criticavam a **mulher**.
584 Lc 1, 18| verdade? Sou velho, e minha **mulher** é de idade avançada.»
585 Lc 3, 19| casara com Herodíades, a **mulher** do irmão, e porque tinha
586 Lc 4, 39| a febre, e esta deixou a **mulher**. Então, no mesmo instante,
587 Lc 7, 28| vocês: entre os nascidos de **mulher** ninguém é maior do que João.
588 Lc 7, 37| 37 Apareceu então certa **mulher**, conhecida na cidade como
589 Lc 7, 38| 38 A **mulher** se colocou por trás, chorando
590 Lc 7, 39| profeta, saberia que tipo de **mulher** está tocando nele, porque
591 Lc 7, 44| Então Jesus voltou-se para a **mulher** e disse a Simão: «Está vendo
592 Lc 7, 44| Simão: «Está vendo esta **mulher**? Quando entrei em sua casa,
593 Lc 7, 48| 48 E Jesus disse à **mulher**: «Seus pecados estão perdoados.»
594 Lc 7, 50| 50 Mas Jesus disse à **mulher**: «Sua fé salvou você. Vá
595 Lc 8, 3| 3 Joana, **mulher** de Cuza, alto funcionário
596 Lc 8, 43| certo momento chegou uma **mulher** sofrendo de hemorragia há
597 Lc 8, 47| 47 A **mulher**, vendo que tinha sido descoberta,
598 Lc 8, 48| 48 Jesus disse à **mulher**: «Minha filha, sua fé curou
599 Lc 10, 38| entrou num povoado, e certa **mulher**, de nome Marta, o recebeu
600 Lc 11, 27| dizia essas coisas, uma **mulher** levantou a voz no meio da
601 Lc 13, 11| 11 Havia aí uma **mulher** que, fazia dezoito anos,
602 Lc 13, 12| dirigiu-se a ela, e disse: «**Mulher**, você está livre da sua
603 Lc 13, 13| sobre ela, e imediatamente a **mulher** se endireitou, e começou
604 Lc 13, 21| como o fermento que uma **mulher** pega e mistura com três
605 Lc 14, 26| ao seu pai, à sua mãe, à **mulher**, aos filhos, aos irmãos,
606 Lc 15, 8| 8 «Se uma **mulher** tem dez moedas de prata
607 Lc 16, 18| homem que se divorcia da sua **mulher**, e se casa com outra, comete
608 Lc 16, 18| adultério; e quem se casa com **mulher** divorciada do seu marido,
609 Lc 17, 32| 32 Lembrem-se da **mulher** de Ló.
610 Lc 18, 29| quem tiver deixado casa, **mulher**, irmãos, pais, filhos, por
611 Lc 20, 32| Por fim, morreu também a **mulher**.
612 Lc 20, 33| ressurreição, de quem a **mulher** vai ser esposa? Todos os
613 Lc 22, 57| 57 Mas Pedro negou: «**Mulher**, eu nem o conheço.»

614 Joa 2, 4| 4 Jesus respondeu: «**Mulher**, que existe entre nós? Minha
615 Joa 4, 7| 7 Então chegou uma **mulher** da Samaria para tirar água.
616 Joa 4, 11| 11 A **mulher** disse a Jesus: «Senhor,
617 Joa 4, 15| 15 A **mulher** disse a Jesus: «Senhor,
618 Joa 4, 17| 17 A **mulher** respondeu: «Eu não tenho
619 Joa 4, 19| 19 A **mulher** então disse a Jesus: «Senhor,
620 Joa 4, 21| 21 Jesus disse: «**Mulher**, acredite em mim. Está chegando
621 Joa 4, 25| 25 A **mulher** disse a Jesus: «Eu sei que
622 Joa 4, 27| ver Jesus falando com uma **mulher**, mas ninguém perguntou o
623 Joa 4, 27| estava conversando com a **mulher**.
624 Joa 4, 28| 28 Então a **mulher** deixou o balde, foi para
625 Joa 4, 39| causa do testemunho que a **mulher** tinha dado. «Ele me disse
626 Joa 4, 42| 42 E diziam à **mulher**: «Já não acreditamos por
627 Joa 8, 3| os fariseus trazendo uma **mulher**, que tinha sido pega cometendo
628 Joa 8, 3| adultério. Eles colocaram a **mulher** no meio
629 Joa 8, 4| disseram a Jesus: «Mestre, essa **mulher** foi pega em flagrante cometendo
630 Joa 8, 9| Jesus ficou sozinho. Ora, a **mulher** continuava ali no meio.
631 Joa 8, 10| se levantou e perguntou: «**Mulher**, onde estão os outros? Ninguém
632 Joa 16, 21| 21 Quando a **mulher** está para dar à luz, sente
633 Joa 19, 26| amava. Então disse à mãe: «**Mulher**, eis aí o seu filho.»
634 Joa 20, 13| Então os anjos perguntaram: «**Mulher**, por que você está chorando?»
635 Joa 20, 15| 15 E Jesus perguntou: «**Mulher**, por que você está chorando?

Concordância 7 – A palavra ‘mulheres’

284 Mt 14, 21| cinco mil homens, sem contar **mulheres** e crianças.~A fé nos momentos
285 Mt 15, 38| quatro mil homens, sem contar **mulheres** e crianças.
286 Mt 22, 30| ressurreição, os homens e as **mulheres** não se casarão, pois serão
287 Mt 24, 19| 19 Infelizes as **mulheres** grávidas, e aquelas que
288 Mt 24, 41| 41 Duas **mulheres** estarão moendo no moinho:

289 Mt 27, 55| 55 Grande número de **mulheres** estavam aí, olhando de longe.
290 Mt 28, 5| 5 Então o anjo disse às **mulheres**: «Não tenham medo. Eu sei
291 Mt 28, 8| 8 As **mulheres** saíram depressa do túmulo;
292 Mt 28, 9| disse: «Alegrem-se!» As **mulheres** se aproximaram, e se ajoelharam
293 Mt 28, 11| 11 Quando as **mulheres** partiram, alguns guardas

294 Mc 12, 25| ressuscitarem, os homens e as **mulheres** não se casarão, pois serão
295 Mc 13, 17| 17 Infelizes as **mulheres** grávidas e aquelas que estiverem
296 Mc 15, 40| Aí estavam também algumas **mulheres**, olhando de longe. Entre
297 Mc 15, 41| Galiléia. Muitas outras **mulheres** estavam aí, pois tinham
298 Mc 16, 8| 8 Então as **mulheres** saíram do túmulo correndo,

299 Lc 1, 42| Você é bendita entre as **mulheres**, e é bendito o fruto do
300 Lc 8, 2| 2 e também algumas **mulheres** que haviam sido curadas
301 Lc 8, 3| Susana, e várias outras **mulheres**, que ajudavam a Jesus e
302 Lc 17, 35| 35 Duas **mulheres** estarão moendo juntas. Uma
303 Lc 20, 34| Nesta vida, os homens e as **mulheres** se casam,
304 Lc 21, 23| 23 Infelizes das **mulheres** grávidas e daquelas que
305 Lc 23, 27| multidão do povo o seguia. E **mulheres** batiam no peito, e choravam
306 Lc 23, 28| porém, voltou-se, e disse: «**Mulheres** de Jerusalém, não chorem
307 Lc 23, 29| que se dirá: 'Felizes das **mulheres** que nunca tiveram filhos,
308 Lc 23, 49| de Jesus, assim como as **mulheres** que o acompanhavam desde
309 Lc 23, 55| 55 As **mulheres**, que tinham ido com Jesus
310 Lc 24, 1| semana, bem de madrugada, as **mulheres** foram ao túmulo de Jesus,
311 Lc 24, 8| 8 Então as **mulheres** se lembraram das palavras
312 Lc 24, 10| Tiago. Também as outras **mulheres** que estavam com elas contaram
313 Lc 24, 11| que eram tolices o que as **mulheres** contavam e não acreditaram
314 Lc 24, 22| 22 É verdade que algumas **mulheres** do nosso grupo nos deram
315 Lc 24, 24| encontraram tudo como as **mulheres** tinham dito. Mas ninguém
316 Joa 8, 5| Lei de Moisés manda que **mulheres** desse tipo devem ser apedrejadas.

Concordância 8 – A palavra 'alegria'

190 Mt 2, 10| magos ficaram radiantes de **alegria**.~
191 Mt 13, 20| Palavra, e logo a recebe com **alegria**.
192 Mt 13, 44| mantém escondido. Cheio de **alegria**, ele vai, vende todos os
193 Mt 25, 21| Venha participar da minha **alegria**'.
194 Mt 25, 23| Venha participar da minha **alegria**'.
195 Mt 28, 8| mas correram com muita **alegria** para dar a notícia aos discípulos.
196 Mc 4, 16| Palavra e a recebem com **alegria**;
197 Lc 1, 44| ouvidos, a criança saltou de **alegria** no meu ventre.
198 Lc 2, 10| Notícia, que será uma grande **alegria** para todo o povo:
199 Lc 6, 23| Alegrem-se nesse dia, pulem de **alegria**, pois será grande a recompensa
200 Lc 8, 13| ouvindo, acolheram com **alegria** a Palavra. Mas eles não
201 Lc 15, 5| quando a encontra, com muita **alegria** a coloca nos ombros.
202 Lc 15, 7| assim, haverá no céu mais **alegria** por um só pecador que se
203 Lc 15, 10| anjos de Deus sentem a mesma **alegria** por um só pecador que se
204 Lc 19, 6| rapidamente, e recebeu Jesus com **alegria**.
205 Lc 24, 41| acreditando, por causa da **alegria** e porque estavam espantados,
206 Lc 24, 52| para Jerusalém, com grande **alegria**.
207 Joa 3, 29| aí esperando, se enche de **alegria** quando ouve a voz do noivo.
208 Joa 3, 29| do noivo. Esta é a minha **alegria**, e ela é muito grande.
209 Joa 8, 56| Ele viu e encheu-se de **alegria**.»
210 Joa 15, 11| isso a vocês para que minha **alegria** esteja em vocês, e a alegria
211 Joa 15, 11| alegria esteja em vocês, e a **alegria** de vocês seja completa. ~
212 Joa 16, 20| vocês se transformará em **alegria**.
213 Joa 16, 22| ficarão alegres, e essa **alegria** ninguém tirará de vocês.
214 Joa 16, 24| e receberão, para que a **alegria** de vocês seja completa.» ~
215 Joa 17, 13| eles possuam toda a minha **alegria**.
216 At 2, 28| da vida, e me encherás de **alegria** na tua presença.'~
217 At 2, 46| pão, tomando alimento com **alegria** e simplicidade de coração.
218 At 8, 8| E a cidade se encheu de **alegria**.~Não comercializar o dom
219 At 8, 39| prosseguiu sua viagem, cheio de **alegria**.
220 At 12, 14| a voz de Pedro, mas sua **alegria** foi tanta que, em vez de

221 At 13, 52| porém, estavam cheios de **alegria** e do Espírito Santo.~
222 At 15, 3| pagãos, e deram uma grande **alegria** a todos os irmãos.
223 At 15, 31| 31 Sua leitura causou **alegria** por causa do estímulo que
224 At 21, 17| irmãos nos receberam com **alegria**.

Concordância 9 – A palavra 'alegra'

34 Lc 1, 47| 47 meu espírito se **alegra** em Deus, meu salvador,~
35 Joa 4, 36| modo, aquele que semeia se **alegra** junto com aquele que colhe.
36 At 2, 26| Por isso, meu coração se **alegra**, minha língua exulta e minha

Concordância 10 – A palavra 'alegrar'

12 Lc 15, 32| era preciso festejar e nos **alegrar**, porque esse seu irmão estava
13 Joa 5, 35| iluminava. Vocês quiseram se **alegrar** com sua luz.
14 Joa 16, 20| enquanto o mundo vai se **alegrar**. Vocês ficarão angustiados,

Concordância 11 – A palavra 'alegrará'

15 Lc 1, 14| feliz, e muita gente se **alegrará** com o nascimento do menino,

Concordância 12 – A palavra 'alegraram'

4 Lc 1, 58| sido bom para Isabel, e se **alegraram** com ela.

Concordância 13 – A palavra 'alegre'

75 Lc 1, 14| 14 Você ficará **alegre** e feliz, e muita gente se
76 Lc 1, 28| onde ela estava, e disse: «**Alegre**-se, cheia de graça! O Senhor
77 Lc 12, 19| descanse, coma e beba, **alegre**-se!'
78 Joa 16, 21| da aflição, porque fica **alegre** por ter posto um homem no

Concordância 14 – A palavra ‘alegres’

21 Mt 5, 12| 12 Fiquem **alegres** e contentes, porque será
22 Lc 10, 17| setenta e dois voltaram muito **alegres**, dizendo: «Senhor, até os
23 Lc 10, 20| obedecem a vocês; antes, fiquem **alegres** porque os nomes de vocês
24 Lc 19, 37| de discípulos começaram, **alegres**, a louvar a Deus em voz
25 Lc 22, 5| 5 Eles ficaram **alegres**, e combinaram dar-lhe dinheiro.
26 Joa 14, 28| vocês me amassem, ficariam **alegres** porque eu vou para o Pai,
27 Joa 16, 22| a me ver, vocês ficarão **alegres**, e essa alegria ninguém

Concordância 15 – A palavra ‘alegrou’

9 Lc 10, 21| 21 Nessa hora, Jesus se **alegrou** no Espírito Santo, e disse: «
10 Joa 8, 56| Abraão, o pai de vocês, **alegrou**-se porque viu o meu dia.
11 At 16, 34| preparou-lhes um jantar e **alegrou**-se com todos os seus familiares

Concordância 16 – A palavra ‘alegrem’

20 Mt 28, 9| encontro delas, e disse: «**Alegrem**-se!» As mulheres se aproximaram,
21 Lc 6, 23| 23 **Alegrem**-se nesse dia, pulem de alegria,
22 Lc 10, 20| 20 Contudo, não se **alegrem** porque os maus espíritos
23 Lc 15, 6| e vizinhos, para dizer: ‘**Alegrem**-se comigo! Eu encontrei

Concordância 17 - A palavra ‘salvação’

95 Lc 1, 69| Fez aparecer uma força de **salvação** na casa de Davi, seu servo;~
96 Lc 1, 71| 71 É a **salvação** que nos livra de nossos
97 Lc 1, 77| anunciando ao seu povo a **salvação**, o perdão dos pecados.~
98 Lc 2, 30| Porque meus olhos viram a tua **salvação**, ~
99 Lc 3, 6| 6 E todo homem verá a **salvação** de Deus.»~
100 Lc 19, 9| Jesus lhe disse: «Hoje a **salvação** entrou nesta casa, porque

101 Joa 4, 22| que conhecemos, porque a **salvação** vem dos judeus.

102 At 2, 47| pessoas que iam aceitando a **salvação**.~
103 At 4, 12| 12 Não existe **salvação** em nenhum outro, pois debaixo
104 At 11, 14| acontecimentos que vão trazer a **salvação** para você e para toda a
105 At 13, 26| a Deus, esta mensagem de **salvação** foi enviada para nós.
106 At 13, 47| nações, para que leve a **salvação** até aos extremos da terra’. «~
107 At 16, 17| e anunciam o caminho da **salvação** para vocês.»
108 At 27, 20| perdemos toda a esperança de **salvação**.~
109 At 28, 28| fiquem sabendo vocês: esta **salvação** de Deus é enviada aos pagãos,

Concordância 18 - A palavra ‘salvador’

```
37   Lc    1, 47| espírito se alegra em Deus, meu salvador,~
38   Lc    2, 11|      Davi, nasceu para vocês um Salvador, que é o Messias, o Senhor.
39  Joa    4, 42|  sabemos que este é, de fato, o salvador do mundo.»~Muitos acreditam
40   At    5, 31|      tornando-o Chefe supremo e Salvador, para dar ao povo a oportunidade
41   At   13, 23|         descendência de Davi um Salvador para Israel, que é Jesus.
```

Concordância 19 - A palavra ‘salvar’

```
68   Mt    1, 21|      nome de Jesus, pois ele vai salvar o seu povo dos seus pecados.»~
69   Mt   16, 25|            25 Pois, quem quiser salvar a sua vida, vai perdê-la;
70   Mt   18, 11|         Filho do Homem veio para salvar o que estava perdido.~
71   Mt   24, 22|  abreviados, ninguém conseguiria salvar-se. Mas esses dias serão
72   Mt   27, 42|    salvou... A si mesmo não pode salvar! É Rei de Israel... Desça

73   Mc    3,  4|      fazer o bem ou fazer o mal, salvar uma vida ou matá-la?» Mas
74   Mc    8, 35|            35 Pois, quem quiser salvar a sua vida, vai perdê-la;
75   Mc   13, 20|        dias, ninguém conseguiria salvar-se.
76   Mc   15, 31|    salvou... A si mesmo não pode salvar!

77   Lc    6,  9|      fazer o bem ou fazer o mal, salvar uma vida ou deixar que se
78   Lc    7,  3|         pedir a Jesus que fosse salvar o empregado.
79   Lc    9, 24|            24 Pois, quem quiser salvar a sua vida, vai perdê-la;
80   Lc   19, 10|         do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido.»~A

81  Joa   11, 12|        ele está dormindo, vai se salvar.»
82  Joa   12, 47|       condenar o mundo, mas para salvar o mundo.
83   At   15,  1|        Moisés, vocês não poderão salvar-se.»
84   At   27, 31|        navio, vocês não poderão salvar-se.»
85   At   27, 43|        oficial romano, querendo salvar Paulo, não aceitou a idéia.
```

Concordância 20 – A palavra ‘todos’

```
1941   Mt    2,  4|                    4 Herodes reuniu todos os chefes dos sacerdotes
1942   Mt    2, 16|          ficou furioso. Mandou matar todos os meninos de Belém e de
1943   Mt    3,  5|               de toda a Judéia, e de todos os lugares em volta do rio
1944   Mt    4,  8|             muito alto. Mostrou-lhe todos os reinos do mundo e suas
1945   Mt    4, 24|           toda a Síria. Levaram-lhe todos os doentes atingidos por
1946   Mt    5, 15|      candeeiro, onde ela brilha para todos os que estão em casa.
1947   Mt    8, 16|        expulsou os espíritos e curou todos os doentes,
1948   Mt   10, 22|            22 Vocês serão odiados de todos, por causa do meu nome.
1949   Mt   10, 30|          cabelos da cabeça estão todos contados.
1950   Mt   11, 11|           11 Eu garanto a vocês: de todos os homens que já nasceram,
1951   Mt   11, 13|                        13 De fato, todos os Profetas e a Lei profetizaram
1952   Mt   11, 28|                   28 Venham para mim todos vocês que estão cansados
1953   Mt   12, 15|             seguiram, e ele curou a todos.
1954   Mt   12, 36|         vocês: no dia do julgamento, todos devem prestar contas de
1955   Mt   13, 25|                 25 Uma noite, quando todos dormiam, veio o inimigo
1956   Mt   13, 41|             anjos, e eles recolherão todos os que levam os outros a
1957   Mt   13, 44|           alegria, ele vai, vende todos os seus bens, e compra esse
1958   Mt   13, 46|        grande valor, ele vai, vende todos os seus bens, e compra essa
1959   Mt   14,  6|         Herodíades dançou diante de todos, e agradou a Herodes.
1960   Mt   14, 20|                                  20 Todos comeram, ficaram satisfeitos,
1961   Mt   14, 35|        região. Então levaram a Jesus todos os doentes,
```

1962 Mt 14, 36| a barra da roupa dele. E **todos** os que tocaram, ficaram
1963 Mt 15, 37| 37 **Todos** comeram, e ficaram satisfeitos.
1964 Mt 19, 11| 11 Jesus respondeu: «Nem **todos** entendem isso, a não ser
1965 Mt 20, 8| trabalhadores, e pague uma diária a **todos**. Comece pelos últimos, e
1966 Mt 21, 12| entrou no Templo, e expulsou **todos** os que vendiam e compravam
1967 Mt 21, 26| temos medo da multidão, pois **todos** consideram João como um
1968 Mt 22, 9| e convidem para a festa **todos** os que vocês encontrarem'.
1969 Mt 22, 10| pelos caminhos, e reuniram **todos** os que encontraram, maus
1970 Mt 22, 27| 27 Depois de **todos** eles, morreu também a mulher.
1971 Mt 22, 28| ela será mulher? De fato, **todos** a tiveram.»
1972 Mt 23, 8| só é o Mestre de vocês, e **todos** vocês são irmãos.
1973 Mt 24, 38| nos dias antes do dilúvio **todos** comiam e bebiam, casavam-
1974 Mt 24, 39| o dilúvio, e arrastou a **todos**. Assim acontecerá também
1975 Mt 24, 47| esse empregado à frente de **todos** os seus bens.
1976 Mt 25, 31| sua glória, acompanhado de **todos** os anjos, então se assentará
1977 Mt 25, 32| 32 **Todos** os povos da terra serão
1978 Mt 26, 27| eles dizendo: «Bebam dele **todos**,
1979 Mt 26, 31| discípulos: «Esta noite vocês **todos** vão ficar desorientados
1980 Mt 26, 33| disse a Jesus: «Ainda que **todos** fiquem desorientados por
1981 Mt 26, 35| assim não te negarei.» E **todos** os discípulos disseram a
1982 Mt 26, 52| a espada na bainha. Pois **todos** os que usam a espada, pela
1983 Mt 26, 55| se eu fosse um bandido. **Todos** os dias, no Templo, eu me
1984 Mt 26, 56| profetas escreveram. Então **todos** os discípulos, abandonando
1985 Mt 26, 70| Mas Pedro negou diante de **todos**: «Não sei o que você está
1986 Mt 27, 1| 1 De manhã cedo, **todos** os chefes dos sacerdotes
1987 Mt 27, 22| que chamam de Messias?» **Todos** gritaram: «Seja crucificado!»
1988 Mt 28, 19| Portanto, vão e façam com que **todos** os povos se tornem meus
1989 Mt 28, 20| que eu estarei com vocês **todos** os dias, até o fim do mundo.»~ ~

1990 Mc 1, 5| Toda a região da Judéia e **todos** os moradores de Jerusalém
1991 Mc 1, 27| 27 **Todos** ficaram muito espantados
1992 Mc 1, 32| do-sol, levavam a Jesus **todos** os doentes e os que estavam
1993 Mc 1, 37| encontraram, disseram: «**Todos** estão te procurando.»
1994 Mc 2, 12| sua cama, saiu diante de **todos**. E todos ficaram muito admirados
1995 Mc 2, 12| saiu diante de todos. E **todos** ficaram muito admirados
1996 Mc 3, 10| curado muitas pessoas, e **todos** os que sofriam de algum
1997 Mc 4, 19| mundo, a ilusão da riqueza e **todos** os outros desejos, que sufocam
1998 Mc 5, 20| Jesus tinha feito por ele. E **todos** ficavam admirados.~Restaurar
1999 Mc 5, 24| o seguia e o apertava de **todos** os lados.~
2000 Mc 5, 40| dele. Mas Jesus mandou que **todos** saíssem, menos o pai e a
e a
2001 Mc 5, 42| pois já tinha doze anos. E **todos** ficaram muito admirados.
2002 Mc 6, 39| 39 Então Jesus mandou que **todos** se sentassem na grama verde,
2003 Mc 6, 40| 40 E **todos** se sentaram, formando grupos
2004 Mc 6, 41| distribuíssem. Dividiu entre **todos** também os dois peixes.
2005 Mc 6, 42| 42 **Todos** comeram, ficaram satisfeitos,
2006 Mc 6, 50| 50 Com efeito, **todos** o tinham visto e ficaram
2007 Mc 6, 56| barra da roupa de Jesus. E **todos** os que tocaram, ficaram
2008 Mc 7, 3| Os fariseus, assim como **todos** os judeus, seguem a tradição
2009 Mc 7, 14| perto dele e disse: «Escutem **todos** e compreendam:
2010 Mc 7, 19| Assim Jesus declarava que **todos** os alimentos eram puros).
2011 Mc 9, 26| ficou como morto e por isso **todos** diziam: «Ele morreu!»
2012 Mc 9, 35| e ser aquele que serve a **todos**.»
2013 Mc 9, 49| 49 Com efeito, **todos** serão salgados com o fogo.
2014 Mc 10, 44| deverá tornar-se o servo de **todos**.
2015 Mc 11, 17| chamada casa de oração para **todos** os povos'? No entanto, vocês
2016 Mc 11, 32| medo da multidão, porque **todos** consideravam João como verdadeiro
2017 Mc 12, 23| ressuscitarem, de quem ela será? **Todos** os sete se casaram com ela!»~
2018 Mc 12, 28| perguntou: «Qual é o primeiro de **todos** os mandamentos?»
2019 Mc 12, 33| si mesmo, é melhor do que **todos** os holocaustos e do que
2020 Mc 12, 33| os holocaustos e do que **todos** os sacrifícios.»
2021 Mc 12, 43| pobre depositou mais do que **todos** os outros que depositaram
2022 Mc 12, 44| 44 Porque **todos** depositaram do que estava
2023 Mc 13, 13| Vocês serão odiados por **todos** por causa do meu nome. Quem
2024 Mc 13, 37| eu digo a vocês, digo a **todos**: Fiquem vigiando.»~
2025 Mc 14, 23| agradeceu e deu a eles. E **todos** eles beberam.
2026 Mc 14, 27| disse aos discípulos: «Vocês **todos** vão ficar desorientados,
2027 Mc 14, 29| declarou a Jesus: «Mesmo que **todos** fiquem desorientados, eu
2028 Mc 14, 31| assim não te negarei.» E **todos** disseram a mesma coisa.~
2029 Mc 14, 49| 49 **Todos** os dias eu estava com vocês
2030 Mc 14, 50| 50 Então **todos** fugiram, abandonando Jesus.

2031 Mc 14, 53| sacerdote. E se reuniram **todos** os chefes dos sacerdotes,
2032 Mc 14, 60| levantou-se e, no meio de **todos**, interrogou a Jesus: «Nada
2033 Mc 14, 64| que parece a vocês?» Então **todos** eles decretaram que Jesus

2034 Lc 1, 6| Deus: obedeciam fielmente a **todos** os mandamentos e ordens
2035 Lc 1, 63| O nome dele é João.» E **todos** ficaram admirados.
2036 Lc 1, 65| 65 **Todos** os vizinhos ficaram com
2037 Lc 1, 66| 66 E **todos** os que ouviam a notícia,
2038 Lc 1, 71| nossos inimigos~e da mão de **todos** os que nos odeiam.~
2039 Lc 1, 75| justiça,~em sua presença, **todos** os nossos dias.~
2040 Lc 2, 3| 3 **Todos** iam registrar-se, cada um
2041 Lc 2, 18| 18 E **todos** os que ouviam os pastores,
2042 Lc 2, 19| Maria, porém, conservava **todos** esses fatos, e meditava
2043 Lc 2, 31| que preparaste diante de **todos** os povos: ~
2044 Lc 2, 38| Deus, e falava do menino a **todos** os que esperavam a libertação
2045 Lc 2, 41| 41 Os pais de Jesus iam **todos** os anos a Jerusalém, para
2046 Lc 2, 47| 47 **Todos** os que ouviam o menino estavam
2047 Lc 3, 15| estava esperando o Messias. E **todos** perguntavam a si mesmos
2048 Lc 3, 16| Por isso, João declarou a **todos**: «Eu batizo vocês com água.
2049 Lc 4, 5| Mostrou-lhe por um instante **todos** os reinos do mundo.
2050 Lc 4, 15| ensinava nas sinagogas, e **todos** o elogiavam.
2051 Lc 4, 20| do ajudante, e sentou-se. **Todos** os que estavam na sinagoga
2052 Lc 4, 22| 22 **Todos** aprovavam Jesus, admirados
2053 Lc 4, 28| essas palavras de Jesus, **todos** na sinagoga ficaram furiosos.
2054 Lc 4, 36| O espanto tomou conta de **todos**, e eles comentavam entre
2055 Lc 4, 37| de Jesus se espalhava em **todos** os lugares da redondeza.~
2056 Lc 4, 40| 40 Ao pôr do sol, **todos** os que tinham doentes atingidos
2057 Lc 5, 9| tomado conta de Simão e de **todos** os seus companheiros, por
2058 Lc 5, 17| doutores da Lei, vindos de **todos** os povoados da Galiléia,
2059 Lc 5, 26| 26 **Todos** ficaram admirados, e louvavam
2060 Lc 6, 10| 10 Então Jesus olhou para **todos** os que estavam ao seu redor,
2061 Lc 6, 19| força saía dele, e curava a **todos**.~
2062 Lc 6, 26| 26 Ai de vocês, se **todos** os elogiam, porque era assim
2063 Lc 7, 16| 16 **Todos** ficaram com muito medo,
2064 Lc 7, 35| sabedoria foi justificada por **todos** os seus filhos.»~O perdão
2065 Lc 8, 16| candeeiro, a fim de que **todos** os que entram, vejam a luz.
2066 Lc 8, 40| recebido pela multidão, pois **todos** o esperavam.
2067 Lc 8, 45| Quem foi que tocou em mim?» **Todos** negaram, e Pedro disse: «
2068 Lc 8, 47| Jesus. Contou diante de **todos** o motivo por que ela havia
2069 Lc 8, 52| 52 **Todos** choravam e batiam no peito
2070 Lc 9, 5| 5 E **todos** aqueles que não os acolherem,
2071 Lc 9, 6| Notícia, e fazendo curas em **todos** os lugares. ~Jesus começa
2072 Lc 9, 11| Deus, e restituía a saúde a **todos** os que precisavam de cura.~
2073 Lc 9, 15| discípulos assim fizeram, e **todos** se sentaram.
2074 Lc 9, 17| 17 **Todos** comeram, ficaram satisfeitos,
2075 Lc 9, 23| 23 Depois Jesus disse a **todos**: «Se alguém quer me seguir,
2076 Lc 9, 43| 43 **Todos** ficaram admirados com a
2077 Lc 11, 4| pois nós também perdoamos a **todos** aqueles que nos devem; e
2078 Lc 11, 33| candeeiro, a fim de que **todos** os que entram vejam a luz.
2079 Lc 11, 50| esta geração do sangue de **todos** os profetas, derramado desde
2080 Lc 12, 7| da cabeça de vocês estão **todos** contados. Não tenham medo!
2081 Lc 12, 15| 15 Depois Jesus falou a **todos**: «Atenção! Tenham cuidado
2082 Lc 12, 41| parábola só para nós, ou para **todos**?»
2083 Lc 12, 42| casa, para dar a comida a **todos** na hora certa?
2084 Lc 12, 44| confiará a administração de **todos** os seus bens.
2085 Lc 13, 2| eram mais pecadores do que **todos** os outros galileus?
2086 Lc 13, 3| converterem, vão morrer **todos** do mesmo modo.
2087 Lc 13, 4| eram mais culpados do que **todos** os outros moradores de Jerusalém?
2088 Lc 13, 5| converterem, vão morrer **todos** do mesmo modo.»
2089 Lc 13, 17| resposta deixou confusos **todos** os inimigos de Jesus. E
2090 Lc 13, 27| vocês. Afastem-se de mim, **todos** vocês que praticam injustiça!'
2091 Lc 13, 28| Isaac e Jacó junto com **todos** os profetas no Reino de
2092 Lc 14, 10| para você na presença de **todos** os convidados.
2093 Lc 14, 18| 18 Mas **todos**, um a um, começaram a dar
2094 Lc 14, 29| será capaz de acabar. E **todos** os que virem isso, começarão
2095 Lc 15, 1| 1 **Todos** os cobradores de impostos
2096 Lc 16, 19| linho fino, e dava banquete **todos** os dias.
2097 Lc 17, 27| o dilúvio, e fez com que **todos** morressem.
2098 Lc 17, 29| enxofre do céu, e fez com que **todos** morressem.
2099 Lc 19, 7| 7 Vendo isso, **todos** começaram a criticar, dizendo: «
2100 Lc 19, 37| a Deus em voz alta, por **todos** os milagres que tinham visto.

2101 Lc 19, 43| cercarão e apertarão de **todos** os lados.
2102 Lc 19, 47| 47 Jesus ensinava **todos** os dias no Templo. Os chefes
2103 Lc 20, 31| viúva. E assim os sete. **Todos** morreram sem deixar filhos.
2104 Lc 20, 33| a mulher vai ser esposa? **Todos** os sete se casaram com ela!»
2105 Lc 20, 38| mortos, mas de vivos, pois **todos** vivem para ele.»
2106 Lc 20, 45| 45 **Todos** estavam escutando Jesus,
2107 Lc 21, 3| pobre depositou mais do que **todos**.
2108 Lc 21, 4| 4 Pois **todos** os outros depositaram do
2109 Lc 21, 17| Vocês serão odiados por **todos**, por causa do meu nome.
2110 Lc 21, 35| cairá, como armadilha, sobre **todos** aqueles que habitam a face
2111 Lc 22, 53| 53 **Todos** os dias eu estava com vocês
2112 Lc 22, 70| 70 Então **todos** perguntaram: «Tu és, portanto,
2113 Lc 23, 49| 49 **Todos** os conhecidos de Jesus,
2114 Lc 24, 9| isso aos Onze, bem como a **todos** os outros.
2115 Lc 24, 27| Moisés e continuando por **todos** os Profetas, Jesus explicava

2116 Joa 1, 7| testemunho da luz, a fim de que **todos** acreditassem por meio dele.
2117 Joa 1, 12| tornarem filhos de Deus~a **todos** aqueles que a receberam,~
2118 Joa 1, 16| Porque da sua plenitude **todos** nós recebemos,~e um amor
2119 Joa 2, 10| 10 e disse: «**Todos** servem primeiro o vinho
2120 Joa 2, 15| chicote de cordas e expulsou **todos** do Templo junto com as ovelhas
2121 Joa 2, 24| confiava neles, pois conhecia a **todos**.
2122 Joa 3, 26| agora ele está batizando, e **todos** correm para ele!»~
2123 Joa 3, 31| vem do alto, está acima de **todos**. Quem é da terra, pertence
2124 Joa 5, 23| 23 para que **todos** honrem o Filho, da mesma
2125 Joa 5, 28| vai chegar a hora em que **todos** os mortos que estão nos
2126 Joa 6, 10| muita grama nesse lugar e **todos** sentaram. Estavam aí cinco
2127 Joa 6, 11| mesma coisa com os peixes. E **todos** comeram o quanto queriam.
2128 Joa 6, 37| 37 **Todos** aqueles que o Pai me dá,
2129 Joa 6, 45| Está escrito nos Profetas: 'Todos os homens serão instruídos
2130 Joa 7, 12| 12 **Todos** falavam de Jesus, mas em
2131 Joa 7, 21| Eu fiz só uma coisa, e **todos** vocês ficam admirados.
2132 Joa 10, 8| 8 **Todos** os que vieram antes de mim
2133 Joa 10, 29| entregou a mim, é maior do que **todos**. Ninguém pode arrancar coisa
2134 Joa 11, 48| que ele continue assim, **todos** vão acreditar nele; os romanos
2135 Joa 12, 32| levantado da terra, atrairei **todos** a mim.»
2136 Joa 13, 10| também estão limpos, mas nem **todos**.»
2137 Joa 13, 11| isso é que ele falou: «Nem **todos** vocês estão limpos.»~Quem
2138 Joa 13, 18| 18 «Eu não falo de **todos** vocês. Eu conheço aqueles
2139 Joa 13, 35| uns para com os outros, **todos** reconhecerão que vocês são
2140 Joa 17, 2| pois lhe deste poder sobre **todos** os homens, para que ele
2141 Joa 17, 2| que ele dê a vida eterna a **todos** aqueles que lhe deste.
2142 Joa 17, 21| 21 para que **todos** sejam um, como tu, Pai,
2143 Joa 18, 20| sinagogas e no Templo, onde **todos** os judeus se reúnem. Não

2144 At 1, 14| 14 **Todos** eles tinham os mesmos sentimentos
2145 At 1, 19| 19 A notícia chegou a **todos** os habitantes de Jerusalém
2146 At 1, 24| tu conheces o coração de **todos**. Mostra-nos qual destes
2147 At 2, 1| chegou o dia de Pentecostes, **todos** eles estavam reunidos no
2148 At 2, 4| 4 **Todos** ficaram repletos do Espírito
2149 At 2, 6| Quando ouviram o barulho, **todos** se reuniram e ficaram confusos,
2150 At 2, 7| que estão falando, não são **todos** galileus?
2151 At 2, 12| 12 **Todos** estavam admirados e perplexos,
2152 At 2, 14| alta: «Homens da Judéia e **todos** vocês que se encontram em
2153 At 2, 32| ressuscitou a este Jesus. E nós **todos** somos testemunhas disso.
2154 At 2, 37| 37 Quando ouviram isso, **todos** ficaram de coração aflito
2155 At 2, 39| e de seus filhos, e para **todos** aqueles que estão longe,
2156 At 2, 39| aqueles que estão longe, **todos** aqueles que o Senhor nosso
2157 At 2, 43| 43 Em **todos** eles havia temor, por causa
2158 At 2, 44| 44 **Todos** os que abraçaram a fé eram
2159 At 2, 45| repartiam o dinheiro entre **todos**, conforme a necessidade
2160 At 2, 46| 46 Diariamente, **todos** juntos freqüentavam o Templo
2161 At 3, 2| nascença. Costumavam colocá-lo **todos** os dias na porta do Templo
2162 At 3, 16| que está na presença de **todos** vocês. ~
2163 At 3, 18| havia anunciado através de **todos** os profetas: que o seu Messias
2164 At 3, 24| 24 E **todos** os profetas que falaram
2165 At 4, 6| Caifás, João Alexandre e **todos** os que pertenciam às famílias
2166 At 4, 10| 10 Pois fiquem sabendo **todos** vocês, e também todo o povo
2167 At 4, 16| de tal modo conhecido por **todos** os habitantes de Jerusalém,
2168 At 4, 21| por causa do povo. Pois **todos** glorificavam a Deus pelo
2169 At 4, 24| 24 Ao ouvir o relato, **todos** elevaram a voz a Deus, dizendo: «

2170 At 4, 31| em que estavam reunidos. **Todos**, então, ficaram cheios do
2171 At 4, 33| ressurreição do Senhor Jesus. E **todos** eles gozavam de grande aceitação.
2172 At 5, 5| grande temor se apoderou de **todos** os que estavam ouvindo.
2173 At 5, 11| por toda a Igreja e entre **todos** aqueles que ouviram falar
2174 At 5, 12| pelas mãos dos apóstolos. E **todos** os fiéis se reuniam em grupo
2175 At 5, 16| tomadas por espíritos maus. E **todos** eram curados.~Ninguém aprisiona
2176 At 5, 36| Depois ele foi morto e **todos** os que o seguiam debandaram
2177 At 5, 37| também ele acabou mal, e **todos** os seus seguidores se dispersaram.
2178 At 6, 6| 6 **Todos** estes foram apresentados
2179 At 6, 15| 15 **Todos** os que estavam sentados
2180 At 7, 57| taparam os ouvidos e avançaram **todos** juntos contra Estêvão.
2181 At 8, 1| a igreja de Jerusalém. E **todos**, fora os apóstolos, se espalharam
2182 At 8, 6| tudo o que Filipe dizia, e **todos** em peso o escutavam, pois
2183 At 8, 10| 10 **Todos**, pequenos e grandes, aderiam
2184 At 9, 2| levar presos para Jerusalém **todos** os homens e mulheres que
2185 At 9, 14| sacerdotes, para prender **todos** os que invocam o teu nome.»
2186 At 9, 26| juntar-se aos discípulos. Mas **todos** tinham medo dele, pois não
2187 At 9, 32| 32 Pedro, que percorria **todos** os lugares, visitou também
2188 At 9, 35| 35 **Todos** os habitantes de Lida e
2189 At 10, 2| Era piedoso e, junto com **todos** os da sua família, pertencia
2190 At 10, 33| Agora, portanto, estamos **todos** aqui, na presença de Deus,
2191 At 10, 36| Cristo, que é o Senhor de **todos**.
2192 At 10, 38| fazendo o bem e curando **todos** os que estavam dominados
2193 At 10, 43| 43 Sobre ele **todos** os profetas dão o seguinte
2194 At 10, 44| Espírito Santo desceu sobre **todos** os que ouviam a Palavra.
2195 At 13, 48| elogiar a palavra do Senhor. E **todos** os que estavam destinados
2196 At 15, 3| deram uma grande alegria a **todos** os irmãos.
2197 At 15, 12| ouviram Barnabé e Paulo contar **todos** os sinais e prodígios que
2198 At 15, 21| seus pregadores, que o lêem **todos** os sábados nas sinagogas.» ~
2199 At 16, 3| encontravam nessas regiões, pois **todos** sabiam que o pai de Timóteo
2200 At 16, 26| abriram e as correntes de **todos** se soltaram.
2201 At 16, 28| Não faça isso! Nós estamos **todos** aqui.»
2202 At 16, 31| Jesus, e serão salvos você e **todos** os da sua casa.»
2203 At 16, 32| Senhor ao carcereiro e a **todos** os da sua casa.
2204 At 16, 33| foi batizado junto com **todos** os seus.
2205 At 16, 34| jantar e alegrou-se com **todos** os seus familiares por ter
2206 At 17, 7| deu hospedagem para eles. **Todos** eles vão contra a lei do
2207 At 17, 17| adoravam o Deus único. E **todos** os dias discutia em praça
2208 At 17, 21| 21 Com efeito, **todos** os atenienses e os estrangeiros
2209 At 17, 25| coisa; pois é ele que dá a **todos** vida, respiração e tudo
2210 At 17, 30| agora anuncia aos homens que **todos** e em todo lugar se arrependam,
2211 At 17, 31| designou e creditou diante de **todos**, ressuscitando-o dos mortos.»~
2212 At 18, 2| Cláudio tinha decretado que **todos** os judeus saíssem de Roma.
2213 At 18, 4| 4 **Todos** os sábados, Paulo discutia
2214 At 18, 17| 17 Então, **todos** agarraram Sóstenes, o chefe
2215 At 18, 23| da Frígia, fortalecendo **todos** os discípulos.~A comunidade
2216 At 19, 10| durou dois anos, de modo que **todos** os habitantes da Ásia, judeus
2217 At 19, 17| fato. O temor se apossou de **todos**. E a grandeza do nome de
2218 At 19, 34| perceberam que era judeu, **todos** se puseram a gritar numa
2219 At 20, 25| verão mais o meu rosto, **todos** vocês entre os quais passei
2220 At 20, 32| a vocês a herança entre **todos** os santificados.
2221 At 20, 36| ajoelhou-se e rezou com **todos** eles.
2222 At 20, 37| 37 Então **todos** começaram a chorar muito;
2223 At 21, 5| de ir embora, partimos. **Todos** quiseram acompanhar-nos,
2224 At 21, 18| conosco à casa de Tiago, onde **todos** os anciãos estavam reunidos.
2225 At 21, 20| judeus que abraçaram a fé, e **todos** são fiéis observantes da
2226 At 21, 21| que você anda ensinando a **todos** os judeus que vivem no meio
2227 At 21, 24| raspar a cabeça. Assim, **todos** saberão que os boatos a
2228 At 21, 28| homem que anda ensinando a **todos** e por toda a parte contra
2229 At 22, 3| cheio de zelo por Deus, como **todos** vocês o são agora.
2230 At 22, 5| como o sumo sacerdote e **todos** os anciãos podem testemunhar.
2231 At 22, 12| com boa reputação junto a **todos** os judeus que aí moravam.
2232 At 22, 15| que viu e ouviu, diante de **todos** os homens.
2233 At 24, 3| Reconhecemos e agradecemos **todos** esses benefícios realizados
2234 At 24, 15| que eles têm, ou seja: que **todos** vão ressuscitar, tanto os
2235 At 26, 4| 4 **Todos** os judeus sabem como foi
2236 At 26, 14| 14 **Todos** nós caímos por terra. Então
2237 At 26, 29| não somente o senhor, mas **todos** os que me escutam hoje,
2238 At 26, 30| o governador, Berenice e **todos** os que tomavam parte na
2239 At 27, 24| concede a você a vida de **todos** os seus companheiros de
2240 At 27, 33| amanhecesse, Paulo insistia que **todos** comessem. E dizia: «Já faz

2241 At 27, 35| graças a Deus diante de **todos**, o partiu e começou a comer.
2242 At 27, 44| qualquer pedaço do navio. Assim **todos** chegaram à terra, sãos e
2243 At 28, 2| bondade. Eles acolheram a **todos** nós ao redor de uma grande
2244 At 28, 30| próprio trabalho. Recebia a **todos** os que o procuravam,

Concordância 21- A palavra 'todas'

681 Mt 6, 33| dará a vocês, em acréscimo, **todas** essas coisas.
682 Mt 9, 35| 35 Jesus percorria **todas** as cidades e povoados, ensinando
683 Mt 12, 23| 23 E **todas** as multidões ficaram admiradas,
684 Mt 13, 32| Embora ela seja a menor de **todas** as sementes, quando cresce,
685 Mt 19, 20| Jesus: «Tenho observado **todas** essas coisas. O que é que
686 Mt 23, 5| 5 Fazem **todas** as suas ações só para serem
687 Mt 24, 9| Vocês serão odiados por **todas** as nações por causa do meu
688 Mt 24, 14| como um testemunho para **todas** as nações. Então chegará
689 Mt 24, 30| do Filho do Homem no céu; **todas** as tribos da terra baterão
690 Mt 24, 33| Vocês também, quando virem **todas** essas coisas, fiquem sabendo
691 Mt 25, 5| noivo estava demorando, e **todas** elas acabaram cochilando
692 Mt 25, 40| responderá: 'Eu garanto a vocês: **todas** as vezes que vocês fizeram
693 Mt 25, 45| esses: 'Eu garanto a vocês: **todas** as vezes que vocês não fizeram
694 Mt 26, 1| Quando Jesus acabou de dizer **todas** essas palavras, ele falou

695 Mc 4, 13| Como então vão compreender **todas** as outras parábolas?~
696 Mc 4, 31| mostarda, que é a menor de **todas** as sementes da terra.
697 Mc 4, 32| cresce e torna-se maior que **todas** as plantas; ela dá ramos
698 Mc 6, 33| que eram eles, saíram de **todas** as cidades, correram na
699 Mc 7, 23| 23 **Todas** essas coisas más saem de
700 Mc 7, 37| e diziam: «Jesus faz bem **todas** as coisas. Faz os surdos
701 Mc 8, 25| Ficou curado e enxergava **todas** as coisas com nitidez, mesmo
702 Mc 10, 20| desde jovem tenho observado **todas** essas coisas.»
703 Mc 13, 4| qual será o sinal de que **todas** essas coisas estarão para
704 Mc 13, 10| Notícia deve ser anunciada a **todas** as nações.

705 Lc 1, 48| de sua serva.~Doravante **todas** as gerações me felicitarão,~
706 Lc 2, 39| Quando acabaram de cumprir **todas** as coisas, conforme a Lei
707 Lc 2, 51| mãe conservava no coração **todas** essas coisas.
708 Lc 4, 13| 13 Tendo esgotado **todas** as formas de tentação, o
709 Lc 7, 1| Depois que terminou de falar **todas** essas palavras ao povo que
710 Lc 7, 18| João o puseram a par de **todas** essas coisas. Então João
711 Lc 8, 4| uma grande multidão, e de **todas** as cidades as pessoas iam
712 Lc 11, 42| hortelã, da arruda e de **todas** as outras ervas, mas deixam
713 Lc 18, 21| Desde jovem tenho observado **todas** essas coisas.»
714 Lc 21, 24| espada e levados presos para **todas** as nações. Jerusalém será
715 Lc 21, 29| parábola: «Olhem a figueira e **todas** as árvores.
716 Lc 23, 48| 48 E **todas** as multidões que estavam
717 Lc 24, 27| explicava para os discípulos **todas** as passagens da Escritura
718 Lc 24, 47| e o perdão dos pecados a **todas** as nações, começando por

719 Joa 4, 25| chegar, ele nos vai mostrar **todas** as coisas.»
720 Joa 10, 4| 4 Depois de fazer sair **todas** as suas ovelhas, ele caminha
721 Joa 10, 38| conhecerão, de uma vez por **todas**, que o Pai está presente
722 Joa 14, 26| nome, ele ensinará a vocês **todas** as coisas e fará vocês lembrarem
723 Joa 16, 30| Agora sabemos que tu sabes **todas** as coisas, e que é inútil

724 At 2, 5| moravam judeus devotos de **todas** as nações do mundo.
725 At 2, 17| derramarei o meu Espírito sobre **todas** as pessoas. Os filhos e
726 At 2, 44| unidos e colocavam em comum **todas** as coisas;
727 At 3, 21| tempo da restauração de **todas** as coisas, conforme disse
728 At 3, 25| descendência, serão abençoadas **todas** as famílias da terra.'
729 At 7, 10| 10 e o libertou de **todas** as aflições, e lhe concedeu
730 At 7, 50| Não foi minha mão que fez **todas** essas coisas?'~
731 At 8, 40| passando adiante, evangelizava **todas** as cidades, até chegar a
732 At 9, 39| seu encontro. Chorando, **todas** mostravam a Pedro as túnicas
733 At 9, 40| 40 Pedro mandou que **todas** saíssem; em seguida se pôs
734 At 13, 22| meu coração; ele cumprirá **todas** as minhas vontades'.

735 At 13, 39| acredita é justificado de **todas** as coisas de que vocês não
736 At 14, 16| passadas, Deus permitiu que **todas** as nações seguissem o próprio
737 At 15, 17| homens procure o Senhor com **todas** as nações que foram consagradas
738 At 15, 36| para fazer uma visita a **todas** as cidades onde anunciamos
739 At 16, 26| os alicerces da prisão. **Todas** as portas se abriram e as
740 At 22, 15| ser a sua testemunha de **todas** as coisas que viu e ouviu,
741 At 24, 8| poderá certificar-se de **todas** as coisas de que nós o estamos
742 At 26, 2| presença, defender-me de **todas** as coisas de que os judeus
743 At 26, 9| ser meu dever combater com **todas** as forças o nome de Jesus,
744 At 26, 11| 11 Em **todas** as sinagogas eu procurava

Concordância 22 – A palavra ‘toda’

662 Mt 2, 3| ficou alarmado, assim como **toda** a cidade de Jerusalém.
663 Mt 3, 5| moradores de Jerusalém, de **toda** a Judéia, e de todos os
664 Mt 3, 10| posto na raiz das árvores. E **toda** árvore que não der bom fruto,
665 Mt 3, 15| Porque devemos cumprir **toda** a justiça.» E João concordou.~
666 Mt 4, 4| pão vive o homem, mas de **toda** palavra que sai da boca
667 Mt 4, 23| 23 Jesus andava por **toda** a Galiléia, ensinando em
668 Mt 4, 24| de Jesus espalhou-se por **toda** a Síria. Levaram-lhe todos
669 Mt 6, 29| digo: nem o rei Salomão, em **toda** a sua glória, jamais se
670 Mt 7, 17| 17 Assim, **toda** árvore boa produz bons frutos,
671 Mt 7, 17| boa produz bons frutos, e **toda** árvore má produz maus frutos.
672 Mt 7, 19| 19 **Toda** árvore que não der bons
673 Mt 8, 32| para os porcos; e eis que **toda** a manada se atirou monte
674 Mt 8, 34| 34 Então **toda** a cidade saiu ao encontro
675 Mt 9, 26| notícia espalhou-se por **toda** aquela região.~Jesus faz
676 Mt 9, 31| espalharam a notícia por **toda** aquela região.~
677 Mt 12, 25| entre si, será arruinado. E **toda** cidade ou família dividida
678 Mt 14, 35| espalharam a notícia por **toda** a região. Então levaram
679 Mt 15, 13| 13 Jesus respondeu: «**Toda** planta que não foi plantada
680 Mt 18, 16| ou duas pessoas, para que **toda** a questão seja decidida
681 Mt 18, 32| miserável! Eu lhe perdoei **toda** a sua dívida, porque você
682 Mt 18, 34| torturadores, até que pagasse **toda** a sua dívida.
683 Mt 21, 10| Jesus entrou em Jerusalém, **toda** a cidade ficou agitada,
684 Mt 22, 37| todo o seu coração, com **toda** a sua alma, e com todo o
685 Mt 22, 40| 40 **Toda** a Lei e os Profetas dependem
686 Mt 26, 13| Eu garanto a vocês: por **toda** a parte, onde esta Boa Notícia
687 Mt 27, 27| do governador, e reuniram **toda** a tropa em volta de Jesus.
688 Mt 27, 45| tarde houve escuridão sobre **toda** a terra.
689 Mt 28, 18| se aproximou, e falou: «**Toda** a autoridade foi dada a

690 Mc 1, 5| 5 **Toda** a região da Judéia e todos
691 Mc 1, 28| Jesus logo se espalhou por **toda** parte, em toda a redondeza
692 Mc 1, 28| espalhou por toda parte, em **toda** a redondeza da Galiléia.~
693 Mc 1, 39| 39 E Jesus andava por **toda** a Galiléia, pregando nas
694 Mc 1, 45| em lugares desertos. E de **toda** parte as pessoas iam procurá-
695 Mc 2, 13| novo para a beira do mar. **Toda** a multidão ia ao seu encontro.
696 Mc 5, 33| aos pés de Jesus e contou **toda** a verdade.
697 Mc 6, 55| 55 Iam de **toda** a região, levando os doentes
698 Mc 12, 30| todo o seu coração, com **toda** a sua alma, com todo o seu
699 Mc 12, 30| o seu entendimento e com **toda** a sua força.
700 Mc 12, 33| lo de todo o coração, de **toda** a mente, e com toda a força,
701 Mc 12, 33| de toda a mente, e com **toda** a força, e amar o próximo
702 Mc 14, 9| Eu garanto a vocês: por **toda** a parte, onde a Boa Notícia
703 Mc 15, 16| governador, e convocaram **toda** a tropa.
704 Mc 15, 33| tarde, houve escuridão sobre **toda** a terra.
705 Mc 16, 15| anunciem a Boa Notícia para **toda** a humanidade.
706 Mc 16, 20| então saíram e pregaram por **toda** parte. O Senhor os ajudava

707 Lc 1, 10| 10 Na hora do incenso, **toda** a assembléia do povo estava
708 Lc 1, 65| notícia se espalhou por **toda** a região montanhosa da Judéia.
709 Lc 3, 3| 3 E João percorria **toda** a região do rio Jordão,
710 Lc 3, 5| Todo vale será aterrado, **toda** montanha e colina serão
711 Lc 3, 9| posto na raiz das árvores. E **toda** árvore que não der bom fruto,

712 Lc 4, 14| sua fama espalhou-se por **toda** a redondeza.
713 Lc 4, 25| e houve grande fome em **toda** a região.
714 Lc 6, 12| a fim de rezar. E passou **toda** a noite em oração a Deus.
715 Lc 6, 17| com muita gente do povo de **toda** a Judéia, de Jerusalém,
716 Lc 6, 19| 19 **Toda** a multidão procurava tocar
717 Lc 6, 44| 44 porque **toda** árvore é conhecida pelos
718 Lc 7, 17| pela Judéia inteira, e por **toda** a redondeza.~Jesus é o Messias
719 Lc 9, 13| vamos comprar comida para **toda** esse gente!»
720 Lc 10, 1| dois, na sua frente, para **toda** cidade e lugar aonde ele
721 Lc 10, 19| cobras e escorpiões e sobre **toda** a força do inimigo, e nada
722 Lc 10, 27| todo o seu coração, com **toda** a sua alma, com toda a sua
723 Lc 10, 27| com toda a sua alma, com **toda** a sua força e com toda a
724 Lc 10, 27| com toda a sua força e com **toda** a sua mente; e ao seu próximo
725 Lc 12, 27| mesmo o rei Salomão, em **toda** a sua glória, jamais se
726 Lc 13, 17| os inimigos de Jesus. E **toda** a multidão se alegrava com
727 Lc 18, 12| semana, e dou o dízimo de **toda** a minha renda'.
728 Lc 19, 37| do monte das Oliveiras, **toda** a multidão de discípulos
729 Lc 21, 35| aqueles que habitam a face de **toda** a terra.
730 Lc 23, 1| 1 Em seguida, **toda** a assembléia se levantou,
731 Lc 23, 5| na Galiléia, passou por **toda** a Judéia, e agora chegou
732 Lc 23, 18| 18 **Toda** a multidão começou a gritar: «
733 Lc 23, 23| continuaram a gritar com **toda** a força, pedindo que Jesus
734 Lc 23, 44| e uma escuridão cobriu **toda** a região até às três horas

735 Joa 4, 53| acreditou, juntamente com **toda** a sua família. ~
736 Joa 11, 48| e destruirão o Templo e **toda** a nação.»
737 Joa 13, 21| profundamente comovido e disse com **toda** a clareza: «Eu garanto que
738 Joa 16, 13| ele encaminhará vocês para **toda** a verdade, porque o Espírito
739 Joa 17, 13| mundo, para que eles possuam **toda** a minha alegria.
740 At 1, 8| testemunhas em Jerusalém, em **toda** a Judéia e Samaria, e até
741 At 5, 11| grande temor se espalhou por **toda** a Igreja e entre todos aqueles
742 At 5, 20| continuem a anunciar ao povo **toda** a mensagem da vida.»
743 At 6, 5| 5 A proposta agradou a **toda** a assembléia. Então escolheram
744 At 7, 10| administrador do Egito e de **toda** a sua casa.
745 At 7, 14| mandou chamar seu pai Jacó e **toda** a sua família, ao todo setenta
746 At 7, 22| Assim Moisés foi iniciado em **toda** a sabedoria dos egípcios
747 At 9, 31| a Igreja vivia em paz em **toda** a Judéia, Galiléia e Samaria.
748 At 9, 42| fato ficou conhecido em **toda** a cidade de Jope, e muitos
749 At 10, 37| sabem o que aconteceu em **toda** a Judéia, a começar pela
750 At 10, 38| poder. E Jesus andou por **toda** parte, fazendo o bem e curando
751 At 11, 14| salvação para você e para **toda** a sua família'.
752 At 12, 7| do Senhor, e a cela ficou **toda** iluminada. O anjo tocou
753 At 13, 6| 6 Atravessaram **toda** a ilha até Pafos e aí encontraram
754 At 13, 10| falsidade e malícia, inimigo de **toda** justiça, quando é que você
755 At 13, 44| No sábado seguinte, quase **toda** a cidade se reuniu para
756 At 13, 49| Senhor se espalhava por **toda** a região.
757 At 14, 13| sacrifício; com isso, concordava **toda** a multidão.
758 At 15, 12| Houve então um silêncio em **toda** a assembléia. Depois disso,
759 At 15, 22| os anciãos, de acordo com **toda** a comunidade de Jerusalém,
760 At 16, 15| sido batizada, assim como **toda** a sua família, ela nos convidou: «
761 At 16, 23| carcereiro que os guardasse com **toda** a segurança.
762 At 17, 11| acolheram a Palavra com **toda** disponibilidade. Cada dia
763 At 17, 26| De um só homem, ele fez **toda** a raça humana para habitar
764 At 17, 26| humana para habitar sobre **toda** a face da terra, tendo fixado
765 At 18, 8| acreditou no Senhor com **toda** a sua família; e muitos
766 At 19, 8| durante três meses, falava com **toda** convicção, discutindo e
767 At 19, 17| 17 E **toda** a população de Éfeso, judeus
768 At 19, 26| só em Éfeso, mas em quase **toda** a Ásia. Ele afirma que os
769 At 19, 27| de majestade aquela que **toda** a Ásia e o mundo inteiro
770 At 19, 29| se espalhou pela cidade **toda**. A multidão se dirigiu em
771 At 20, 19| 19 Servi ao Senhor com **toda** humildade, com lágrimas
772 At 21, 27| estava no Templo, amotinaram **toda** a multidão e o agarraram,
773 At 21, 28| ensinando a todos e por **toda** a parte contra o nosso povo,
774 At 21, 30| 30 A cidade **toda** ficou agitada e houve ajuntamento
775 At 24, 3| benefícios realizados sempre e em **toda** parte.
776 At 25, 24| homem por causa de quem **toda** a comunidade dos judeus
777 At 26, 20| Damasco, aos de Jerusalém e de **toda** a Judéia, e depois aos pagãos.
778 At 26, 26| quem estou me dirigindo com **toda** a coragem, certamente está
779 At 27, 20| fortemente. Por fim perdemos **toda** a esperança de salvação.~
780 At 28, 22| encontrando oposição em **toda** parte.»~
781 At 28, 31| pregando o Reino de Deus. Com **toda** a coragem e sem obstáculos,

Concordância 23 – A palavra ‘todo’

1172 Mt 2, 16| os meninos de Belém e de **todo** o território ao redor, de
1173 Mt 4, 23| Notícia do Reino, e curando **todo** tipo de doença e enfermidade
1174 Mt 5, 11| perseguidos, e se disserem **todo** tipo de calúnia contra vocês,
1175 Mt 5, 22| 22 Eu, porém, lhes digo: **todo** aquele que fica com raiva
1176 Mt 5, 28| 28 Eu, porém, lhes digo: **todo** aquele que olha para uma
1177 Mt 5, 29| membro, do que o seu corpo **todo** ser jogado no inferno.
1178 Mt 5, 30| membro do que o seu corpo **todo** ir para o inferno.~
1179 Mt 5, 32| 32 Eu, porém, lhes digo: **todo** aquele que se divorcia de
1180 Mt 7, 8| 8 Pois **todo** aquele que pede, recebe;
1181 Mt 7, 21| 21 «Nem **todo** aquele que me diz ‘Senhor,
1182 Mt 9, 35| Notícia do Reino, e curando **todo** tipo de doença e enfermidade.
1183 Mt 10, 32| 32 Portanto, **todo** aquele que der testemunho
1184 Mt 12, 25| pensando, Jesus disse: «**Todo** reino dividido em grupos
1185 Mt 12, 31| isso que eu digo a vocês: **todo** pecado e blasfêmia será
1186 Mt 12, 50| 50 pois **todo** aquele que faz a vontade
1187 Mt 13, 19| 19 **Todo** aquele que ouve a Palavra
1188 Mt 13, 47| mar. Ela apanha peixes de **todo** o tipo.
1189 Mt 13, 52| Jesus acrescentou: «E assim, **todo** doutor da Lei que se torna
1190 Mt 19, 29| 29 E **todo** aquele que tiver deixado
1191 Mt 22, 37| Ame ao Senhor seu Deus com **todo** o seu coração, com toda
1192 Mt 22, 37| com toda a sua alma, e com **todo** o seu entendimento.
1193 Mt 23, 35| Desse modo, virá sobre vocês **todo** o sangue justo derramado
1194 Mt 25, 29| 29 Porque, a **todo** aquele que tem, será dado
1195 Mt 26, 59| chefes dos sacerdotes e **todo** o Sinédrio procuravam algum
1196 Mt 26, 64| Homem sentado à direita do **Todo**-poderoso, e vindo sobre
1197 Mt 27, 25| 25 O povo **todo** respondeu: «Que o sangue

1198 Mc 12, 30| ame ao Senhor seu Deus com **todo** o seu coração, com toda
1199 Mc 12, 30| com toda a sua alma, com **todo** o seu entendimento e com
1200 Mc 12, 33| 33 E amá-lo de **todo** o coração, de toda a mente,
1201 Mc 14, 55| chefes dos sacerdotes e **todo** o Sinédrio procuravam contra
1202 Mc 14, 62| Homem sentado à direita do **Todo**-poderoso, e vindo sobre
1203 Mc 15, 1| anciãos, os doutores da Lei e **todo** o Sinédrio, prepararam um

1204 Lc 1, 49| 49 porque o **Todo**-poderoso realizou grandes
1205 Lc 2, 1| ordenando o recenseamento em **todo** o império.
1206 Lc 2, 10| uma grande alegria para **todo** o povo:
1207 Lc 2, 23| escrito na Lei do Senhor: «**Todo** primogênito de sexo masculino
1208 Lc 3, 5| 5 **Todo** vale será aterrado, toda
1209 Lc 3, 6| 6 E **todo** homem verá a salvação de
1210 Lc 3, 21| 21 **Todo** o povo foi batizado. Jesus,
1211 Lc 4, 6| lhe disse: «Eu te darei **todo** o poder e riqueza desses
1212 Lc 6, 40| maior do que o mestre; e **todo** discípulo bem formado será
1213 Lc 6, 47| vocês com quem se parece **todo** aquele que ouve as minhas
1214 Lc 7, 29| 29 **Todo** o povo, e até mesmo os cobradores
1215 Lc 8, 37| 37 E **todo** o povo da região dos gerasenos
1216 Lc 10, 27| o Senhor, seu Deus, com **todo** o seu coração, com toda
1217 Lc 10, 40| irmã me deixe sozinha com **todo** o serviço? Manda que ela
1218 Lc 11, 10| 10 Pois, **todo** aquele de que pede, recebe;
1219 Lc 11, 17| pensamento deles, Jesus disse: «**Todo** reino dividido em grupos
1220 Lc 11, 36| parte escura, ele ficará **todo** luminoso, como quando a
1221 Lc 12, 8| 8 Eu digo a vocês: **todo** aquele que der testemunho
1222 Lc 12, 10| 10 **Todo** aquele que disser alguma
1223 Lc 12, 18| maiores; e neles vou guardar **todo** o meu trigo, junto com os
1224 Lc 13, 24| 24 «Façam **todo** o esforço possível para
1225 Lc 16, 18| 18 **Todo** homem que se divorcia da
1226 Lc 18, 43| glorificando a Deus. Vendo isso, **todo** o povo louvou a Deus.~
1227 Lc 19, 26| respondeu: ‘Eu digo a vocês: a **todo** aquele que já possui, será
1228 Lc 19, 48| que fazer, porque o povo **todo** ficava fascinado, quando
1229 Lc 20, 6| dizemos que vinha dos homens, **todo** o povo nos apedrejará, porque
1230 Lc 20, 18| 18 **Todo** homem que cair sobre essa
1231 Lc 21, 36| Fiquem atentos, e rezem **todo** o tempo, a fim de terem
1232 Lc 21, 38| 38 De manhã cedo, **todo** o povo ia ao Templo para
1233 Lc 22, 69| sentado à direita do Deus **Todo**-poderoso.»
1234 Lc 24, 19| palavras, diante de Deus e de **todo** o povo.

1235 Joa 1, 9| verdadeira, aquela que ilumina **todo** homem, estava chegando ao
1236 Joa 3, 15| 15 Assim, **todo** aquele que nele acreditar,
1237 Joa 3, 16| seu Filho único, para que **todo** o que nele acredita não
1238 Joa 5, 22| ninguém. Ele deu ao Filho **todo** o poder de julgar,
1239 Joa 6, 40| vontade do meu Pai: que **todo** homem que vê o Filho e nele
1240 Joa 6, 45| serão instruídos por Deus'. **Todo** aquele que escuta o Pai
1241 Joa 8, 2| ele voltou ao Templo, e **todo** o povo ia ao seu encontro.
1242 Joa 11, 26| 26 E **todo** aquele que vive e acredita
1243 Joa 12, 19| vocês não conseguem nada. **Todo** mundo vai atrás de Jesus!»~
1244 Joa 12, 46| mundo como luz, para que **todo** aquele que acredita em mim
1245 Joa 13, 10| lavar os pés, porque está **todo** limpo. Vocês também estão
1246 Joa 15, 2| 2 **Todo** ramo que não dá fruto em
1247 Joa 18, 37| dar testemunho da verdade. **Todo** aquele que está com a verdade,
1248 Joa 19, 12| você não é amigo de César. **Todo** aquele que pretende ser

1249 At 1, 21| nos acompanharam durante **todo** o tempo em que o Senhor
1250 At 2, 21| 21 E **todo** aquele que invocar o nome
1251 At 2, 36| 36 Que **todo** o povo de Israel fique sabendo
1252 At 2, 47| Deus e eram estimados por **todo** o povo. E a cada dia o Senhor
1253 At 3, 9| 9 O povo **todo** viu o homem andando e louvando
1254 At 3, 11| deixava mais Pedro e João. E **todo** o povo assombrado, foi correndo
1255 At 4, 10| sabendo todos vocês, e também **todo** o povo de Israel: é pelo
1256 At 5, 4| você não podia ficar com **todo** o dinheiro? Então, por que
1257 At 5, 17| Então o sumo sacerdote, com **todo** o seu partido - isto é,
1258 At 5, 34| Gamaliel. Era doutor da Lei, e **todo** o povo o estimava. Gamaliel
1259 At 7, 11| Sobreveio então uma carestia em **todo** o Egito e em Canaã; a miséria
1260 At 7, 14| e toda a sua família, ao **todo** setenta e cinco pessoas.
1261 At 8, 19| de que receba o Espírito **todo** aquele sobre o qual eu impuser
1262 At 8, 37| possível, se você acredita de **todo** o coração.» O eunuco respondeu: «
1263 At 10, 12| 12 Dentro dela havia **todo** tipo de quadrúpedes, e também
1264 At 10, 22| temente a Deus, estimado por **todo** o povo judeu, recebeu de
1265 At 10, 41| 41 não para **todo** o povo, mas para as testemunhas
1266 At 10, 43| dão o seguinte testemunho: **todo** aquele que acredita em Jesus
1267 At 11, 23| animou a permanecerem de **todo** o coração ligados ao Senhor.
1268 At 13, 24| chegada de Jesus, pregando a **todo** o povo de Israel um batismo
1269 At 13, 39| 39 E, por meio dele, **todo** aquele que acredita é justificado
1270 At 17, 30| aos homens que todos e em **todo** lugar se arrependam,
1271 At 19, 7| 7 Eram, ao **todo**, doze homens.~
1272 At 20, 18| relação a vocês durante **todo** o tempo, desde o primeiro
1273 At 20, 27| deixei de lhes anunciar **todo** o projeto de Deus sobre
1274 At 20, 28| Cuidem de vocês mesmos e de **todo** o rebanho, pois o Espírito
1275 At 22, 30| chefes dos sacerdotes e **todo** o Sinédrio. Depois, fez
1276 At 26, 24| está ficando louco, Paulo. **Todo** esse seu saber o está levando
1277 At 27, 37| 37 No navio éramos ao **todo** duzentas e setenta e seis

Concordância 24- A palavra 'tudo'

1068 Mt 15, 17| Vocês não compreendem que **tudo** o que entra na boca passa
1069 Mt 17, 11| Elias vem para colocar **tudo** em ordem.
1070 Mt 17, 12| reconheceram. Fizeram com ele **tudo** o que quiseram. E o Filho
1071 Mt 18, 18| 18 Eu lhes garanto: **tudo** o que vocês ligarem na terra,
1072 Mt 18, 18| terra, será ligado no céu, e **tudo** o que vocês desligarem na
1073 Mt 18, 25| com a mulher e os filhos e **tudo** o que possuía, para que
1074 Mt 18, 26| um prazo. E eu te pagarei **tudo**'.
1075 Mt 18, 31| o patrão, e lhe contaram **tudo**.
1076 Mt 19, 21| ser perfeito, vá, venda **tudo** o que tem, dê o dinheiro
1077 Mt 19, 26| impossível, mas para Deus **tudo** é possível.»~
1078 Mt 19, 27| disse: Vê! Nós deixamos **tudo** e te seguimos. O que vamos
1079 Mt 21, 22| 22 E **tudo** o que vocês na oração pedirem
1080 Mt 22, 4| gordos já foram abatidos, e **tudo** está pronto. Que venham
1081 Mt 23, 3| vocês devem fazer e observar **tudo** o que eles dizem. Mas não
1082 Mt 23, 20| altar, jura por ele e por **tudo** o que está sobre ele.
1083 Mt 23, 36| 36 Eu garanto a vocês: **tudo** isso acontecerá a essa geração.»~
1084 Mt 24, 2| respondeu: «Vocês estão vendo **tudo** isso? Eu garanto a vocês:

1085 Mt 24, 2| ficará pedra sobre pedra; **tudo** será destruído.»~
1086 Mt 24, 8| 8 Mas **tudo** isso é o começo das dores.»~
1087 Mt 24, 34| 34 Eu garanto a vocês: **tudo** isso vai acontecer antes
1088 Mt 26, 56| 56 Porém, **tudo** isso aconteceu para se cumprir
1089 Mt 26, 58| para ver como terminaria **tudo** isso.~
1090 Mt 27, 54| ao notarem o terremoto e **tudo** o que havia acontecido,
1091 Mt 28, 11| aos chefes dos sacerdotes **tudo** o que havia acontecido.
1092 Mt 28, 20| ensinando-os a observar **tudo** o que ordenei a vocês. Eis

1093 Mc 3, 8| porque tinha ouvido falar de **tudo** o que ele fazia.
1094 Mc 3, 28| 28 Eu garanto a vocês: **tudo** será perdoado aos homens,
1095 Mc 4, 4| passarinhos foram e comeram **tudo**.
1096 Mc 4, 11| para os que estão fora **tudo** acontece em parábolas,
1097 Mc 4, 22| 22 Com efeito, **tudo** o que está escondido deverá
1098 Mc 4, 22| deverá tornar-se manifesto, e **tudo** o que está em segredo deverá
1099 Mc 4, 34| discípulos, ele explicava **tudo**.~Jesus é o Senhor da história -*
1100 Mc 4, 39| Acalme-se!» O vento parou e **tudo** ficou calmo.
1101 Mc 5, 19| seus, e anuncie para eles **tudo** o que o Senhor, em sua misericórdia,
1102 Mc 5, 20| começou a pregar pela Decápole **tudo** o que Jesus tinha feito
1103 Mc 5, 26| de muitos médicos, gastou **tudo** o que tinha e, em vez de
1104 Mc 6, 2| admirados e diziam: «De onde vem **tudo** isso? Onde foi que arranjou
1105 Mc 6, 30| reuniram com Jesus e contaram **tudo** o que haviam feito e ensinado.
1106 Mc 9, 12| Antes vem Elias para colocar **tudo** em ordem. Mas, como dizem
1107 Mc 9, 13| já veio e fizeram com ele **tudo** o que queriam, exatamente
1108 Mc 9, 23| Jesus disse: «Se podes!... **Tudo** é possível para quem tem
1109 Mc 10, 21| para você fazer: vá, venda **tudo**, dê o dinheiro aos pobres,
1110 Mc 10, 27| não para Deus. Para Deus **tudo** é possível.»~
1111 Mc 10, 28| Jesus: «Eis que nós deixamos **tudo** e te seguimos.»
1112 Mc 11, 11| Jerusalém, no Templo, e olhou **tudo** ao redor. Mas, como já era
1113 Mc 11, 24| isso que eu digo a vocês: **tudo** o que vocês pedirem na oração,
1114 Mc 11, 25| estiverem rezando, perdoem **tudo** o que tiverem contra alguém,
1115 Mc 12, 44| na sua pobreza depositou **tudo** o que tinha, tudo o que
1116 Mc 12, 44| depositou tudo o que tinha, **tudo** o que possuía para viver.»~
1117 Mc 13, 2| ficará pedra sobre pedra; **tudo** será destruído.»~
1118 Mc 13, 23| atenção! Eu estou falando **tudo** isso para vocês, antes que
1119 Mc 13, 30| 30 Eu garanto a vocês: **tudo** isso vai acontecer antes
1120 Mc 14, 15| com almofadas. Preparem aí **tudo** para nós.»
1121 Mc 14, 16| foram à cidade. Encontraram **tudo** como Jesus havia dito. E
1122 Mc 14, 36| Ele rezava: «Abba! Pai! **Tudo** é possível para ti! Afasta

1123 Lc 1, 3| fazer um estudo cuidadoso de **tudo** o que aconteceu desde o
1124 Lc 2, 20| glorificando e louvando a Deus por **tudo** o que haviam visto e ouvido,
1125 Lc 4, 6| riqueza desses reinos, porque **tudo** isso foi entregue a mim,
1126 Lc 4, 7| ajoelhares diante de mim, **tudo** isso será teu.»
1127 Lc 4, 23| também aqui, em tua terra, **tudo** o que ouvimos dizer que
1128 Lc 5, 11| para a margem, deixaram **tudo**, e seguiram a Jesus.~Jesus
1129 Lc 5, 28| 28 Levi deixou **tudo**, levantou-se, e seguiu a
1130 Lc 8, 5| passarinhos foram, e comeram **tudo**.
1131 Lc 8, 17| 17 De fato, **tudo** o que está escondido, deverá
1132 Lc 8, 17| deverá tornar-se manifesto; e **tudo** o que está em segredo, deverá
1133 Lc 8, 39| Volte para sua casa, e conte **tudo** o que Deus fez por você.»
1134 Lc 8, 39| proclamando pela cidade inteira **tudo** o que Jesus havia feito
1135 Lc 9, 7| governador Herodes ouviu falar de **tudo** o que estava acontecendo,
1136 Lc 9, 10| voltaram, e contaram a Jesus **tudo** o que haviam feito. Jesus
1137 Lc 9, 43| povo estava admirado com **tudo** o que Jesus fazia. Então
1138 Lc 10, 22| 22 Meu Pai entregou **tudo** a mim. Ninguém conhece quem
1139 Lc 10, 30| assaltantes, que lhe arrancaram **tudo**, e o espancaram. Depois
1140 Lc 11, 8| causa da amolação, e dar **tudo** aquilo que o amigo necessita.
1141 Lc 11, 41| esmola o que vocês possuem, e **tudo** ficará puro para vocês.
1142 Lc 12, 3| 3 Pelo contrário, **tudo** o que vocês tiverem feito
1143 Lc 12, 30| deste mundo que procuram **tudo** isso. O Pai bem sabe que
1144 Lc 13, 21| porções de farinha, até que **tudo** fique fermentado.»~A salvação
1145 Lc 14, 17| convidados: 'Venham, pois **tudo** está pronto'.
1146 Lc 14, 21| empregado voltou, e contou **tudo** ao patrão. Então o dono
1147 Lc 14, 33| vocês, se não renunciar a **tudo** o que tem, não pode ser
1148 Lc 15, 13| distante. E aí esbanjou **tudo** numa vida desenfreada.
1149 Lc 15, 14| 14 Quando tinha gasto **tudo** o que possuía, houve uma
1150 Lc 15, 31| você está sempre comigo, e **tudo** o que é meu é seu.
1151 Lc 16, 14| amigos do dinheiro, ouviam **tudo** isso, e caçoavam de Jesus.
1152 Lc 17, 10| quando tiverem cumprido **tudo** o que lhes mandarem fazer,
1153 Lc 18, 22| coisa para você fazer: venda **tudo** o que você possui, distribua

1154 Lc 18, 31| Jerusalém, e vai se cumprir **tudo** o que foi escrito pelos
1155 Lc 21, 4| na sua pobreza, depositou **tudo** o que possuía para viver.»~
1156 Lc 21, 6| ficará pedra sobre pedra. **Tudo** será destruído.»
1157 Lc 21, 22| vingança, para que se cumpra **tudo** o que dizem as Escrituras.
1158 Lc 21, 32| 32 Eu garanto a vocês: **tudo** isso vai acontecer, antes
1159 Lc 21, 36| terem força para escapar de **tudo** o que deve acontecer, e
1160 Lc 22, 8| dizendo: «Vão, e preparem **tudo** para comermos a Páscoa.»
1161 Lc 22, 12| com almofadas. Preparem **tudo** aí.»
1162 Lc 22, 13| discípulos foram, e encontraram **tudo** como Jesus havia dito. E
1163 Lc 24, 9| do túmulo, e anunciaram **tudo** isso aos Onze, bem como
1164 Lc 24, 14| Conversavam a respeito de **tudo** o que tinha acontecido.
1165 Lc 24, 21| de Israel, mas, apesar de **tudo** isso, já faz três dias que
1166 Lc 24, 21| isso, já faz três dias que **tudo** isso aconteceu!
1167 Lc 24, 24| ao túmulo, e encontraram **tudo** como as mulheres tinham
1168 Lc 24, 25| demoram para acreditar em **tudo** o que os profetas falaram!
1169 Lc 24, 26| Messias não devia sofrer **tudo** isso, para entrar na sua
1170 Lc 24, 44| é preciso que se cumpra **tudo** o que está escrito a meu

1171 Joa 1, 3| 3 **Tudo** foi feito por meio dela,~
1172 Joa 1, 3| feito por meio dela,~e, de **tudo** o que existe, nada foi feito
1173 Joa 3, 35| ama o Filho, e entregou **tudo** em sua mão.
1174 Joa 4, 29| ver um homem que me disse **tudo** o que eu fiz. Será que ele
1175 Joa 4, 39| tinha dado. «Ele me disse **tudo** o que eu fiz.»
1176 Joa 4, 45| bem, porque tinham visto **tudo** o que Jesus havia feito
1177 Joa 5, 20| ama o Filho, e lhe mostra **tudo** o que ele mesmo faz. E lhe
1178 Joa 10, 29| 29 O Pai, que **tudo** entregou a mim, é maior
1179 Joa 10, 41| realizou nenhum sinal, mas **tudo** o que ele disse a respeito
1180 Joa 11, 22| Mas ainda agora eu sei: **tudo** o que pedires a Deus, ele
1181 Joa 13, 3| que o Pai tinha colocado **tudo** em suas mãos. Sabia também
1182 Joa 14, 26| coisas e fará vocês lembrarem **tudo** o que eu lhes disse.»~A
1183 Joa 14, 31| Pai, e é por isso que faço **tudo** o que o Pai me mandou. Levantem-
1184 Joa 15, 15| porque eu comuniquei a vocês **tudo** o que ouvi de meu Pai.
1185 Joa 16, 1| 1 «Eu disse **tudo** isso para que vocês não
1186 Joa 16, 4| 4 Eu disse **tudo** isso para que, quando chegar
1187 Joa 16, 4| mundo -*- «Eu não lhes disse **tudo** isso desde o começo, porque
1188 Joa 16, 15| 15 **Tudo** o que pertence ao Pai, é
1189 Joa 17, 7| Agora eles conhecem que **tudo** o que me deste provém de
1190 Joa 17, 10| 10 E **tudo** o que é meu é teu, e tudo
1191 Joa 17, 10| tudo o que é meu é teu, e **tudo** o que é teu é meu, e assim
1192 Joa 18, 4| 4 Então Jesus, sabendo **tudo** o que lhe ia acontecer,
1193 Joa 19, 28| Depois disso, sabendo que **tudo** estava realizado, para que
1194 Joa 19, 30| tomou o vinagre e disse: «**Tudo** está realizado.» E, inclinando
1195 Joa 21, 17| Jesus: «Senhor, tu conheces **tudo**, e sabes que eu te amo.»

1196 At 1, 1| ó Teófilo, já tratei de **tudo** o que Jesus começou a fazer
1197 At 3, 22| profeta como eu. Escutem **tudo** o que ele disser a vocês.
1198 At 4, 23| junto dos irmãos e contaram **tudo** o que os chefes dos sacerdotes
1199 At 4, 24| o céu, a terra, o mar e **tudo** que existe neles.
1200 At 4, 28| 28 a fim de executarem **tudo** o que a tua mão e a tua
1201 At 4, 32| coisas que possuía, mas **tudo** era posto em comum entre
1202 At 8, 6| multidões seguiam com atenção **tudo** o que Filipe dizia, e todos
1203 At 10, 8| 8 Explicou-lhes **tudo** e os mandou a Jope.~
1204 At 10, 39| nós somos testemunhas de **tudo** o que Jesus fez na terra
1205 At 12, 9| fazendo, pois achava que **tudo** isso era uma visão.
1206 At 12, 11| do poder de Herodes e de **tudo** o que o povo judeu queria
1207 At 13, 29| 29 Depois de fazerem **tudo** o que a Escritura diz a
1208 At 14, 15| o céu, a terra, o mar e **tudo** o que neles existe.
1209 At 14, 27| a comunidade e contaram **tudo** o que Deus havia feito por
1210 At 17, 11| as Escrituras para ver se **tudo** era mesmo assim.
1211 At 17, 22| Senhores de Atenas, em **tudo** eu vejo que vocês são extremamente
1212 At 17, 24| O Deus que fez o mundo e **tudo** o que nele existe. Sendo
1213 At 17, 25| todos vida, respiração e **tudo** o mais.
1214 At 20, 35| 35 Em **tudo** mostrei a vocês que é trabalhando
1215 At 22, 10| Damasco. Aí vão explicar **tudo** o que Deus quer que você
1216 At 24, 14| chamam de seita. Acredito em **tudo** o que está conforme a Lei
1217 At 24, 14| está conforme a Lei e em **tudo** o que se encontra escrito
1218 At 28, 10| partida, levaram para o navio **tudo** o que precisávamos. ~Chegada

Concordância 25 - A palavra ‘multidão’

70	Mt	9, 8	8 Vendo isso, a **multidão** ficou com medo e louvou
71	Mt	9, 23	tocadores de flauta e uma **multidão** fazendo barulho. Então disse:
72	Mt	9, 25	25 Quando a **multidão** foi afastada, Jesus entrou,
73	Mt	13, 2	e sentou-se, enquanto a **multidão** ficava de pé na praia.
74	Mt	13, 24	contou outra parábola à **multidão**: «O Reino do Céu é como
75	Mt	14, 5	João, mas tinha medo da **multidão**, porque esta considerava
76	Mt	14, 14	barca, Jesus viu grande **multidão**. Teve compaixão deles, e
77	Mt	15, 10	seguida, Jesus chamou a **multidão** para perto dele, e disse: «
78	Mt	15, 32	Tenho compaixão dessa **multidão**, porque já faz três dias
79	Mt	15, 33	matar a fome de tão grande **multidão**?»
80	Mt	15, 35	35 Jesus mandou que a **multidão** se sentasse no chão.
81	Mt	17, 14	Eles foram em direção à **multidão**. Um homem aproximou-se de
82	Mt	20, 29	saindo de Jericó, uma grande **multidão** seguiu Jesus.
83	Mt	20, 31	31 A **multidão** os repreendeu, e mandou
84	Mt	21, 8	8 Uma grande **multidão** estendeu seus mantos pelo
85	Mt	21, 26	dos homens, temos medo da **multidão**, pois todos consideram João
86	Mt	26, 47	dos Doze, com uma grande **multidão** armada de espadas e paus.
87	Mt	27, 15	soltar o prisioneiro que a **multidão** quisesse.
88	Mt	27, 17	Então Pilatos perguntou à **multidão** reunida: «Quem vocês querem
89	Mt	27, 24	lavou as mãos diante da **multidão**, e disse: «Eu não sou responsável
90	Mc	2, 4	até Jesus, por causa da **multidão**. Então fizeram um buraco
91	Mc	2, 13	para a beira do mar. Toda a **multidão** ia ao seu encontro. E Jesus
92	Mc	3, 9	ficar espremido no meio da **multidão**.
93	Mc	3, 32	32 Havia uma **multidão** sentada ao redor de Jesus.
94	Mc	4, 1	do mar da Galiléia. Uma **multidão** se reuniu em volta dele.
95	Mc	4, 1	estava no mar, enquanto a **multidão** estava junto ao mar, na
96	Mc	4, 34	34 Para a **multidão** Jesus só falava com parábolas,
97	Mc	4, 36	os discípulos deixaram a **multidão** e o levaram na barca, onde
98	Mc	5, 21	lado do mar. Uma numerosa **multidão** se reuniu junto dele, e
99	Mc	5, 24	acompanhou Jairo. E numerosa **multidão** o seguia e o apertava de
100	Mc	5, 27	Então ela foi no meio da **multidão**, aproximou-se de Jesus por
101	Mc	5, 30	Então virou-se no meio da **multidão** e perguntou: «Quem foi que
102	Mc	5, 31	disseram: «Estás vendo a **multidão** que te aperta e ainda perguntas: ‘
103	Mc	6, 34	barca, Jesus viu uma grande **multidão** e teve compaixão, porque
104	Mc	6, 45	enquanto ele despedia a **multidão**.
105	Mc	6, 46	depois de se despedir da **multidão** subiu ao monte para rezar.~
106	Mc	7, 14	Jesus chamou de novo a **multidão** para perto dele e disse: «
107	Mc	7, 17	entrou em casa, longe da **multidão**, os discípulos lhe perguntaram
108	Mc	7, 33	com o homem para longe da **multidão**; em seguida pôs os dedos
109	Mc	8, 1	havia de novo uma grande **multidão** e não tinham o que comer.
110	Mc	8, 2	2 «Tenho compaixão dessa **multidão**, porque já faz três dias
111	Mc	8, 6	6 Jesus mandou que a **multidão** se sentasse no chão. Depois
112	Mc	8, 34	34 Então Jesus chamou a **multidão** e os discípulos. E disse: «
113	Mc	9, 14	rodeados por uma grande **multidão**. Alguns doutores da Lei
114	Mc	9, 15	15 Logo que a **multidão** viu Jesus, ficou surpresa
115	Mc	9, 17	17 Alguém da **multidão** respondeu: «Mestre, eu trouxe
116	Mc	9, 25	25 Jesus viu que a **multidão** corria para junto dele.
117	Mc	10, 46	discípulos e uma grande **multidão**. Na beira do caminho havia
118	Mc	11, 18	medo de Jesus, porque a **multidão** estava maravilhada com o
119	Mc	11, 32	Mas eles tinham medo da **multidão**, porque todos consideravam
120	Mc	12, 12	Mas ficaram com medo da **multidão** e, por isso, deixaram Jesus
121	Mc	12, 37	seu filho?» E uma grande **multidão** o escutava com gosto.~Jesus
122	Mc	12, 41	Tesouro do Templo e olhava a **multidão** que depositava moedas no
123	Mc	14, 43	Judas, um dos Doze, com uma **multidão** armada de espadas e paus.
124	Mc	15, 8	8 A **multidão** subiu, e começou a pedir
125	Mc	15, 11	dos sacerdotes atiçaram a **multidão** para que Pilatos soltasse
126	Mc	15, 15	Pilatos queria agradar à **multidão**. Soltou Barrabás, mandou
127	Lc	2, 13	juntou-se ao anjo uma grande **multidão** de anjos. Cantavam louvores
128	Lc	5, 1	margem do lago de Genesaré. A **multidão** se apertava ao seu redor
129	Lc	5, 19	19 Mas, por causa da **multidão**, não conseguiam introduzi-
130	Lc	5, 29	Jesus. Estava aí numerosa **multidão** de cobradores de impostos
131	Lc	6, 17	plano. Estava aí numerosa **multidão** de seus discípulos com muita
132	Lc	6, 19	19 Toda a **multidão** procurava tocar em Jesus,
133	Lc	7, 9	admirado. Voltou-se para a **multidão** que o seguia, e disse: «

134 Lc 7, 11| discípulos e uma grande **multidão**.
135 Lc 7, 12| sua mãe era viúva. Grande **multidão** da cidade ia com ela.
136 Lc 8, 4| 4 Ajuntou-se uma grande **multidão**, e de todas as cidades as
137 Lc 8, 19| perto dele por causa da **multidão**.
138 Lc 8, 40| Jesus foi recebido pela **multidão**, pois todos o esperavam.
139 Lc 9, 12| e disseram: «Despede a **multidão**. Assim eles podem ir aos
140 Lc 9, 16| que distribuíssem para a **multidão**.
141 Lc 9, 37| da montanha, uma grande **multidão** foi ao encontro deles.
142 Lc 9, 38| homem gritou do meio da **multidão**: «Mestre, eu te peço, vem
143 Lc 11, 27| levantou a voz no meio da **multidão**, e lhe disse: «Feliz o ventre
144 Lc 12, 13| 13 Do meio da **multidão**, alguém disse a Jesus: «
145 Lc 13, 14| palavra, começou a dizer à **multidão**: «Há seis dias para trabalhar.
146 Lc 13, 17| inimigos de Jesus. E toda a **multidão** se alegrava com as maravilhas
147 Lc 18, 36| 36 Ouvindo a **multidão** passar, ele perguntou o
148 Lc 19, 3| conseguia, por causa da **multidão**, pois ele era muito baixo.
149 Lc 19, 37| monte das Oliveiras, toda a **multidão** de discípulos começaram,
150 Lc 19, 39| 39 No meio da **multidão**, alguns fariseus disseram
151 Lc 20, 19| Mas ficaram com medo da **multidão**.~O povo pertence a Deus --
152 Lc 22, 47| ainda falava, chegou uma **multidão**. Na frente vinha o chamado
153 Lc 23, 4| chefes dos sacerdotes e à **multidão**: «Não encontro nesse homem
154 Lc 23, 18| 18 Toda a **multidão** começou a gritar: «Mate
155 Lc 23, 20| Jesus, e falou outra vez à **multidão**.
156 Lc 23, 27| 27 Uma grande **multidão** do povo o seguia. E mulheres

157 Joa 6, 2| 2 Uma grande **multidão** seguia Jesus porque as pessoas
158 Joa 6, 5| os olhos e viu uma grande **multidão** que vinha ao seu encontro. ~
159 Joa 6, 22| 22 No dia seguinte, a **multidão**, que tinha ficado do outro
160 Joa 6, 24| 24 Quando a **multidão** viu que nem Jesus nem os
161 Joa 7, 20| 20 A **multidão** respondeu: «Estás louco!
162 Joa 7, 32| fariseus escutaram o que a **multidão** estava cochichando sobre
163 Joa 7, 40| alguns diziam no meio da **multidão**: «De fato, este homem é
164 Joa 12, 12| No dia seguinte, a grande **multidão** que tinha ido para a festa
165 Joa 12, 18| 18 A **multidão** ia ao encontro de Jesus,
166 Joa 12, 29| 29 A **multidão** que aí estava ouviu a voz,
167 Joa 12, 34| 34 A **multidão** disse a Jesus: «A Lei nos

168 At 4, 32| 32 A **multidão** dos fiéis era um só coração
169 At 5, 14| 14 Uma **multidão** cada vez maior de homens
170 At 5, 16| 16 A **multidão** vinha até das cidades vizinhas
171 At 11, 24| de fé. E uma considerável **multidão** se uniu ao Senhor. ~
172 At 13, 45| Quando os judeus viram aquela **multidão**, ficaram cheios de inveja
173 At 14, 1| tal modo que uma grande **multidão** de judeus e gregos abraçou
174 At 14, 11| Paulo acabara de fazer, a **multidão** exclamou em dialeto licaônico: «
175 At 14, 13| isso, concordava toda a **multidão**.
176 At 14, 14| vestes e foram para o meio da **multidão**, gritando:
177 At 14, 18| custo conseguiram que a **multidão** desistisse de lhes oferecer
178 At 16, 22| 22 A **multidão** se amotinou contra Paulo
179 At 17, 8| 8 Ouvindo isso, a **multidão** e as autoridades ficaram
180 At 19, 9| mal do Caminho diante da **multidão**, Paulo rompeu com eles,
181 At 19, 29| espalhou pela cidade toda. A **multidão** se dirigiu em massa ao teatro,
182 At 19, 33| 33 E no meio da **multidão**, algumas pessoas convenceram
183 At 19, 35| secretário conseguiu acalmar a **multidão**, e disse: «Cidadãos de Éfeso,
184 At 21, 27| Templo, amotinaram toda a **multidão** e o agarraram,
185 At 21, 34| 34 Na **multidão**, uns gritavam uma coisa
186 At 21, 35| por causa da violência da **multidão**.
187 At 24, 12| ou provocando desordem na **multidão**.

Concordância 26 - A palavra ‘multidões’

11 Mt 4, 25| 25 Numerosas **multidões** da Galiléia, da Decápole,
12 Mt 5, 1| 1 Jesus viu as **multidões**, subiu à montanha e sentou-
13 Mt 7, 28| dizer essas palavras, as **multidões** ficaram admiradas com o
14 Mt 8, 1| desceu da montanha, grandes **multidões** começaram a segui-lo.
15 Mt 8, 18| 18 Vendo grandes **multidões** ao seu redor, Jesus mandou

16 Mt 9, 33| expulso, o mudo falou, e as **multidões** ficaram admiradas, e diziam: «
17 Mt 9, 36| 36 Vendo as **multidões**, Jesus teve compaixão, porque
18 Mt 11, 7| Jesus começou a falar às **multidões** a respeito de João: «O que
19 Mt 12, 15| embora desse lugar. Numerosas **multidões** o seguiram, e ele curou
20 Mt 12, 23| 23 E todas as **multidões** ficaram admiradas, e perguntavam: «
21 Mt 12, 46| ainda estava falando às **multidões**. Sua mãe e seus irmãos ficaram
22 Mt 13, 2| 2 Numerosas **multidões** se reuniram em volta dele.
23 Mt 13, 34| Jesus falava em parábolas às **multidões**. Nada lhes falava sem usar
24 Mt 13, 36| 36 Então Jesus deixou as **multidões**, e foi para casa. Os discípulos
25 Mt 14, 13| afastado. Mas, quando as **multidões** ficaram sabendo disso, saíram
26 Mt 14, 15| vai adiantada. Despede as **multidões**, para que possam ir aos
27 Mt 14, 19| 19 Jesus mandou que as **multidões** se sentassem na grama. Depois
28 Mt 14, 19| discípulos distribuíram às **multidões**.
29 Mt 14, 22| enquanto ele despedia as **multidões**.
30 Mt 14, 23| Logo depois de despedir as **multidões**, Jesus subiu sozinho ao
31 Mt 15, 30| 30 Numerosas **multidões** se aproximaram de Jesus,
32 Mt 15, 31| 31 As **multidões** ficaram admiradas, vendo
33 Mt 15, 36| e os discípulos para as **multidões**.
34 Mt 15, 39| 39 Tendo despedido as **multidões**, Jesus subiu na barca, e
35 Mt 19, 2| 2 Numerosas **multidões** o seguiram, e Jesus aí as
36 Mt 21, 9| 9 As **multidões**, que iam na frente e atrás
37 Mt 21, 11| 11 E as **multidões** respondiam: «É o profeta
38 Mt 21, 46| mas ficaram com medo das **multidões**, pois elas consideravam
39 Mt 22, 33| 33 Ouvindo isso, as **multidões** ficaram impressionadas com
40 Mt 23, 1| 1 Jesus falou às **multidões** e aos seus discípulos:
41 Mt 26, 55| nessa hora, Jesus disse às **multidões**: «Vocês saíram com espadas
42 Mt 27, 20| os anciãos convenceram as **multidões** para que pedissem Barrabás,

43 Mc 10, 1| outro lado do rio Jordão. As **multidões** se reuniram de novo em torno

44 Lc 3, 7| 7 João Batista dizia às **multidões** que iam para ser batizadas
45 Lc 3, 10| 10 As **multidões** perguntavam a João: «O que
46 Lc 4, 42| para um lugar deserto. As **multidões** o procuravam, e, indo até
47 Lc 5, 3| e, da barca, ensinava as **multidões**.
48 Lc 5, 15| cada vez mais, e numerosas **multidões** se reuniam para ouvi-lo
49 Lc 7, 24| começou a falar sobre João às **multidões**: «O que vocês foram ver
50 Lc 8, 42| Enquanto Jesus caminhava, as **multidões** o apertavam.~
51 Lc 8, 45| Pedro disse: «Mestre, as **multidões** te cercam e te apertam!»
52 Lc 9, 11| 11 No entanto, as **multidões** souberam disso, e o seguiram.
53 Lc 9, 18| perguntou: «Quem dizem as **multidões** que eu sou?»
54 Lc 11, 14| mudo começou a falar, e as **multidões** ficaram admiradas.
55 Lc 11, 29| 29 Quando as **multidões** se reuniram, Jesus começou
56 Lc 12, 54| 54 Jesus também dizia às **multidões**: «Quando vocês vêem uma
57 Lc 14, 25| 25 Grandes **multidões** acompanhavam Jesus. Voltando-
58 Lc 23, 48| 48 E todas as **multidões** que estavam aí, e que tinham

59 At 8, 6| 6 As **multidões** seguiam com atenção tudo
60 At 14, 19| judeus que convenceram as **multidões**. Então, apedrejaram Paulo

Concordância 27- A palavra ‘muitos’

217 Mt 3, 7| 7 Quando viu **muitos** fariseus e saduceus vindo
218 Mt 7, 13| levam para a perdição, e são **muitos** os que entram por ela!
219 Mt 7, 22| 22 Naquele dia **muitos** me dirão: ‘Senhor, Senhor,
220 Mt 8, 11| 11 Eu digo a vocês: **muitos** virão do Oriente e do Ocidente,
221 Mt 9, 10| mesa em casa de Mateus, **muitos** cobradores de impostos e
222 Mt 10, 31| Vocês valem mais do que **muitos** pardais.
223 Mt 13, 17| 17 Eu garanto a vocês: **muitos** profetas e justos desejaram
224 Mt 13, 58| 58 E Jesus não fez **muitos** milagres aí, por causa da
225 Mt 15, 30| aleijados, cegos, mudos, e **muitos** outros doentes. Então os
226 Mt 19, 30| 30 **Muitos** que agora são os primeiros,
227 Mt 19, 30| primeiros, serão os últimos; e **muitos** que agora são os últimos,
228 Mt 20, 28| como resgate em favor de **muitos**.» ~Fé e seguimento -~
229 Mt 22, 14| 14 Porque **muitos** são chamados, e poucos são
230 Mt 24, 5| 5 Porque **muitos** virão em meu nome, dizendo: ‘
231 Mt 24, 10| 10 **Muitos** ficarão escandalizados,

232 Mt 24, 11| 11 Vão surgir **muitos** falsos profetas, que enganarão
233 Mt 24, 12| espalhará tanto, que o amor de **muitos** se resfriará.
234 Mt 26, 28| é derramado em favor de **muitos**, para remissão dos pecados.
235 Mt 27, 52| Os túmulos se abriram e **muitos** santos falecidos ressuscitaram.

236 Mc 1, 34| tipos de doença e expulsou **muitos** demônios. Os demônios sabiam
237 Mc 2, 15| discípulos; com efeito, eram **muitos** os que o seguiam.
238 Mc 5, 9| é 'Legião', porque somos **muitos**.»
239 Mc 5, 26| tinha padecido na mão de **muitos** médicos, gastou tudo o que
240 Mc 6, 2| começou a ensinar na sinagoga. **Muitos** que o escutavam ficavam
241 Mc 6, 13| 13 Expulsavam **muitos** demônios e curavam muitos
242 Mc 6, 13| muitos demônios e curavam **muitos** doentes, ungindo-os com
243 Mc 7, 4| antes de comer. E seguem **muitos** outros costumes que receberam
244 Mc 8, 3| desmaiar pelo caminho, porque **muitos** deles vieram de longe.»
245 Mc 10, 31| 31 **Muitos** que agora são os primeiros
246 Mc 10, 31| primeiros serão os últimos, e **muitos** que agora são os últimos
247 Mc 10, 45| como resgate em favor de **muitos**.»~O verdadeiro discípulo -*
248 Mc 10, 48| 48 **Muitos** o repreenderam e mandaram
249 Mc 12, 5| Trataram da mesma maneira **muitos** outros, batendo em uns e
250 Mc 12, 41| depositava moedas no Tesouro. **Muitos** ricos depositavam muito
251 Mc 13, 6| 6 **Muitos** virão em meu nome, dizendo: '
252 Mc 14, 24| é derramado em favor de **muitos**.
253 Mc 14, 56| 56 porque **muitos** testemunhavam falsamente

254 Lc 1, 16| 16 Ele reconduzirá **muitos** do povo de Israel ao Senhor
255 Lc 2, 34| causa de queda e elevação de **muitos** em Israel. Ele será um sinal
256 Lc 2, 35| revelados os pensamentos de **muitos** corações.»~
257 Lc 3, 18| a Boa Notícia ao povo de **muitos** outros modos.
258 Lc 4, 27| 27 Havia também **muitos** leprosos em Israel no tempo
259 Lc 7, 21| e espíritos maus, e fez **muitos** cegos recuperar a vista.
260 Lc 7, 47| razão, eu declaro a você: os **muitos** pecados que ela cometeu
261 Lc 8, 30| Meu nome é Legião.» Pois **muitos** demônios tinham entrado
262 Lc 10, 24| Pois eu digo a vocês que **muitos** profetas quiseram ver o
263 Lc 10, 40| Marta estava ocupada com **muitos** afazeres. Aproximou-se e
264 Lc 11, 53| mal, e a provocá-lo sobre **muitos** pontos.
265 Lc 12, 7| Vocês valem mais do que **muitos** pardais.
266 Lc 12, 19| estoque, uma reserva para **muitos** anos; descanse, coma e beba,
267 Lc 13, 24| estreita, porque eu lhes digo: **muitos** tentarão entrar, e não conseguirão.
268 Lc 21, 8| sejam enganados, porque **muitos** virão em meu nome, dizendo: '
269 Lc 22, 65| 65 E o insultavam de **muitos** outros modos.~Quem é Jesus? -*

270 Joa 2, 23| os sinais que ele fazia, **muitos** acreditaram no seu nome.
271 Joa 4, 39| 39 **Muitos** samaritanos dessa cidade
272 Joa 5, 3| 3 **Muitos** doentes ficavam aí deitados:
273 Joa 6, 60| que ouviram essas coisas, **muitos** discípulos de Jesus disseram: «
274 Joa 6, 66| A partir desse momento, **muitos** discípulos voltaram atrás,
275 Joa 8, 30| Jesus falava essas coisas, **muitos** acreditaram nele.~A verdade
276 Joa 10, 20| 20 **Muitos** diziam: «Ele tem um demônio!
277 Joa 10, 41| 41 **Muitos** foram ao seu encontro. E
278 Joa 10, 42| 42 E aí **muitos** acreditaram em Jesus.~
279 Joa 11, 19| 19 **Muitos** judeus tinham ido à casa
280 Joa 11, 45| 45 Então **muitos** judeus, que tinham ido à
281 Joa 11, 47| Esse homem está realizando **muitos** sinais.
282 Joa 12, 9| 9 **Muitos** judeus ficavam sabendo que
283 Joa 12, 11| porque, por causa dele, **muitos** judeus deixavam seus chefes
284 Joa 15, 8| manifesta quando vocês dão **muitos** frutos e se tornam meus
285 Joa 19, 20| 20 **Muitos** judeus puderam ver o letreiro,
286 Joa 20, 30| realizou diante dos discípulos **muitos** outros sinais que não estão

287 At 4, 4| 4 Todavia, **muitos** daqueles que tinham ouvido
288 At 5, 12| 12 **Muitos** sinais e prodígios eram
289 At 8, 7| espíritos maus saíam de **muitos** endemoninhados. Numerosos
290 At 8, 25| levando a Boa Notícia a **muitos** povoados da Samaria.~A iniciação
291 At 9, 42| toda a cidade de Jope, e **muitos** acreditaram no Senhor.
292 At 12, 12| também chamado Marcos, onde **muitos** se haviam reunido para rezar.
293 At 13, 31| 31 e durante **muitos** dias ele apareceu àqueles
294 At 13, 43| que terminou a reunião, **muitos** judeus e outras pessoas
295 At 15, 35| em Antioquia. E junto com **muitos** outros ensinavam e anunciavam
296 At 16, 18| 18 Isso aconteceu durante **muitos** dias. Por fim, não suportando
297 At 17, 12| 12 **Muitos** deles abraçaram a fé e também
298 At 17, 12| de condição elevada como **muitos** homens.~

299 At 18, 8| com toda a sua família; e **muitos** coríntios, que escutavam
300 At 19, 18| 18 **Muitos** fiéis acorriam para acusar-
301 At 24, 10| começou: «Eu sei que há **muitos** anos Vossa Excelência é
302 At 24, 17| 17 Depois de **muitos** anos, vim trazer esmolas
303 At 26, 10| fiz em Jerusalém: prendi **muitos** cristãos com autorização
304 At 28, 10| 10 Demonstraram, então, **muitos** sinais de estima e, quando

Concordância 28 - A palavra 'muitas'

100 Mt 6, 7| vocês rezarem, não usem **muitas** palavras, como fazem os
101 Mt 8, 16| À tarde, levaram a Jesus **muitas** pessoas que estavam possuídas
102 Mt 17, 15| tem ataques tão fortes que **muitas** vezes cai no fogo ou na
103 Mt 19, 29| causa do meu nome, receberá **muitas** vezes mais, e terá como
104 Mt 26, 60| embora se apresentassem **muitas** falsas testemunhas. Por
105 Mt 27, 53| Santa, e foram vistos por **muitas** pessoas.~

106 Mc 1, 34| 34 Jesus curou **muitas** pessoas de vários tipos
107 Mc 3, 10| efeito, Jesus tinha curado **muitas** pessoas, e todos os que
108 Mc 4, 2| 2 Jesus ensinava-lhes **muitas** coisas com parábolas. No
109 Mc 4, 33| anunciava a Palavra usando **muitas** outras parábolas como essa,
110 Mc 5, 4| 4 **Muitas** vezes tinha sido amarrado
111 Mc 6, 33| 33 **Muitas** pessoas, porém, os viram
112 Mc 6, 34| Então começou a ensinar **muitas** coisas para eles.
113 Mc 7, 13| transmitem. E vocês fazem **muitas** outras coisas como essas.»~
114 Mc 9, 22| 22 E **muitas** vezes já o jogou no fogo
115 Mc 11, 8| 8 E **muitas** pessoas estenderam seus
116 Mc 15, 3| chefes dos sacerdotes faziam **muitas** acusações contra Jesus.
117 Mc 15, 41| ele estava na Galiléia. **Muitas** outras mulheres estavam

118 Lc 1, 1| 1* **Muitas** pessoas já tentaram escrever
119 Lc 3, 19| irmão, e porque tinha feito **muitas** outras maldades.
120 Lc 4, 25| eu lhes digo que havia **muitas** viúvas em Israel, no tempo
121 Lc 4, 41| 41 De **muitas** pessoas também saíam demônios,
122 Lc 7, 21| mesma hora, Jesus curou **muitas** pessoas de suas doenças,
123 Lc 8, 29| mau saísse dele. De fato, **muitas** vezes o espírito tinha tomado
124 Lc 10, 41| preocupa e anda agitada com **muitas** coisas;
125 Lc 12, 15| mesmo que alguém tenha **muitas** coisas, a sua vida não depende
126 Lc 12, 47| vontade dele, será chicoteado **muitas** vezes.
127 Lc 14, 16| grande banquete, e convidou **muitas** pessoas.
128 Lc 23, 9| Herodes o interrogou com **muitas** perguntas. Jesus, porém,

129 Joa 4, 41| 41 **Muitas** outras pessoas acreditaram
130 Joa 7, 31| 31 **Muitas** pessoas do povo acreditaram
131 Joa 10, 32| do meu Pai, tenho feito **muitas** coisas boas na presença
132 Joa 14, 2| 2 Existem **muitas** moradas na casa de meu Pai.
133 Joa 16, 12| 12 «Ainda tenho **muitas** coisas para dizer, mas agora
134 Joa 18, 2| Jesus já tinha se reunido aí **muitas** vezes com seus discípulos.
135 Joa 21, 25| 25 Jesus fez ainda **muitas** outras coisas. Se fossem

136 At 2, 40| 40 Com **muitas** outras palavras, Pedro lhes
137 At 9, 36| dizer Gazela. Ela praticava **muitas** obras boas e dava grandes
138 At 10, 2| dos tementes a Deus; dava **muitas** esmolas ao povo e orava
139 At 10, 27| entrou em casa. Encontrou **muitas** pessoas reunidas e disse:
140 At 14, 22| que é preciso passar por **muitas** tribulações para entrar
141 At 20, 8| 8 Havia **muitas** lâmpadas na sala superior,
142 At 25, 7| o rodearam, apresentando **muitas** e graves acusações, que

Concordância 29 – A palavra ‘compaixão’

99 Mt 9, 36| as multidões, Jesus teve **compaixão**, porque estavam cansadas
100 Mt 14, 14| viu grande multidão. Teve **compaixão** deles, e curou os que estavam
101 Mt 15, 32| discípulos, e disse: «Tenho **compaixão** dessa multidão, porque já
102 Mt 18, 27| Diante disso, o patrão teve **compaixão**, soltou o empregado, e lhe
103 Mt 18, 33| você, não devia também ter **compaixão** do seu companheiro, como
104 Mt 20, 34| 34 Cheio de **compaixão**, Jesus tocou os olhos deles,
105 Mc 6, 34| uma grande multidão e teve **compaixão**, porque eles estavam como
106 Mc 8, 2| 2 «Tenho **compaixão** dessa multidão, porque já
107 Lc 7, 13| Ao vê-la, o Senhor teve **compaixão** dela, e lhe disse: «Não
108 Lc 10, 33| perto dele, viu, e teve **compaixão**.
109 Lc 15, 20| o pai o avistou, e teve **compaixão**. Saiu correndo, o abraçou,
110 Lc 17, 13| 13 «Jesus, Mestre, tem **compaixão** de nós!»

Concordância 30 - A palavra ‘povo’

1717 Mt 1, 21| pois ele vai salvar o seu **povo** dos seus pecados.»~
1718 Mt 2, 6| vai apascentar Israel, meu **povo**.’ «~
1719 Mt 4, 16| 16 O **povo** que vivia nas trevas viu
1720 Mt 4, 23| doença e enfermidade do **povo**.
1721 Mt 13, 15| 15 Porque o coração desse **povo** se tornou insensível. Eles
1722 Mt 15, 8| 8 ‘Esse **povo** me honra com os lábios,
1723 Mt 15, 24| para as ovelhas perdidas do **povo** de Israel.»
1724 Mt 21, 23| sacerdotes e os anciãos do **povo** se aproximaram, e perguntaram: «
1725 Mt 21, 31| sacerdotes e os anciãos do **povo** responderam: «O filho mais
1726 Mt 21, 41| sacerdotes e os anciãos do **povo** responderam: «É claro que
1727 Mt 22, 1| sacerdotes e aos anciãos do **povo**.
1728 Mt 26, 3| sacerdotes e os anciãos do **povo** se reuniram no palácio de
1729 Mt 26, 5| haja confusão no meio do **povo**.»~
1730 Mt 26, 47| sacerdotes e dos anciãos do **povo**.
1731 Mt 27, 1| sacerdotes e os anciãos do **povo** convocaram um conselho contra
1732 Mt 27, 25| 25 O **povo** todo respondeu: «Que o sangue
1733 Mt 27, 64| roubar o corpo, e digam ao **povo**: ‘Ele ressuscitou dos mortos!’

1734 Mc 6, 11| recebidos num lugar e o **povo** não escutar vocês, quando
1735 Mc 6, 36| 36 Despede o **povo**, para que possa ir aos campos
1736 Mc 7, 6| como está escrito: ‘Este **povo** me honra com os lábios,
1737 Mc 11, 17| 17 E ensinava o **povo**, dizendo: «Não está nas
1738 Mc 14, 2| haja confusão no meio do **povo**.»~
1739 Mc 14, 43| da Lei e dos anciãos do **povo**.

1740 Lc 1, 10| incenso, toda a assembléia do **povo** estava rezando no lado de
1741 Lc 1, 16| Ele reconduzirá muitos do **povo** de Israel ao Senhor seu
1742 Lc 1, 17| preparando para o Senhor um **povo** bem disposto.»
1743 Lc 1, 21| 21 O **povo** ficou esperando Zacarias,
1744 Lc 1, 68| visitou e redimiu o seu **povo**.~
1745 Lc 1, 77| 77 anunciando ao seu **povo** a salvação, o perdão dos
1746 Lc 2, 10| grande alegria para todo o **povo**:
1747 Lc 2, 32| as nações e glória do teu **povo**, Israel.»~
1748 Lc 3, 15| 15 O **povo** estava esperando o Messias.
1749 Lc 3, 18| anunciava a Boa Notícia ao **povo** de muitos outros modos.
1750 Lc 3, 21| 21 Todo o **povo** foi batizado. Jesus, depois
1751 Lc 6, 17| discípulos com muita gente do **povo** de toda a Judéia, de Jerusalém,
1752 Lc 7, 1| todas essas palavras ao **povo** que o escutava, Jesus entrou
1753 Lc 7, 5| porque ele estima o nosso **povo**, e até construiu uma sinagoga
1754 Lc 7, 16| Deus veio visitar o seu **povo**.»
1755 Lc 7, 29| 29 Todo o **povo**, e até mesmo os cobradores
1756 Lc 8, 37| 37 E todo o **povo** da região dos gerasenos
1757 Lc 9, 14| aos discípulos: «Mandem o **povo** sentar-se em grupos de cinqüenta.»
1758 Lc 9, 43| com a grandeza de Deus.~O **povo** estava admirado com tudo

1759 Lc 10, 9| nela houver. E digam ao **povo**: 'O Reino de Deus está próximo
1760 Lc 18, 43| Deus. Vendo isso, todo o **povo** louvou a Deus.~
1761 Lc 19, 47| da Lei e os notáveis do **povo** procuravam jeito de matá-
1762 Lc 19, 48| sabiam o que fazer, porque o **povo** todo ficava fascinado, quando
1763 Lc 20, 1| estava no Templo, ensinando o **povo** e anunciando a Boa Notícia.
1764 Lc 20, 6| vinha dos homens, todo o **povo** nos apedrejará, porque está
1765 Lc 20, 9| Jesus começou a contar ao **povo** esta parábola: «Um homem
1766 Lc 20, 26| nenhuma palavra diante do **povo**. Admirados com a resposta
1767 Lc 21, 23| terra e uma ira contra esse **povo**.
1768 Lc 21, 38| 38 De manhã cedo, todo o **povo** ia ao Templo para ouvi-lo.~
1769 Lc 22, 2| Jesus, pois tinham medo do **povo**.~
1770 Lc 22, 6| entregar Jesus, sem que o **povo** ficasse sabendo. ~A lembrança
1771 Lc 22, 66| amanhecer, os anciãos do **povo**, os chefes dos sacerdotes
1772 Lc 23, 2| subversão entre o nosso **povo**, proibindo pagar tributo
1773 Lc 23, 5| provocando revolta entre o **povo**, com seu ensinamento. Começou
1774 Lc 23, 13| sacerdotes, os chefes e o **povo**, e lhes disse:
1775 Lc 23, 14| se fosse um agitador do **povo**. Pois bem! Eu já o interroguei
1776 Lc 23, 27| 27 Uma grande multidão do **povo** o seguia. E mulheres batiam
1777 Lc 23, 35| 35 O **povo** permanecia aí, olhando.
1778 Lc 24, 19| diante de Deus e de todo o **povo**.

1779 Joa 6, 10| Jesus disse: «Falem para o **povo** sentar.» Havia muita grama
1780 Joa 7, 12| É um homem que engana o **povo**.»
1781 Joa 7, 31| 31 Muitas pessoas do **povo** acreditaram nele e diziam: «
1782 Joa 7, 43| houve uma divisão no meio do **povo** por causa de Jesus.
1783 Joa 8, 2| voltou ao Templo, e todo o **povo** ia ao seu encontro. Então
1784 Joa 11, 50| um só homem morrer pelo **povo**, do que a nação inteira
1785 Joa 18, 14| que um homem morra pelo **povo**.»~Pedro nega ser discípulo -*
1786 Joa 18, 35| acaso eu sou judeu? O teu **povo** e os chefes dos sacerdotes

1787 At 2, 36| 36 Que todo o **povo** de Israel fique sabendo
1788 At 2, 47| eram estimados por todo o **povo**. E a cada dia o Senhor acrescentava
1789 At 3, 9| 9 O **povo** todo viu o homem andando
1790 At 3, 11| mais Pedro e João. E todo o **povo** assombrado, foi correndo
1791 At 3, 12| isso, Pedro se dirigiu ao **povo**: «Israelitas, por que vocês
1792 At 3, 23| será eliminado do meio do **povo**.'
1793 At 4, 1| ainda estavam falando ao **povo**, quando chegaram os sacerdotes,
1794 At 4, 2| os apóstolos ensinavam o **povo** e anunciavam que a ressurreição
1795 At 4, 8| falou para eles: «Chefes do **povo** e anciãos!
1796 At 4, 10| todos vocês, e também todo o **povo** de Israel: é pelo nome de
1797 At 4, 17| espalhe ainda mais entre o **povo**, vamos ameaçá-los, para
1798 At 4, 21| castigá-los, por causa do **povo**. Pois todos glorificavam
1799 At 5, 12| eram realizados entre o **povo** pelas mãos dos apóstolos.
1800 At 5, 13| juntar-se a eles, mas o **povo** os elogiava muito.
1801 At 5, 20| continuem a anunciar ao **povo** toda a mensagem da vida.»
1802 At 5, 21| das pessoas importantes do **povo** de Israel. Então mandaram
1803 At 5, 25| estão no Templo ensinando o **povo**!»
1804 At 5, 26| porque eles tinham medo que o **povo** os atacasse com pedras.~
1805 At 5, 31| e Salvador, para dar ao **povo** a oportunidade de se arrepender
1806 At 5, 34| doutor da Lei, e todo o **povo** o estimava. Gamaliel mandou
1807 At 5, 37| galileu, que arrastou o **povo** atrás de si. Contudo, também
1808 At 6, 8| prodígios e sinais entre o **povo**.
1809 At 6, 12| Desse modo, incitaram o **povo** e os anciãos. Os doutores
1810 At 7, 17| tinha feito a Abraão, o **povo** cresceu e se multiplicou
1811 At 7, 34| 34 Eu vi a miséria do meu **povo** no Egito. Ouvi o gemido
1812 At 8, 9| magia. Ele impressionava o **povo** da Samaria, fazendo-se passar
1813 At 9, 15| aos pagãos, aos reis e ao **povo** de Israel.
1814 At 10, 2| dava muitas esmolas ao **povo** e orava sempre a Deus.~
1815 At 10, 22| Deus, estimado por todo o **povo** judeu, recebeu de um anjo
1816 At 10, 41| 41 não para todo o **povo**, mas para as testemunhas
1817 At 10, 42| Jesus nos mandou pregar ao **povo** e testemunhar que Deus o
1818 At 12, 4| intenção de apresentar Pedro ao **povo** logo depois da festa da
1819 At 12, 11| Herodes e de tudo o que o **povo** judeu queria me fazer.» ~
1820 At 12, 22| 22 O **povo** começou a clamar: «É a voz
1821 At 13, 15| de encorajamento para o **povo**, podem falar.»
1822 At 13, 17| 17 O Deus deste **povo**, o Deus de Israel, escolheu
1823 At 13, 17| antepassados e multiplicou o **povo** durante seu exílio na terra
1824 At 13, 24| Jesus, pregando a todo o **povo** de Israel um batismo de
1825 At 13, 31| testemunhas de Jesus diante do **povo**.
1826 At 15, 14| nações pagãs para formar um **povo** dedicado ao seu Nome.
1827 At 17, 5| presença da assembléia do **povo**.

1828 At 17, 13| para agitar e confundir o **povo**.
1829 At 18, 10| mal. Nesta cidade há um **povo** numeroso que me pertence.»
1830 At 18, 13| dizendo: «Este homem induz o **povo** a adorar a Deus de modo
1831 At 19, 4| arrependimento e pedia que o **povo** acreditasse naquele que
1832 At 21, 28| toda a parte contra o nosso **povo**, contra a Lei e contra este
1833 At 21, 30| agitada e houve ajuntamento do **povo**. Apoderaram-se de Paulo
1834 At 21, 36| 36 Com efeito, o **povo** em massa o seguia, gritando: «
1835 At 21, 39| que me deixe falar com o **povo**.»
1836 At 21, 40| fez sinal com a mão ao **povo**. Houve grande silêncio,
1837 At 23, 5| amaldiçoe o chefe do seu **povo**'.» ~
1838 At 24, 2| reformas feitas em favor deste **povo**.
1839 At 24, 17| trazer esmolas para o meu **povo** e também apresentar ofertas.
1840 At 26, 4| juventude, no meio do meu **povo** e em Jerusalém, desde o
1841 At 26, 17| 17 Eu vou livrá-lo deste **povo** e dos pagãos, aos quais
1842 At 26, 23| devia anunciar a luz ao **povo** e aos pagãos.»~Ocasião de
1843 At 28, 17| fiz nada contra o nosso **povo**, nem contra as tradições
1844 At 28, 26| 26 'Vá ter com esse **povo** e diga-lhe: vocês vão escutar
1845 At 28, 27| 27 O coração desse **povo** está embotado; ouviram mal

Concordância 31 – A palavra 'povos'

-
254 Mt 25, 32| 32 Todos os **povos** da terra serão reunidos
255 Mt 28, 19| e façam com que todos os **povos** se tornem meus discípulos,
256 Mc 11, 17| de oração para todos os **povos**'? No entanto, vocês fizeram
257 Lc 2, 31| preparaste diante de todos os **povos**: ~
258 At 4, 25| amotinam as nações, e os **povos** planejam em vão?
259 At 4, 27| uniram com os pagãos e os **povos** de Israel contra Jesus,

Concordância 32 - A palavra 'gente'

192 Mt 6, 30| mais ele fará por vocês, **gente** de pouca fé!~
193 Mt 17, 17| 17 Jesus respondeu: «**Gente** sem fé e pervertida! Até
194 Mt 24, 5| Messias'. E enganarão muita **gente**.
195 Mt 24, 11| profetas, que enganarão muita **gente**.

196 Mc 2, 2| 2 E tanta **gente** se reuniu aí que já não
197 Mc 3, 7| com seus discípulos. Muita **gente** da Galiléia o seguia.
198 Mc 3, 8| 8 E também muita **gente** da Judéia, de Jerusalém,
199 Mc 3, 20| de novo se reuniu tanta **gente** que eles não podiam comer
200 Mc 6, 31| 31 Havia aí tanta **gente** que chegava e saía, a tal
201 Mc 8, 4| alguém poderia saciar essa **gente** de pão, aqui no deserto?»
202 Mc 9, 19| 19 Jesus disse: «Ó **gente** sem fé! Até quando deverei
203 Mc 13, 6| Sou eu'. E enganarão muita **gente**.

204 Lc 1, 14| alegre e feliz, e muita **gente** se alegrará com o nascimento
205 Lc 6, 17| seus discípulos com muita **gente** do povo de toda a Judéia,
206 Lc 9, 13| comprar comida para toda esse **gente**!»
207 Lc 11, 40| 40 **Gente** sem juízo! Aquele que fez
208 Lc 12, 28| mais ele fará por vocês, **gente** de pouca fé!
209 Lc 13, 29| 29 Muita **gente** virá do oriente e do ocidente,
210 Lc 16, 8| mais espertos, com a sua **gente**, do que aqueles que pertencem
211 Lc 21, 8| chegou'. Não sigam essa **gente**.

212 Joa 6, 9| o que é isso para tanta **gente**?»~
213 Joa 11, 55| estava próxima, e muita **gente** do campo foi a Jerusalém

214 At 2, 9| partos, medos e elamitas; **gente** da Mesopotâmia, da Judéia
215 At 2, 40| dizendo: «Salvem-se dessa **gente** corrompida.»

216 At 9, 13| Senhor, já ouvi muita **gente** falar desse homem e do mal
217 At 11, 26| igreja, e instruíram muita **gente**. Foi em Antioquia que, os
218 At 19, 26| está desencaminhando muita **gente**, não só em Éfeso, mas em
219 At 28, 23| um dia e foram com mais **gente** para se encontrar com ele

Concordância 33 – A palavra 'fariseu'

1 Mt 23, 26| 26 **Fariseu** cego! Limpe primeiro o copo

2 Lc 7, 36| 36 Certo **fariseu** convidou Jesus para uma
3 Lc 7, 36| Jesus entrou na casa do **fariseu**, e se pôs à mesa.
4 Lc 7, 37| estava à mesa na casa do **fariseu**, levou um frasco de alabastro
5 Lc 7, 39| 39 Vendo isso, o **fariseu** que havia convidado Jesus
6 Lc 7, 40| 40 Jesus disse então ao **fariseu**: «Simão, tenho uma coisa
7 Lc 11, 37| Enquanto Jesus falava, um **fariseu** o convidou para jantar em
8 Lc 11, 39| 39 O Senhor disse ao **fariseu**: «Vocês, fariseus, limpam
9 Lc 14, 12| 12 Jesus disse também ao **fariseu** que o tinha convidado: «
10 Lc 18, 10| Templo para rezar; um era **fariseu**, o outro era cobrador de
11 Lc 18, 11| 11 O **fariseu**, de pé, rezava assim no

12 Joa 7, 48| só dos nossos chefes ou **fariseu** que acreditasse nele?

13 At 5, 34| então, no Sinédrio, um **fariseu** chamado Gamaliel. Era doutor
14 At 23, 6| Sinédrio: «Irmãos, eu sou **fariseu** e filho de fariseus. É por
15 At 26, 5| testemunhar que vivi como **fariseu**, conforme a seita mais rígida

Concordância 34 – A palavra 'fariseus'

1 Mt 3, 7| 7 Quando viu muitos **fariseus** e saduceus vindo para o
2 Mt 5, 20| dos doutores da Lei e dos **fariseus**, vocês não entrarão no Reino
3 Mt 9, 11| 11 Alguns **fariseus** viram isso, e perguntaram
4 Mt 9, 14| e perguntaram: «Nós e os **fariseus** fazemos jejum. Por que os
5 Mt 9, 34| 34 Mas os **fariseus** diziam: «É pelo príncipe
6 Mt 12, 2| 2 Vendo isso, os **fariseus** disseram: «Eis que os teus
7 Mt 12, 3| 3 Jesus perguntou aos **fariseus**: «Vocês nunca leram o que
8 Mt 12, 10| poderem acusar Jesus, os **fariseus** perguntaram: «É permitido
9 Mt 12, 14| 14 Logo depois, os **fariseus** saíram e fizeram um plano
10 Mt 12, 24| 24 Os **fariseus** ouviram isso, e disseram: «
11 Mt 12, 38| alguns doutores da Lei e **fariseus** disseram a Jesus: «Mestre,
12 Mt 15, 1| 1 Alguns **fariseus** e diversos doutores da Lei,
13 Mt 15, 12| disseram a Jesus: «Sabes que os **fariseus** ficaram escandalizados com
14 Mt 16, 1| 1 Os **fariseus** e saduceus se aproximaram
15 Mt 16, 6| cuidado com o fermento dos **fariseus** e dos saduceus.»
16 Mt 16, 11| cuidado com o fermento dos **fariseus** e saduceus.»
17 Mt 16, 12| mas com o ensinamento dos **fariseus** e saduceus.~Jesus é o Messias –*
18 Mt 19, 3| 3 Alguns **fariseus** se aproximaram de Jesus,
19 Mt 19, 7| 7 Os **fariseus** perguntaram: «Então, como
20 Mt 21, 45| chefes dos sacerdotes e os **fariseus** ouviram as parábolas de
21 Mt 22, 15| 15 Então os **fariseus** se retiraram, e fizeram
22 Mt 22, 34| 34 Os **fariseus** ouviram dizer que Jesus
23 Mt 22, 41| 41 Os **fariseus** estavam reunidos, e Jesus
24 Mt 22, 42| Ele é filho de quem?» Os **fariseus** responderam: «De Davi.»
25 Mt 23, 2| Os doutores da Lei e os **fariseus** têm autoridade para interpretar
26 Mt 23, 13| vocês, doutores da Lei e **fariseus** hipócritas! Vocês fecham
27 Mt 23, 14| vocês, doutores da Lei e **fariseus** hipócritas! Vocês exploram
28 Mt 23, 15| vocês, doutores da Lei e **fariseus** hipócritas! Vocês percorrem
29 Mt 23, 23| vocês, doutores da Lei e **fariseus** hipócritas! Vocês pagam
30 Mt 23, 25| vocês, doutores da Lei e **fariseus** hipócritas! Vocês limpam
31 Mt 23, 27| vocês, doutores da Lei e **fariseus** hipócritas! Vocês são como

32 Mt 23, 29| vocês, doutores da Lei e **fariseus** hipócritas! Vocês constroem
33 Mt 27, 62| chefes dos sacerdotes e os **fariseus** foram ter com Pilatos,

34 Mc 2, 16| doutores da Lei, que eram **fariseus**, viram que Jesus estava
35 Mc 2, 18| discípulos de João Batista e os **fariseus** estavam fazendo jejum. Então
36 Mc 2, 18| João e os discípulos dos **fariseus** fazem jejum e os teus discípulos
37 Mc 2, 24| 24 Então os **fariseus** perguntaram a Jesus: «Vê:
38 Mc 2, 25| 25 Jesus perguntou aos **fariseus**: «Vocês nunca leram o que
39 Mc 3, 6| 6 Logo depois, os **fariseus** saíram da sinagoga e, junto
40 Mc 7, 1| 1 Os **fariseus** e alguns doutores da Lei
41 Mc 7, 3| 3 Os **fariseus**, assim como todos os judeus,
42 Mc 7, 5| 5 Os **fariseus** e os doutores da Lei perguntaram
43 Mc 8, 11| 11 Foram então os **fariseus** e começaram a discutir com
44 Mc 8, 15| cuidado com o fermento dos **fariseus** e com o fermento de Herodes.»
45 Mc 10, 2| 2 Alguns **fariseus** se aproximaram de Jesus.
46 Mc 10, 4| 4 Os **fariseus** responderam: «Moisés permitiu
47 Mc 12, 13| autoridades mandaram alguns **fariseus** e alguns partidários de

48 Lc 5, 17| ensinando. Estavam aí, sentados, **fariseus** e doutores da Lei, vindos
49 Lc 5, 21| Os doutores da Lei e os **fariseus** começaram a pensar: «Quem
50 Lc 5, 30| 30 Os **fariseus** e seus doutores da Lei murmuravam,
51 Lc 5, 33| também os discípulos dos **fariseus**, jejuam com freqüência e
52 Lc 6, 2| 2 Então alguns **fariseus** disseram: «Por que vocês
53 Lc 6, 7| 7 Os doutores e os **fariseus** espiavam, para ver se Jesus
54 Lc 7, 30| 30 Mas os **fariseus** e os doutores da Lei, rejeitando
55 Lc 11, 39| disse ao fariseu: «Vocês, **fariseus**, limpam o copo e o prato
56 Lc 11, 42| 42 Mas, ai de vocês, **fariseus**, porque vocês pagam o dízimo
57 Lc 11, 43| 43 Ai de vocês, **fariseus**, porque gostam do lugar
58 Lc 11, 53| os doutores da Lei e os **fariseus** começaram a tratá-lo mal,
59 Lc 12, 1| cuidado com o fermento dos **fariseus**, que é a hipocrisia.
60 Lc 13, 31| 31 Nesse momento, alguns **fariseus** se aproximaram, e disseram
61 Lc 14, 1| casa de um dos chefes dos **fariseus**, que o observavam.
62 Lc 14, 3| especialistas em leis e aos **fariseus**: «A Lei permite ou não permite
63 Lc 15, 2| 2 Mas os **fariseus** e os doutores da Lei criticavam
64 Lc 16, 14| 14 Os **fariseus**, que são amigos do dinheiro,
65 Lc 17, 20| 20 Os **fariseus** perguntaram a Jesus sobre
66 Lc 19, 39| meio da multidão, alguns **fariseus** disseram a Jesus: «Mestre,

67 Joa 1, 24| enviados eram da parte dos **fariseus**.
68 Joa 3, 1| 1 Entre os **fariseus** havia um homem chamado Nicodemos.
69 Joa 4, 1| 1 Os **fariseus** ficaram sabendo que Jesus
70 Joa 7, 32| 32 Os **fariseus** escutaram o que a multidão
71 Joa 7, 32| chefes dos sacerdotes e **fariseus** mandaram guardas para prenderem
72 Joa 7, 45| chefes dos sacerdotes e **fariseus**. E estes perguntaram: «Por
73 Joa 7, 47| 47 Então os **fariseus** perguntaram: «Será que ele
74 Joa 7, 50| 50 Mas Nicodemos, um dos **fariseus**, aquele que tinha ido encontrar-
75 Joa 8, 3| os doutores da Lei e os **fariseus** trazendo uma mulher, que
76 Joa 8, 7| Os doutores da Lei e os **fariseus** continuaram insistindo na
77 Joa 8, 13| 13 Então os **fariseus** disseram: «O teu testemunho
78 Joa 9, 13| 13 Então levaram aos **fariseus** aquele que tinha sido cego.
79 Joa 9, 15| 15 Então os **fariseus** lhe perguntaram como é que
80 Joa 9, 16| 16 Então os **fariseus** disseram: «Esse homem não
81 Joa 9, 40| 40 Alguns **fariseus** que estavam perto dele ouviram
82 Joa 11, 46| porém, foram ao encontro dos **fariseus** e contaram o que Jesus tinha
83 Joa 11, 47| chefes dos sacerdotes e os **fariseus** reuniram o Conselho. E disseram: «
84 Joa 11, 57| chefes dos sacerdotes e os **fariseus** tinham baixado uma ordem:
85 Joa 12, 19| 19 Então os **fariseus** disseram uns aos outros: «
86 Joa 12, 42| Jesus. Mas, por causa dos **fariseus**, não se atreviam a confessar
87 Joa 18, 3| chefes dos sacerdotes e **fariseus** e chegou ao jardim com lanternas,

88 At 15, 5| pertencido ao partido dos **fariseus** e que haviam abraçado a
89 At 23, 6| saduceus e a outra parte eram **fariseus**, Paulo exclamou no Sinédrio: «
90 At 23, 6| eu sou fariseu e filho de **fariseus**. É por nossa esperança,
91 At 23, 7| armou-se um conflito entre **fariseus** e saduceus, e a assembléia
92 At 23, 8| nem espírito, enquanto os **fariseus** sustentam uma coisa e outra.
93 At 23, 9| doutores da Lei, do partido dos **fariseus**, começaram a protestar,

Concordância 35 - A palavra ‘saduceus’

```
 1   Mt    3,  7| Quando viu muitos fariseus e saduceus vindo para o batismo, João
 2   Mt   16,  1|              1 Os fariseus e saduceus se aproximaram de Jesus
 3   Mt   16,  6|  fermento dos fariseus e dos saduceus.»
 4   Mt   16, 11|      fermento dos fariseus e saduceus.»
 5   Mt   16, 12|   ensinamento dos fariseus e saduceus.~Jesus é o Messias -*
 6   Mt   22, 23|                        23 Os saduceus afirmam que não existe ressurreição.
 7   Mt   22, 34|     que Jesus tinha feito os saduceus se calarem. Então eles se

 8   Mc   12, 18|                        18 Os saduceus afirmam que não existe ressurreição.

 9   Lc   20, 27|                        27 Os saduceus afirmam que não existe ressurreição.

10   At    4,  1|     da guarda do Templo e os saduceus.
11   At    5, 17|        isto é, o partido dos saduceus, - ficaram cheios de raiva,
12   At   23,  6|     parte dos presentes eram saduceus e a outra parte eram fariseus,
13   At   23,  7|    conflito entre fariseus e saduceus, e a assembléia se dividiu.
14   At   23,  8|               8 De fato, os saduceus dizem que não há ressurreição,
```

Concordância 36 - A palavra ‘cidade’

```
973   Mt    2,  1|           1 Tendo nascido Jesus na cidade de Belém, na Judéia, no
 974   Mt    2,  3|         alarmado, assim como toda a cidade de Jerusalém.
 975   Mt    2, 23|                 23 e foi morar numa cidade chamada Nazaré. Isso aconteceu
 976   Mt    4,  5|            Então o diabo o levou à Cidade Santa, colocou-o na parte
 977   Mt    5, 14|           pode ficar escondida uma cidade construída sobre um monte.
 978   Mt    5, 35|          por Jerusalém, porque é a cidade do grande Rei.
 979   Mt    8, 33|           saíram correndo, foram à cidade e contaram tudo, inclusive
 980   Mt    8, 34|                    34 Então toda a cidade saiu ao encontro de Jesus.
 981   Mt    9,  1|         outra margem e chegou à sua cidade.
 982   Mt   10, 11|                     11 Em qualquer cidade ou povoado onde vocês entrarem,
 983   Mt   10, 14|              sair dessa casa e dessa cidade, sacudam a poeira dos pés.
 984   Mt   10, 15|              menos rigor do que essa cidade.»~Testemunho e perseguição -*
 985   Mt   10, 23|       Quando perseguirem vocês numa cidade, fujam para outra. Eu garanto
 986   Mt   12, 25|             será arruinado. E toda cidade ou família dividida em grupos
 987   Mt   12, 41|           julgamento, os homens da cidade de Nínive ficarão de pé
 988   Mt   21, 10|         entrou em Jerusalém, toda a cidade ficou agitada, e perguntavam: «
 989   Mt   21, 17|            então os deixou, saiu da cidade e foi para Betânia, onde
 990   Mt   21, 18|           seguinte, voltando para a cidade, Jesus ficou com fome.
 991   Mt   22,  7|       assassinos, e puseram fogo na cidade deles.~
 992   Mt   23, 34|          vocês, e os perseguirão de cidade em cidade.
 993   Mt   23, 34|            perseguirão de cidade em cidade.
 994   Mt   26, 18|             Jesus respondeu: «Vão à cidade, procurem certo homem, e
 995   Mt   27, 32|             homem chamado Simão, da cidade de Cirene, e o obrigaram
 996   Mt   27, 53|             de Jesus, apareceram na Cidade Santa, e foram vistos por
 997   Mt   28, 11|           guardas do túmulo foram à cidade, e comunicaram aos chefes

 998   Mc    1, 21|                           21 Foram à cidade de Cafarnaum e, no sábado,
 999   Mc    1, 33|                              33 A cidade inteira se reuniu na frente
1000   Mc    1, 45|           entrar publicamente numa cidade: ele ficava fora, em lugares
1001   Mc    2,  1|             Jesus entrou de novo na cidade de Cafarnaum. Logo se espalhou
1002   Mc    5, 14|             espalharam a notícia na cidade e nos campos. E as pessoas
1003   Mc    9, 33|                33 Quando chegaram à cidade de Cafarnaum e estavam em
1004   Mc   11, 19|             os discípulos saíram da cidade.~Uma comunidade que dá frutos -*
1005   Mc   14, 13|           discípulos, dizendo: «Vão à cidade. Um homem carregando um
1006   Mc   14, 16|           discípulos saíram e foram à cidade. Encontraram tudo como Jesus
1007   Mc   15, 21|              voltava do campo para a cidade. Então os soldados obrigaram

1008   Lc    1, 26|          foi enviado por Deus a uma cidade da Galiléia chamada Nazaré.
1009   Lc    1, 39|       dirigindo-se, às pressas, a uma cidade da Judéia.
1010   Lc    2,  3|          registrar-se, cada um na sua cidade natal.
```

1011 Lc 2, 4| descendência de Davi. Subiu da **cidade** de Nazaré, na Galiléia,
1012 Lc 2, 4| Nazaré, na Galiléia, até à **cidade** de Davi, chamada Belém,
1013 Lc 2, 11| 11 hoje, na **cidade** de Davi, nasceu para vocês
1014 Lc 2, 39| voltaram para Nazaré, sua **cidade**, que ficava na Galiléia.
1015 Lc 4, 16| 16 Jesus foi à **cidade** de Nazaré, onde se havia
1016 Lc 4, 29| se, e expulsaram Jesus da **cidade**. E o levaram até o alto
1017 Lc 4, 29| do monte, sobre o qual a **cidade** estava construída, com intenção
1018 Lc 4, 31| 31 Jesus foi a Cafarnaum, **cidade** da Galiléia, e aí ensinava
1019 Lc 5, 12| Aconteceu que Jesus estava numa **cidade**, e havia aí um homem leproso.
1020 Lc 7, 1| escutava, Jesus entrou na **cidade** de Cafarnaum.
1021 Lc 7, 11| seguida, Jesus foi para uma **cidade** chamada Naim. Com ele iam
1022 Lc 7, 12| Quando chegou à porta da **cidade**, eis que levavam um defunto
1023 Lc 7, 12| viúva. Grande multidão da **cidade** ia com ela.
1024 Lc 7, 37| certa mulher, conhecida na **cidade** como pecadora. Ela, sabendo
1025 Lc 8, 27| descer à terra, um homem da **cidade** foi ao encontro de Jesus.
1026 Lc 8, 34| espalharam a notícia na **cidade** e nos campos.
1027 Lc 8, 39| embora, proclamando pela **cidade** inteira tudo o que Jesus
1028 Lc 9, 5| acolherem, vocês, ao sair da **cidade**, sacudam a poeira dos pés,
1029 Lc 9, 10| afastado na direção de uma **cidade** chamada Betsaida.
1030 Lc 10, 1| na sua frente, para toda **cidade** e lugar aonde ele próprio
1031 Lc 10, 8| 8 Quando entrarem numa **cidade**, e forem bem recebidos,
1032 Lc 10, 10| quando vocês entrarem numa **cidade**, e não forem bem recebidos,
1033 Lc 10, 11| 11 'Até a poeira dessa **cidade**, que se grudou em nossos
1034 Lc 10, 12| com Sodoma do que com tal **cidade**.~
1035 Lc 11, 32| julgamento, os homens da **cidade** de Nínive ficarão de pé
1036 Lc 14, 21| depressa pelas praças e ruas da **cidade**. Traga para cá os pobres,
1037 Lc 18, 2| 2 «Numa **cidade** havia um juiz que não temia
1038 Lc 18, 3| 3 Na mesma **cidade** havia uma viúva, que ia
1039 Lc 19, 1| e estava atravessando a **cidade**.
1040 Lc 19, 41| aproximou, e quando viu a **cidade**, começou a chorar.
1041 Lc 21, 21| que estiverem no meio da **cidade**, devem afastar-se; os que
1042 Lc 21, 21| no campo, não entrem na **cidade**.
1043 Lc 22, 10| Quando vocês entrarem na **cidade**, um homem carregando um
1044 Lc 23, 19| causa de uma revolta na **cidade**, e por homicídio.
1045 Lc 23, 26| pegaram certo Simão, da **cidade** de Cirene, que voltava do
1046 Lc 23, 51| membros. Ele era de Arimatéia, **cidade** da Judéia, e esperava a
1047 Lc 24, 49| isso, fiquem esperando na **cidade**, até que vocês sejam revestidos
1048 Lc 24, 50| discípulos para fora da **cidade**, até Betânia. Aí, ergueu

1049 Joa 1, 44| Filipe era de Betsaida, **cidade** de André e Pedro.
1050 Joa 4, 5| 5 Chegou, então, a uma **cidade** da Samaria chamada Sicar,
1051 Joa 4, 8| discípulos tinham ido à **cidade** para comprar mantimentos).
1052 Joa 4, 28| deixou o balde, foi para a **cidade** e disse para as pessoas:
1053 Joa 4, 30| 30 O pessoal saiu da **cidade** e foi ao encontro de Jesus.~
1054 Joa 4, 39| Muitos samaritanos dessa **cidade** acreditaram em Jesus, por
1055 Joa 11, 54| do deserto. Foi para uma **cidade** chamada Efraim, onde ficou
1056 Joa 12, 15| 15 «Não tenha medo, **cidade** de Sião. Eis que o seu rei
1057 Joa 19, 20| crucificado ficava perto da **cidade**. O letreiro estava escrito

1058 At 1, 13| 13 Entraram na **cidade** e subiram para a sala de
1059 At 4, 27| Foi o que aconteceu nesta **cidade**: Herodes e Pôncio Pilatos
1060 At 7, 58| Arrastaram-no para fora da **cidade** e começaram a apedrejá-lo.
1061 At 8, 5| 5 Filipe desceu a uma **cidade** da região de Samaria e aí
1062 At 8, 8| 8 E a **cidade** se encheu de alegria.~Não
1063 At 8, 9| 9 Na mesma **cidade**, havia um homem chamado
1064 At 9, 6| Agora, levante-se, entre na **cidade**, e aí dirão o que você deve
1065 At 9, 24| também junto às portas da **cidade**, a fim de o eliminar.
1066 At 9, 27| corajosamente em nome de Jesus na **cidade** de Damasco.~
1067 At 9, 30| irmãos levaram Saulo para a **cidade** de Cesaréia, e daí o mandaram
1068 At 9, 30| e daí o mandaram para a **cidade** de Tarso.~Novo retrato da
1069 At 9, 42| ficou conhecido em toda a **cidade** de Jope, e muitos acreditaram
1070 At 10, 1| 1 Na **cidade** de Cesaréia morava um homem
1071 At 10, 9| caminho e se aproximavam da **cidade**, ao meio-dia Pedro subiu
1072 At 11, 5| 5 «Eu estava na **cidade** de Jope e, ao fazer oração,
1073 At 11, 19| Fenícia, à ilha de Chipre e à **cidade** de Antioquia, embora não
1074 At 11, 20| habitantes de Chipre e da **cidade** de Cirene, chegaram a Antioquia
1075 At 12, 10| de ferro que dava para a **cidade**. O portão se abriu sozinho.
1076 At 13, 1| chamado o Negro, Lúcio, da **cidade** de Cirene, Manaém, companheiro
1077 At 13, 44| sábado seguinte, quase toda a **cidade** se reuniu para ouvir a Palavra
1078 At 13, 50| e também os líderes da **cidade**; e provocaram uma perseguição
1079 At 13, 51| poeira dos pés e foram para a **cidade** de Icônio.

1080 At 14, 4| 4 A população da **cidade** se dividiu. Uns estavam
1081 At 14, 13| cujo templo na entrada da **cidade**, levaram à porta touros
1082 At 14, 19| arrastaram para fora da **cidade**, pensando que ele estivesse
1083 At 14, 20| se levantou e entrou na **cidade**. No dia seguinte, partiu
1084 At 14, 21| anunciar o Evangelho nessa **cidade** e ganhar aí numerosos discípulos,
1085 At 15, 21| tempos antigos, em cada **cidade** Moisés tem os seus pregadores,
1086 At 16, 12| Passamos alguns dias nessa **cidade**.
1087 At 16, 13| saímos além da porta da **cidade** para um lugar junto ao rio,
1088 At 16, 14| comerciante de púrpura, da **cidade** de Tiatira. Lídia acreditava
1089 At 16, 19| principal, diante dos chefes da **cidade**.
1090 At 16, 20| provocando desordem em nossa **cidade**; são judeus
1091 At 16, 39| pedindo que deixassem a **cidade**.
1092 At 17, 5| um tumulto, alvoroçando a **cidade**. Alguns se apresentaram
1093 At 17, 16| ficou revoltado ao ver a **cidade** cheia de ídolos.
1094 At 18, 10| para lhe fazer mal. Nesta **cidade** há um povo numeroso que
1095 At 19, 29| tumulto se espalhou pela **cidade** toda. A multidão se dirigiu
1096 At 19, 35| os homens não sabe que a **cidade** de Éfeso guarda o templo
1097 At 20, 23| 23 Só sei que, de **cidade** em cidade, o Espírito Santo
1098 At 20, 23| Só sei que, de cidade em **cidade**, o Espírito Santo me adverte,
1099 At 21, 5| e crianças, até fora da **cidade**. Na praia, nos ajoelhamos
1100 At 21, 12| isso, nós e os irmãos da **cidade**, insistimos que Paulo não
1101 At 21, 29| efésio, junto com Paulo na **cidade**, e julgavam que Paulo o
1102 At 21, 30| 30 A **cidade** toda ficou agitada e houve
1103 At 21, 39| judeu, cidadão de Tarso, uma **cidade** importante da Cilícia. E
1104 At 22, 3| Cilícia, mas fui educado nesta **cidade**, formado na escola de Gamaliel,
1105 At 22, 12| 12 Havia na **cidade** certo Ananias, homem piedoso
1106 At 24, 12| nas sinagogas, nem pela **cidade**, jamais alguém me viu discutindo
1107 At 25, 23| as pessoas importantes da **cidade**. Festo deu uma ordem, e
1108 At 27, 8| chamado Bons Portos, perto da **cidade** de Lasaia.~

Concordância 37 - A palavra ‘cidades’

509 Mt 2, 6| menor entre as principais **cidades** de Judá, porque de você
510 Mt 9, 35| Jesus percorria todas as **cidades** e povoados, ensinando em
511 Mt 10, 5| pagãos, e não entrem nas **cidades** dos samaritanos.
512 Mt 10, 15| no dia do julgamento as **cidades** de Sodoma e Gomorra serão
513 Mt 10, 23| acabarão de percorrer as **cidades** de Israel, antes que venha
514 Mt 11, 1| de ensinar e pregar nas **cidades** deles.~
515 Mt 11, 20| começou a falar contra as **cidades** onde havia realizado a maior
516 Mt 14, 13| sabendo disso, saíram das **cidades**, e o seguiram a pé.

517 Mc 6, 33| eles, saíram de todas as **cidades**, correram na frente, a pé,
518 Mc 6, 56| tanto nos povoados como nas **cidades** ou nos campos, colocavam

519 Lc 4, 43| Deus também para as outras **cidades**, porque para isso é que
520 Lc 8, 1| disso, Jesus andava por **cidades** e povoados, pregando e anunciando
521 Lc 8, 4| multidão, e de todas as **cidades** as pessoas iam até Jesus.
522 Lc 13, 22| 22 Jesus atravessava **cidades** e povoados, ensinando e
523 Lc 19, 17| receba o governo de dez **cidades**’.
524 Lc 19, 19| você o governo de cinco **cidades**’.

525 At 5, 16| A multidão vinha até das **cidades** vizinhas de Jerusalém, trazendo
526 At 8, 40| adiante, evangelizava todas as **cidades**, até chegar a Cesaréia. ~
527 At 14, 6| fugiram para Listra e Derbe, **cidades** da Licaônia, e arredores,
528 At 15, 36| fazer uma visita a todas as **cidades** onde anunciamos a Palavra
529 At 16, 4| 4 Percorrendo as **cidades**, Paulo e Timóteo transmitiam
530 At 16, 12| que é uma das principais **cidades** da Macedônia, e que tem
531 At 26, 11| furor, eu os caçava até em **cidades** estrangeiras. ~

1080 At 14, 4| 4 A população da **cidade** se dividiu. Uns estavam
1081 At 14, 13| cujo templo na entrada da **cidade**, levaram à porta touros
1082 At 14, 19| arrastaram para fora da **cidade**, pensando que ele estivesse
1083 At 14, 20| se levantou e entrou na **cidade**. No dia seguinte, partiu
1084 At 14, 21| anunciar o Evangelho nessa **cidade** e ganhar aí numerosos discípulos,
1085 At 15, 21| tempos antigos, em cada **cidade** Moisés tem os seus pregadores,
1086 At 16, 12| Passamos alguns dias nessa **cidade**.
1087 At 16, 13| saímos além da porta da **cidade** para um lugar junto ao rio,
1088 At 16, 14| comerciante de púrpura, da **cidade** de Tiatira. Lídia acreditava
1089 At 16, 19| principal, diante dos chefes da **cidade**.
1090 At 16, 20| provocando desordem em nossa **cidade**; são judeus
1091 At 16, 39| pedindo que deixassem a **cidade**.
1092 At 17, 5| um tumulto, alvoroçando a **cidade**. Alguns se apresentaram
1093 At 17, 16| ficou revoltado ao ver a **cidade** cheia de ídolos.
1094 At 18, 10| para lhe fazer mal. Nesta **cidade** há um povo numeroso que
1095 At 19, 29| tumulto se espalhou pela **cidade** toda. A multidão se dirigiu
1096 At 19, 35| os homens não sabe que a **cidade** de Éfeso guarda o templo
1097 At 20, 23| 23 Só sei que, de **cidade** em cidade, o Espírito Santo
1098 At 20, 23| Só sei que, de cidade em **cidade**, o Espírito Santo me adverte,
1099 At 21, 5| e crianças, até fora da **cidade**. Na praia, nos ajoelhamos
1100 At 21, 12| isso, nós e os irmãos da **cidade**, insistimos que Paulo não
1101 At 21, 29| efésio, junto com Paulo na **cidade**, e julgavam que Paulo o
1102 At 21, 30| 30 A **cidade** toda ficou agitada e houve
1103 At 21, 39| judeu, cidadão de Tarso, uma **cidade** importante da Cilícia. E
1104 At 22, 3| Cilícia, mas fui educado nesta **cidade**, formado na escola de Gamaliel,
1105 At 22, 12| 12 Havia na **cidade** certo Ananias, homem piedoso
1106 At 24, 12| nas sinagogas, nem pela **cidade**, jamais alguém me viu discutindo
1107 At 25, 23| as pessoas importantes da **cidade**. Festo deu uma ordem, e
1108 At 27, 8| chamado Bons Portos, perto da **cidade** de Lasaia.~

Concordância 37 - A palavra ‘cidades’

509 Mt 2, 6| menor entre as principais **cidades** de Judá, porque de você
510 Mt 9, 35| Jesus percorria todas as **cidades** e povoados, ensinando em
511 Mt 10, 5| pagãos, e não entrem nas **cidades** dos samaritanos.
512 Mt 10, 15| no dia do julgamento as **cidades** de Sodoma e Gomorra serão
513 Mt 10, 23| acabarão de percorrer as **cidades** de Israel, antes que venha
514 Mt 11, 1| de ensinar e pregar nas **cidades** deles.~
515 Mt 11, 20| começou a falar contra as **cidades** onde havia realizado a maior
516 Mt 14, 13| sabendo disso, saíram das **cidades**, e o seguiram a pé.

517 Mc 6, 33| eles, saíram de todas as **cidades**, correram na frente, a pé,
518 Mc 6, 56| tanto nos povoados como nas **cidades** ou nos campos, colocavam

519 Lc 4, 43| Deus também para as outras **cidades**, porque para isso é que
520 Lc 8, 1| disso, Jesus andava por **cidades** e povoados, pregando e anunciando
521 Lc 8, 4| multidão, e de todas as **cidades** as pessoas iam até Jesus.
522 Lc 13, 22| 22 Jesus atravessava **cidades** e povoados, ensinando e
523 Lc 19, 17| receba o governo de dez **cidades**’.
524 Lc 19, 19| você o governo de cinco **cidades**’.

525 At 5, 16| A multidão vinha até das **cidades** vizinhas de Jerusalém, trazendo
526 At 8, 40| adiante, evangelizava todas as **cidades**, até chegar a Cesaréia. ~
527 At 14, 6| fugiram para Listra e Derbe, **cidades** da Licaônia, e arredores,
528 At 15, 36| fazer uma visita a todas as **cidades** onde anunciamos a Palavra
529 At 16, 4| 4 Percorrendo as **cidades**, Paulo e Timóteo transmitiam
530 At 16, 12| que é uma das principais **cidades** da Macedônia, e que tem
531 At 26, 11| furor, eu os caçava até em **cidades** estrangeiras. ~

Concordância 40 – A palavra ‘piedade’

94 Mt 9, 27| seguiram, gritando: «Tem **piedade** de nós, filho de Davi.»
95 Mt 15, 22| Senhor, filho de Davi, tem **piedade** de mim. Minha filha está
96 Mt 17, 15| 15 e disse: «Senhor, tem **piedade** do meu filho. Ele é epilético,
97 Mt 20, 30| Senhor, filho de Davi, tem **piedade** de nós!»
98 Mt 20, 31| Senhor, filho de Davi, tem **piedade** de nós!»

99 Mc 9, 22| fazer alguma coisa, tem **piedade** de nós e ajuda-nos.»
100 Mc 10, 47| Jesus, filho de Davi, tem **piedade** de mim!»
101 Mc 10, 48| ainda: «Filho de Davi, tem **piedade** de mim!»

102 Lc 16, 24| gritou: ‘Pai Abraão, tem **piedade** de mim! Manda Lázaro molhar
103 Lc 18, 13| dizendo: ‘Meu Deus, tem **piedade** de mim, que sou pecador!’
104 Lc 18, 38| Jesus, filho de Davi, tem **piedade** de mim!»
105 Lc 18, 39| ainda: «Filho de Davi, tem **piedade** de mim!»

Concordância 41 – A palavra ‘misericordioso’

15 Lc 1, 78| 78 Graças ao **misericordioso** coração do nosso Deus,~o
16 Lc 6, 36| também o Pai de vocês é **misericordioso**.»~Só Deus pode julgar –*

Concordância 42 – A palavra ‘misericordiosos’

2 Mt 5, 7| 7 Felizes os que são **misericordiosos**, porque encontrarão misericórdia.
3 Lc 6, 36| 36 Sejam **misericordiosos**, como também o Pai de vocês

Concordância 43 – A palavra ‘hipócritas’

2 Mt 6, 2| na frente, como fazem os **hipócritas** nas sinagogas e nas ruas,
3 Mt 6, 5| rezarem, não sejam como os **hipócritas**, que gostam de rezar em
4 Mt 6, 16| de rosto triste, como os **hipócritas**. Eles desfiguram o rosto
5 Mt 15, 7| 7 **Hipócritas**! Isaías profetizou muito
6 Mt 22, 18| maldade deles, e disse: «**Hipócritas**! Por que vocês me tentam?
7 Mt 23, 13| doutores da Lei e fariseus **hipócritas**! Vocês fecham o Reino do
8 Mt 23, 14| doutores da Lei e fariseus **hipócritas**! Vocês exploram as viúvas,
9 Mt 23, 15| doutores da Lei e fariseus **hipócritas**! Vocês percorrem o mar e
10 Mt 23, 23| doutores da Lei e fariseus **hipócritas**! Vocês pagam o dízimo da
11 Mt 23, 25| doutores da Lei e fariseus **hipócritas**! Vocês limpam o copo e o
12 Mt 23, 27| doutores da Lei e fariseus **hipócritas**! Vocês são como sepulcros
13 Mt 23, 29| doutores da Lei e fariseus **hipócritas**! Vocês constroem sepulcros
14 Mt 24, 51| participar da mesma sorte dos **hipócritas**. Aí haverá choro e ranger

15 Mc 7, 6| profetizou bem sobre vocês, **hipócritas**, como está escrito: ‘Este

16 Lc 12, 56| 56 **Hipócritas**! Vocês sabem interpretar
17 Lc 13, 15| O Senhor lhe respondeu: «**Hipócritas**! Cada um de vocês não solta

Concordância 44 – A palavra ‘hipócrita’

1	Jo	13, 16	uma vitória, porque nenhum **hipócrita** pode apresentar-se diante
2	Eclo	1, 26	26 Não seja **hipócrita** no trato com os homens,
3	Eclo	32, 15	ficará saciado, mas para o **hipócrita** ela é motivo de queda.
4	Mt	7, 5	5 **Hipócrita**, tire primeiro a trave do
5	Lc	6, 42	trave no seu próprio olho? **Hipócrita**! Tire primeiro a trave do

Concordância 45 – A palavra ‘misericórdia’

1	Gn	19, 19	olhos, e mostraste grande **misericórdia** por mim, salvando-me a vida.
2	Nm	14, 19	povo, conforme a tua grande **misericórdia**, já que o trouxeste do Egito
3	Js	2, 12	assim como eu os tratei com **misericórdia**, vocês também tratarão com
4	Js	2, 12	vocês também tratarão com **misericórdia** a minha família. Dêem-me
5	Rt	2, 20	Javé, que não deixa de ter **misericórdia** pelos vivos e pelos mortos».
6	2Sm	2, 5	terem realizado esse ato de **misericórdia** para com seu senhor Saul
7	2Sm	2, 6	6 Que Javé os trate com **misericórdia** e fidelidade. Eu também
8	2Sm	24, 14	nas mãos de Javé, pois a **misericórdia** dele é grande, do que cair
9	1Cr	21, 13	mãos de Javé, pois a sua **misericórdia** é imensa, em vez de cair
10	Ne	13, 22	piedade de mim, por tua grande **misericórdia**!~Preservar a identidade
11	Tb	3, 2	são justas.~Tu ages com **misericórdia** e fidelidade.~Tu és o juiz
12	Tb	6, 18	Senhor do céu que tenha **misericórdia** e proteja vocês. Não tenha
13	Tb	7, 12	noite, e lhes conceda a sua **misericórdia** e a sua paz».~
14	Tb	8, 4	ao Senhor que nos conceda **misericórdia** e salvação».
15	Tb	8, 16	trataste segundo a tua grande **misericórdia**.~
16	Tb	11, 16	todos que Deus tinha tido **misericórdia** para com ele e lhe tinha
17	Tb	13, 8	a vocês,~e os trate com **misericórdia**.~
18	Tb	14, 5	Mas Deus terá novamente **misericórdia** do seu povo e vai levá-lo
19	Jt	13, 14	Deus que não retirou sua **misericórdia** da casa de Israel. Nesta
20	1Mc	13, 46	maldade, mas segundo a sua **misericórdia**!»
21	1Mc	16, 3	velho, enquanto vocês, pela **misericórdia** de Deus, estão em idade
22	2Mc	2, 18	que Deus em breve tenha **misericórdia** de nós e nos reúna, de todas
23	2Mc	6, 16	nunca retira de nós a sua **misericórdia**. Mesmo quando nos corrige
24	2Mc	7, 23	origem de tudo. Ele, na sua **misericórdia**, lhes devolverá o espírito
25	2Mc	7, 29	seus irmãos, no tempo da **misericórdia**». ~
26	2Mc	8, 3	3 que tivesse **misericórdia** da cidade de Jerusalém já
27	2Mc	8, 5	Senhor transformou-se em **misericórdia**.
28	2Mc	8, 27	marcando assim o início da sua **misericórdia** para com eles.
29	Jo	9, 15	resposta, e teria que implorar **misericórdia** ao meu juiz.
30	Sl	77, 9	9 Sua **misericórdia** já se esgotou? Sua promessa
31	Sl	119, 77	77 Que a tua **misericórdia** venha até mim, e eu viverei,
32	Sb	3, 9	no amor, pois a graça e a **misericórdia** estão reservadas para os
33	Sb	4, 15	15 que a graça e a **misericórdia** de Deus são para os seus
34	Sb	6, 6	pequenos serão perdoados com **misericórdia**, mas os poderosos serão
35	Sb	9, 1	Deus dos pais e Senhor de **misericórdia**, tudo criaste com a tua
36	Sb	11, 9	embora fossem corrigidos com **misericórdia**, compreendiam os tormentos
37	Sb	12, 22	contemos sempre com a tua **misericórdia**.~
38	Sb	15, 1	paciente e governas tudo com **misericórdia**.
39	Sb	16, 10	vencê-los, porque a tua **misericórdia** interveio e os salvou.
40	Eclo	2, 7	temem ao Senhor, confiem na **misericórdia** dele, e não se desviem,
41	Eclo	2, 9	a felicidade eterna e a **misericórdia**.~
42	Eclo	2, 18	mãos dos homens, pois a **misericórdia** dele é como a sua grandeza.~
43	Eclo	5, 6	6 Não diga: «A **misericórdia** de Deus é grande, e ele
44	Eclo	16, 12	12 Pois a **misericórdia** e a ira pertencem ao Senhor,
45	Eclo	16, 13	13 Sua **misericórdia** é tão grande quanto o seu
46	Eclo	17, 24	24 Como é grande a **misericórdia** do Senhor, e o seu perdão
47	Eclo	18, 4	ousará contar seus feitos de **misericórdia**?
48	Eclo	18, 10	derrama sobre eles a sua **misericórdia**.
49	Eclo	18, 12	12 A **misericórdia** do homem é para o seu próximo,
50	Eclo	18, 12	para o seu próximo, porém a **misericórdia** do Senhor é para todos os
51	Eclo	28, 4	4 Se não usa de **misericórdia** para com o seu semelhante,
52	Eclo	29, 1	1 Quem pratica **misericórdia** faz empréstimos ao próximo,
53	Eclo	35, 23	povo e o alegrar com a sua **misericórdia**.
54	Eclo	35, 24	24 A **misericórdia** é bem-vinda no tempo da
55	Eclo	40, 16	paraíso de bênçãos, e a **misericórdia** permanece para sempre.~O
56	Eclo	47, 22	Senhor não renunciou à sua **misericórdia** e não cancelou nenhuma de

57	Eclo	50, 22	age conosco segundo a sua **misericórdia**.
58	Eclo	50, 24	24 Que a sua **misericórdia** permaneça fielmente conosco,
59	Eclo	51, 3	conforme a grandeza da tua **misericórdia** e do teu Nome, das mordidas
60	Eclo	51, 8	Então me lembrei da tua **misericórdia**, Senhor, e das tuas obras
61	Eclo	51, 29	Que vocês se alegrem com a **misericórdia** do Senhor, e não se envergonhem
62	Jr	16, 13	estrangeiras, porque eu não terei **misericórdia** de vocês».~Uma nova confissão
63	Br	2, 19	nós vimos implorar a tua **misericórdia**, Senhor nosso Deus.
64	Br	4, 22	seu salvador, logo terá **misericórdia** de vocês.
65	Br	5, 9	Deus, com sua justiça e sua **misericórdia**, conduzirá festivamente
66	Ez	39, 25	de Jacó, vou tratar com **misericórdia** a casa de Israel, porque
67	Dn	3, 35	Não retires de nós a tua **misericórdia**,~por amor a Abraão, o teu
68	Dn	3, 38	primeiros frutos~e alcançar **misericórdia**.~
69	Dn	3, 42	conforme a abundância~de tua **misericórdia**.~
70	Dn	3, 89	ele é bom,~porque a sua **misericórdia** é para sempre.~
71	Dn	3, 90	ao Senhor,~porque a sua **misericórdia** é para sempre».~Reconhecer
72	Dn	9, 9	Senhor nosso Deus está a **misericórdia** e o perdão, porque nos revoltamos
73	Dn	9, 18	nossa justiça que te pedimos **misericórdia**, mas sim na tua imensa compaixão.
74	Am	5, 15	Deus dos exércitos, terá **misericórdia** do resto de José.~A ruína
75	Mq	6, 8	praticar o direito, amar a **misericórdia**, caminhar humildemente com
76	Mt	5, 7	misericordiosos, porque encontrarão **misericórdia**.
77	Mt	9, 13	que significa: 'Eu quero a **misericórdia** e não o sacrifício'. Porque
78	Mt	12, 7	que significa: 'Quero a **misericórdia** e não o sacrifício', vocês
79	Mt	23, 23	da Lei, como a justiça, a **misericórdia** e a fidelidade. Vocês deveriam
80	Mc	5, 19	tudo o que o Senhor, em sua **misericórdia**, fez por você.»
81	Lc	1, 50	50 e sua **misericórdia** chega aos que o temem,~de
82	Lc	1, 54	servo,~lembrando-se de sua **misericórdia**,~
83	Lc	1, 72	72 Ele realizou a **misericórdia** que teve com nossos pais,~
84	Lc	10, 37	respondeu: «Aquele que praticou **misericórdia** para com ele.» Então Jesus
85	Rm	1, 31	gente sem coração e sem **misericórdia**. ~
86	Rm	9, 15	mesmo disse a Moisés: «Farei **misericórdia** a quem eu fizer misericórdia,
87	Rm	9, 15	misericórdia a quem eu fizer **misericórdia**, e terei piedade de quem
88	Rm	9, 16	esforço do homem, mas da **misericórdia** de Deus.
89	Rm	9, 18	18 Portanto, Deus usa de **misericórdia** com quem ele quer, e endurece
90	Rm	9, 23	glória para com os vasos de **misericórdia**, que ele havia preparado
91	Rm	11, 30	deles, vocês conseguiram **misericórdia**.
92	Rm	11, 31	desobedeceram, a fim de que, pela **misericórdia** feita a vocês, eles consigam
93	Rm	11, 31	vocês, eles consigam então a **misericórdia** para eles.
94	Rm	12, 1	1 Irmãos, pela **misericórdia** de Deus, peço que vocês
95	Rm	12, 8	com zelo; se é de exercer **misericórdia**, faça-o com alegria. ~As
96	Rm	15, 9	glória a Deus por causa da **misericórdia** dele, conforme diz a Escritura: «
97	1Cor	7, 25	Porém, como homem que pela **misericórdia** do Senhor é digno de confiança,
98	2Cor	4, 1	ministério. Nós o temos pela **misericórdia** de Deus; por isso, não perdemos
99	Gl	6, 16	16 Que a paz e a **misericórdia** estejam sobre todos os que
100	Ef	2, 4	Mas Deus, que é rico em **misericórdia**, pelo grande amor com que
101	1Tm	1, 2	verdadeiro filho na fé: graça, **misericórdia** e paz da parte de Deus Pai
102	1Tm	1, 13	insolente. Mas eu obtive **misericórdia** porque eu agia sem saber,
103	1Tm	1, 16	por causa disto eu obtive **misericórdia**: Jesus Cristo quis demonstrar
104	2Tm	1, 2	amado filho Timóteo: graça, **misericórdia** e paz da parte de Deus Pai
105	2Tm	1, 16	16 Que o Senhor conceda **misericórdia** à família de Onesíforo,
106	2Tm	1, 18	Que o Senhor lhe conceda **misericórdia** junto a Deus naquele Dia.
107	Tt	3, 5	porque fomos lavados por sua **misericórdia** através do poder regenerador
108	Hb	4, 16	confiança, a fim de alcançarmos **misericórdia**, encontrarmos graça e sermos
109	Tg	2, 13	porque o julgamento será sem **misericórdia** para quem não tiver agido
110	Tg	2, 13	quem não tiver agido com **misericórdia**. Os misericordiosos não
111	Tg	3, 17	compreensiva, cheia de **misericórdia** e bons frutos, sem discriminações
112	Tg	5, 11	Senhor é rico em compaixão e **misericórdia**. ~Juramento e verdade -*
113	1Pd	1, 3	Jesus Cristo por sua grande **misericórdia**. Ressuscitando a Jesus Cristo
114	1Pd	2, 10	que não tinham alcançado **misericórdia**, mas agora alcançaram misericórdia. ~
115	1Pd	2, 10	misericórdia, mas agora alcançaram **misericórdia**. ~O testemunho provoca conversão -*
116	2Jo	1, 3	Conosco estarão a graça, a **misericórdia** e a paz da parte de Deus
117	Jd	1, 2	2 Que a **misericórdia**, a paz e o amor sejam concedidos
118	Jd	1, 21	de Deus, esperando que a **misericórdia** de nosso Senhor Jesus Cristo

Fonte: Programa de concordância IntraText CT (BÍBLIA SAGRADA, 2002).